

INSPIRADO NA
HISTÓRIA DAS
BRUXAS DE SALEM

HISTERIA

KATHERINE HOWE

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HISTERIA

Katherine Howe

Tradução
Bruno Alexander

GOBO Alt

Copyright © 2014 Katherine Howe
Copyright da tradução © 2015 Editora Globo S.A.

Publicado segundo acordo com a William Morris Endeavor, Nova York.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Título original *Conversion*

Editora responsável **Eugenia Ribas Vieira**
Editor assistente **Lucas de Sena Lima**
Editor digital **Erick Santos Cardoso**
Diagramação **Dito e Feito Comunicação**
Tradução **Bruno Alexander**
Preparação **Silvia Massimini Felix**
Revisão **Erika Nakahata e Andressa Bezerra Corrêa**
Projeto gráfico original do miolo **Laboratório Secreto**
Capa **Delfin**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Howe, Katherine
H845h

Histeria / Katherine Howe ; tradução Bruno Alexander. - 1ª ed. - São Paulo : Globo Livros, 2015.
il./

Tradução de: *Conversion*
ISBN 978-85-250-6163-8

1. Ficção juvenil americana. I. Alexander, Bruno. II. Título.

14-18080 CDD: 028.5
CDU: 087.5

1ª edição, 2015

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Nove de Julho, 5.229 — 01407-200 — São Paulo — Brasil
www.globolivros.com.br

Table of Content

[CAPA](#)

[FOLHA DE ROSTO](#)

[CRÉDITOS](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[PRELÚDIO](#)

[Parte 1 - JANEIRO - YULE](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[INTERLÚDIO](#)

[4](#)

[INTERLÚDIO](#)

[5](#)

[Parte 2 - FEVEREIRO - CANDLEMAS](#)

[6](#)

[INTERLÚDIO](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[INTERLÚDIO](#)

[10](#)

[INTERLÚDIO](#)

[11](#)

[INTERLÚDIO](#)

[12](#)

[Parte 3 - MEADOS DE FEVEREIRO - LUPERCÁLIA](#)

[13](#)

[INTERLÚDIO](#)

[14](#)

[15](#)

[INTERLÚDIO](#)

[16](#)

[INTERLÚDIO](#)

[17](#)

[18](#)

[INTERLÚDIO](#)

[Parte 4 - MARÇO - MATRONÁLIA](#)

[19](#)

[20](#)

[INTERLÚDIO](#)

[21](#)

[INTERLÚDIO](#)

22

Parte 5

23

INTERLÚDIO

24

INTERLÚDIO

25

INTERLÚDIO

26

EPÍLOGO

POSLÚDIO

NOTA DA AUTORA

AGRADECIMENTOS

NOTAS

PRELÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

Quanto tempo devo esperar?

Ele deixa a língua escapar pelo canto dos lábios enquanto escreve, a ponta suja de tinta, o preto na gengiva lhe manchando os dentes, como se sua boca estivesse cheia de alcatrão. Estou esperando há algum tempo, mas o reverendo Green continua escrevendo. A pena corre pelo papel, arranhando a superfície como garras de ratazana. Rabisco, rabisco, mergulho, rabisco, lambidela, rabisco.

Meus pés doem, e alterno a perna de apoio para aliviar o desconforto. Parada na porta, imagino minha mãe batendo nas minhas costas para que eu endireite a coluna. A sensação é tão real que eu seria capaz de jurar que ela estava lá.

— Ann? — diz ele.

Estou tão resignada com a espera que não o ouvi da primeira vez.

— Ann! — exclama ele, largando a pena.

— Sim — eu sussurro.

Ele me olha com frieza, com um dos braços apoiados no respaldar da poltrona. Seus cotovelos gastaram bastante o bordado, a ponto de o tecido brilhar. O reverendo Green é o tipo de homem que está sempre sendo interrompido. Parece incomodado, como se nunca tivesse tempo para se concentrar direito. Passa a vida toda se remexendo na poltrona.

Dou um passo para trás, reavaliando a necessidade da minha presença ali. Ele me encara por um tempo, aparentemente pouco interessado em ouvir o que tenho a dizer.

— É melhor você entrar — diz finalmente, voltando ao papel.

Debruçado sobre a mesa, o reverendo agarra os cabelos com uma das mãos, ansioso para terminar o que está escrevendo, seja lá o que for. Rabisco, rabisco, rabisco.

Eu deveria ter ido embora quando podia. Ele jamais ficaria sabendo que estive aqui. Espio o presbitério por sobre os ombros. A dona Green, sua esposa, acendeu o fogo, mas a porta aberta para o pátio revela um dia quente. O raio de sol no assoalho é tão luminoso que me obriga a apertar os olhos. Um gato atravessa o umbral sombreado e deita ao sol, espreguiçando-se de costas. Boceja.

A dona Green está na mesa, torcendo gaze. Não é de admirar que esteja estressada, com o bebê soluçando daquele jeito. Carregava-o de um lado para o outro quando cheguei, dando-lhe tapinhas nas costas. Sugeri que o virasse de cabeça para baixo e o sacudisse um pouco, mas ela me olhou feio e disse:

— Você poderia esperar o reverendo Green do lado de fora, por favor?

Acho que ela ignorou meu conselho pelo fato de eu não ser mãe, embora seja de conhecimento geral que já criei muitos Putnam. Vejo agora que ela desistiu. O bebê está num berço de madeira que ela balança com o pé, ignorando o choro e o rosto vermelho da criança. E sem poder pedir a alguém que lhe desse um cataplasma.

Ninguém mais no vilarejo pode.

— Vá — ela me diz, torcendo a gaze. Ela tem um braço e tanto, essa esposa do reverendo. — Não o faça esperar.

Se ela não estivesse lá, eu poderia sair de fininho. Sinto o coração disparado no peito e a parte de cima da cabeça se abrindo, como se minha alma estivesse sendo retirada do corpo pelo couro cabeludo.

Uma menina entra, vinda do pátio. Com uma touca suja, um dedo na boca, o avental cheio de lama, ela me olha de cima a baixo com certo acanhamento, pois não me conhece, ou talvez porque lhe disseram para manter distância. Parece um porquinho com aquelas bochechas rosadas e sujas de barro. Sorrio, e ela se esconde correndo atrás da mãe, apavorada.

— Pode vir, Ann — o reverendo me chama sem me dar muita atenção.

Do lado de dentro está mais fresco, longe do fogo da cozinha. A janela dá para o jardim lateral, e não entra sol. Gostaria de me sentar. Meus pés estão cansados.

— Não há nada a temer.

Mas há.

Há tudo a temer.

Sinto um nó na garganta que nenhuma quantidade de saliva seria capaz de desfazer e caminho em direção às sombras do gabinete do reverendo. Há um banco entre a mesa e a lareira, desses bancos duros de igreja. Eu poderia jurar que o encosto é mais curvo que reto, e que é ele que me força a curvar a cabeça. Mas não é por causa do banco que olho para baixo.

O reverendo passa com cuidado a mão pelo papel, soprando para limpar qualquer imperfeição. Ergue o trabalho à altura dos olhos para ver se o aprova. Satisfeito, volta-se então para mim.

Quando vê meu rosto, porém, recua, como se eu tivesse tentado atingi-lo.

Vim falar com o reverendo Green para me confessar.

Parte 1

JANEIRO

YULE

Celebrava-se em Jerusalém a festa da dedicação. E era inverno.

João 10:22

DANVERS, MASSACHUSETTS

QUARTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 2012

A verdade é que não sei quando tudo começou. Acho que ninguém sabe ao certo.

Por um tempo, determinar qual foi o primeiro caso parecia realmente importante. Estavam entrevistando todas nós porque queriam descobrir a causa daquilo, não sei direito. Conduziram-nos à sala da direção, uma de cada vez. Havia um grande mapa da escola na parede, cheio de tachinhas com pequenas bandeiras indicando diferentes datas. Uma complicação. Devem ter achado que com aquela quantidade de tachinhas, bandeiras e informações conseguiriam descobrir, ou pelo menos impressionar os jornalistas. E era impressionante *mesmo*, admito. Todas aquelas setas e aquela complexidade chamavam a atenção. De qualquer maneira, não ajudaram a descobrir nada. Acho que apenas deram algum consolo.

Mas estou me adiantando.

Se me obrigassem a dizer uma data, com uma arma apontada à cabeça, eu diria 11 de janeiro. Diria isso somente porque era uma quarta-feira comum, sem nada de extraordinário.

Exatamente o tipo de dia do qual eu não me lembraria.

Havíamos voltado das férias de inverno dois dias antes, mas já tínhamos entrado na rotina. Era o último semestre do último ano. Estávamos todas bastante tensas. Quer dizer, todo mundo sempre fica tenso no último ano, só que no segundo semestre a tensão normal é multiplicada por um milhão. O último semestre é a hora da verdade. Todos os anos de estudo, trabalho, projetos, esportes, esforços, tudo isso acumulado. Ou finalmente vencemos, ou tudo vai por água abaixo. Isso sem falar nas cartas de aceitação. No entanto, apesar de o último ano ser puxado, de ser basicamente o momento que definirá nossa vida dali para a frente, determinando se seremos bem-sucedidos e teremos tudo o que queremos ou se morreremos sozinhos na sarjeta, precisamos nos levantar e viver o dia a dia. Eu me levanto e escovo os dentes todos os dias, certo?

Aquela deve ter sido a quarta-feira mais normal do mundo, mesmo sendo um dia do segundo semestre do nosso último ano na St. Joan.

— Sente-se — disse minha mãe.

Eu estava em pé em frente à pia da cozinha devorando um muffin de amora.

— O quê? — perguntei, batendo na blusa para limpar as migalhas.

— Colleen, pelo amor de Deus. Assim você não digere a comida. Não quer sentar por cinco minutos? Minha mãe limpou as migalhas que haviam caído embaixo da lava-louças com a ponta do chinelo.

— Não dá. Preciso ir — insisti, vendo meu pai aparecer com as chaves do carro.

— Conseguiu resolver o problema? — perguntou minha mãe, querendo limpar o canto da minha boca.

Dei um jeito de me afastar.

— Mãe, pare com isso! Sim, resolvi o problema.

— Quer que eu dê uma olhada? É rápido.

— Linda — meu pai chamou da porta, balançando as chaves de novo.

Pus a mochila nas costas e dei um beijo no rosto da minha mãe.

— Está ótimo — respondi. — Confie em mim.

Poderia haver uma manhã de quarta-feira mais normal? Tão normal que me vejo tentada a inventar alguma coisa para que a história fique mais interessante, mais dramática. Mas não dá, porque não aconteceu nada. Meu pai me deixou na escola, e o corredor do ensino médio estava inundado, como sempre, por um oceano de meninas de saia escocesa, cardigãs, meias de lã e bolsas Coach compradas na promoção. Eu conhecia quase todas, pelo menos o suficiente para dizer “oi”, embora todo semestre entrem novas alunas nas turmas. Ou seja, quanto mais velhas ficamos, mais pessoas desconhecidas encontramos nos corredores.

— Oi, Colleen — disse alguém que passava.

Não vi quem era, mas falei “oi” de volta para ser simpática. Fui até meu armário para pegar uns livros e dar uma olhada em alguns textos que não pareciam muito importantes. Estava respondendo a alguma coisa, não me lembro direito o quê, quando ouvi uma voz na minha frente.

— *Colleen, I saw you standing alooooooone, without a dream in my heart... without a love of your own. Colleeeeeeeeeen.*

Levantei os olhos. Forcei um sorriso. Era Deena cantando “Blue Moon”. De novo.

Deena é a primeira pessoa sobre a qual é importante saber algo. Ela entrou na St. Joan no sexto ano e, quando chegou, era a mais alta da turma, inclusive mais alta que eu. Uma magricela de Charleston, com tranças rastafári até os ombros. Tinha um sotaque tão forte do Sul que no início eu não conseguia entender quase nada do que ela dizia. Com o tempo, Deena foi perdendo o sotaque. A garota consegue aprender qualquer língua. O mais engraçado é quando ela fala japonês. Acho que ela sente prazer em chocar as pessoas. Imagine quando ela fez intercâmbio em Tóquio no verão passado: uma garota afro-americana de um metro e oitenta de altura falando japonês quase fluente depois de apenas três meses na cidade!

— Oi — disse eu, indo para o meu lugar.

Deena sorriu, abrindo os braços num final apoteótico.

— *Colleeeeeeeen! You knew just what I was there for, you heard me saying a prayer for, someone I really could care for!*

— Ela já está cantando essa música há uns dez minutos — murmurou Emma, alto o suficiente para que Deena ouvisse.

Emma. Em princípio, Emma é minha melhor amiga. Nem me lembro quando nos conhecemos, mas éramos pequenas. Foi antes da pré-escola. Ela é de Danvers, seus pais são de Danvers, seus avós eram todos de Danvers, sua família inteira mora em Danvers. Seu irmão, Mark, foi para a Endicott em Beverly porque não queria ficar longe de Danvers. Eles são todos muito parecidos, os Blackburn. E são fechados. A mãe de Emma é uma dessas loiras frágeis que se isolam no quarto com enxaqueca e, quando isso acontece, ninguém pode ir à casa deles. Além disso, eles defendem uns aos outros. Se alguém disser, como caí no erro de falar uma vez, que talvez a mãe de Emma devesse sair de casa de vez em quando para espairar, a filha dirá: “Ela não pode”, fuzilando a pessoa com o olhar.

Emma é sempre muito tranquila, e esse é um dos motivos pelos quais gosto tanto dela. Mas por outro lado é difícil entender o que ela sente. Ela também é muito fechada. Totalmente diferente do caos da

minha casa. Emma foi a última de nós a largar as bonecas: aos treze anos. Era meio estranho. Todas nós já éramos mocinhas e estávamos naquela fase de enviar mensagens de texto para os meninos. Emma me perguntava, meio sem graça, se eu não queria levar minha boneca para brincar com ela. Seu quarto ainda está cheio de bonecas, e às vezes eu a imagino conversando baixinho com elas no escuro. Ela tem o cabelo bem loiro, e no verão fica quase branco no sol. Sua sobrancelha é tão clara que quase não dá para ver, e ela se recusa a usar maquiagem, o que lhe dá uma aparência quase imaculada.

Quando ficou claro que eu gostava de Deena, Emma decidiu ser amiga dela também. Foi Emma quem ensinou Deena a falar “frapê”, e não “milk-shake”.

O cotovelo de Deena estava ocupando tanto espaço na mesa que Fabiana teve que se apertar para sentar ao seu lado. Essa garota, Fabiana, eu não conheço muito bem. Ela entrou na St. Joan como caloura, junto com as alunas novas que vieram quando passamos para o ensino médio. Ela é gente boa. Um pouco irritante. Eu não gostava muito de me abrir com Fabiana. Não é que eu não gostasse dela, mas é que havíamos nos candidatado para os mesmos lugares, e estávamos meio que competindo por notas, embora estivéssemos no segundo semestre.

Não sei por que eu disse “meio”. Não quis dizer isso. Fabiana e eu estávamos competindo para ver quem seria a oradora da turma na solenidade de formatura. Sei que não é legal mostrar que me importo tanto assim, e não devia deixar transparecer o esforço que eu fazia para tirar as notas que tirava, mas a verdade é que eu estava pensando com aquilo. Porque durante todo o ensino médio eu consegui disfarçar sem problemas, mantendo a imagem de que não precisava me esforçar e de que não me importava. Mas, na verdade, eu me importava. E muito. Fabiana também. Ela me vigiava com a mesma frieza com que eu a vigiava.

Fabiana se sentava perto de nós, mas não fazia parte do nosso grupo. Não era para formarmos “panelinhas” na St. Joan, mas meninas adolescentes fazem isso. Não é que usássemos jaquetas com nosso apelido nas costas. Mas Deena, Emma e eu tínhamos um grupo, e a quarta integrante era Anjali. E Anjali também já estava lá, falando sem parar. Só parou para me dizer um “oi” rapidinho. Sei que estávamos todas vivas porque Anjali falava de Yale. Essa era a maneira certa de começar bem o dia.

— Como naquele filme, do cara que trabalha na cafeteria da escola.

— *A sociedade secreta*? — perguntou alguém.

— Eles não são assim, embora eu tenha ouvido falar que lá dentro é muito legal. Tudo antigo, com retratos e tal. Fiquei sabendo que a família do George Bush doou um milhão de dólares para eles refazerem o salão, que tinha sido destruído numa festa nos anos 60.

Eu não sabia com quem Anjali estava falando. Com Emma? Olhei para ela.

Talvez, tecnicamente, mas Emma não prestava muita atenção. Deena estava absorta demais para se importar, e, de qualquer maneira, eram coisas do passado.

— Sociedades secretas — explicou Emma, sussurrando.

Então ela estava ouvindo. Emma não perde nada.

— O que estou dizendo é que, tipo, eles não dão carros para todo mundo assim. Isso não é verdade — continuou Anjali, parecendo não se importar se alguém estava ouvindo ou não.

Às vezes eu sentia um pouco de pena de Anjali. Ela havia entrado na St. Joan no ano anterior, porque sua mãe arranjou um trabalho no Hospital Geral de Massachusetts. Eles já moraram num monte de

lugares: Houston, Chicago, não me lembro mais onde. Sua mãe é uma grande pesquisadora da área médica e seu pai é advogado, daqueles que usam um relógio gigante e deixam papéis espalhados na mesa de jantar, ocupando todo o espaço. São pessoas bem intensas. Anjali se uniu rapidamente a nós, porque ela é muito engraçada e inteligente, mas já a vi chorando por causa de uma nota 9 num exercício de Física. Imagine se fosse uma prova final?

— Eles dão *carros*? — intrometeu-se Fabiana.

— Ai, meu Deus! — exclamou Anjali, com impaciência. — *Não*. Acabei de dizer que não.

Emma e eu trocamos um olhar, e Emma sorriu disfarçadamente.

— É só pela rede de contatos. Essa é a ideia. Vocês sabiam que, se você conseguir entrar na Skull and Bones,^[1] está quase automaticamente na cia?

— Desde quando você quer fazer parte da cia? — perguntei. — Achei que você fosse fazer medicina.

— E *vou* — confirmou Anjali. — Estou só falando.

— Ela podia ser médica da cia — ponderou Emma, e Deena riu.

— Ela poderia reprogramar agentes inimigos — disse Deena, achando graça. — Depois é só mandá-los de volta. Eles seriam como células adormecidas prontas para ser ativadas ao ouvir a senha secreta.

— E qual seria a senha secreta? — perguntou Emma.

— *Jason* — respondi, fazendo Emma e Deena gargalharem.

— Chega! — protestou Anjali, virando-se e dando um tapinha no meu braço. — Você é grossa!

Ela fingia que estava chateada, mas sorria. Como era a única de nós que tinha namorado, fazia parte do “pacote” que pudéssemos provocá-la.

— *Jason* é que é grosso — corrigi, enquanto Deena fazia “Mmm-hmm”, lançando um olhar para Anjali como quem dissesse *nós te avisamos*. Aquele olhar era fatal.

O sinal tocou e o padre Molloy entrou logo em seguida.

— Muito bem, meninas, comportem-se — disse ele, batendo palmas.

O padre Molloy é o tipo de padre que minha mãe gosta de chamar de “Padre Ó Deus”. Uma piada típica da família Rowley com nomes irlandeses. Patético. De qualquer maneira, ela diz isso porque o acha simpático, e até que concordo com ela, mas ele é velho. Deve ter tipo uns quarenta anos. Apoiou um joelho na borda da mesa e ficou olhando para a chamada. Não sei por que tanto problema. Não ia entrar nenhuma garota nova àquela altura do ano, e a maioria de nós já tinha tido aula de catecismo com ele no oitavo ano.

Enquanto ele estava distraído, Anjali tirou o celular do bolso do casaco e o enfiou debaixo da mesa. Na St. Joan existe uma forte campanha contra celulares na aula, e Anjali é uma grande contraventora dessa lei. Ela consegue digitar sem olhar, disse que é fácil. Eu nunca consegui. Soube que levaram dois celulares dela no semestre passado, e, quando eles pegam nosso celular, não devolvem mais. O que eu não conseguia entender era por que os pais de Anjali continuavam comprando celulares para ela. Minha mãe me avisou que, se pegassem o meu, o próximo eu mesma teria que pagar. Tudo bem, só que eu não tenho trezentos dólares assim, para gastar do nada. Só mando mensagens durante a aula em caso de emergência. Anjali, não. Ela abusa. Olhei por cima do ombro dela para ver o que estava escrevendo.

— Você não deveria responder de volta para ele tão rápido — sussurrei.

— O quê? — perguntou Anjali, também sussurrando.

O padre Molloy começou a fazer a chamada.

— Emma Blackburn?

— Presente — respondeu Emma.

— Jennifer Crawford?

— Presente — respondeu Jennifer, a menina com o cabelo rosa, que usava um delineador carregado e se sentava no fundo da sala.

Ceguei mais perto para que Anjali conseguisse me ouvir.

— Você deveria pelo menos esperar cinco minutos. Ou melhor, espere até a quinta aula. Para ele te valorizar.

Deena olhava fixo para a frente, mas sei que ela estava ouvindo tudo.

— Por quê? Eu gosto dele. Se eu responder rápido, ele também vai responder — disse Anjali, baixinho.

— Mas, Anj — falei, debruçando-me com tanta força a ponto de fazer a mesa se inclinar —, você precisa...

— Algum comentário importante, srta. Rowley?

Droga.

— Não, padre Molloy.

Ele largou a chamada na mesa e cruzou os braços. Já tinha visto aquele olhar para outras meninas, mas nunca achei que fosse acontecer comigo.

— Desculpe-me, mas acho que só metade da turma conseguiu ouvir o que você estava dizendo — disse ele. — Você se importaria de repetir?

— Como assim? Eu não estava dizendo nada.

— Pois bem. Talvez a especialista em discursos e debates não tenha projetado sua voz direito. Levante-se, por favor.

Droga. Droga.

— Rápido — disse o padre Molloy.

Levantei-me, encarando a turma inteira de meninas, que sussurravam e olhavam para mim com pena, algumas com prazer. Até aquele momento do ano eu havia sido perfeita em questões de comportamento, pontualidade, tudo. Tinha dois diferimentos em que pensar e mais uma dúzia de inscrições, enviadas na semana anterior. Além da história com Fabiana. Precisava sair dessa sem anotação na caderneta. Tentei sorrir para a turma, mas meu rosto estava duro.

O padre me avaliou com um brilho de alegria nos olhos, dando a entender que estávamos os dois na brincadeira.

— Perverso — acho que ouvi Deena dizer baixinho.

— Srta. Rowley. Como este é seu último ano, e você é aluna da St. Joan desde a época do presidente Bush, tenho certeza de que você conhece a norma de vestuário.

Pigarro.

— Norma de vestuário? — repeti.

— No ano que vem, você estará na universidade que tiver a sorte de recebê-la e terá liberdade para se vestir como quiser. Mas, aqui na St. Joan, nossas alunas devem usar roupas de verdade, não esses

panos indecentes que vocês usam. Essa saia tem o quê? Quinze centímetros acima do joelho? Um pouco mais? Por favor, arrume essa saia.

Vinte, na verdade. Tudo bem, vinte e dois. Desenrolei o cós da saia para que ela voltasse ao tamanho normal. À minha volta, todas as meninas com a parte de cima da saia enrolada se mexeram no banco, algumas puxando o casaco para esconder a evidência. Não sei por que ele me usou para essa besteira. Todas as meninas fazem o mesmo. Começamos a diminuir a saia no quinto ano.

— Obrigado. Agora — continuou —, você se importaria de repetir o que acabou de dizer para a srta. Gupta? Estamos mortos de curiosidade.

Anjali tremeu nas bases, com medo de que eu fosse dedurá-la em relação ao celular. Abri a boca para falar, sem saber direito o que ia dizer, quando a porta se abriu e Clara Rutherford entrou na sala. Salva pelo gongo.

A primeira coisa a dizer sobre Clara é que gosto dela. De verdade. E ela também gosta de mim. Não somos *não* amigas. Isso é que é louco: quase todo mundo gostava dela. Ela era tão legal que eu meio que desejava poder odiá-la, nem que fosse porque ela era mais legal que eu. Mas, por mais que eu tentasse, não conseguia. Acho que nunca vi Clara nervosa ou perdendo a cabeça. Ela não era muito aberta. Um monte de meninas na St. Joan achava que poderia ficar popular se fizesse amizade com todo mundo, mesmo com pessoas que elas odiavam. Ledo engano. Elas acabavam sendo vistas como meninas falsas e conquistando menos pessoas do que conquistariam se tivessem agido de maneira normal.

Isso não era do feitio de Clara — ela tinha estilo, como se caminhasse sempre sobre um tapete vermelho. Tirava boas notas, mas não tão boas a ponto de causar inveja ou incomodar os outros com sua inteligência. Jogava hóquei sobre grama, bem o suficiente para todo mundo querer que ela fosse do seu time, mas não tão bem a ponto de alguém querer lhe dar uma tacada na cara. Ela ficava bonita no campo com aquelas saias de hóquei, o que me incomodava bastante, porque eu tinha um sério complexo em relação aos meus joelhos. Seu cabelo tinha o comprimento perfeito, a ondulação perfeita, o brilho perfeito, a cor perfeita, meio avermelhada. Clara nem precisava se pentear, e devo confessar que a invejava por isso. O meu cabelo é todo desgrenhado, um monte de molas pretas espetadas na cabeça. Passei metade da infância tendo que aturar minha mãe tentando desembaraçar os nós, dizendo que eu parecia a noiva adolescente do Frankenstein. Só no ano passado é que descobri um produto para fazer o cabelo ficar mais liso.

Era como se Clara Rutherford pertencesse a outra espécie, uma espécie que não suava, não fedia e não tinha nenhum problema sério na vida. Sua família, até onde eu sei, era rica, feliz e saudável. Sua mãe tinha cabelo castanho e administrava estandes em eventos escolares de arrecadação de fundos. Seu pai jogava squash e já veio em alguns jogos de hóquei da filha. Clara tinha um irmão, que estava na mesma turma do irmão de Emma, puro e encantador como ela. Jogava lacrosse e participava do conselho estudantil. Depois da formatura, deu uma festa memorável. Na festa, apesar de haver bebida, ninguém deu vexame, e todo mundo se divertiu. Clara tinha tudo calculado.

É óbvio que nem todo mundo gostava de Clara. Quando uma menina é posta num pedestal, algumas pessoas fazem de tudo para derrubá-la, só para ver o som que ela faz quando quebra.

A expressão no rosto de Emma não mudou com a chegada de Clara. Ao contrário, seus olhos claros continuaram brilhando, como luz dentro de uma concha.

Mas notei que Deena parou de sorrir. Julguei que ela estivesse com um pouco de inveja, o que não fazia sentido, porque Deena também era muito engraçada, talentosa e popular. Acontece que ela ficou sabendo que Clara também queria entrar na Tufts, e estava paranoica que ela roubasse seu lugar. A maioria das universidades que procurávamos tinha cotas para os alunos das principais escolas particulares. Iam ser três meses tensos se as duas ficassem esperando notícias da Tufts.

Faltou falar de Jennifer Crawford, a menina de cabelo rosa. Quando Clara entrou na sala, Jennifer fez cara de nojo, como se estivesse olhando para um bicho morto na beira da estrada.

Jennifer tinha suas questões.

Como eu estava dizendo, Clara entrou, e todas nós ficamos em silêncio por um momento, como se estivéssemos gratas por ela ter decidido se juntar a nós.

Nossos olhos ficaram observando Clara, acompanhada por seus dois clones.

As três usavam rabo de cavalo baixo, amarrado com elástico preto. Senti que todo mundo estava registrando essa informação. Dava quase para ouvir o som dos dados sendo gravados na nossa cabeça. Mas quantos rabos de cavalo baixos devemos ter visto depois do almoço? Um monte.

— Srta. Rowley?

Dei um pulo, voltando à realidade depois de contemplar Clara Rutherford, que se sentou na mesa da frente perto da janela.

— Seus comentários para a srta. Gupta. Estamos aguardando ansiosamente.

Olhei para Anjali, que enfiou o celular na manga do casaco, onde ele ficaria mais seguro.

— Desculpe, padre Molloy — falei, olhando para a frente. — Mas eu não estava dizendo nada. Minha caneta caiu no chão e eu abaixei para pegá-la. Deve ter dado a impressão de que eu estava falando.

O padre olhou para cima e suspirou. Nós dois sabíamos que era mentira. Eu quase o respeitava mais por isso.

— Volte para o seu lugar — disse ele, com um gesto.

Sentei, encolhendo-me no banco para me esconder atrás de Anjali. Só queria que parassem de me olhar por um segundo.

— Muito bem. Temos algumas coisas importantes para discutir hoje. Peço que escutem com atenção — disse o padre Molloy.

O desconforto tomou conta da sala. Deena e eu nos olhamos, irritadas. Ela agarrou o livro de Física, e eu fiquei com as mãos coçando para revisar o problema de Matemática. De modo geral, aulas de monitoria são o momento ideal para estudar para provas ou terminar o dever do dia anterior. Eu estava bastante segura, mas não tinha revisado o trabalho muitas vezes. De qualquer maneira, o monitor nunca ajudava o suficiente.

— Tenho certeza de que muitas de vocês têm perguntas e questões — começou o padre Molloy. — E faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para resolvê-las. Mas o importante neste momento crítico é enfatizar que a escola se importa com cada uma de vocês. Não há motivo para preocupação. Motivo nenhum.

— Do que ele está falando? — perguntou Deena, sussurrando no meu ouvido.

— Não faça a mínima ideia — respondi.

Fiquei equilibrando um lápis entre o lábio superior e o nariz, olhando para o nada. Deena examinou as unhas. Anjali, com o celular escondido na palma da mão, estava escrevendo mensagens de novo, fingindo que ouvia atentamente o que o padre Molloy dizia.

— A St. Joan se orgulha de ser um lugar em que os alunos são prioridade — continuou o padre, naquela ladainha. — Sabemos que o momento é preocupante, e por isso quero incentivar todo mundo que desejar a falar com um professor. Vocês podem falar comigo ou com uma professora, caso se sintam mais à vontade.

A turma estava começando a ficar agitada, mas ele não havia nos dispensado ainda.

— Alguma pergunta? — disse ele, cruzando os braços e olhando para nós.

Aproximei-me de Emma para lhe perguntar se ela sabia do que ele estava falando, mas Emma estava distraída, olhando fixo para o canto da sala. Tinha o rosto vermelho e apertava a caneta com tanta força que as articulações dos dedos estavam ficando brancas.

Virei a cabeça, acompanhando o olhar de Emma para o canto em que Clara Rutherford se sentava, sua mesa praticamente reservada, com um cartão escrito em letra de mão.

E essa foi a primeira vez que vi Clara Rutherford se contorcer.

DANVERS, MASSACHUSETTS

QUARTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 2012

Contorcer-se não é a palavra certa. É a palavra que a mídia começou a usar quando as coisas desandaram. Eles precisavam de uma palavra pouco sensacionalista, porque todo mundo temia que o sensacionalismo fosse piorar tudo. Mas *contorcer-se* não descreve o que aconteceu com Clara Rutherford naquele dia.

Seu rosto foi fisgado, como se uma pessoa invisível ao seu lado tivesse enfiado os dedos na sua boca para tentar arrancar o seu crânio. Suas mãos, crispadas, foram levadas ao peito, trepidando sob o queixo. No momento em que o padre Molloy se aproximou, suas pernas sacudiam tão violentamente que Clara foi lançada ao chão, debatendo-se, ofegante como um peixe fora d'água.

— Colleen, vá chamar a enfermeira — ordenou o padre Molloy, aparentemente calmo, por incrível que pareça.

Metade da turma estava de pé, olhando fixo para Clara. Não dava para acreditar no que estava acontecendo. A cena toda era surreal, mas o mais inquietante era que aquilo estivesse acontecendo com Clara. Ela chutava o ar como se estivesse recebendo choques elétricos. Sua perfeição desmanchada nos apavorou.

— Agora, Colleen! — exclamou o padre, elevando a voz.

Ele se ajoelhou ao seu lado, agarrando a cabeça dela com o polegar na boca, para segurar a língua. A última coisa que vi antes de sair correndo foram os dentes da frente de Clara mordendo o dedo do padre Molloy. Ela fazia sons horríveis, de ânsia de vômito, como se estivesse se afogando.

Saí correndo pelo corredor, meus passos ecoando nas lajotas. Passei pelo centro estudantil vazio, escorreguei no tapete em frente à sala do diretor e ignorei as palavras do inspetor, que me dizia para não correr.

Virei em direção à parte antiga da escola. Vi minha sombra comprida projetada no chão do corredor, tão distorcida que senti vertigem, meu coração disparado, pulsando na garganta. Atravessei o corredor que dava para os antigos quartos do convento, trancados pela ferrugem e pelo tempo, e cheguei, ofegante, à sala da enfermeira. Ela estava tirando um termômetro da boca de uma aluna do oitavo ano. A menina estava bastante pálida.

A enfermeira era uma pessoa conhecida, mas naquela quarta-feira, confesso, não consegui lembrar o nome dela. Ela era nova na escola e muito jovem, tão jovem que eu achava estranho chamá-la de enfermeira. Ela parecia uma colega de turma.

Quando me viu, levantou-se imediatamente e perguntou:

— O que houve?

— Venha! Rápido! Sala 709.

No momento em que chegamos, Clara estava sentada, o cabelo despenteado, a respiração ofegante,

olhando em volta com os olhos arregalados, desnordeada. O padre Molloy se levantou quando nos viu e puxou a enfermeira para conversar num canto. Fui até onde Clara estava e me agachei ao seu lado. Ela olhou para mim, com o olhar perdido. Abriu a boca, mas não disse nada.

— Não se preocupe — procurei tranquilizá-la, com a mão no seu braço. — Eu trouxe a enfermeira. Você vai ficar bem.

Ela assentiu com a cabeça, abraçando a si mesma.

— Colleen — disse a enfermeira, tocando-me nas costas. — Você poderia voltar para o seu lugar, por favor?

Hesitei.

— Meninas, eu sei que todas vocês estão preocupadas, mas temos que dar um pouco de ar para ela. Voltem para suas mesas, por favor — a enfermeira insistiu.

Alguém me ajudou a levantar e a voltar para a minha mesa. Sentei-me lentamente, ainda observando Clara. Ela olhava para o chão, como se tivesse deixado cair alguma coisa, mas não soubesse o que era.

— Que loucura! — sussurrou Anjali.

— Meu Deus! Você acha que ela vai ficar bem? — perguntou Deena.

Não havia como fingir que não estávamos olhando. A enfermeira se curvou sobre Clara, examinou seus olhos, tomou-lhe o pulso e verificou os batimentos cardíacos.

— Ela vai ficar bem — respondeu Emma, sem dar muita importância.

— Ela tem epilepsia ou alguma coisa assim? — perguntei. — Tipo, vocês acham que isso acontece sempre?

Eu não conseguia imaginar Clara com algum problema grave. Todas nós saberíamos se fosse o caso. A St. Joan era uma escola pequena. Todo mundo sabia da vida de todo mundo. Sabíamos quem tinha diabetes, quem tinha a mãe alcoólatra, quem tinha alergia a glúten, quem fez o quê para esconder um transtorno alimentar, quem matava aula, quem tinha tatuagem (a pessoa deveria ter ido a Boston, dizíamos, porque as linhas já estavam borradas), quem tinha perdido a virgindade naquela semana. Às vezes descobríamos na hora.

— Acho que não — disse Anjali.

— Talvez a epilepsia não se manifeste até a pessoa ter terminado de crescer — teorizou Deena. — E se for tipo esquizofrenia, uma dessas coisas que acontecem pela primeira vez quando somos adultos?

— Você acha que ela tem esquizofrenia? — perguntei, tentando não parecer apavorada. Não consegui.

— Não — respondeu Anjali. — Esquizofrenia não é assim.

— Tanto faz — disse Emma, batendo na mesa com as unhas. Uma, duas, três vezes.

O padre Molloy apareceu na frente da turma com uma expressão indecifrável no rosto. Quando a enfermeira acenou para ele, a impressão que deu é que ele teve que afastar um pensamento para se concentrar no que ela dizia.

Laurel Hocking! Era o nome da enfermeira. Não sei como fui esquecer, principalmente considerando o que aconteceu depois.

As duas seguidoras de Clara, Elizabeth e a Outra Jennifer, que é como todo mundo a chamava para diferenciá-la de Jennifer Crawford, estavam encolhidas na mesa, atrás de Clara. Obviamente, elas não

tinham a mínima noção do que estava acontecendo. Se aqueles ataques fossem costumeiros, elas deveriam saber. Talvez Clara se isolasse das suas melhores amigas também. Elizabeth era muito legal. Jogava hóquei sobre grama e gostava de conversar. A Outra Jennifer não tinha nada de mais. Não era nenhum exemplo de inteligência, e a maioria das pessoas dizia que ela havia entrado na St. Joan só porque a mãe e a avó tinham estudado lá. Quer dizer, ela era gente boa, bonita e tal, mas meio chatinha. Talvez Clara só andasse com elas porque ditava as regras.

A enfermeira Hocking passava a mão no cabelo de Clara.

— Vamos marcar uma consulta para você, só por garantia — disse.

— Não é esquizofrenia, com certeza — afirmou Anjali, olhando para o celular, que ainda estava muito bem escondido entre a palma da sua mão e a manga do casaco. — Esquizofrenia é um distúrbio mental relacionado a como a pessoa percebe a realidade. Não causa convulsões, só comportamentos estranhos.

— Espero que ela fique bem — disse Deena.

O sinal tocou, abafando as palavras de Emma. Ela disse alguma coisa como “fingida”.

— O quê? — perguntei para Emma.

— Hã? — fez ela.

— O que você acabou de dizer?

— Eu não disse nada — respondeu, recolhendo os livros.

Ela não me olhava.

— Muito bem, meninas — interrompeu o padre Molloy, dirigindo-se à turma, que se retirava. — Quero que vocês se lembrem do que conversamos. Se alguém quiser falar comigo em particular, estarei na minha sala depois do almoço. Vocês são sempre bem-vindas. Que Maria, rainha da sabedoria, as proteja.

— Mas não conversamos nada — murmurou Deena.

Hesitei quando chegamos à porta, olhando por cima do ombro. Clara ainda estava sentada no chão, com as pernas esticadas, como uma criança. A enfermeira se inclinou sobre ela e lhe ofereceu um copo d’água. Elizabeth e a Outra Jennifer continuavam encolhidas, como se não tivessem ouvido o sinal. O padre Molloy ficou ali parado, de braços cruzados e testa franzida.

— Vamos — disse Emma, puxando-me pela camisa —, senão a gente vai chegar tarde.

— Tem razão — concordei, permitindo que Emma me levasse.

Antes de a porta se fechar, vi o olhar de Clara.

Acho que nunca vi alguém com tanto medo.

DANVERS, MASSACHUSETTS

QUARTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 2012

Naquele ponto, tudo ainda poderia ter voltado ao normal. Quer dizer, teríamos focado um pouco sobre Clara, e as meninas do último ano que não estavam na nossa turma iriam querer saber os detalhes macabros. É possível que alguém (alguém, sei... Jennifer Crawford, claro) postasse uma foto das convulsões de Clara no Instagram, todo mundo ficaria apavorado com a questão da invasão de privacidade, mas não teria passado disso. Falaríamos um mês, no máximo, sobre o assunto (talvez nem isso) e depois voltaríamos à realidade de quem está terminando o ensino médio, com cartas de aceitação de faculdades, festas, bailes de primavera, notas, provas, meninos e outras distrações. Aquela quarta-feira ficou gravada na minha memória como a primeira queda de Clara Rutherford do pedestal, uma coisa difícil de esquecer, sem dúvida, mas só isso.

A sala de estudos e a sala do primeiro horário ficavam separadas apenas por um corredor, mas um corredor pode ser uma distância e tanto na St. Joan. Muitas coisas podiam acontecer no tempo que levava para percorrer o corredor de uma ponta à outra.

Nós quatro nos separamos, no meio da multidão de meninas. Anjali entrou no laboratório de Física, Deena foi para a aula de Cálculo. Emma e eu geralmente sentávamos juntas na aula de História. Nosso grupo era bastante unido, porque já estávamos juntas havia quatro anos, cursando diversas matérias: História, Inglês, Francês e Latim. A maioria chegou a fazer curso preparatório de História da Arte, que era uma matéria eletiva. E seria idiotice não fazer, porque nosso único trabalho era visitar museus para admirar quadros. Se desse tudo certo, eu sairia da St. Joan com nove exames, e se conseguisse uma boa pontuação, teria quase dois semestres de crédito na universidade. Além disso, as aulas do *Advanced Placement*^[2] aumentavam a média geral, o que era importantíssimo para quem queria ser orador da turma na festa de formatura. Jennifer Crawford também fazia curso preparatório de História e, por algum motivo, ela era menos chata nessa matéria. Pelo menos falava com a gente. De modo geral, vivia afastada.

A maioria das escolas oferece a disciplina História Americana no primeiro ano, mas na St. Joan eles esperam até o último ano. Para conseguir entrar não é fácil. Há somente doze vagas, e precisamos fazer uma prova no semestre anterior. Algumas meninas desistem, pela pressão, e outras até abandonam a escola. Como se já não tivéssemos preocupação suficiente.

Mesmo assim, a aula de História era legal, em grande parte por causa do sr. Mitchell. Ele era muito mais tranquilo que os outros professores, talvez porque fosse jovem. Dava aulas como na universidade, com as mesas em círculo, e nos incentivava a defender nossas ideias em relação ao que tínhamos lido. Ele realmente escutava o que dizíamos. Olhava todo mundo no olho.

Algumas pessoas achavam o sr. Mitchell fofo, e ele era mesmo, embora fosse meio nerd, com cabelo estilo James Franco e gravata fina, típica dos anos 50. Ele usava óculos. Como frequentava Harvard, às

vezes esbarrávamos com ele na Harvard Square durante o fim de semana. Era como se estivéssemos encontrando uma celebridade. Dávamos tchauzinho e fugíamos rindo, tentando adivinhar com quem ele estava, o que estava fazendo e se tinha namorada. Antes do exame ap de cada ano, ele convidava a turma inteira para comer na sua casa. Preparava umas comidas tradicionais esquisitas, como *indian pudding* (uma espécie de polenta doce), pão de milho e salada de dente-de-leão. Depois do exame, chamava todo mundo de novo e passava o filme *O último dos moicanos*, fazendo comentários sarcásticos sobre as falhas históricas. Ouvi dizer que ele comprou cerveja no último encontro pós-prova, mas não sei se é verdade.

Emma e eu estávamos conversando sobre o que tinha acabado de acontecer com Clara quando Jennifer Crawford se aproximou. De perto, o cabelo rosa dela parecia um algodão-doce, de tão seco e desarrumado. Não sei por que ela fazia isso consigo mesma. Ela até poderia ficar bonitinha se tentasse ser normal.

— Muito forte — disse ela.

— É — respondi. — Estávamos falando disso.

— Já está tudo no Facebook — informou Jennifer, mostrando o celular.

— O que as pessoas estão comentando? — perguntou Emma, tentando ver o que estava escrito.

Jennifer enfiou o celular na bolsa e olhou rapidamente para a porta da sala.

— Que foi uma coisa totalmente maluca, que ninguém jamais tinha visto.

— As pessoas sabem o que está acontecendo? — perguntei. — Ela vai para o hospital ou algo assim?

— Não. Ela não precisa de hospital. Ela estava bem quando saímos da sala — respondeu Emma.

— Algumas pessoas disseram que ela está indo para o hospital, mas a Outra Jennifer disse que o pai dela está vindo buscá-la.

— Que chato — disse eu. — Coitada da Clara.

— Você deveria ter pena é da Elizabeth e da Outra Jennifer — disse Jennifer Crawford, com cara de desdém. Encostou na cadeira, enrolando uma mecha de cabelo rosa no dedo. — O que elas vão fazer sem ninguém para dizer onde se sentar na hora do almoço?

— Ai, Jennifer — falei —, será que você não podia deixar de ser escrota pelo menos por cinco minutos?

Emma escondia o riso.

Eu estava olhando para Emma quando a porta se abriu e apareceu não o sr. Mitchell, mas uma mulher com óculos fundo de garrafa e um monte de papel na mão, que ela deixou cair. Nós doze a observávamos, decepcionadas quando vimos que não era ele.

— Droga — disse a mulher, fechando a porta com a bunda e se agachando para pegar as folhas. — Aqui é a sala 811? — perguntou virada para o chão, arrastando-se para juntar tudo. — Curso preparatório de História?

Olhares curiosos na sala, seguidos de gestos de indiferença e mais de uma olhadinha escondida no celular. Levou mais ou menos um minuto para percebermos que ninguém tinha respondido à mulher.

— E? — perguntou, já em pé, com a última folha recolhida debaixo do braço. — É ou não é? — perguntou, irritada, levando uma mão à cintura.

— É — respondeu alguém, sem muita convicção. — É a sala 811, sim.

A mulher nos olhou feio e, depois de ver o mapa do litoral norte que o sr. Mitchell havia pendurado atrás da mesa e o pôster de George Washington retratado por Gilbert Stuart (que todo professor de História Americana recebe, junto com uma arma de eletrochoque e Valium), chegou à conclusão de que estava no lugar certo.

Senti alguém me puxar pela manga. Emma.

— *Cadê ele?* — perguntou ela, sem emitir nenhum som.

Fiz que não sabia.

— *Sei lá* — respondi, também sem som. — *Será que ele está doente?*

— *Machucado* — disse ela, franzindo as sobrelhas claras.

A mulher foi até a frente da sala, deixou os papéis em cima da mesa do sr. Mitchell e ficou como que procurando um manual de instruções ali. A mesa dele era típica de intelectual: um caos, com algumas folhas manchadas de café e até uma lupa, apoiada num suporte.

— Muito bem — disse ela baixinho — Vamos começar.

Virou-se e escreveu *sra. Slater* no quadro, com letra cursiva tão inclinada e angulosa que ela teve que se curvar toda para terminar a letra *R*.

— Eu sou a sra. Slater — disse, ajustando os óculos no nariz.

Ficamos todas olhando para ela com curiosidade, procurando respostas. Não conseguimos muito. Ela era uma mulher qualquer, com rabo de cavalo e vestido cinza. Devia ter uns trinta e cinco anos.

— Se vocês me disserem o que deveriam ter lido para hoje, vou saber onde estamos.

— Desculpe-me, srta. Slater — disse uma menina lá no fundo, levantando a mão. Leigh Carruthers. A inevitável Leigh Carruthers.

— Senhora — corrigiu a mulher, sem levantar o olhar da pilha de papéis onde devia estar procurando a lista de presença.

— *Srta.* Slater — Leigh disse de novo. — Preciso sair mais cedo hoje. Tenho um compromisso. Vou ter que sair, tipo, daqui a uns cinco minutos.

Agora sim, a mulher levantou a cabeça com um sorriso maligno no rosto. Quando sorria, parecia mais jovem ainda, e me peguei sorrindo também. Os dentes da frente dela eram meio separados, o que lhe dava uma aparência perversa.

— Não gosta do “senhora”, srta. Carruthers? — perguntou a sra. Slater. — Pode me chamar de dra. Slater, se quiser. Também serve.

Leigh não disse nada.

— E tenho certeza de que você sabe que qualquer compromisso no horário de aula precisa de autorização prévia. Recebemos uma lista de todos os alunos que precisam sair mais cedo, com o motivo da ausência, o número de telefone e o e-mail. Assim, ficamos sabendo das suas tramoias, inclusive os professores substitutos, como eu. Você sabe disso, não sabe?

Leigh recuou.

— Sei — respondeu.

— Ótimo — disse a sra. Slater. — Peguem o livro.

De canto de olho, vi Emma mexendo no celular. Ela me viu olhando e guardou o aparelho rapidamente.

— *O que você está fazendo?* — perguntei, mexendo a boca sem emitir som.

Ao contrário de Anjali, Emma não era muito de escrever. Era lacônica demais para isso. Geralmente, esperava que o mundo viesse até ela.

— *Nada* — respondeu.

Fiz cara de que não acreditava, mas nesse momento todas começaram a procurar na bolsa a peça que deveríamos discutir naquele dia. Eu tinha lido. Acho que a maioria leu. Não era ruim. Havia um triângulo amoroso bastante sórdido na história, o que sempre ajuda.

— Então, alguém gostaria de me dizer como vocês costumam fazer? — pediu a sra. Slater, trazendo para a frente da sala o púlpito que o sr. Mitchell havia deixado num canto no início do semestre. Uma mulher de vestido justo e salto alto carregando um púlpito pesado de madeira nos braços era para ter sido um espetáculo hilário, mas não foi.

— Hmm — hesitou Emma. — Acho que o sr. Mitchell ia devolver nosso teste corrigido hoje.

Emma olhou em volta, buscando confirmação. Era isso mesmo.

— E íamos começar a falar da peça. Essa é toda a próxima unidade.

— A peça? — perguntou a sra. Slater.

Ela veio até minha mesa e virou o livro de cabeça para cima.

— *As bruxas de Salem?*

— É — respondi. — Estamos estudando o julgamento das bruxas de Salem este mês. Teste na semana que vem, depois um pequeno texto sobre o assunto. Foi isso que o sr. Mitchell disse na segunda.

— Se vocês estão estudando o julgamento das bruxas de Salem, por que estão lendo uma peça sobre a década de 1950?

Olhamos em volta, sem saber o que dizer. A sra. Slater não esperava uma resposta.

— Mudança de planos — ela disse. — Podem guardar o livro e pegar o caderno.

Ficamos olhando para ela, em silêncio.

— Caderno, já ouviram falar? Para fazer anotações — disse, em tom debochado.

As aulas do sr. Mitchell eram seminários. Sentávamos em círculo e ficávamos debatendo um assunto. Às vezes, ele nos deixava falar por uns vinte minutos, até dizer alguma coisa. Ninguém anotava nada.

— Não usam caderno? — concluiu a sra. Slater pela falta de resposta, levantando as sobrancelhas, duas luas crescentes idênticas sob a linha do cabelo. — Laptop?

— A St. Joan não permite o uso de laptop nas aulas — respondi, pigarreando. — Podemos até trazer, mas só para escrever textos e essas coisas na biblioteca ou na sala de estudo. Eles acham que vamos ficar na internet.

— Muito bem — disse a sra. Slater, apoiando-se no púlpito. — Eles devem ter razão. Bem. Vamos fazer o seguinte. Você — disse, apontando para Leigh. Fez uma pausa e apontou para Jennifer Crawford — e *você* vão pegar o papel *naquela* impressora — apontou de novo — e distribuir três folhas para todo mundo. As demais, peguem a caneta.

Leigh e Jennifer ficaram em pé, sorrindo sem graça.

— *As bruxas de Salem* — disse a sra. Slater, de costas para nós, escrevendo uma lista de nomes no quadro enquanto falava — é uma peça de 1953 sobre o temor anticomunista na cultura americana do pós-guerra e sobre o *outro*, inescrutável, que nos espreita por trás de uma fachada aparentemente inofensiva.

Como é uma peça de Arthur Miller, também fala de sexo.

Abafamos o riso. A sra. Slater fingiu que não percebeu.

— É uma obra de extrema importância na literatura americana, e fico feliz de saber que vocês leram. Mas isto é uma aula de História. E, numa aula de História, não nos interessa saber o que Arthur Miller pensa sobre sexo. Numa aula de História, falamos sobre o que realmente aconteceu.

Rimos, surpreendidas. A sra. Slater não falava como uma professora comum. Leigh levantou a mão.

— Pergunte, srta. Carruthers — disse a sra. Slater, apontando para ela com o giz.

— Mas, tipo, a peça não é sobre o julgamento das bruxas de Salem? — perguntou Leigh.

— Não — respondeu a sra. Slater. — A história é *baseada* no julgamento das bruxas de Salem. Uma coisa completamente diferente.

— Mas, tipo, os personagens não são todos pessoas de verdade? — insistiu Leigh, sem entender.

— Não — respondeu a sra. Slater.

Foi até o quadro e sublinhou um dos nomes que havia escrito: *Ann Putnam Jr.* Na peça, não havia ninguém com aquele nome.

Ela ia continuar quando foi interrompida pelo som agudo de sirenes cada vez mais alto do lado de fora. Congelamos. Fomos correndo até a janela para ver o que estava acontecendo, debruçando-nos umas sobre as outras, com o rosto colado no vidro. Vimos luzes vermelhas.

— O que está acontecendo? — perguntei, sem esperar que alguém soubesse. Vai que o universo quisesse me responder.

— É a Clara — sussurrou Jennifer Crawford.

As meninas começaram a fofocar baixinho. Uma ambulância subiu o meio-fio, esmagando as plantas pelo caminho até frear. Dois sujeitos corpulentos de macacão saíram lá de dentro carregando uma maca retrátil. O padre Molloy correu na direção deles, acompanhado pela freira, que era a reitora da escola. Os dois apontaram para a ala leste do ensino médio, e os caras de macacão foram correndo para lá.

A sirene continuou ligada, a luz girando sobre as árvores, a grama, os caminhos de acesso, os muros de pedra cobertos de trepadeiras mortas em decorrência do inverno e o rosto de dezenas de alunas uniformizadas, grudadas na janela.

Por um longo minuto, nada aconteceu.

O padre Molloy e a reitora desapareceram do nosso campo de visão, e todo mundo na sala se inclinou alguns centímetros para a direita, procurando um ângulo melhor.

— Gente, estão levando a Clara para o hospital — disse Leigh, lendo no celular.

— Como você sabe? — perguntei.

— A Olivia está na sala de estudos, que fica ao lado da sala dela. Ela acabou de me enviar uma mensagem de texto.

— Meninas, acho que deveríamos... — a sra. Slater começou a dizer.

— Não — interrompeu Emma, fitando a quadra onde a ambulância havia parado.

Todo mundo olhou para ela.

— Como? — perguntou a sra. Slater, em tom indignado.

— Não é a Clara — disse Emma calmamente, sem alterar a voz. — Olhem.

Esticamos o pescoço e vimos os caras de macacão trazendo a maca de volta. A reitora e o padre

Molloy vinham correndo ao lado, dizendo qualquer coisa para quem estava deitado. A pessoa vinha coberta com uma manta e estava amarrada, mas, mesmo à distância e através do vidro espesso, dava para ver que ela estava tremendo. Debatendo-se.

Contorcendo-se.

— Tem razão — disse eu, com as mãos espalmadas na vidraça. — Não é a Clara.

Era a Outra Jennifer.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

Esfrego o nariz com a manga da roupa. O reverendo Green olha para mim de cara fechada, franzindo a testa. Uma visão agradável aquela: ele inclinado sobre a perna, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e a mancha nos dentes, que não faz diferença nenhuma. Penso na sua esposa e no bebê chorando ali no quarto, o gato gordo distraído com um osso de galinha debaixo da mesa. Engulo em seco e desando a chorar também.

Sinto-me tão sozinha! Até Deus me virou Seu rosto.

— Ann — diz o reverendo, estendendo lentamente o braço.

Ele hesita, mas acaba pondo a mão sobre meus joelhos. Aquele toque cálido e suave, mesmo por cima de toda a lã, me provoca um arrepio. Ele retira a mão, percebendo o efeito do contato.

Jamais sou tocada.

— Pode me contar — diz ele, com a voz firme.

O bebê parou de chorar, e dona Green cantarola baixinho. A menininha suja balbucia algumas palavras, batendo na mesa com uma colher de pau.

— Seja o que for — diz o reverendo Green —, você só precisa desabafar, entregar-se a Deus.

Respiro fundo, mas alguma coisa dentro de mim me faz gemer, e desmorono, mãos na testa, boca aberta, num lamento fúnebre. Deixo a tristeza sair. Mal percebo os passos que se aproximam da porta, uma voz feminina perguntando baixinho se estou doente, se é melhor ela trazer alguma coisa quente para eu beber. O reverendo responde que sim, que é melhor, e se levanta para fechar a porta por trás dos passos que se afastam.

— Ann — diz ele, sacudindo-me pelo ombro, com mais firmeza agora.

Balanço a cabeça. Não, não, não, como lhe contar sobre minha bestialidade, o que o Diabo fez comigo? Ele me expulsará, todos me expulsarão, e eu ficarei sozinha, desnorteada.

— Venha, Ann.

Ele me agarra pelos ombros, querendo que eu levante. Encostada no banco, procuro afastá-lo com as mãos, mas ele não me solta. Sinto-me mais segura assim.

— Eu... eu... — balbucio, engasgada pelo horror.

Minha visão começa a se anuviar, e vejo o belo rosto do reverendo Green tremulando à minha frente.

Nesse momento, sinto uma forte onda de calor me invadindo o corpo, e minha cabeça vira bruscamente para o lado, chocando-se contra o banco. Chovem estrelas. Levo a mão ao rosto, abro os olhos e ergo o olhar, do chão para o rosto do reverendo. Ele franze a testa ao ver que estou voltando à realidade. Encosta-se na poltrona, esfregando as mãos na calça.

— Controle-se, Ann — ele me diz, desviando o olhar. — Deus tudo vê. A Seus olhos, não passamos de míseras criaturas. Você pode se julgar com severidade, mas seu julgamento não significa nada para

Deus. Agora, diga-me o que a está importunando. Se não quiser falar, é melhor ir embora, que eu ainda tenho um sermão para escrever.

— Quero fazer no pó — falo, sem pensar.

O reverendo Green leva um dedo à têmpora e aperta os olhos.

— Por quê? — pergunta.

Levanto-me e caminho sem firmeza até a janela. Os vidros são pequenos, de formato losangular, antigos, como na casa dos meus pais — minha casa agora. Do lado de fora, o sol fica mais forte, sulcando o campo de centeio atrás do presbitério com profundos veios dourados. Venho a este presbitério desde a infância. Vejo minha imagem refletida, meu rosto tingido de listras carmesins.

— É verdade o que eles disseram que aconteceu na casa do juiz Sewell? — pergunto.

Pelo reflexo do vidro, vejo o reverendo Green mudando de posição na poltrona, de modo a ficar de frente para mim.

— O que você quer dizer com isso? — pergunta, com cuidado.

— É verdade? — quero saber.

— Deus age de maneira misteriosa. O que um homem vê como milagre pode não parecer milagre para outro, por desígnio de Deus.

Eu me viro para o reverendo Green, em desespero.

— É verdade ou não que caíram pedras do céu na casa do juiz Sewell? — pergunto, com a voz estridente.

— Eu não moro na casa do juiz Sewell para saber — responde o reverendo.

— Mas o senhor acha que isso realmente aconteceu? — insisto. — O juiz percebeu algum sinal de descontentamento divino? O vilarejo todo está sabendo. Preciso saber. Ele é um homem de Deus. Ele viu algum sinal de que Deus se voltou contra ele?

— Ouvei dizer — conta o reverendo, hesitante — que uma tarde, enquanto a família rezava, eles ouviram um barulho no telhado. O juiz, com medo, foi até a porta e viu pedras caindo do céu na sua casa.

Passo os braços em torno da cintura.

— Só na casa dele? — pergunto, sem ar. — Nenhuma outra casa da região, nenhum outro vizinho foi atingido pelas pedras?

O reverendo limpa a garganta, pigarreando.

— Foi o que me disseram. Mas — continua ele, alisando a superfície da mesa e concentrando o olhar nas mãos como se inspecionasse o movimento do sangue sob a pele — não ouvi isso de ninguém da família de Sewell. É só uma história. Fico surpreso de ver que você sabe do caso.

— Mas é verdade — murmuro.

A notícia tomou conta do vilarejo por semanas, e minha irmã caçula chegou a trazer algumas pedras, seixos de uma brancura extraterrena, dizendo que as encontrara no quintal de Sewell. Jogou-as sobre a mesa, e a cada pedra que caía no chão, eu sentia um pedacinho da minha alma sendo sugado pelos pés.

Se um homem como o juiz Sewell é capaz de compreender tão claramente a intenção de Deus de puni-lo, não tenho mais como me esconder. Porque veja o que ele é. E o que sou eu?

Eu não sou ninguém. Eu não sou nada.

Atrás de mim, o reverendo diz:

— Teriam sido pedras enviadas por Deus como um presságio de desgraça? Ou não passavam de devaneios de um sujeito assolado pela culpa? A meu ver, parece mais ser um caso de granizo que de enxofre. Se o juiz Sewell sujeitar sua alma a um exame severo, aposto que verá pedras caindo por todo lado. Mas... — Ele hesita. — Vejo que você acredita na história.

— Acredito mesmo — digo. — E quero jazer no pó. Pois minha alma está maculada como a dele, se não mais.

— Como assim, Ann? — pergunta o reverendo, franzindo a testa.

— Estou com vinte e sete anos de idade — explico. — Aos vinte anos, perdi meu último progenitor e passei a cuidar dos meus irmãos. Não tenho marido nem esperança de conseguir um. Trabalho bastante. Tento agradar a Deus. Mas minha alma me pesa. Meu coração é obscuro. Quero expor minhas fragilidades perante Deus.

Os olhos do reverendo brilham de curiosidade. Ele se inclina para a frente.

E então eu começo a falar.

DANVERS, MASSACHUSETTS
SÁBADO, 14 DE JANEIRO DE 2012

— Colleen, guarde isso.

Mostrei que guardava o celular no bolso e pedi desculpas.

— Sinceramente, não sei por que você não consegue ficar sentada com a gente por cinco minutos. O que é tão importante? E sente-se direito. Vai ficar corcunda sentando curvada desse jeito.

— É a Anjali, perguntando sobre o problema de Física.

— Você não me disse que já havia terminado Física esta semana?

— Disse, mãe. É só uma dúvida da Anjali.

Era Anjali mesmo. Essa parte era verdade. Mas o texto dela dizia:

Harvard square hj à noite? Pfv!

Respondi:

A q horas?

— Física — disse meu pai, esticando o braço entre mim e meu irmão Michael para pegar a tigela de arroz selvagem. — Sempre achei que eu fosse fazer Física na universidade, sabia?

— Aham — respondi. Já conhecia aquela conversa, as várias carreiras alternativas do meu pai. Em seguida, ele contaria sobre a bolsa de Educação Física que teria recebido na Universidade de Massachusetts se não tivesse machucado o joelho. *Atletismo masculino*, dizia, falando o nome completo do esporte para causar impacto. Meu bolso vibrou.

J diz 9.

Ótimo. Jason.

Quem mais vai?

Escrevi alguma coisa assim. Nunca tenho certeza quando estou digitando sem olhar.

— Acho que você tem grandes chances de tirar uma boa nota, se conseguir manter o foco — observou minha mãe. — Mas você precisa estudar.

— Na verdade — continuou meu pai —, se eu tivesse recebido a bolsa de atletismo masculino na umass, eu tinha prometido para o seu avô que faria Engenharia Elétrica, com especialização em Física. Sabia que ele era um cientista? Amador. Louisa, pode me passar a pimenta, por favor? Michael, você não vai ganhar mais nada se não comer.

— Mas eu não gosto dessa comida — protestou meu irmão, um menino franzino do oitavo ano a quem eu mal dava atenção, apesar de tentar, às vezes.

Minha irmã mais nova, Wheez, passou a pimenta para o meu pai e sorriu quando ele agradeceu com um gesto de cabeça.

— Fico feliz que você tenha decidido focar na umass — disse minha mãe. — Mas gostaria que você pensasse seriamente nas suas outras escolhas também. Talvez as universidades fora do estado. Gostei

muito da Stony Brook, e você?

— Gostei muito — sussurrou Wheez.

Como regra, ninguém dava muita atenção à minha irmã, e aquela vez não era exceção. Ela estava falando do arroz selvagem.

— Eu acho ótimo você ir para a umass — disse meu pai.

— Mike. Ela precisa estar preparada se não conseguir entrar na umass. A concorrência é grande. Não é como na nossa época.

Olhei como pude para o celular enfiado no meu bolso debaixo da mesa. Anjali tinha respondido.

Amigo do J. Por favooooor! Vc tem q vir.

Maravilha. Jason, o pseudorapper, e um dos seus amigos funkeiros. Jason e sua calça jeans enorme, frouxa na bunda, parecendo flutuar magicamente. Uma vez perguntei a Anjali como eles conseguiam fazer com que a calça não caísse. Ela me olhou feio e não disse nada. Jason, o “mano do gueto”, com seu linguajar próprio, *tá ligado?*, e aquele jeito específico de andar, como os músicos de rap, que, a propósito, ele só começou a imitar este ano. Eu sei disso porque Jason é de Prides Crossing e nos conhecemos desde a infância. Sempre que estão juntos, Jason põe a mão na nuca de Anjali, como se ela fosse propriedade sua, e ela fica toda boba. De vez em quando, ele puxa a cabeça de Anjali e, com o nariz enfiado na orelha dela, diz “baby” ao seu ouvido. Só a ideia de Jason tocando minha amiga já me dá nojo.

— Claro, aí eu nunca teria conhecido sua mãe — continuou meu pai, distraído.

— Ah — exclamou minha mãe, pondo mais arroz no prato dela e no meu, sem perguntar se eu queria.

— Boston University nos anos 70. Berkeley East. Tem certeza de que não quer tentar a bu? Ainda dá tempo de se inscrever. Você é filha de um ex-aluno.

— Aham — respondi, digitando:

E a Deena? Ela ia gostar de ir.

Tomara.

— Pai, posso me retirar? — perguntou meu irmão, louco para voltar para o World of Warcraft.

— Claro, pode ir. Mas não se esqueça de que hoje à noite a louça é sua. Já pensou em estudar Física, Colleen? É um ótimo campo.

N. Só convidei vc.

Droga.

— Querida?

Sem ouvir meu pai, escrevi:

9 é meio tarde.

— Colleen?

POR FAVOOOOOR!

— Droga!

Um garfo bateu no prato, e minha mãe apareceu atrás de mim.

— Me dê isso! — exclamou ela, com a mão aberta.

— Mãe — comecei a protestar, mas meu pai me interrompeu.

— Tudo bem, Linda — disse ele.

— Cinco minutos! Não estou pedindo muito! — Minha mãe aumentou a voz, esperando o celular.

Eu estava agarrando firme o aparelho dentro do bolso e olhando para ela. O telefone vibrou de novo.

Meu pai soltou um suspiro e esfregou as sobrancelhas com a ponta dos dedos por trás dos óculos.

— Colleen — disse ele, com a mão no rosto. — Na próxima vez, vamos deixar o celular no quarto, combinado?

— Eu ia deixar — menti —, mas esqueci.

Minha mãe voltou para a cozinha, resmungando. “Esqueceu!”, disse para o júri invisível ao qual ela gostava de se dirigir para relatar os crimes da minha família. A porta vaivém fechou, e sons de água corrente e louça acumulada confirmaram meu destino naquela noite de sábado.

O olhar do meu pai acompanhou a saída da minha mãe, ficou um tempo parado na porta da cozinha e finalmente se dirigiu a mim. Ouvi um suspiro de cansaço e resignação. Chega de falar de Física.

— Então, o que você está planejando fazer hoje à noite, Colliewog?^[3]

Meu pai estava sujeito a surtos de nostalgia, mas não era bobo.

— Vou encontrar a Anjali e o Jason na Harvard Square — respondi, sem conseguir esconder a irritação.

— Jason Rothstein? — perguntou meu pai, encostando-se na cadeira. Ele brincava com a garrafa de cerveja, levantando-a e carimbando-a num lugar diferente, para formar uma cadeia de círculos impressos com água no tampo da mesa. — Eles ainda “têm um rolo”?

Caí na gargalhada. Ninguém diz “ter um rolo” hoje em dia. Só os pais mesmo.

— Têm — confirmei.

Meu pai fez mais círculos com a garrafa até formar uma flor. Com o dedo, desenhou o caule.

— Vai mais alguém? — ele quis saber.

— Um amigo do Jason. Um desses pseudorrappers que acham que gíria é a linguagem normal do dia a dia.

Meu pai não conseguiu esconder o riso, mas, sabiamente, não fez nenhum comentário.

— A que horas você volta?

— Não sei. Não muito tarde.

Meu pai fez que concordava com a cabeça e pegou a garrafa de cerveja. Inclinou-a para um lado e viu que estava vazia. Ficamos os dois lá, sentados por mais um minuto, ouvindo o som da água na pia da cozinha e os copos de vidro batendo um no outro ao serem retirados da lava-louças com má vontade.

— É que ela vai sentir saudade de você no ano que vem — disse meu pai, sem me olhar direito.

Fiquei vermelha.

— Eu sei — falei, envergonhada.

Alisei o guardanapo entre os dedos.

— Bem — disse ele, cruzando as pernas —, divirta-se. Ligue se precisar de alguma coisa ou se mudar de plano. Só queremos saber onde você está.

— Tudo bem — respondi, levantando-me.

Tirei meu prato e já ia levá-lo, quando meu pai sacudiu a cabeça, apontando com o olhar para a porta da cozinha. Pus o prato de volta na mesa e sorri para ele. Ele sorriu de volta.

— Para dizer a verdade — falou meu pai —, fico feliz de que você viva grudada nesse maldito

celular. Que pai não ficaria feliz de poder encontrar a filha a qualquer momento?

Sorri, dei um beijo no seu rosto e fui correndo para o quarto para me arrumar. Fiquei olhando para o espelho, pensando se havia alguma forma de disfarçar as sardas e desejando que meu nariz não fosse tão arrebitado. Mostrei a língua para mim mesma, pintei as pálpebras de preto e enviei uma mensagem de texto para Anjali.

Às 9, na banca.

Espero q o amigo de J seja bonito.

Janeiro em Massachusetts pode ser peripatético. Eis uma palavra digna de prova: *peripatético*. Significa “perambulante” ou “aristotélico”. Dessa vez eu dizia no sentido de perambular mesmo, tanto em relação ao tempo, sempre imprevisível — um dia tem neve, no outro dia não —, como em relação àquela sensação de que alguma coisa estava para acontecer. Se bem que ir à Harvard Square era um programa bem aristotélico também. Acadêmico. Cético. Menos famoso que Platão.

Às nove eu estava lá, toda suada dentro da jaqueta (porque era uma daquelas noites em que parecia fazer frio, mas não fazia), esperando Anjali e os meninos. Não sei por que me esforcei tanto para ser pontual — Jason sempre chegava atrasado. Quando eu reclamava, ele dizia para eu “se acalmar”, e me dava vontade de dar um soco na cara dele.

Ir à Harvard Square era sempre um evento, e nesse sábado não foi diferente. Todo mundo aproveitando um pouco do calor atípico naquela época do ano. Alguns meninos punks que moravam na rua haviam armado um círculo de bateria no Pit, perto da entrada do metrô. O mesmo cara sem-teto vendia o *Spare Change News*. Sujeitos grisalhos de Cambridge, com casaco militar, debruçavam-se sobre tabuleiros de xadrez, marcando o tempo. Grupos de meninas de Harvard ocupavam a calçada, cuidando para não prender os saltos nas pedras do chão. Encostei num poste, tentando demonstrar preocupação, para que nenhum cara estranho viesse me perturbar. É difícil isso, fazer cara de indiferença para afastar os meninos esquisitos e, ao mesmo tempo, estar atenta para encontrar os amigos, porque acabamos fazendo cara de interessada. Normalmente, opto por uma mistura de ocupada/preocupada/misteriosa, como se eu fosse uma mulher que acabou de chegar de um voo internacional de Genebra e estivesse procurando o motorista.

— Esperando alguém? — disse uma voz perto do meu ouvido.

Dei um pulo. Não era algo que alguém recém-chegado de Genebra faria.

O dono daquela voz era um menino mais ou menos da minha idade, cheirando a sabonete. Estava com as mãos no bolso e tinha um corte de cabelo retrô, estilo anos 90, curto atrás, com costeletas e alto em cima; colarinho abotoado e jaqueta aberta. Era magro e estava com o ombro ligeiramente curvado, como os caras altos fazem para conseguir ouvir o que a menina está dizendo. Tinha uma covinha na bochecha esquerda e as primeiras linhas de expressão ao redor dos olhos. Sorri.

— Hmm, sim — respondi. — Tipo.

— Eu também — disse ele, olhando em direção à multidão de bateristas de punk rock.

Um dos meninos punks, um garoto magricela com tranças rastafári compridas e uma camiseta do Minor Threat rasgada, levantou-se no meio do Pit e começou a sacudir os braços e as pernas. O menino

do colarinho abotoado ficou olhando para o dançarino punk, sorrindo como se pensasse numa piada interna. Jogou o peso do corpo para a outra perna, e de repente, não sei como, estávamos esperando juntos.

— Eles devem chegar a qualquer minuto — disse eu.

Não queria alimentar a esperança dele. Nem todo nerd parece nerd logo de cara.

— Claro. Quem estou esperando também.

Fizemos uma longa pausa enquanto fingíamos que procurávamos rostos familiares na multidão.

Aquele silêncio estranho, por trás do som da bateria.

— Então — disse ele. — Quem você está esperando?

— Só uma amiga da escola. Ela e o namorado dela — acrescentei essa parte para que ele soubesse que estava vindo um menino também. Ele entendeu a indireta e se afastou alguns centímetros.

— Você frequenta aqui? — perguntou ele, apontando com o queixo.

Ele se referia a Harvard. Os garotos de Harvard sempre falavam assim.

— Não — respondi, sem dar continuidade à conversa.

— Boston University?

— Não. Não estou na faculdade — falei, me sentindo meio boba, não sei por quê. Quer dizer, eu logo estaria na faculdade, não? Talvez até estudasse “aqui”.

Ele aproximou a cabeça do meu ouvido e disse:

— Eu também não.

— Não?

Fiquei surpresa. Achava que ele fosse mais velho. Quase nenhum aluno do ensino médio usa camisa abotoada até o colarinho, a menos que seja obrigado. Ele tinha um jeito elegante/casual de se vestir, com direito a mocassim e tudo, mas não parecia tão pretensioso quanto estou dando a entender. Apresentava-se do jeito que eu imaginava os caras da faculdade, embora os meninos da faculdade que eu conhecia usassem bermuda, chinelo e boné do Red Sox virado para trás, igualzinho a qualquer aluno da St. Innocent, a escola do meu irmão.

— Onde você estuda?

— Andover — respondeu ele, nada constrangido.

Geralmente, os meninos de Andover que eu conhecia ficavam meio sem jeito de responder, como se não quisessem fazer com que eu me sentisse uma plebeia. Aí, quando eu contava que estudava na St. Joan, eles se tranquilizavam. Dava até para ouvir o suspiro de alívio deles.

— Gosto de vir aqui na Square porque amo punk rock. Obviamente — disse ele, sorrindo com ironia.

Ri também.

— Obviamente — repeti.

— Onde você estuda?

— Na St. Joan — respondi.

— Ah, sei — falou ele, balançando a cabeça em sinal de compreensão.

Sim. Típico.

Mais alguns centímetros de distância se interpuseram entre nós enquanto eu esperava que ele me perguntasse se eu conhecia Clara Rutherford, porque isso era o que todo mundo sempre perguntava

quando eu dizia que estudava na St. Joan. Mas ele não perguntou.

— Não sei como você consegue — eu disse. — Viver num internato.

— Por quê?

— Não sei. Eu ficaria com saudades de casa. Você não sente saudades?

— Senti um pouco, no início. Mas não sinto mais, não. Como meus pais moram em Belmont, vou para lá quase todo fim de semana.

Aproveitei a pausa dele para olhá-lo de canto de olho. Ele ainda estava sorrindo, mas a covinha tinha sumido. Tive a impressão de que ele sentia saudades de casa, sim. Com o rosto leve, até que era bonitinho. Não era feio. Olhei para mim mesma. Devia ter vestido uma saia, em vez de sair correndo de casa com calça jeans e bota, como se não fosse sábado e eu não estivesse indo à Square.

— De qualquer maneira — acrescentou ele —, é muito legal ser independente. Como na faculdade.

— É — falei, olhando para os rostos na multidão.

Era capaz de reconhecer os meninos da universidade. Eles tinham cara de preocupação e cansaço.

— Você está no último ano, não? Já sabe para onde quer ir no ano que vem? — perguntou ele.

Nossa conversa rolava com tanta fluência que passei a analisá-lo mais de perto para ver o que ele realmente queria. Eu tinha a tendência de achar que pessoas muito simpáticas estavam sempre com segundas intenções. Talvez porque fosse assim na St. Joan.

— Não sei direito — respondi, sem responder. — Tipo, estou me candidatando para um milhão de lugares.

Quando alguém me perguntava onde eu pretendia estudar, eu dava respostas vagas, supondo que a pessoa estava sondando para saber se eu era uma concorrente. Nossa lista de universidades seria a mesma? Seria diferente? Quão inteligente eu era? Havia motivo para preocupação?

— E para cá? — perguntou ele, apontando com o queixo em direção ao portão que dava para o Harvard Yard.

— Sim — respondi, ficando vermelha.

— Eu também — disse ele, sorrindo.

Não dava a impressão de estar ameaçado ou preocupado. Parecia... feliz.

Abriu-se uma brecha na multidão que saía do metrô, e vi Anjali. Aparentava mais idade sem o uniforme da escola, seus dedos entrelaçados numa mão indiferente, ligada a um menino com uma linha fina de barba na mandíbula, de agasalho vermelho. Isso mesmo, eu disse *agasalho*. Além de estarem meia hora atrasados, Jason veio gingando na nossa direção de uma maneira tão calculada que pareceu levar mais meia hora para chegar até a banca de jornal. Senti que o menino do colarinho abotoado me olhava enquanto eu olhava para eles.

— Colleen! — berrou Anjali, correndo para me dar um abraço, mesmo a gente tendo se visto na escola no dia anterior.

— Oi, Anj — falei, abraçando-a. — Olá, Jason.

— Beleza? — disse Jason, sempre articulado, inclinando a cabeça.

Virei-me para o menino do colarinho abotoado, constrangido a essa altura, vendo como apresentá-los. Mas nem precisava me preocupar.

— Spence, meu brother — disse Jason, fazendo um cumprimento de rapper.

O menino do colarinho abotoado me olhou sem graça.

— Então você é a Colleen — disse.

Olhei surpresa para o amigo atípico de Jason e sorri.

— Eu mesma — falei.

— Gente, estou morrendo de fome — anunciou Anjali, dando uns saltinhos com a mão enfiada na manga de Jason. — Estou louca para comer batata frita. Prussiana. Vocês querem?

— Também estou louco para comer batata prussiana — disse Spence, exagerando um pouco na formalidade para provocar Anjali, mas olhando para mim.

— O que vocês acham de irmos ao Charlie's? Ainda dá para entrar? — perguntou Anjali, olhando para mim e de volta para Jason. — Por causa do horário, digo.

— Sim, baby — respondeu Jason, pondo a mão na nuca de Anjali, o dedão nos cabelos dela, afastando-a do Pit. — A gente vai entrar, sem estresse. Conheço o segurança.

Fomos andando os quatro juntos, avançando lentamente pela multidão que ocupava a Square no sábado à noite. Vi a mão de Jason na nuca de Anjali e cerrei o punho dentro do bolso. O menino do colarinho abotoado caminhava devagar ao meu lado. Reparei que ele me olhava de vez em quando. Por que fui botar aquela jaqueta, meu Deus do céu? Poderia ter pegado o sobretudo da mamãe, pelo menos.

— Spence — falei depois de um tempo, com cara de espanto. — Sério?

Ele riu, abriu a boca e deu um saltinho engraçado.

— O que é pior: o fato de meu nome ser realmente Spence ou o fato de o Jason falar assim até com o diretor da escola?

Chegamos ao Charlie's e quase fomos barrados. Só poderíamos entrar se fôssemos direto para a escada do fundo e não olhássemos ninguém nos olhos. Passamos por lagostas num tanque, e imaginei que elas mexiam as garras num desespero patético, talvez na esperança de serem salvas. Subimos correndo as escadas e demos de cara com um sujeito fortão de cabeça raspada sentado na entrada, mas ele nos deixou entrar sem dizer nada.

— Valeu, brother — Jason disse na direção do cara, que não ouviu ou não deu atenção. Jason devia estar apenas se exibindo para Anjali.

É claro que o andar de cima já estava cheio. Não lotado a ponto de termos que acotovelar os outros para chegar ao bar e não conseguirmos pedir, mas cheio. Todos os lugares estavam ocupados. Muitos copos de cerveja, cestas de hambúrguer e batata frita. Não sabíamos o que fazer, até que Jason passou por nós para exibir suas credenciais no bar. Não tenho muitas coisas boas para dizer sobre Jason, mas admito que ele soube como não chamar atenção na hora em que entramos.

— Meu Deus, a gente nunca vai conseguir uma mesa — gritou Anjali no meu ouvido.

Aquela noite já era.

— Podíamos só pedir uma pizza — gritei de volta.

— Beleza. O que vocês querem? — berrou Jason, voltando do bar com uma caneca de cerveja escura avermelhada.

— Coca — respondeu Spence, virando-se para mim. — Tudo bem, Coca?

— Sim — respondi.

Fiquei aliviada, para dizer a verdade, não porque eu tivesse problema com bebida. Não era isso. Todo mundo bebia. Não sei exatamente por que eu estava tão irritada. Alguma coisa em Jason despertava isso em mim.

— Jasooooooooon — chiou Anjali. — A gente nunca vai conseguir uma mesa. Você acha que a gente vai conseguir?

Só nesse momento reparei numa menina sentada sozinha na mesa do canto. Uma mesa grande demais para uma pessoa só, daquelas redondas, de cinco lugares, e havia uma cadeira livre, desconsiderando uma jaqueta e uma bolsa dispostas de um jeito para indicar que havia alguém sentado ali, quando na verdade não havia. Era uma bolsa Coach, de um outlet, igualzinha à minha. Reconheci a bolsa porque Emma e eu havíamos comprado aquela bolsa juntas.

— Emma? — gritei, mas ela não ouviu.

Emma olhava para o seu copo de cerveja, mais clara que a bebida de Jason. O copo estava quase vazio. Ela devia estar sentada ali há um tempo.

— Nossa, a emma! — berrou Anjali, correndo para a mesa dela.

Anjali já a abraçava antes mesmo de Emma entender o que estava acontecendo.

— Anjali? — disse, olhando para a multidão e reconhecendo primeiro Jason, depois a mim. Seu semblante mudou. Parecia feliz de nos ver.

— Que incrível! Não sabia que você ia estar aqui — disse Anjali. — A gente pode sentar com você?

Jason já tirava a jaqueta e a bolsa de Emma da cadeira.

— Oi — falei, sentando-me perto dela. — E aí?

Ela ficou meio nervosa, e até pegou o celular. Leu algumas mensagens, franzindo a testa, e largou o telefone.

— Emma, esse é o Spence. Spence, Emma. Ela estuda na St. Joan comigo e com a Anjali.

Apontei para o “menino do colarinho abotoado”, que levantou o copo de Coca como quem brindasse.

— Madame — ele disse, voltando a se sentar para sair da frente.

— Você estava esperando alguém? — perguntei.

Não me lembrava do que Emma tinha dito que faria naquela noite, mas tenho certeza de que ela não me contou nada sobre ir para a Square.

— Hmm. Mais ou menos — respondeu ela. — Mas é bom ver vocês. Melhor assim.

Ela não disse quem estava esperando. Pensei em perguntar, mas o garçom apareceu com os cardápios, e entramos na discussão para decidir quantas batatas prussianas íamos pedir, se queríamos também cebola frita, e como duas pessoas já estavam tomando cerveja, se podíamos pedir mais três, era permitido, porque alguns sábados só dão certo assim, e ninguém se importava, embora estivéssemos ainda no ensino médio.

Para ser sincera, não me lembro do que mais conversamos naquela noite. Tenho certeza de que não falamos sobre Clara Rutherford, porque os meninos não deviam ter ouvido falar dela, e qual o sentido? Queríamos que eles fizessem perguntas sobre nós, não sobre Clara. Dois meninos e três meninas, amigas, e, mesmo um dos meninos sendo Jason, era engraçado ver como disputávamos a atenção deles. Sou capaz de jurar que não falamos sobre Clara Rutherford em momento nenhum.

O único motivo pelo qual ainda me lembro dessa noite é que conheci Spence. Sem contar o encontro

casual com Emma, sentada sozinha no Charlie's, esperando alguém que nunca veio.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— Foi no dia 10 de janeiro — digo para o reverendo Green.

— Janeiro agora? — pergunta ele, confuso.

Não é culpa dele. Ele ouviu falar do que aconteceu, talvez até tenha lido o livro a respeito, mas não morava aqui na época. Tenho que explicar.

— Não — respondo, balançando a cabeça. — Já faz muito tempo. Eu tinha treze anos. Dia 10 de janeiro de 1691-2, no antigo calendário. Eu já deveria estar em casa, mas a Abby Williams me deteve.

— Oh! — exclama o reverendo, ajeitando-se na poltrona.

Ele reconhece o nome. Sua mão se contrai ao tocar as dobras do linho na extremidade da camisa, e ele olha para a porta que nos separa da sua esposa. Sinto que deseja chamá-la, mas quero sua atenção só para mim. Está na hora de alguém me ouvir e saber a verdade.

— Venha ver a Betty comigo — diz Abby.

Já era para eu estar em casa, minha mãe está esperando, mas Abby me parou, e era difícil me desvencilhar quando ela me parava. É menor que eu, pequena para uma menina de onze anos, e seu trabalho no presbitério a mantém ocupada a maior parte do tempo, mas, nos dias em que Abby consegue escapar, nada a detém, por mais que desejemos outra coisa.

— A Betty? — digo. — Não posso. Eles estão me esperando.

— Nunca vi uma pessoa tão assombrada. Ou tão estúpida. Você precisa vir. Depressa!

Abby me pega pela mão, sinto suas palmas ásperas do trabalho, e me puxa. Preciso me esforçar para acompanhar o passo dela. Minha mão na mão de Abby é suave, como um caracol, e temo que ela possa quebrá-la se quiser. A dona Parris nunca a deixa descansar muito desde que ela começou a ajudá-la. Na casa da dona Parris, não há espaço para ociosidade, nem comida de sobra para desperdiçar. Por isso Abby é tão magra.

— Mas Abby — protesto, procurando um pretexto para escapar.

Quem mandou ficar à toa? Minha mãe me mandou comprar linha de costura, de seda, se eu pudesse, e é claro que eu podia. Mas é tão raro que eu tenha um tempo só para mim. Geralmente, minha irmã vem junto. Fiz hora no Common e depois dei uma passada na casa de Mary Warren, que insistiu para eu entrar, pois minhas luvas estavam cobertas de neve. Enquanto as luvas secavam, aproveitei para comer (pão de milho com mel) e conversar. Acabou demorando mais do que eu imaginava, e me senti culpada. Agora estou sendo punida.

Assim que pensei isso, senti vergonha. Deus não se daria ao trabalho de punir minha indolência com uma visita a Abby Williams. Mas não consegui pensar outra coisa. Fico muito desconfortável na presença dela. Minha mãe diz que eu deveria ter compaixão, demonstrar solidariedade cristã e ser sua amiga. Mas

eu não quero.

Entramos correndo no presbitério, e Tituba Indian reclama:

— Vá limpar esses pés agora, Abby!

Porque havíamos pisado na lama e, com a porta aberta, entrava uma ventania em casa.

Abby a ignora, puxando-me mais forte pela mão.

— Ela está no sótão — diz.

Subimos a escada. Um pedaço de gelo se solta da minha bota e estilhaça no chão, com um baque.

— Você, Ann Putnam! — Tituba me chama, com a mão nos quadris. — Por que é que você quer me causar problemas?

— Não quero lhe causar problema não, dona Indian — digo ao passar pelo alçapão.

Abby fica séria.

— Por que você a chama desse jeito? — pergunta-me, irritada.

Não compreendo.

— Por quê? Como eu deveria chamá-la?

— Não a chame de nada — responde Abby. — Ela vive me atormentando.

Não concordo, mas não a contradigo. Minha mãe diz que devemos ser gentis e atenciosos com todo mundo, inclusive os escravos, se eles forem cristãos. Tituba ama Jesus, mesmo sendo daquela ilha onde o reverendo morava antes de vir para cá. Ela chegou a me contar histórias da ilha, dizia que lá sempre havia sol, que ela nunca tinha visto neve até vir para Massachusetts e que ela achava que a neve seria macia, como pena de ganso. Às vezes é, mas Tituba não imaginava que a neve era tão fria. Agora, quando imagino a ilha de Tituba, sonho com o sol brilhando, todo mundo sentado nas nuvens, como no paraíso, e um monte de coisas deliciosas para comer, frutas o ano inteiro. Mas minha mãe me diz que não é assim. Quando lhe pergunto como é, ela me diz para ficar calada.

— Ali — Abby me interrompe. — Olhe para ela.

Betty Parris está deitada na cama, de olhos fechados e touca, as mãos unidas abaixo do queixo, como quem rezasse. É estranho vê-la dormindo àquela hora do dia. Já estava tarde. Seu rosto, sob a luz tênue de janeiro, aparenta magreza e alvura. Solto o ar pela boca, formando uma névoa de vapor em torno da minha cabeça. Faz muito frio no sótão e há gelo acumulado na janela atrás de Betty. Abby fica olhando para ela.

— Betty — diz ela, cutucando-a.

Betty não se mexe.

— Ela está dormindo? — pergunto.

Betty é mais nova que Abigail. Tem oito ou nove anos. Dá para ver que elas são parentes pelas bochechas e pelo nariz. Mas as mãos de Betty são mais lisas que as de Abigail. Ela é filha do pastor, e uma das preferidas, provavelmente.

— Ela não está dormindo — diz Abby. — Está deitada assim o dia inteiro. Tive que carregar neve sozinha. Parasita, filha de uma vaca!

Era para eu ficar chocada, mas Abby sempre fala assim. Quando começa, não para.

— Ela está doente? — pergunto baixinho, inclinando-me sobre ela.

Mesmo hesitante, ponho a mão na sua testa, como faço com minhas irmãs mais novas quando elas não

se levantam. Esperava que ela estivesse ardendo em febre, mas a pele está fria. Fria até demais. Verifico se ela tem cobertas suficientes e se não está pegando nenhuma corrente de ar.

— Ela não está doente — berra Abby, perto do ouvido de Betty, que nem se mexe. — Ela está fingindo.

Abby dá um beliscão no braço dela com força o bastante para fazer qualquer um urrar de dor. Betty não abre a boca.

Lá embaixo, ouço Tituba Indian gritando:

— Meninas, silêncio! Mas será possível?

— Betty? — digo, sacudindo-a levemente pelo ombro.

Seus olhos permanecem fechados, e as mãos de querubim, entrelaçadas sob o queixo. Ponho minhas mãos entre as suas e tento movê-las, mas elas não se mexem. Estão apertadas uma contra a outra. Isso não acontece quando estamos com febre ou dormindo. Por isso, chego à conclusão de que ela está fingindo mesmo, para irritar Abigail, provavelmente.

— Está vendo? — diz Abby, furiosa, recuando e cruzando os braços sobre o peito franzino. — Eles nunca batem nela, mas em mim batem o tempo todo. Odeio essa vadia!

— Abby, por favor — digo, contrariada.

Abby faz cara feia.

— Elizabeth — sussurro para Betty com a voz mais suave do mundo —, você sabe que ela não quis dizer isso. Não mesmo. Ouviu?

Betty não dá sinal de vida. Esfrego minhas mãos nos seus braços, para esquentá-la.

— Fez frio hoje — murmuro. — Quem ia querer carregar neve? Aqueles baldes pesadíssimos. Ninguém. Deus viu seu pecado, e Ele tem piedade de você. Mas Deus criou o inverno também, e devemos fazer nosso trabalho direito, para glorificá-Lo. Não é o que seu pai diria?

Esfrego mais forte.

— Abra os olhos, Betty — grita Abby no ouvido dela.

— Shh — faço, censurando-a.

Sou mais velha. Sei que as crianças fazem corpo mole no inverno.

— Abby, vá pegar uma xícara de chá de maçã com a Tituba. Só precisamos disso, não é, Betty?

Abby me olha com raiva e sussurra antes de sair:

— Odeio essa menina!

Lá embaixo, ouço vozes irritadas, o som de uma colher numa panela, o crepitar do fogo.

— Pronto, Betty, ela já foi embora. Pode abrir os olhos agora.

O rosto de Betty Parris se mexe. Ela abre um olho e me espia, como meu irmão pequeno, brincando de desaparecer abrindo e fechando os olhos. Sorrio.

— Está vendo? — sussurro, de modo encorajador. — Tudo vai ficar bem. Você diz para a Abby que está arrependida e que vai ajudá-la nos afazeres domésticos amanhã. Agradeça a Jesus por te proteger, diga a Ele também que está arrependida e pronto.

Ela abre o outro olho. Seus olhos são grandes, de um azul cristalino, e estão cheios de água.

— Está frio, Anne — sussurra, debaixo do cobertor.

— Eu sei — digo.

— Eu só...

Ela pisca o olho marejado, deixando transbordar uma lágrima, que desce até o ouvido. Seu nariz pálido começa a ficar rosa.

— Shh — faça, ajeitando-lhe o cabelo num carinho. — Você pode fazer certo amanhã, não pode? É claro que pode.

Abby volta resmungando, irritada. Sobe a escada do sótão usando a mão esquerda e o cotovelo direito, para não largar a pequena caneca de metal que segura. Os pés sempre pisando na saia. Vejo a cabeça de Tituba, enrolada num lenço, vindo atrás de Abby. Betty leva um susto e fecha rapidamente os olhos.

— Aqui — diz Abby, enfiando a caneca debaixo do nariz de Betty.

O líquido está quente a ponto de sair vapor, e o cheiro de maçã me dá água na boca.

— É melhor ela beber, depois de tudo isso, senão quem vai beber sou eu — diz Abby, mal-humorada.

Tituba transpõe o alçapão, ergue-se com dificuldade e vem na minha direção, ao lado da cama. Sorri. Está usando uma jaqueta remendada que me lembro de ter visto a dona Parris usando no encontro do ano passado, aquele evento que foi arruinado pelo ataque de um agitador incendiário. Agora a jaqueta está suja de farinha de milho, e há uma fina máscara dessa mesma farinha no rosto de Tituba. Ela tem a orelha furada, mas não usa brinco. Não consigo deixar de olhar para a sua orelha quando estou com ela. Fico me perguntando se todo mundo na sua ilha usa joias assim, na pele.

— Como está a minha Betty? — pergunta. — Se sente melhor?

— Graças a Deus, dona Indian — digo, cutucando a perna de Betty por debaixo das cobertas, sem ninguém ver. — Acho que Elizabeth vai ficar boa logo. Amanhã ela já está bem.

Mas Betty Parris continua impassível. Nem levanta para tomar o chá. Todas nós esperamos. Abby, de cara amarrada. Um longo minuto se passa, nós três olhando para a menina deitada.

No térreo, uma porta bate, e ouvimos uma voz grave de homem.

— Aqui, agora. John? Tive que dar fim à água sozinho. Cinco horas, e ninguém em casa! E ainda vou ter que passar fome?

O som quebra o frágil silêncio do sótão. De repente, a caneca me atinge no rosto e o chá queima meus olhos. Betty havia pulado da cama, indo se aninhar nos braços de Tituba, de olhos arregalados, a boca aberta, vermelha e gemendo.

DANVERS, MASSACHUSETTS
SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 2012

Quando meu pai me deixou na escola na segunda-feira seguinte, havia um carro de reportagem estacionado no beco sem saída que dava para o edifício do ensino médio, e uma moça de blazer lilás e maquiagem de repórter estava conversando com um cara que carregava uma câmera no ombro. Canal 7, rede local da abc. A luz branca dos refletores iluminou a fachada da escola, naquela manhã escura, não muito fria.

— Hmm — fez meu pai, inclinando-se para ver o que acontecia de dentro do carro.

— Que estranho — eu disse, tomando meu chá gelado de maçã. A propósito, o final é a melhor parte, porque toda a canela fica no fundo.

— O que está acontecendo? Você sabe?

— Não tenho a menor ideia.

— Devemos descobrir no noticiário hoje à noite. Você vai voltar a pé?

— Está meio frio. Vou pegar uma carona com a Deena.

— Ótimo. Nos vemos às seis.

Ajeitei a mochila nas costas e mergulhei no rio de meninas que corria em direção às portas da escola. Ao lado da repórter estava o padre Molloy, aparentando cansaço e tristeza. A entrevista já estava acontecendo, mas não consegui ouvi-los com o barulho das meninas conversando à minha volta, os carros chegando, as portas batendo.

Quando finalmente consegui me aproximar, ouvi a repórter dizendo:

— Mas, padre Molloy...

— Sinto muito, mas realmente não posso dizer mais nada. É muito importante preservar a privacidade das famílias. Obrigado. — O padre Molloy se virou para o sujeito da câmera e disse, fazendo um gesto de quem corta a garganta: — É isso.

As luzes se apagaram, e a fachada da escola ficou imersa numa sombra gótica. As gárgulas empoleiradas nos cantos do edifício riam, mostrando a língua para nós. A repórter deixou o microfone cair, como uma flor murcha.

— Conversa fiada — disse para o padre Molloy.

As meninas que estavam ao meu lado não conseguiram esconder a risada, e o padre nos olhou feio, virando as costas.

— Compreendo que se sinta assim, mas isso é tudo o que podemos dizer no momento — ele falou baixinho, para que não escutássemos.

— Acho que o senhor está realmente perdendo uma oportunidade, padre. A comunidade merece saber o que está acontecendo. As pessoas querem ter certeza de que seus filhos estão seguros.

— Vamos dar um tempo, tj.

tj Wadsworth apresentava o programa da manhã e era repórter do noticiário da noite. Ela normalmente fazia reportagens com assuntos de interesse humano, o que na nossa cidade podia ser qualquer coisa, desde as últimas tendências da moda de vestuário canino até violência doméstica e assassinato. Nesse sentido, Danvers é um lugar divertido.

— Nós dois sabemos por que você está aqui — continuou o padre Molloy. — E não tem nada a ver com o que a comunidade merece saber. Você é um abutre.

— Estamos aqui para falar sobre a segurança das nossas adolescentes, padre Molloy. Ou a Igreja não se preocupa mais com isso?

O padre se aproximou da repórter, furioso, de punho cerrado na altura da perna.

— Jamais — exclamou —, jamais ponha em dúvida o compromisso que temos com a segurança e o bem-estar das nossas alunas! Não enquanto eu estiver presente. Ouviu bem?

tj Wadsworth começou a objetar, mas o padre Molloy lhe virou as costas.

— Muito bem, meninas. — Ele aumentou a voz, girando os indicadores num gesto irritado. — O show acabou. Vamos entrar e começar as aulas. Que tal?

Sem esperar nossa resposta, o padre foi caminhando com altivez rumo às portas ornadas da entrada da escola e as abriu num movimento brusco. Fomos atrás dele, um mar de meninas com o mesmo uniforme, murmurando baixinho e espiando, aqui e ali, a repórter e o câmara.

— As crianças têm direito a segurança, padre! Se algum de vocês quiser falar conosco, é só ligar para o canal! — a repórter gritou.

Mas as portas se fecharam. E, embora eles fossem comentar a respeito, especulando, simulando e reconstituindo fatos, ninguém de fora da St. Joan veria o que aconteceu em seguida.

— *Colleen is sad and loooooonely, for her I cry, for heeeeeer, dear, onlyyyyyy...*

A melancólica melodia ecoou no corredor, pairando sobre a cabeça das minhas colegas de classe, reverberando no chão de lajotas, ressoando na madeira polida das paredes. Dei um riso forçado. Deena. A música da semana era “Body and Soul”. Essa música ia ficar na minha cabeça, com certeza. Como era segunda-feira, ela já devia estar na capela. Talvez tivesse até guardado um lugar para mim.

As freiras que moravam e rezavam na St. Joan na época em que a escola era um convento pertenciam a uma ordem que havia desaparecido no início do século xx. Havia fotos nos corredores, principalmente na ala de dormitórios abandonada — fotos em preto e branco emolduradas, gastas pelo tempo, de moças sérias com toucas de freira, uma corda amarrada na cintura, enfileiradas. Eu não sabia muito a respeito delas, mas Joana D’Arc era a santa padroeira da escola, e ouvi dizer que o grupo se extinguiu, em parte, porque as meninas eram convocadas quando tinham apenas quinze anos.

A porta da capela era feita da mesma madeira que a porta de entrada do ensino médio, portas pesadas de carvalho, adornadas com ferrolhos, mas o interior da capela tinha o mesmo tamanho, luminosidade e ventilação de uma igreja gótica medieval. A luz era filtrada por cores claras, atravessando os vitrais dos fundos da galeria. À luz de velas, a capela toda brilhava como uma joia.

Todos os vitrais da capela mostravam imagens da vida de Santa Joana. Minha favorita era uma dela montada a cavalo, de armadura, cabelos esvoaçantes. Segurava as rédeas com uma mão e uma lança com a outra. A boca está aberta, conclamando as tropas para a batalha. O cavalo, com as patas dianteiras

levantadas, como se fosse empinar, revira os olhos. Sinto um calafrio toda vez que olho para essa imagem.

Não gosto muito de uma imagem: a de Joana queimando na fogueira. As chamas são feitas de longos pedaços de vidro laranja e vermelho, e há círculos de fumaça em ferro adornado à sua volta. Mas Joana está diferente nesse vitral: a boca fechada, as mãos amarradas à sua frente e os olhos direcionados aos céus, de maneira beatífica. Em vez da armadura, ela usa um vestido branco com um laço no pescoço, como o que uma menina pequena usaria para dormir. Está cercada pela multidão, todos com as mãos espalmadas em posição de reza, observando o que acontece com expressão falsa de condolência, como se eles realmente desejassem fazer alguma coisa, mas não pudessem. Joana parece não se importar. Tem o semblante calmo e sereno.

Aquilo me irritava. Como Joana podia aceitar que a queimassem viva?

— E aí? — sussurrei para Deena, sentando-me ao seu lado.

Reparei que eu tinha sentido falta de Deena no fim de semana. Emma era minha melhor amiga, mas isso se devia, em grande parte, ao fato de termos tantas histórias em comum. Eu não gostava de admitir para mim mesma, mas Deena e eu tínhamos muito mais a ver uma com a outra.

Ela tirou o casaco e a mochila do banco e sorriu para mim. Seu cabelo estava diferente: em vez das tranças rastafári, ela havia feito uma trança comum, prendendo-a na parte de trás da cabeça. Parecia uma donzela eduardiana.

— Nada de mais — respondeu, encolhendo os ombros. — Fim de semana chato. E você?

— Tudo bem.

— Como vai o Jason? — perguntou Deena, suspirando da maneira que fazia para debochar de Anjali.

— Posso resumir minha experiência com o Jason esse fim de semana numa única palavra: *agasalho*.

Deena deu uma risada, jogando a cabeça para trás e batendo palma.

— Sim! — disse ela. — Meu Deus, amo aquele menino.

O som dentro da capela ficou mais alto com a entrada das meninas, cada turma ocupando seções específicas de bancos: as meninas do quarto ano na frente à esquerda, alunas do terceiro ano na frente à direita, alunas do segundo ano atrás à esquerda, calouras atrás à direita, alunas do ensino médio na galeria central superior, alunas do fundamental também na galeria superior, à esquerda e à direita da galeria central, no lugar destinado ao coral.

Emma sentou-se em seu lugar ao meu lado, me cutucando com o cotovelo como forma de cumprimento. Sorri de volta, mas só por hábito. Ela parecia bem infeliz no sábado à noite, fingindo que se divertia. Até Spence me falou o mesmo no domingo quando conversamos, e olha que ele nem a conhecia.

Anjali veio bufando de raiva logo atrás dela, sem levantar a vista dos polegares iluminados no telefone. Sentou-se no banco do outro lado de Emma. O barulho das meninas se tornou ensurdecedor, cada grito, conversa e passo amplificados pelo eco das janelas de vidro e do chão de pedra.

Não vi Clara Rutherford nem a Outra Jennifer.

— Muito bem, sentem-se — disse a reitora do ensino médio, uma freira de rosto sombrio e sapatilhas práticas. Balançava as mãos como um maestro regendo uma orquestra que não ensaiou.

Os professores se espalharam entre as diversas turmas, escolhendo seus lugares de maneira

aparentemente aleatória. Um bom observador, porém, veria que eles se sentavam sempre ao lado das alunas mais baderneiras. O barulho na capela diminuiu.

— muito bem — disse a reitora, falando perto demais do microfone.

O sistema de som emitiu um pouco de microfonia e todas nós nos encolhemos. Algumas taparam o ouvido.

“OH!”, a voz de uma menina pequena ecoou na galeria do coral. “Shhhhh!”, fez outra pessoa, e ela se calou.

— Muito bem — recomeçou a reitora. — Que Maria interceda por nós. Amém — disse, fazendo o sinal da cruz. Quem era católica fez o mesmo. — Como vocês devem imaginar — continuou, ajeitando os óculos —, temos alguns avisos importantes, de modo que eu gostaria de começar logo. Vocês devem ter reparado no carro de reportagem parado na entrada da escola quando chegaram hoje de manhã.

Ela ficou olhando para nós, esperando uma resposta. Ninguém falou nada.

— Bem, a primeira coisa é que queremos pedir que vocês evitem falar com a imprensa. Eu sei que eles são muito simpáticos e que é muito legal dar entrevista com alguém nos filmando. Mas não queremos expor nossos assuntos internos para ninguém. Vocês são todas representantes da St. Joan, e um dos principais valores da nossa escola é o zelo, tanto dentro quanto fora daqui. Isso faz parte do compromisso que todas vocês assinam no início do ano letivo, e, agora, nesta situação, gostaria de lhes pedir que cumpram com o que prometeram. Não há necessidade de falar com ninguém de fora da escola além dos familiares. É só ignorá-los.

Ouviu-se um murmurinho entre as alunas. Deena e eu nos olhamos. De rabo de olho, vi Emma olhando para o teto da capela, perdida nos seus próprios pensamentos. Seus olhos brilhavam à luz da vela.

— Agora, como não queria que vocês ficassem preocupadas, pedi para a srta. Hocking dizer algumas palavras para esclarecer a situação e, se Deus quiser, tranquilizá-las. Srta. Hocking?

A enfermeira tinha feito um coque para parecer mais séria e estava vestida de branco. Ela sempre usava aquelas batas casuais de freira, com ursinhos e outras estampas, mas agora estava bem elegante, de sobretudo.

— Bom dia, meninas — disse.

Embora ela parecesse séria, refleti, era uma seriedade artificial. A impressão que dava é que ela estava se esforçando para não se divertir.

— Tenho certeza de que todo mundo soube do que aconteceu com algumas alunas nossas na semana passada. Bom, antes de mais nada, gostaria de informar a vocês que já conversei com as famílias das três meninas, e que elas estão bem.

Um frisson tomou conta de nós. Deena, Emma, Anjali e eu trocamos palavras rápidas, movendo a boca sem emitir som: *Três? Eu só sabia da Clara e da Outra Jennifer. Quem é a terceira? Três? Do que ela está falando?* À nossa volta, telas azuis de celulares se acenderam, e os polegares entraram em ação.

O alvoroço não se desfez até a reitora gritar:

— meninas. Prestem atenção na srta. Hocking, por favor!

Os telefones voltaram para a manga do casaco e o barulho de vozes diminuiu.

— Como eu estava dizendo, elas estão bem e devem voltar para a escola ainda esta semana. Por isso,

ninguém precisa ficar preocupado. Para quem estava presente quando suas amigas passaram mal, sabemos que foi assustador, e quero enfatizar o que já disse: elas estão bem. Não há motivo para preocupação. Se vocês tiverem alguma pergunta sobre o que aconteceu, o momento é agora.

Ficamos estáticas, olhando umas para as outras. Até que Leigh Carruthers levantou o braço. Claro.

— Srta. Carruthers — disse a reitora.

— Sim. Desculpe-me, mas quem é a terceira aluna? — perguntou Leigh, e murmuramos nosso consentimento com a pergunta, mostrando que também queríamos saber a resposta.

A enfermeira e a reitora se entreolharam, e a enfermeira se inclinou sobre o microfone para dizer:

— Infelizmente, não tenho autorização para responder. É um assunto confidencial. Alguma outra pergunta?

Levantaram o braço na galeria central.

— Qual foi a causa? — perguntou uma aluna do sétimo ano.

— Boa pergunta — disse a enfermeira, olhando para a reitora, que fez um sinal negativo com a cabeça. — Até onde podemos falar, as três meninas vão ao mesmo médico e parece que tomaram algumas vacinas mais ou menos na mesma época. É possível que tenham tido uma pequena reação alérgica a um agente conservante contido na vacina. Nada grave. As pessoas costumam ter reações alérgicas a vacinas. O importante é que elas vão ficar bem.

Algumas pessoas exclamaram baixinho: “Fui ao médico, tipo, na semana passada”, ou: “Sexta-feira, senti tontura na aula de Biologia!”.

Outra pessoa levantou o braço, dessa vez uma garota do terceiro ano.

— Poderia nos dizer quais são os sintomas? Já que é uma coisa tão comum. E se mais alunas tiverem isso?

A enfermeira e a reitora trocaram outro olhar. A srta. Hocking pigarreou e disse:

— Bem, antes de tudo, gostaria de dizer que não há nada com o que vocês devam se preocupar. Se vocês sentirem qualquer coisa, é só me procurar na minha sala.

— Mas sentir o quê, exatamente? — a menina pressionou, apoiada por todas nós, que dissemos:

— Sim, queremos saber.

— Vocês podem me procurar para o que quiserem, claro. Mas vejamos. Não deixem de falar comigo se sentirem fraqueza, se desmaiarem por qualquer motivo, se tiverem qualquer tipo de desconforto nos braços ou nas pernas, como formigamentos ou contrações, ou se tiverem alguma dificuldade de controlar a boca ou a fala. Sintam-se à vontade para...

Alguém soltou um berro, e nos viramos para ver o que estava acontecendo. Uma menina que eu não conhecia, magrinha, de óculos grandes e cabelo até o ombro, caiu sobre as amigas com as pernas e os braços esticados em ângulo reto. Ficou imóvel por um instante, depois abriu a boca e pôs a língua para fora. Nesse momento, todo o seu corpo começou a tremer.

Gritos de “Oh, meu Deus!” e “Ela pegou também?” ecoaram nas paredes da capela, produzindo cacofonia. A srta. Hocking pulou do púlpito e saiu correndo pela nave lateral, atravessando o mar de pernas até chegar à menina, que se debatia em espasmos.

— Calma, todo mundo! — pediu a reitora ao microfone. — Meninas, ela vai ficar bem! Preciso que vocês se acalmem!

Ficamos em pé, acotovelando umas às outras para encontrar o melhor ângulo para assistir. Algumas crianças mais novas começaram a chorar. A enfermeira segurou a cabeça da menina com firmeza, enquanto os braços e as pernas dela sacudiam com uma força inacreditável. Os calcanhares batiam no chão, e a garganta emitia arquejos, sons primitivos e animalescos.

Outro grito invadiu o crescente caos da capela, e todas se viraram em frenesi para ver de onde vinha. Uma segunda menina, do terceiro ano, havia despencado de costas e pedalava no ar, a cabeça batendo no chão, cuspiendo palavras sem sentido, para horror das amigas. A força dos seus chutes deslocou uma fileira inteira de bancos, fazendo a madeira se arrastar no chão de lajotas, com um chiado estridente.

Todo mundo se levantou, movendo-se como abelhas numa colmeia. Reparei que Emma e eu nos agarrávamos com força, nossos dedos apertando o braço uma da outra, os ombros grudados.

— Colleen, a gente precisa sair daqui — sussurrou ela.

Concordei sem dizer nada, totalmente perplexa com o que estava presenciando. Anjali e Deena haviam sido engolidas pela multidão e não consegui achá-las.

— todo mundo. caminhando. Em fila, pela nave lateral. E informem seus orientadores. agora — ordenou a reitora, lá da frente. — Professores, vamos ajudar as meninas a se organizarem. Quero que todo mundo fique calmo. Fiquem calmos!

Se a reitora achava que íamos obedecê-la, estava muito enganada. As meninas da St. Joan saíram em massa pela porta da capela, aos gritos e empurrões. Houve quem tropeçasse, algumas alunas caíram. Os professores, submersos numa maré de meninas, apoiavam-se na nossa cabeça, para não serem derrubados. Fomos jorradas pela porta.

Por cima de todos nós, com os olhos direcionados ao céu de maneira beatífica e o corpo lambido em chamas, a imagem de Santa Joana.

FEVEREIRO

CANDLEMAS

Mais ainda, não existe ato de bruxaria que possua efeito permanente entre nós. E esta é a prova disso: se assim fosse, seria efetuada por obra dos demônios. Mas assegurar que o Diabo tem o poder de mudar os corpos humanos e lhes infligir dano permanente não parece estar de acordo com os ensinamentos da Igreja. Porque desse modo poderiam destruir o mundo inteiro, e levá-lo a uma horrível confusão.

MALLEUS MALEFICARUM, O MARTELO DAS FEITICEIRAS, PARTE 1, QUESTÃO 1

*DANVERS, MASSACHUSETTS**QUARTA-FEIRA, 1º- DE FEVEREIRO DE 2012*

“Boa noite. Hoje falaremos da misteriosa doença que tomou conta de uma escola particular da região. Qual a causa? Seus filhos estão correndo risco? A St. Joan Academy, uma importante escola particular para meninas da elite aqui de Danvers...”, começou o noticiário.

Bufei, indignada. Em parte, era verdade. Exceto pelo fato de que um terço de nós estudava com algum tipo de bolsa. Eu mesma tinha recebido uma bolsa parcial. Só não ficava exibindo isso por aí. Mas, quando eles dizem “escola particular para meninas”, as pessoas pensam logo em saias quadriculadas, orgias e pais viajando. Posso até usar saia quadriculada, mas com que frequência meus pais viajam? Quase nunca. Essa é a frequência.

“... foi assolada por uma doença rara que tem confundido os médicos. Representantes da escola não se pronunciaram a respeito da possível causa dos estranhos sintomas, que se manifestam como tiques, contorções e problemas de fala, mas confirmam que pelo menos cinco alunas, com idades entre treze e dezessete anos, foram afetadas. E os pais estão preocupados.”

“Acho que eles sabem mais do que estão falando”, disse uma loira oxigenada, querendo ser jovem, com o rosto tão esticado que a boca ficava sempre aberta. Abaixo do rosto em close, lia-se a legenda: mãe preocupada.

“Kathy Carruthers, mãe de uma aluna da St. Joan, diz que teme pela segurança da filha”, explicava o locutor.

“Quer dizer, até agora, ninguém nos deu uma resposta direta”, continuou a mãe de Leigh. “Só queremos proteger nossas filhas. A escola poderia assumir um pouco mais de responsabilidade. Afinal, pelo que estamos pagando?”

Corte para a enfermeira, maquiada e de sobretudo branco.

“Não temos autorização para falar sobre o estado de saúde das nossas alunas”, disse a enfermeira Hocking, conseguindo aparentar seriedade e preocupação ao mesmo tempo. Deve ter sido por isso, pensei, que ela, e não a reitora ou o padre Molloy (que sempre se irritava com a imprensa), é que deu as caras para falar da Doença Misteriosa de 2012.

“Laurel Hocking, enfermeira da St. Joan, afirma que, apesar de entender que os pais possam estar aflitos, não há motivo para preocupação”, resumiu o locutor.

“O que posso dizer é que as alunas afetadas são meninas muito especiais, e estamos bastante preocupados com o bem-estar delas. As cinco alunas estão recebendo um excelente cuidado, e estamos bem próximos de descobrir a causa dos sintomas. Vamos realizar um encontro comunitário para pais e alunas em breve, e realmente valorizamos a preocupação da comunidade.”

Fiquei chocada. Ela já havia dominado a arte de falar, falar e não dizer nada.

Corte para tj Wadsworth de traje lilás em frente à porta gótica da escola, o nariz rosado de frio, uma

gárgula salivando sobre seu ombro. Os passos quebravam crostas de gelo e sal, e fiquei me perguntando se ela teria uma capa de chuva no carro de reportagem.

“Harvey, a escola não fez mais nenhum comentário, e podemos dizer que, nesse caso da Doença Misteriosa, estamos com mais perguntas que respostas. A única coisa que podemos fazer, enquanto comunidade, é insistir em querer saber o que realmente está acontecendo na St. Joan. Para o Canal 7, tj Wadsworth, ao vivo de Danvers, Massachusetts.”

Meu telefone tocou antes mesmo de eu conseguir apertar o *mute*.

— Você viu? — perguntei, antes de falar qualquer outra coisa.

— Estava assistindo. Você sabia que eram cinco? Não acredito que eles só falaram com a mãe da Leigh.

Emma parecia se divertir.

— Ouvi falar que foram cinco, talvez mais. Soube que eles conversaram com um monte de gente. Mas os pais da Clara não querem falar com ninguém.

— Ouvi dizer que a mãe da Clara está pensando em contratar um relações-públicas.

— Como assim? — falei. — Você só pode estar brincando.

— Foi o que ouvi.

— Para quê?

— Para lidar com a mídia, sei lá. Controle de danos?

— Que dano? A filha dela teve uma reação alérgica a uma vacina. O que ela vai controlar?

— Não estou dizendo que é o que eu faria — disse Emma.

— Espera um pouco. Tem alguém ligando.

Atendi.

— Alô?

— Você viu?

Deena.

— Estava falando com a Emma — respondi.

— Você viu a mãe da Leigh? Cheia de botox. Diz para a Emma que estou mandando um oi.

— Espere, vou pôr você na chamada.

Fiquei olhando para o celular, apertando vários botões.

— Alô? — falei, com o telefone no ouvido.

— Alô? — Deena e Emma disseram ao mesmo tempo.

Gritinhos de empolgação.

— Deena, a Emma acabou de me contar que a mãe da Clara está contratando um profissional de relações públicas.

— Faz sentido — disse Deena.

— Acho estranho — comentei.

— Não se ela quiser que a mídia diga a verdade. Acho inteligente que eles não tenham falado com ninguém ainda.

— Está vendo? — disse Emma, como se essa fosse sua posição desde o início.

— Por que todo mundo está tão paranoico? Aquela repórter parecia legal.

— Mais ou menos — disse Deena. — tj Wadsworth deu a entender que eles estão escondendo alguma coisa, quando, na verdade, eles simplesmente não têm permissão para falar. Tipo, legalmente.

— É — Emma concordou. — Os Rutherford são pessoas importantes. Se eu fosse eles, pensaria bem a respeito. Eles devem estar preocupados que a cobertura da imprensa atrapalhe as chances da Clara em relação à faculdade.

— Meu Deus, você acha que pode atrapalhar?

— A pergunta é: como não atrapalharia?

— Não sei — respondi, pensativa. — Talvez pudesse ajudar. A pessoa fica no centro das atenções, passa a ser lembrada. Minha mãe sempre diz que precisamos ser lembrados.

— Se ela entrar na Tufts e eu não, vou ficar puta — murmurou Deena.

— Deena, não fale besteira. Você é muito mais inteligente que ela.

— É, mas meu pai não joga squash.

— Ainda acho estranho — insisti. — Por que eles não vão lá e dizem logo a verdade? Muita gente tem reação alérgica.

Silêncio das três.

— Hmm — fez Deena. — É. Não sei. Só se essa não for a causa.

— Você é muito paranoica — acusou Emma.

— O fato de eu ser paranoica — retrucou Deena — não significa que eu não esteja certa. Acho que eles não sabem o que é.

— O que eu quero saber é: quem são as meninas? — falei.

Fupei várias vezes o Facebook e o Instagram e não consegui descobrir.

— Clara — Deena começou a contar.

— A Outra Jennifer — acrescentou Emma. — E a terceira foi Elizabeth.

— Foi? — perguntei, interrompendo Deena. — Como você sabe?

— Você não sabia?

— Não!

— Fiquei sabendo, tipo, há uns três dias. Achei que vocês já soubessem.

— Quem te contou?

— Sei lá, não me lembro. Alguém falou.

— Entrei no Facebook da Elizabeth porque imaginei que poderia ter sido ela. Tipo, ela está sempre com a Clara, e tal. Mas ela postou um status ontem dizendo alguma coisa do dever de casa. Não falava nada sobre estar doente.

— Você gostaria que as pessoas soubessem que você está se contorcendo e se debatendo no chão? Eu não. Eu fingiria que está tudo normal.

— Então quem foram as outras duas? — perguntou Deena.

— Provavelmente as duas que tiveram um surto na capela.

— É, deve ser.

— É.

— Não conheço essas meninas.

— Eu também não.

Fizemos uma pausa, de preocupação.

— Vocês acham que é contagioso? — uma de nós perguntou baixinho.

— Não. Eles teriam dito alguma coisa — respondeu outra. — Teriam fechado a escola e chamado o Centro de Controle de Doenças.

— Vocês já pesquisaram no Google?

— Já. Mas, pelos resultados, pode ser qualquer coisa. Síndrome de Tourette, reações alérgicas. É vago demais. No Webmd não encontrei nada.

— Eu também não.

— Não importa — disse eu, ouvindo o noticiário na televisão, que agora falava sobre os pontos fracos da linha ofensiva dos Patriots. — Os pais de vocês assistiram?

— Meu pai assistiu — disse Deena.

— Minha mãe está em casa, mas ela não gosta de televisão — respondeu Emma. — E o Mike e a Linda?

— Não chegaram em casa ainda — respondi.

— Vocês viram que o sr. Mitchell talvez volte esta semana?

— Não estou na turma de História — Deena lembrou Emma.

— Desculpa, tem outra pessoa na espera — avisei.

— Tudo bem, preciso ir. Vejo vocês amanhã — disse Deena.

— Eu também. *Bye!* — Emma desligou.

— Tchau, gente — falei.

Atendi a outra chamada.

— Alô?

— Você viu? — perguntou um jovem fazendo voz de menina.

Virei de costas na cama, sorrindo.

— Vi — respondi lentamente. — E você?

— Vi — respondeu o menino, com a voz normal. — Os guardas deixam a gente ver televisão aqui, se eu suborná-los com cigarro. Então. O que aconteceu de verdade? Você pode me contar? É seguro falar por telefone?

— Spence — suspirei. — Você deveria saber em vez de perguntar. É melhor usar o código.

Ele pigarreou.

— Desculpe-me. Aqui é do Charlie's. Tenho um pedido de... — fez uma pausa exagerada — ... *batata prussiana* para viagem. Alguém aí pediu... *batata prussiana*?

— Acho que pedi — respondi, rindo.

— Que diabo é isso? — meu pai perguntou no hall de entrada.

Quando voltei para a sala uma hora depois de desligar o telefone, encontrei meu pai olhando confuso para um papel, o envelope amassado na mão.

— “Que diabo é isso” o quê? — perguntou minha mãe, aproximando-se por trás dele.

Ela leu, franzindo a testa, e pegou o papel da mão do meu pai para examinar melhor.

— Colleen? Você sabe alguma coisa sobre isso?

Era uma carta, escrita no papel creme da St. Joan, anunciando que haveria um “encontro comunitário” na noite seguinte para todos os pais e alunas do ensino médio. O encontro aconteceria na capela, e a escola solicitava que as famílias da St. Joan não falassem com a imprensa. Meu irmão, Michael, estava sentado na mesa do café da manhã com meu exemplar de *As bruxas de Salem* aberto por algum motivo e fones de ouvido plugados no que parecia ser um celular novo. Ele não devia estar ouvindo música. Era um truque que eu ensinei para ele: você põe o fone de ouvido para criar uma barreira entre você e o resto da família. Eu sabia que ele estava nos ouvindo.

— Sim — confirmei. — Ouvi dizer que eles vão fazer uma reunião.

— Uma reunião? Para quê?

— Será que é para falar sobre drogas? — perguntou minha mãe, com as mãos na cintura, olhando para mim com cara de membro da Associação Cristã de Moços.

— Quê? Claro que não! — exclamei.

— Você acha que nós dois temos que ir? — meu pai perguntou para minha mãe. — Alguém precisa ficar aqui com o Mikey. Ele tem teste. E tem a Wheez.

Era assim que minha família costumava lembrar que tinha um quinto membro — minha irmã caçula, Louisa, de sete anos, especialista em “camuflagem”. Às vezes, ela desaparecia por dias. Podia até estar debaixo da minha cama. Eu nem sabia se ela estava em casa naquele momento.

Pela tensão no corpo do meu irmão, confirmei que ele escutava tudo. Meu irmão frequentava a St. Innocent, a escola de meninos afiliada à nossa. Estava no oitavo ano. Pela primeira vez, me perguntei se a Doença Misteriosa também não era assunto entre os meninos.

— Acho que eu posso ir — disse minha mãe, meio contrariada. — Se for importante.

Meu pai pôs uma mão paternal no meu ombro e me olhou nos olhos, com aquele jeito “estamos realmente nos comunicando” que ele tinha. Dava pena.

— Não é sobre drogas não, certo, Colliewog?

— Não — respondi, cansada. — Juro. Vou mostrar para vocês.

Levei meus pais para o quarto, onde eles hesitaram em entrar, cada um esperando que o outro entrasse primeiro. Enquanto eles se decidiam, liguei meu laptop. Eles entraram tomando cuidado para não pisar nas roupas jogadas e não tocar em nada, exagerando nos gestos. Minha mãe desviou o olhar do pôster do Killers de forma quase acrobática. Eles faziam um grande esforço para não comentar sobre o estado do meu quarto.

Os dois respiravam na minha nuca enquanto eu abria o vídeo da reportagem. Ouvi um passo leve e soube que Michael tinha entrado no quarto atrás deles, com os fones de ouvido enrolados no pescoço como um rosário.

— Legal seu celular, Mikey — falei para ele. Eu estava pedindo um telefone novo havia meses.

— Este? — perguntou, fingindo naturalidade. — Valeu.

— Eu não tive celular até o ensino médio, sabia? — falei, com três cabeças espiando sobre meus ombros.

— Eu não tive celular até os trinta anos — disse minha mãe. — E fui eu mesma que paguei.

Meu pai soltou uma gargalhada.

— Hilário — murmurei.

Dei play no vídeo. Nesse momento, uma quarta cabeça se materializou na altura do meu cotovelo. Não é que Wheez estava debaixo da cama mesmo?

— Oi, Wheez — falei para ela.

— Oi, Colleen. Eu ainda não tenho celular.

— Meu Deus! — exclamou minha mãe, olhando para a tela. — Kathy Carruthers.

— O que é que tem Kathy Carruthers? — perguntou meu pai.

— Bem. Nada. Olhe só para ela.

— Linda, por favor.

— Desculpe-me.

Eles assistiram ao resto do vídeo em silêncio. Num determinado momento, Michael sussurrou:

— Cinco!

Quando acabou, meus pais se levantaram e olharam um para o outro.

— Muito bem — disse minha mãe —, vamos os dois.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— **Você está falando de Elizabeth Parris?** — pergunta-me o reverendo Green. — A filha de Samuel Parris?

— Ela mesma — confirmo. — Éramos amigas, de certa forma. Elizabeth tinha a mesma idade que uma das minhas irmãs. Às vezes, os Parris a mandavam para fora, para poupá-la da chatice de Abby. Betty Parris era sempre delicada, e Abby não tinha paciência. Eu gostava dela. Abby era rebelde, mas se descontrolava com a gente também: comigo, com Betty Parris, com a outra Betty, Betty Hubbard, com Mary Warren e o resto. Mary servia na casa dos Procter, mas eles não a exploravam tanto quanto os Parris exploravam Abby. Estávamos sempre juntas, fazendo as tarefas, no mercado, fazendo hora no quintal dos Jacob, nas reuniões tentando não bocejar, dentro e fora do presbitério, dentro e fora do Ingersoll's Ordinary. Foi Mary quem me explicou pela primeira vez...

Estou a ponto de dizer “sobre menstruação”, mas me detenho a tempo. Não posso falar dessas coisas com o reverendo Green, embora tenha curiosidade de ver seu rosto corado. A verdade é que aprendi sobre essa maldição específica com Mary, e não com minha mãe, que jamais se dignava a falar de impurezas.

A lembrança do nosso “bando de malfetoras” me dá saudade. As meninas estão casadas agora, a maioria, e o melhor já passou.

Nunca mais fomos as mesmas entre nós.

— Não importa — digo. — Éramos amigas. Mas, de todas nós, Abby Williams era a que tinha mais força de vontade.

— Não conheço essa Abby Williams — diz o reverendo. — Só de nome. Ela se casou?

— Não. Foi embora. Não sei para onde. Os Parris admitiram-na de algum parente distante, que não tinha como sustentá-la, e, depois que acabou tudo, ela desapareceu.

— Essa Elizabeth Parris, então — conclui o reverendo, franzindo a testa —, tinha medo do pai.

— Tinha. Todas nós tínhamos. Ele era capaz de nos paralisar só com o olhar.

— Por que isso? Ele não era um homem de Deus?

O reverendo parece perturbado com o fato de um pastor incutir medo nos membros mais fracos do seu rebanho. Um pastor pode ser amado em alguns momentos, odiado em outros, mas nunca temido.

— Por muitos motivos — explico. — Quando ele começou a pregar no vilarejo, formou um grupo ao seu redor que dava muito crédito às suas palavras. Meus pais acreditavam piamente nele. Minha mãe costumava recebê-lo na nossa casa. Mas em janeiro as coisas mudaram. Ele andava irritado, não sei por quê. Naquele inverno, todos os seus sermões falavam da luta contra Satanás e das tentações ao pecado. Segundo ele, pessoas boas podem virar bruxas pelas promessas malignas do capeta. Todo domingo sem falta, passava quatro horas de manhã falando sobre as consequências do pecado para pessoas fracas e

orgulhosas, que não amam a Deus o suficiente, mais quatro horas à tarde vociferando contra o Diabo escondido entre nós, amaldiçoando seus disfarces, dizendo que só Jesus Cristo sabe quantos diabos existem e quem eles são.

— Seu medo, então, era por causa desses sermões.

— Todas as meninas ficavam com medo. Nenhuma de nós era boa o suficiente. Jamais havíamos amado Jesus como ele dizia. Nossa alma era negra como piche. Mas não eram só os sermões.

O reverendo Green franze a testa, enrugando os belos lábios. Senti uma comoção interna, algo que não deveria sentir.

— Era o quê, então? — pergunta ele, inclinando-se para a frente, apoiado nos joelhos pelos cotovelos.

Engulo em seco. O reverendo me olha com delicadeza.

— O reverendo Parris era um homem instruído. Um cavalheiro, minha mãe dizia — respondo.

— É verdade.

— Tinha formação universitária. Por um tempo, teve uma fazenda em Barbados. Era capaz de conversar de negócios com meu pai e fazê-lo se sentir inteligente.

— Sim.

— Jamais poderia pensar que ele seria o tipo de homem... — Paro, com medo de falar besteira.

— Que tipo de homem? — pergunta o reverendo, sussurrando.

— O tipo de homem que... bem...

Ele pousa suavemente a mão nas minhas costas. Estremeço.

— Um tipo corporal de homem.

— O que significa “um tipo corporal de homem”?

— Significa que, se suas palavras não convencessem, ele usaria outros meios.

Uma breve expressão de aversão modifica o rosto do reverendo.

— E Elizabeth Parris?

— Como Betty era filha dele, aprendeu logo cedo a se comportar. Tornou-se uma menina delicada e obediente, para nunca ter que ser persuadida. Por isso, quando ela ficou doente, achei natural.

— Mas não entendo. Você não me disse que ela estava fingindo?

Fico em silêncio, com o olhar perdido, olhando pela janela, e volto ao sótão naquela manhã gelada. Betty chora no colo de Tituba, abraçando a cintura da escrava, enquanto ouvimos os passos do seu pai se aproximando. Abby ri, com as mãos nos quadris. Na minha memória, vejo-me de pé em frente à bicama, tendo que tomar uma decisão, uma decisão que não compreendo totalmente. Revisitei aquela manhã inúmeras vezes, meditei muito sobre o que Betty fez, o que eu disse, o que Abby disse, o que Tituba disse, o que aconteceu em seguida.

Não sei como responder ao reverendo Green.

— Ann? — ele me chama.

— Achei que estivesse — digo. — No início.

DANVERS, MASSACHUSETTS

QUINTA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 2012

A St. Joan havia desaparecido numa nuvem de palavras. Quando chegamos à escola no dia seguinte, havia mais três carros de reportagem além do carro do Canal 7, dois de redes locais e o terceiro de um canal de Boston. Os repórteres formavam um corredor polonês, cada um iluminado por seu próprio refletor. Tivemos que nos acotovelar para conseguir chegar à porta da escola, abrindo caminho entre microfones e luzes. As meninas fofocavam sobre tj Wadsworth, acenando e sorrindo para as câmeras.

“... estamos em frente ao berço da Doença Misteriosa, e tudo indica que...”

“... onde algumas das meninas mais mimadas da região...”

“... estão perguntando se a vacina contra o hpv poderia ter causado...”

“... efeito colateral de uma era de infância supersexualizada, em que as meninas...”

Parei, antes de entrar, aos empurrões.

Ninguém tinha visto Clara, a Outra Jennifer ou Elizabeth até então, e, como elas não tinham voltado para a escola, os boatos rolavam soltos. Alguns diziam que as três meninas estavam no hospital, ligadas a aparelhos. Outros, que elas estavam muito bem e que voltariam para a escola no dia seguinte. Havia quem afirmasse que Clara tinha sido mandada para um clínica ultrassecreta no Brigham and Women’s Hospital de Boston. Ontem à noite, cheguei a ver um tweet dizendo que Elizabeth estava morta, mas a mensagem foi logo deletada.

Quando consegui chegar na sala, senti como se já estivesse no final do dia. A densidade dos boatos que se espalhavam pelo corredor era tão intensa que atravessá-los parecia uma experiência física. Até Deena estava exausta.

Falamos umas com as outras, Emma e Anjali entraram na sala se arrastando, como de costume, Fabiana, com um olhar furioso para mim, o que me deixou tensa, e Jennifer Crawford, tão cansada que nem tinha se dado ao trabalho de atualizar a cor do cabelo.

— Que Maria, rainha da sabedoria, interceda por nós — disse a reitora ao microfone, dando início ao dia letivo.

— Muito bem, meninas, vamos começar — disse o padre Molloy, fechando a porta.

Até o padre Molloy estava com olheiras.

— Os pais de vocês devem ter recebido uma carta ontem — começou.

Dentro da mochila, meu telefone vibrou. Senti a vibração nas costas. Olhei para um lado e para o outro. Anjali já estava com o telefone dela debaixo da mesa, dando continuidade ao ininterrupto romance digital com Jason. Enfiei a mão na mochila, com cuidado.

— E espero que todas possam vir ao nosso encontro comunitário desta noite, com pelo menos um dos pais. Se os dois puderem vir, melhor.

Alguém levantou o braço. O padre Molloy virou a cabeça na direção da pessoa, e eu agarrei o celular

dentro da mochila, para diminuir o som da vibração.

— Sim?

— Meus irmãos podem vir? Minha mãe quer saber.

— Claro que sim. Seremos totalmente transparentes. Podem convidar seus irmãos, sim. Que mais?

Outra pessoa levantou o braço, e deixei o telefone na perna. Apareceu uma mensagem de texto de um número desconhecido.

— O jornal disse que foram cinco alunas até agora. É verdade isso?

— Sei que vocês estão curiosas, é normal, mas, infelizmente, não tenho permissão para falar a respeito. O que é uma pena, porque guardar segredo pode deixar as pessoas mais assustadas do que elas deveriam estar. Mas essa é a política da escola. Posso não concordar com ela, mas preciso obedecê-la. Isso é tudo o que posso dizer. De qualquer maneira, vocês devem saber disso melhor que eu. Mais perguntas?

Cliquei na mensagem.

Era uma foto de uma mão desconhecida segurando um exemplar de *As bruxas de Salem*. Sem texto, nem assunto, nem nada.

— Que diabo é isso? — exclamei em voz alta.

— Colleen? Você tem uma pergunta? — indagou o padre Molloy.

Empurrei o telefone para dentro da manga e respondi:

— Tenho. É verdade que eles acham que todo mundo está apenas tendo uma reação alérgica a uma vacina? Acho que foi isso o que os repórteres disseram.

O padre Molloy torceu o nariz ante a menção dos repórteres.

— Ouvi esse boato também — disse. — Não tenho certeza. Mas sei que teremos mais respostas hoje à noite.

Agradei com a cabeça. Quando o padre Molloy começou a responder a alguma coisa que Fabiana tinha perguntado, peguei o telefone de novo e destravei a tela.

Lá estava a capa do livro. Não fazia sentido.

Olhando para a frente, digitei de volta.

Mikey, este é seu número novo? Vou precisar do livro de volta quando você terminar.

Mas não houve resposta.

O corredor entre nossa sala e a sala do primeiro horário estava tomado por boatos. Emma e eu saímos de braços dados, como se nossa união fosse nos proteger. Mas não protegeu.

Você soube que o cabelo da Outra Jennifer caiu? O pai da Clara está processando a escola. A Elizabeth não consegue nem andar, acredita? Ainda bem que não tomei a vacina contra HPV, porque minha mãe não quis. Você tomou? Tomou a vacina? Caraca, você tomou?

Abrindo caminho como podíamos, Emma e eu conseguimos chegar à sala de História. Caímos na cadeira.

— Nem acredito que o dia acabou de começar — resmunguei.

— Pois é.

— Você vai ao encontro hoje à noite?

— Claro. Estou curiosa. Minha mãe acha que não deveríamos ir. Preferia que todos ficassem em casa. Diz que os boatos só pioram as coisas.

— A minha achou que a reunião era sobre drogas — contei.

Emma riu.

— Mike e Linda são muito fofinhos.

— Não são?

Suspiramos em silêncio de amigas, olhando para o teto.

A sra. Slater entrou e foi direto para a frente da sala. Carregava um monte de papel amassado debaixo do braço.

— Oi, gente — disse.

Emma franziu a testa, olhou para mim, e franziu mais ainda a testa.

— Oi, sra. Slater — responderam algumas meninas, em coro.

Franzi a testa também, encolhi os ombros e murmurei:

O quê?

Ela balançou a cabeça e disse, com as mãos, que não era nada. Estranho. Bem quando eu achava que estávamos voltando ao normal, Emma fazia uma coisa dessas, que não dava para entender.

— Como vai todo mundo? — perguntou a sra. Slater, apoiando-se no púlpito.

Silêncio geral. Encolhemos os ombros coletivamente.

— Sra. Carruthers? Como você está?

Leigh afundou um pouco na cadeira, arqueando os ombros.

— Bem, acho — respondeu.

— Sua mãe não é bastante dogmática, não? — perguntou a sra. Slater.

— Como assim? O que a senhora quer dizer com isso? — Leigh fingia ignorância de uma maneira especialmente irritante.

— Não quero dizer nada — retrucou a sra. Slater, voltando a atenção para os papéis que tinha na mão, folheando-os. — Nada.

Não consegui segurar o riso e cobri o rosto com a manga do casaco.

— Vocês todas parecem bastante apáticas, se quiserem saber a verdade — disse a sra. Slater.

Passou entre as mesas, distribuindo um papel.

— Mais um motivo para dar uma sacudida nas coisas. O que estou entregando para vocês é um teste-relâmpago. Ninguém vira a folha enquanto eu não disser.

Exclamações do tipo “Oh, meu Deus!” e “Qual é?” ecoaram no carvalho escuro da antiga sala de convento. Algumas pessoas mais ousadas chegaram a dizer: “O sr. Mitchell nunca dava testes-relâmpago. Na faculdade não tem isso!”.

— Ahá! — sorriu a sra. Slater, mostrando os dentes separados e cruzando os braços. — Quem é você que entende tanto de faculdade? Você já esteve numa faculdade?

Silêncio constrangedor.

— Era o que eu achava. Primeiro, eu não sou o sr. Mitchell.

Algumas murmuravam que já sabiam *disso*, e preferíamos que ele já tivesse voltado.

— Segundo, até as universidades fazem testes-relâmpago de vez em quando. E terceiro — disse,

sorrindo de orelha a orelha —, este teste é moleza. Quem leu o que devia ter lido vai tirar 10.

Dessa vez, nos olhamos de outra forma. A promessa de um 10 fácil era animadora. Quem já havia sido preterido pelas universidades favoritas tinha o hábito de calcular a média considerando os décimos de nota toda semana. Por trás de uma dúzia de olhos femininos belamente pintados, a mente calculava a nova média. Os números eram irresistíveis. Dentes se arreganharam em lábios doces com gloss, pequenos sorrisos aqui e ali no rosto das meninas do grupo de História, muitos dirigidos à nossa professora substituta.

Ela nos olhou de volta.

— O período de lua de mel tinha que acabar em algum momento — observou ela, percebendo que fazíamos cálculos. — Só espero, pelo bem de vocês, que tenham feito a leitura.

Eu não estava sorrindo. Minhas engrenagens internas haviam sido postas em ação, produzindo um ruído seco e rangente. Minhas mãos suavam, e um dos polegares tremia. A leitura. O que precisávamos ter lido mesmo? Fechei os olhos, repassando na memória o que havia acontecido na semana anterior. Tive um trabalho de Inglês. Tive um problema de Cálculo para resolver, que acabei solucionando com a ajuda de Deena. Tive... Meu Deus, não conseguia me lembrar. Geralmente usava aquele tempo para revisar a matéria de História. Será que eu havia lido?

— Prontas? — perguntou a sra. Slater, consultando o relógio.

Com uma certeza nauseante, eu sabia.

Eu não estava pronta.

— Podem começar.

*DANVERS, MASSACHUSETTS**QUINTA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 2012*

Ninguém disse nada quando Michael, ainda com os fones de ouvido e uma capa de chuva enorme que pertencia ao papai, entrou e se sentou ao meu lado na parte de trás de nossa caminhonete naquela noite. Meu irmão é um menino franzino e pálido, de cabelo preto encaracolado, parecendo um cogumelo no alto da cabeça, que usa camisas cujas golas nunca se ajustam ao seu corpo. Os pés são grandes, porém. Meu pai insiste em dizer que ele jogará nos Celtics quando tiver vinte anos.

— Cadê a Wheez? — perguntei enquanto meu pai dava marcha a ré da garagem, amassando a crosta de neve que havia no canto da rua.

O carro derrapou no gelo e depois retomou a direção, como se funcionasse com base em memória motora.

— Está na casa de uma amiga — respondeu minha mãe. — Vai dormir lá.

— Em dia de semana? Você nunca me deixa dormir na casa das minhas amigas em dia de semana — protestei.

Eu gostava de lembrar aos meus pais da falta de retorno deles como pais à medida que a família crescia. E eles gostavam de me dizer que eu os cansava com aquela história.

— Eles não queriam que ela ficasse assustada — Michael me disse, com uma voz tão baixa que quase achei que meus pais não conseguiriam ouvir.

— Não é...

Comecei a dizer “não é nada de mais”, para desfazer qualquer preocupação, para que parecesse tolice a ideia de que Louisa pudesse ficar assustada. Tudo bem, Clara não tinha voltado para a escola ainda, mas disseram que ela voltaria no dia seguinte, assim como suas seguidoras. Ela não estava nem doente. Teve apenas uma reação alérgica a uma vacina. O que de manhã era uma teoria na escola, para mim virou realidade. Minha certeza era respaldada pelo fato de eu ter tomado as três doses da vacina contra hpv, tipo, dois anos antes. Aquilo jamais aconteceria comigo.

Mas, enquanto olhava para meu irmão com o rosto iluminado intermitentemente pelas luzes dos postes no caminho para o campus da St. Joan, pensei melhor e não disse mais nada. Ele estava emburrado, de braços cruzados, fechado dentro da capa de chuva.

— Você tem razão, eu não deixaria — minha mãe concordou comigo do banco da frente. — Mas a Louisa não é você.

— Obrigada — disse eu.

— De nada.

Encostei a testa na janela e fiquei olhando a noite, as casas passando, casas feitas de tábuas com placas históricas na porta de entrada, que gradualmente cediam lugar a pomposas construções vitorianas, a grossa camada de neve fazendo com que elas parecessem uma casa de doces construída por bruxas para

seduzir crianças perdidas na floresta.

Por incrível que pareça, não havia nenhum carro de reportagem estacionado na frente da escola. Eu imaginava que alguém cometeria um deslize e falaria com eles, mas aparentemente não. Ou pelo menos que tJ Wadsworth estaria ocupando o local, dormindo no carro de reportagem com um olho aberto. Mas atravessamos o estacionamento até a porta de entrada sem nenhum incidente — nenhuma câmera, ninguém gritando, nenhuma pergunta. Só as gárgulas silenciosas, esfregando suas garras. Senti um certo alívio, imaginando que talvez eles estivessem nos chamando para dizer que o caso, fosse ele qual fosse, estava encerrado.

Engano meu.

A situação dentro da capela beirava o caos. Alunas, pais e irmãos de alunas se espremiavam, todos querendo achar um lugar para sentar juntos. Encontramos Emma e a mãe, a sra. Blackburn, que raramente víamos. Ela era como Emma, pálida, loira, mas havia se tornado quase transparente com a idade, como aquelas fotografias desbotadas das freiras penduradas em esquecimento na ala mais escura da escola. A sra. Blackburn não frequentava os eventos escolares, por conta das suas enxaquecas, nem saía muito de casa. Emma acenou para mim, mas não se deu ao trabalho de trazer a mãe para nos cumprimentar.

Vimos Anjali. Ela estava com a dra. Gupta, mas não o pai, que tinha viajado para Jacarta a negócios, o tipo de coisa glamorosa que ele costumava fazer. Deena estava lá com o pai, que cumprimentou o meu e disse: “Olá, Mike, quanto tempo!”. Jennifer Crawford estava de cara fechada num canto, enquanto a mãe, uma dessas mulheres que não querem envelhecer, com pérolas e um conjunto de cardigã e suéter, abraçava carinhosamente a filha de cabelo rosa pelo ombro e sussurrava alguma coisa no seu ouvido. Fabiana estava distante, falando uma língua que eu não entendia com uma mulher que, inicialmente, achei que fosse sua irmã. Elas mexiam as mãos da mesma maneira, e tinham exatamente a mesma altura. A mãe dela aparentava ter vinte anos de idade. Leigh Carruthers estava agarrada à mãe no centro da sala, enquanto Kathy Carruthers contava a respeito da sua experiência televisiva para um conjunto de mães atentas. Leigh olhava com admiração para o rosto da mãe, que a ignorava.

— ... melhor nos darem respostas — dizia Kathy Carruthers. — Garanto que falarão, se souberem o que lhes espera. Caso contrário, seremos obrigadas a levar esta história para o próximo nível. Quero ver nos impedirem. Tenho recebido muitas ligações.

Ao dizer essa última parte, ergueu as sobrancelhas, ou pelo menos foi isso que parecia fazer. Por causa do botox, só os olhos se arregalavam.

— Muitas ligações — repetiu.

As mulheres rodeavam a sra. Carruthers, tagarelando e assentindo com a cabeça, planejando esquemas para levar a história para o próximo nível, seja lá o que isso significa.

O que mais me surpreendeu, porém, foi a presença de Clara Rutherford.

É. Clara.

Estava sentada na frente da capela, perto do púlpito, vestida cuidadosamente, de cardigã rosa e saia. Seus pais a acompanhavam, um de cada lado, segurando-a pelos cotovelos. Havia uma espécie de vazio em torno deles, ninguém se aproximava demais. Clara parecia mais nobre que nunca, embora, a cada dois minutos, sua cabeça fosse lançada para trás e ela soltasse um berro que soava como “tzt tzt tzt ha!”.

A Outra Jennifer também estava lá com os pais, assim como Elizabeth. A mãe de Elizabeth me chamou a atenção — não me lembrava de tê-la visto antes. Elizabeth era bastante atlética, jogava hóquei sobre grama e tal. Acho que também praticava hipismo. Sua mãe, porém, era aquela coisica de gente, uma mulher miúda, de aspecto fantasmagórico, o rosto afundado em preocupações. E o motivo era evidente: Elizabeth estava numa cadeira de rodas, as mãos contorcidas embaixo do queixo, fechando e abrindo a boca, os olhos atraídos, como se flutuassem, para o teto da capela. Sua mãe segurava a cadeira de rodas, como se também precisasse dela para se apoiar.

— Obrigada! — disse a reitora no microfone. — Senhores! Meninas! Sua atenção, por favor!

Baixamos a voz, sem parar de falar, enquanto as famílias começaram a se acomodar nos bancos.

— Obrigada! — repetiu a reitora. — Se vocês se sentarem logo, prometemos que não tomaremos muito do seu tempo.

— Deus, espero que não — murmurou minha mãe. — Michael? Venha aqui, por favor.

Meu irmão ficou enrolando perto do meu pai, olhando para Elizabeth.

— Vai lá, Mikey — falei, cutucando-o. Ele não era sempre assim.

— Desculpa — disse ele, olhando primeiro para os pés e depois para o nada, na direção oposta de Elizabeth, de Clara e da Outra Jennifer.

— Nossa, que cara é essa?

— Nada. Desculpa.

Eu gostava do Michael, mas às vezes ele era um pé no saco. Meu irmão tinha a sutil capacidade de semear a discórdia na família. Muitas vezes, eu só ia descobrir o que ele fizera vários dias depois. Alguma coisa minha sumia, eu culpava logo Wheez, gritava com ela, tinha brigas feias, de bater porta. Minha mãe gritava comigo por ter gritado com Wheez, e uma semana depois o que havia sumido reaparecia. Michael, então, com a maior cara lavada, vinha tomar café da manhã, como se nada tivesse acontecido.

Minha mãe puxou-o pela manga da capa de chuva.

— Venha aqui — ela disse, contrariada. — Vamos sentar.

Os bancos estavam enchendo. Não havia lugar para nós quatro sentarmos juntos. Minha mãe deixou Michael num banco com um olhar de advertência, e meu pai me puxou pelo braço.

— Venha, Colliewog — disse ele, de maneira mais carinhosa do que eu esperava. — Consegui um lugar para nós.

Clara e os pais foram acomodados nos assentos de honra, no banco da frente, com a Outra Jennifer e Elizabeth do lado deles. Elas ainda usavam o mesmo rabo de cavalo baixo elegante, amarrado com elástico preto. Igual a Clara.

A reitora da escola limpou a garganta, pigarreando, e começou:

— Que Maria, a rainha da sabedoria, interceda por nós.

Mas foi interrompida por Clara: “tzt tzt ha!”.

Um silêncio constrangedor tomou conta do ambiente, e todas nós, do último ano, ficamos olhando para baixo, para não olhar para Clara, que era o que queríamos fazer.

— Pois então — disse a reitora, visivelmente aturdida. — Gostaríamos de agradecer a todos por estarem aqui esta noite. Sei que muitos de vocês estão preocupados com o que aconteceu com algumas

das nossas alunas, principalmente depois daquela reportagem infeliz e inexata. A direção está realizando uma reunião fechada com os professores. Queremos que eles estejam preparados para oferecer todo o apoio necessário a cada uma das nossas alunas. Como vocês podem ver, nossas três alunas especiais estão aqui esta noite, e eu gostaria de pedir uma salva de palmas para elas. Estamos muito felizes de que elas tenham voltado para a comunidade da St. Joan.

A reitora deu um sorriso insuportável e começou a aplaudir. O barulho das palmas, amplificado pelo microfone, estourou nas caixas de som — cada palma uma explosão, intensificada pelo retorno. Todos se olharam, e lentamente começamos a aplaudir, sem muita vontade. Muitos pais ficaram estáticos, incrédulos.

Depois de um minuto de palmas vigorosas, a reitora percebeu que todos haviam parado e parou também. Franziu a testa, nervosa, e anunciou:

— Pedi à enfermeira que dissesse algumas palavras.

A enfermeira Hocking se levantou, com o novo sobretudo branco e a bela maquiagem, que ela não costumava usar. Olhei de rabo de olho para o meu pai e vi que ele franzia a sobancelha. No banco à nossa frente, vi a mãe de Emma se curvando, como se sentisse dor, massageando as têmporas com a ponta dos dedos.

“Tzt tzt ha ha ha”, continuava Clara. Algumas achavam engraçado e escondiam o riso, principalmente quando os pais lhes pediam silêncio.

— Boa noite para todos — disse a enfermeira Hocking. — Meninas — falou, dirigindo-se ao banco da frente —, é uma alegria vê-las tão bem. E tenho o enorme prazer de anunciar às suas companheiras de turma que vocês voltarão para a escola amanhã.

Suspiramos, trocando olhares. Algumas exclamaram que aquilo era incrível. Outras se perguntavam, em segredo, se era realmente seguro, uma vez que eles não haviam nos contado ainda o que estava acontecendo. E se fosse contagioso? Mas a enfermeira também começou a aplaudir, longe do microfone, e então aplaudimos junto. Com o tempo, os aplausos passaram a ser verdadeiros, todo mundo aliviado de saber que elas estavam bem, e a prova disso é que elas retornariam às aulas no dia seguinte e tudo voltaria ao normal.

Quando os aplausos terminaram, todos sorriam, os pais abraçados aos filhos, a enfermeira Hocking, com um enorme sorriso estampado no rosto. Aos poucos, fomos voltando a prestar atenção nela.

— Queremos informar também, a todos os pais, que nos próximos dias conversaremos com cada aluna do último ano para assegurar que isso não aconteça de novo.

Alguém levantou o braço.

— Conversar o quê? — indagou um pai.

A enfermeira acenou com a cabeça, mostrando que entendeu a questão, e respondeu:

— Faremos algumas perguntas para registro médico. Todo ano, pedimos a vocês o histórico pediátrico das nossas alunas, para acompanhar o quadro clínico delas relacionado a vacinas e estado de saúde em geral. Tudo confidencial, claro. A direção chegou à conclusão de que podemos cuidar melhor delas se tivermos um pouco mais de informação. Portanto, gostaríamos de falar com todo mundo. Tudo será mantido no mais absoluto sigilo. Não há motivo para preocupação.

Outra pessoa levantou a mão. Kathy Carruthers. Claro.

— Por que vocês não nos contaram o que aconteceu com elas? Foi realmente aquela vacina sexual?

Temos o direito de saber!

O sorriso da enfermeira Hocking tornou-se menor, mas não desapareceu do rosto.

— Obrigada. Como acabei de dizer, toda informação médica recebida sobre nossas alunas é mantida no mais absoluto sigilo. Isso significa que não temos permissão para divulgar nenhum detalhe sobre o diagnóstico das meninas. Mas o importante é que elas estão bem, e faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para que nossas alunas fiquem seguras. Muito obrigada a todos por terem vindo, e nos vemos amanhã na escola!

Um minuto agonizante de silêncio na capela, todos paralisados.

Algumas pessoas se mexeram no banco, como se fossem se levantar, mas ninguém queria ser o primeiro. *Acabou? Acho que sim. Adiamos o jantar por isso? Ridículo.*

Sons de pessoas se levantando, murmurando, pegando a chave do carro no bolso, vestindo o casaco.

— Pelo visto, você vai conversar com a enfermeira — disse meu pai.

— Acho que sim — falei.

Senti um desconforto no estômago.

O que será que eles queriam saber? Por que não disseram o que havia de errado?

Vi Emma conduzindo a mãe à porta lateral, afastando-a da multidão de pais e alunas. A sra. Blackburn parecia chocada. Fui chamar Emma pela manga da camisa, mas, mesmo me esticando toda, não a alcancei.

Senti a mão de Michael me agarrando pelo braço.

— Por que eles não disseram o que está acontecendo, Colleen? — perguntou sussurrando, com os olhos arregalados de pânico.

— Não sei, Mikey — sussurrei de volta, abraçando-o. — Não sei mesmo.

DANVERS, MASSACHUSETTS
SEXTA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2012

Era um e-mail bastante formal. Formal demais para aquela hora do dia, tão cedo.

Prezada srta. Rowley,

Bom dia. Sou a responsável da Harvard University por realizar sua entrevista de admissão. As entrevistas terão duração de quarenta e cinco minutos e serão realizadas no Dado Tea House, Harvard Square, neste sábado e domingo, entre 14h e 17h. Por favor, avise-me qual a melhor opção de horário para a senhorita.

Não é necessário trazer curriculum vitae ou histórico escolar, pois já temos essas informações, mas as alunas devem vir vestidas adequadamente e preparadas para falar a respeito de suas realizações na St. Joan.

A senhorita pode me encontrar neste endereço ou por meio de minha assistente, ligando para o telefone abaixo.

Cordialmente,

Judith Pennepacker, H'99

Droga. Ao ler o e-mail, senti meu coração disparar. Minhas mãos ficaram suadas.

Levantei.

Sentei de novo.

Preparei-me para digitar, com as mãos sobre o teclado do laptop.

Parei, descansando as mãos sobre as pernas.

Se eu respondesse logo, ia parecer ansiosa demais? E se eu esperasse até voltar da escola? Ela podia julgar que eu a estava fazendo esperar. Judith Pennepacker não parecia ser do tipo de mulher que gostasse que a fizessem esperar.

Por curiosidade, digitei o nome dela no Google para ver o que descobria. Como era um sobrenome bastante incomum, tinha certeza de que encontraria alguma coisa.

E eu estava certa. Achei uma página no Facebook, com uma foto de perfil formal de uma mulher de traje executivo, óculos e cabelo dividido no meio, sorrindo como se fosse comer minha família toda e palitar os dentes com nossas unhas dos pés. Descobri também que o sobrenome dela era o nome de um dos dormitórios mais antigos da Harvard University.

Impressionante. Realmente incrível. Não me senti nem um pouco intimidada.

Prezada srta. Pennepacker, comecei. Bom começo.

Muito obrigada pelo seu e-mail. Fico muito feliz com a oportunidade de encontrá-la e saber mais a respeito de Harvard com uma pessoa tão experiente quanto a senhorita.

Quanto a senhorita?

Quanto você?

Como você?

Droga.

Apaga tudo.

Muito obrigada pelo seu e-mail. Fico muito feliz de poder conhecê-la e saber mais a respeito de Harvard.

Melhor.

O.k. Agora, que horário marcar? É melhor ser a primeira entrevista ou a última? Na última ela já deve estar cansada. Mas se eu for a primeira, depois ela conversa com alguém mais interessante e acaba se esquecendo de mim. Melhor que ela lembre, né? É. Muito bem. Então... domingo. Segunda entrevista do domingo. Sim. Um bom horário.

Seria possível marcar domingo, às 15h? Cordialmente, Colleen Rowley

Debrucei-me sobre o teclado, olhando para o e-mail e pensando. Apaga de novo.

Com carinho, Colleen Rowley

Não, não. Muito íntimo. Nem a conheço!

Apaga.

Atenciosamente, Colleen Rowley

Ótimo. Fico sentada na cadeira analisando o e-mail por cinco minutos.

— Colleen! — gritou minha mãe lá de baixo, quebrando minha concentração. — Seu pai já está saindo! Venha logo!

— Já vou! — gritei de volta.

Reli o e-mail uma última vez. Aquela entrevista poderia mudar minha vida. Eu tinha tentado a Williams e a Dartmouth, mas não consegui nenhuma das duas. Não vou mentir, aquilo quase estragou o Natal. São universidades altamente seletivas. Quer dizer, eu tive uma chance, mas todo mundo teve. Meus pais lembraram que “diferimento” não é o mesmo que “reprovação”, mas isso é o que os pais dizem para consolar os filhos. Diferimento é apenas reprovação para jovens com autoestima elevada, falei. Eles tentaram, então, outro caminho, dizendo que, se eu fosse aceita logo de cara, ficaria presa a um lugar, sem ter a chance de escolher.

E agora, tinha a opção de Harvard, via Judith Pennepacker.

E ela queria marcar uma entrevista comigo.

Era só enviar o e-mail, não era?

Foi o que eu fiz.

Ufa. Enviado.

Saí correndo, peguei minha mochila, atrolei Michael no corredor e desci as escadas. Cheguei ao hall de entrada com um salto.

— Pronto! Aqui estou.

— Deus do céu! — exclamou minha mãe, entregando-me uma lancheira térmica. — Na próxima vez, comece a se arrumar antes. Não é certo deixar os outros esperando, Colleen.

— Eu estava respondendo a um e-mail, mãe — expliquei, irritada.

— Oh, um e-mail! Não me parece a coisa mais importante do mundo. O que você acha, Wheez? — perguntou ela, dirigindo-se para a parte de baixo do banco do piano, onde minha irmã pequena escondia o riso.

— Era sobre minha entrevista para entrar em Harvard, o.k.?

— Oh! — Minha mãe parou. — Sua o quê?

— Isso mesmo. Obrigada — respondi, dando-lhe as costas.

Meu pai já estava do lado de fora esquentando o carro.

Minha mãe veio atrás de mim e pôs a mão sobre meu ombro quando eu já estava saindo. Nenhuma de nós disse nada, mas eu sabia que ela estava orgulhosa da filha.

— Vamos chegar atrasados — comentou meu pai dando marcha a ré da garagem.

A caminhonete balançou ao passar pelo meio-fio.

— Estava respondendo a um e-mail que recebi da minha entrevistadora em Harvard — expliquei, pegando o celular na mochila.

Queria avisar Spence que eu ia estar na Square no domingo. Talvez ele estivesse por lá também e quisesse... Sei lá. Sair?

— Sério? — perguntou meu pai, interessado. — Danadinha, você, hein? Quando vai ser?

— No domingo, acho — respondi, olhando para o celular.

Quando entrei nas mensagens de texto, vi que já tinha uma, de um número desconhecido.

Mikey exibindo seu incrível celular novo para me dar o troco pelo empurrão que levou no corredor. Não sei por que ele ganhou um aparelho novo quando o meu é que estava rachado. Para quem ele ia ligar?

Cliquei na mensagem, franzindo a testa.

Você leu?

Leu *As bruxas de Salem*? Li. Todo mundo leu. E daí?

Li, Mikey... E daí?

— Domingo? — continuou meu pai. — Muito legal! Já contou para a sua mãe?

— Aham — respondi.

O telefone vibrou na minha mão. Nova mensagem de texto.

Spence. Eu sorri involuntariamente.

Feliz sexta!

Sorri mais ainda, aproximando o telefone do rosto para ver melhor.

— O que ela disse? — quis saber meu pai.

— Só um minuto, pai.

— Oh, desculpe-me — ele disse, num tom exagerado, para me gozar. — Eu espero, claro. Sou só o motorista do carro mesmo. Nada de mais.

Muito engraçado. Escrevi uma resposta para Spence.

Tenho uma novidade.

— Isso é ótimo, uma entrevista em Harvard. Não precisa ficar nervosa. — Meu pai não se deixava contrariar. — Sua conselheira educacional disse para não esperar muito das entrevistas, mas acho que é

um bom sinal, você não acha?

— Aham — respondi.

O celular vibrou imediatamente com a resposta dele. Balancei os pés.

Diga.

— Precisamos ver se seu blazer está limpo. Senão, acho que dá para mandar lavar amanhã. Naquele lugar em Marblehead, eles entregam em vinte e quatro horas. Você já foi lá, ou só vai onde sua mãe vai?

— Pai!

Era impossível se concentrar com ele tagarelado daquele jeito.

— Desculpe-me! Estava só tentando puxar conversa com minha filha mais velha numa sexta-feira de manhã.

Fiz uma careta, mas depois sorri, para mostrar que eu não estava chateada.

Vou para a Square neste domingo. Onde vc está?

— O que você está fazendo? — perguntou meu pai, esticando o pescoço para espiar a tela do meu celular.

— Para, pai! — exclamei, curvando o ombro para ele não conseguir ver.

— É um meniiaiiiiiiiiino?

O telefone vibrou de novo.

— Pai, sério, já conversei com você. Só preciso terminar aqui, tá bom?

Não sou o Mikey.

Fiquei confusa. Só então percebi que, na pressa, abri a última mensagem de texto sem ver. Mas a mensagem não era de Spence.

Quem é??

Digitei, olhando para o telefone, aturdida.

— Notícia ruim? — perguntou meu pai enxerido, reparando que minha expressão tinha mudado.

— Não — falei. — É... Não. Tudo bem.

Esperei.

— Tem certeza?

O telefone vibrou de novo. Abri correndo a próxima mensagem.

Belmont este fim de semana. Harvard Sq. domingo à tarde. Nada de Jasons.

O quê?

Ah, é Spence! Por um segundo, fiquei decepcionada de não ser o digitador misterioso, mas só por um segundo, porque logo me dei conta de que passaria a tarde de domingo, depois da entrevista em Harvard, com Spence na Square. E sozinha!

ah!

Sorrindo que nem doida, escrevi de volta.

Kkkk. Às cinco, na COOP.

— Meu Deus! — Meu pai parecia falar com alguma pessoa invisível sentada no banco de trás da caminhonete. — Os altos e baixos emocionais deste carro lembram alguns dos maiores filmes da era dourada de Hollywood. Esse drama, esse clima, esse...

— pai. Pode dar um tempo? Só um pouquinho.

— Para quem você está escrevendo?

— Uma pessoa.

— Um menino?

Senti minhas orelhas queimando de raiva.

— Prefiro nem responder — falei.

Chegamos à St. Joan, meu pai parou o carro e olhou para mim.

— Como você quiser — disse ele.

Sorri e me inclinei para lhe dar um beijo no rosto.

— Tchau, pai. Te amo.

— O carro de reportagem ainda está aí.

Olhamos pela janela do carro e vimos os flashes que iluminavam as silenciosas janelas góticas da escola. Uma das gárgulas da frente fazia sombra sobre o gramado, a imagem distorcida de um demônio com bico e asas.

— Pois é. Não se deram conta ainda de que tudo voltou ao normal.

Meu pai suspirou e disse:

— Te amo também, meu anjo. Tenha um bom dia.

Ao pôr a mochila nas costas e me preparar para enfrentar a muralha de novos carros de reportagem e alunas caminhando aos empurrões para a entrada, percebi que o digitador misterioso não tinha mais respondido.

— *Colleen! The strawberry girl, Colleen!*

Não consegui identificar a música que Deena tinha escolhido para me perturbar esta semana. À minha volta, as meninas da St. Joan estavam animadíssimas com a notícia de que Clara, Elizabeth, a Outra Jennifer e as duas alunas do primeiro ano estariam de volta. Cada uma tinha uma informação diferente, e todas garantiam que sua fonte era confiável. Uma coisa era certa: Clara e suas seguidoras haviam voltado.

Tipo.

Elas estavam presentes, mas pareciam distantes.

Era fácil encontrá-las, porque cada uma caminhava com um espaço vazio ao seu redor, como se gravitasse no centro de um campo de força invisível. As pessoas as rondavam, mas sem invadir sua órbita. Talvez porque quiséssemos espaço para observá-las, talvez porque tivéssemos medo. Ninguém queria encostar nelas.

Não sei.

Mas eu enxergava todo o corredor por cima da cabeça das minhas companheiras de turma — eu era mais alta que a maioria das alunas do ensino médio — e identificava facilmente três bolhas isoladas, flutuando em diferentes lugares e atravessando diferentes densidades de parasitas curiosos. As três bolhas iam sendo levadas pela corrente, até se encontrarem numa única bolha, do lado de fora da sala do padre Molloy. Aí, a grande bolha se espremia pela porta, e a massa de seguidoras se dispersava, dividindo-se em meninas separadas, sussurrando, fofocando, cada uma com sua verdade.

Hesitei do lado de fora da sala, um embrulho tomando conta das minhas entranhas. O alívio do

encontro comunitário da noite anterior foi abruptamente substituído por um vazio nauseante. Senti que me esquecia de alguma coisa, mas não consegui identificar o que era. Não havia nada faltando na mochila, eu tinha lido tudo o que precisava para aquele dia, peguei uma carona com Deena, respondi ao e-mail de Harvard, todos os meus pedidos de inscrição já tinham sido enviados, tudo estava onde deveria estar na minha vida. E, mesmo assim, eu sentia que alguma coisa estava errada.

Percebi que eu também estava com medo de Clara.

Pus a mão na porta, vendo, pelas silhuetas no vidro pontilhado, que quase todo mundo já estava lá. A música de Deena continuava, sem uma ordem lógica. Já estava na minha cabeça, mas eu ainda não conseguia identificar que música era. O padre Molloy se debruçou sobre sua mesa na frente da sala, aparentando cansaço e preocupação.

Clara ocupava o lugar de sempre, que ninguém ousava tocar. A Outra Jennifer estava sentada ao seu lado, com um lenço de seda estranho enrolado na cabeça, como um turbante. Elizabeth estava do outro lado, ainda de cadeira de rodas. A cada poucos segundos, Clara fazia “tzt tzt tzt ha”, embora conseguisse controlar melhor o volume. Não berrava como na noite anterior.

Todo mundo na sala fingia não olhar.

Exceto Jennifer Crawford, que olhava descaradamente.

— Oi — falei, sentando na minha carteira ao lado de Deena.

— Oi — respondeu ela, esforçando-se para não olhar para o canto da sala.

— Não reconheci a música de hoje. Quem é?

— Hã? Ah, sim. É “Christine”. Siouxsie and the Banshees.

— É gótico. Gótico mesmo, das antigas — comentou Anjali. — Oi, Colleen.

— Oi, Anj. Gótico?

— Das antigas — repetiu Anjali, sorrindo.

Sacudi a cabeça.

— Desde quando você conhece “gótico das antigas”?

— Desde sempre. Taylor Swift é legal, mas não se compara.

— Emma, você sabia que nossas amigas eram sofisticadas assim?

Ela respondeu que sim com a cabeça, fazendo um bigode loiro com o cabelo.

— Uau! — exclamei. — Minhas amigas têm uma vida secreta que desconheço completamente.

— Você nunca perguntou — disse Emma, sorrindo de lado.

Sorri de volta e me acomodei no banco, me esforçando, como todo mundo, para não olhar na direção de Clara.

— Anj, você não sabe o que aconteceu — falei, inclinando-me para a frente e cutucando-a no ombro.

— O quê?

— Consegui uma entrevista.

Anjali virou no banco, com brilho nos olhos.

— Meu Deus, conseguiu? — perguntou ela, agarrando meu braço.

Respondi que sim, e pela primeira vez me permiti ficar realmente empolgada. Como as notas de Anjali eram muito parecidas com as minhas, íamos tentar muitas universidades iguais. É claro que havia uma certa competição entre nós, mas ela estava tão focada em Yale (e eu não) que não tínhamos problema

uma com a outra. Deena não estava interessada em grandes universidades. Queria estudar em pequenas faculdades de arte. Ela dizia que desejava estudar num lugar onde pudesse conhecer todo mundo, se tivesse vontade. O que era um alívio, porque aí podíamos apoiar uma à outra sem aquela falsidade estranha que rola. Mas Emma... Bem, as notas dela eram boas e tal. Não estou dizendo que não. Mas não eram nada de mais. Ela estava na turma de Humanas, mas não na de Ciências. E, de qualquer maneira, ela ia ficar em Boston, como o irmão. Eu tinha certeza. Ela não conseguiria deixar Danvers. Acho que nunca saiu de Massachusetts na vida.

— Consegui!

— Quando? Quando?

— Domingo.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Emma.

— Colleen conseguiu uma entrevista em Harvard! — exclamou Anjali.

Nem precisei dizer para onde era, porque estávamos procurando as principais universidades. Depois do diferimento da Universidade de Dartmouth, não tive mais nenhuma notícia. Minha orientadora disse que não importava, mas é claro que importava. A entrevista de Anjali na Universidade Yale estava marcada desde final de dezembro, e ela havia conseguido uma entrevista na Cornell também. Não me lembro das datas exatamente. Talvez fossem uma semana depois da minha. Pelo visto, Judith Pennepacker não achava necessário avisar. E ela estava certa. Quando Harvard dizia para correr, nós corríamos. Eles sabiam disso. E nós também.

— É mesmo? — perguntou Emma, falando baixo. E virando-se para mim: — Conseguiu?

— Consegui — respondi, incerta, por não entender a expressão no rosto de Emma. Ela parecia disfarçar alguma coisa, com aqueles olhos acinzentados.

— Quando você soube? — perguntou.

— Hoje de manhã. Recebi um e-mail.

— Ah — fez Emma, olhando de volta para a sua mesa. — Maravilha.

— Tenho certeza de que você também vai conseguir — falei, pondo a mão no braço dela. — Eu consegui no último minuto. A entrevista é no domingo. Tipo, nem tenho tempo de me preparar.

— Entendi — disse ela, sem olhar para mim.

— Domingo! — gritou Anjali. — Meu Deus! Você está empolgada?

— Harvard? — Deena entrou na conversa. — Colleen, isso é maravilhoso.

— Pois é — não consegui conter a satisfação e sorri.

Estava a ponto de dizer alguma outra coisa, e, para ser sincera, não tenho a mínima ideia do que era, porque fui interrompida por uma confusão no outro lado da sala.

— Quer parar?

Todas se voltaram na direção da voz para ver quem tinha falado.

A Outra Jennifer estava virada no banco, olhando irritada para Jennifer Crawford.

Jennifer Crawford sorria.

— Desculpe-me — disse. — É que, tipo, esse visual é totalmente diferente em você. Quer dizer, eu adorei. Parece a Elizabeth Taylor.

— cala a boca.

— Meninas! — O padre Molloy chamou a atenção, levantando-se da mesa e indo para a frente da turma com a cara amarrada. — Parem com isso. A semana foi longa. Não vamos piorar as coisas.

— O quê? — exclamou Jennifer Crawford, arregalando os olhos com falso remorso. — Eu não fiz nada. Estava só elogiando... o *turbante* dela.

— Sua vaca! — xingou a Outra Jennifer.

Levamos um susto. Era raro ver uma agressão aberta na St. Joan. Não que fôssemos santas. Só que nossos métodos eram mais sutis. Havia outras formas de esculachar alguém: uma indireta no feed de notícias do Facebook, um tweet oculto, um olhar mais longo que o normal, seguido de expressão de descaso, sussurros (estávamos sempre sussurrando). Eram os métodos de disciplina e hierarquia utilizados nos corredores da escola.

Elizabeth afundou na cadeira de rodas, no meio do fogo cruzado entre as duas Jennifers, tentando fingir que aquilo não estava acontecendo. Clara tinha virado no banco também e observava a discussão, interessada. Ficamos todas esperando o julgamento da rainha.

— Jennifer... — ela começou a dizer.

Não sabíamos direito a qual das duas ela se dirigia. Clara fazia um grande esforço com a boca para formar as palavras, a cabeça contorcida.

— Meninas... — O padre Molloy tentou de novo. — Eu realmente acho...

Mas foi interrompido por Clara, que soltou um tzt tzt tzt ha, abriu bem a boca, revirou os olhos, se recompôs e ordenou:

— Mostre para ela.

A Outra Jennifer se levantou, olhou furiosa para Jennifer Crawford, ergueu o braço e tirou o lenço da cabeça.

Ficamos aterrorizadas.

A Outra Jennifer estava completamente careca.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

O reverendo Green se inclina para a frente, o rosto tão perto do meu que sinto sua respiração.

— Você achou? — diz ele.

Refere-se a Betty Parris: eu achava que ela estava fingindo?

— Sim — confirmo. — Naquele primeiro dia, achei que, quando o reverendo Parris chegasse em casa, ela voltaria ao normal. Mas não voltou. Tituba a deitou de volta na cama e pediu para Abby ir pegar o jantar dele. Nunca ouvi nada parecido saindo da boca da Abby como naquele momento em que Betty foi mandada de volta à cama.

No corredor do lado de fora, uma menina solta uma risada e é logo censurada. O reverendo sorri, brincando com o bigode, como um jovem que sabe como as meninas são bobas de vez em quando.

— O que aconteceu depois? — pergunta ele.

— No início, nada. Betty ficou de cama, Abby, dando ordens pela casa, Tituba, trabalhando dobrado para compensar a falta da Betty. As outras crianças, Thomas e Susannah, não reclamavam de nada. Também, Thomas, estudioso, não dava muito trabalho, e Susannah ainda era muito pequena. O reverendo se dedicava aos sermões, mais carrancudo que nunca, e a esposa corria de um lado para o outro, sempre recriminada, sentindo saudade de Boston. Minha mãe a visitava com frequência. Às vezes eu ia junto, mas não podia ficar com elas. Me mandavam para o sótão, para ficar com Betty.

O reverendo Green está fascinado. Os olhos brilham pelo fogo, os belos lábios abertos revelam, sem ele saber, o dente manchado de tinta preta. Um calafrio me percorre a espinha, chegando deliciosamente à minha cabeça. Mesmo sendo vergonhoso, deleito-me com aquela atenção, mais inebriante que a sidra que Bridget Oliver nos servia na sua pousada, quando íamos madrugada adentro, rindo, cantando e jogando *shuffleboard*.

Conheço bem essa sensação. Não posso confiar nela.

— Continuou assim — digo. — Um duas semanas, sem nada diferente. Até que um dia, minha mãe me mandou ao presbitério deixar algumas coisas e pedir a Tituba algumas cebolas e meio quilo de centeio. Foi nesse dia que comecei a entender.

— O quê, Ann? O que você começou a entender?

Fico olhando para ele, os olhos ardendo com a informação que estou a ponto de passar.

— A entender o que as meninas são capazes de fazer — respondo.

No momento em que vejo as tábuas da cerca que demarca o jardim do presbitério de Parris, não sinto os pés. Eles estão lá, nas extremidades das minhas pernas, como dois pedaços de madeira. A neve cai desde ontem à noite e se deposita sobre meus ombros, minha cabeça e a ponta do nariz, parecendo pena de ganso. A neve abafa qualquer som, engolindo meus passos. Ouço apenas o ruído das minhas pisadas e

minha respiração ofegante. Minha mãe me encarregou de entregar uma cesta de artigos de cama e mesa que nossa criada está remendando para a sra. Parris, porque, como ela é inglesa, tem mais jeito com a agulha que uma indiana comum. É o que minha mãe diz.

Paro em frente à cerca e largo o cesto no chão, esticando os braços e flexionando os dedos dentro da luva para ver se volto a senti-los. Bato com os pés, em vão. Não há sangue correndo para esquentá-los. Sacudo minha capa de chuva, fazendo cair a última camada de neve que se assentou ali. A fumaça que sai da minha boca me envolve a cabeça como uma auréola e fico parada, escutando.

Silêncio.

Gosto da quietude do inverno. Nossa casa é tão agitada, com as amigas da minha mãe, meu pai e seus interesses comerciais, sempre um chapéu estranho pendurado no gancho perto da porta. Pelo menos um criado, geralmente dois, mas um acabou de nos deixar na mão, minha mãe reclama costurando perto da lareira. E nós, as crianças, dormindo três numa bicama, o que ajuda a aquecer os pés no frio, mas também atrapalha o sono, com o movimento, o ronco e os pesadelos dos meus irmãos mais novos.

De modo geral, demoro um pouco mais quando saio a pedido da minha mãe, aproveitando para ficar um tempo sozinha. Mas hoje estou com muito frio. Quero tomar alguma coisa quente e descansar os pés perto do fogo da cozinha, quem sabe ficar para jantar, mesmo que isso signifique ter que aguentar os olhares de Abby.

Abby odeia que a façam me servir. Não tenho como provar, mas estou quase certa de que da última vez ela cuspiu na minha comida.

Estou abaixando para pegar a cesta quando ouço.

No início, penso que é um pássaro. Presto atenção. Os pássaros desapareceram há semanas.

De novo: um grito alto e estridente, ao longe.

O som dura bastante.

Pego a cesta e saio correndo. A neve me prende e me arrasto com dificuldade sob o peso de todas aquelas camadas de lã, afundando mais na neve, tropeçando, caindo, me levantando, com os braços até o cotovelo enfiados em crostas de gelo.

Mais perto do presbitério, o grito fica mais forte.

A primeira coisa que penso é em Betty. A pequena Betty morreu.

Ergo a mão para bater na porta quando ela se abre e vejo o rosto pálido da sra. Parris.

— Oh, Ann! — exclama ela, agarrando-me em direção ao peito.

Os tecidos que eu trouxe caem ao chão. Vejo Susannah escondida debaixo da mesa da sala, tapando os ouvidos com as mãozinhas pequenas. Tituba, plantada ao lado do fogo, arregala os olhos. Ouço uma voz de homem berrando alguma incoerência lá em cima, no sótão. Consigo entender apenas algumas palavras: “Deus”, “expulsar”, “misericórdia divina”.

O grito é interrompido somente para a pessoa que gritava tomar ar, continuando com mais força ainda. O som preenche a casa, fazendo tudo tremer. A pequena Susannah começa a chorar.

— Isso está acontecendo há dias — diz a sra. Parris com a voz embargada. — Não consigo... não estou aguentando mais, Ann. Estava a ponto de chamar sua mãe.

— É a Elizabeth? — pergunto.

A sra. Parris se limita a olhar para mim, com os olhos inchados de chorar. Faz que não com a cabeça.

No sótão, ouço uma comoção e alguém batendo os pés. O gemido é substituído por berros. “Eu nunca vou assinar, nunca! Você não pode me obrigar! não! não vou assinar!”

A sra. Parris leva a mão à boca. Ouvimos passos pesados, acompanhando o movimento no teto. Em cada pisada, cai um pouco da poeira de entre as tábuas do assoalho. Pelas frestas das tábuas, vemos uma sombra.

Os berros se transformam numa lamúria ininteligível, e ouvimos uma voz masculina:

— Que Deus seja piedoso e Jesus tenha misericórdia de nós.

O reverendo Parris, então, desce a escada e volta para a sala, resmungando de exaustão.

Ficamos olhando para ele, esperando que ele explique o que aconteceu com as criaturas lá em cima.

— Samuel? — sussurra a sra. Parris.

Eu nunca tinha ouvido a sra. Parris usar o primeiro nome do reverendo.

O reverendo deixa o corpo cair na poltrona que fica na cabeceira da mesa de madeira e apoia a testa nas mãos.

— Tituba — ele diz distraidamente para a escrava, parada nas sombras produzidas pela luz do fogo fraco.

Faz frio no presbitério, mais frio que na nossa casa, todo mundo enrolado em mantas e usando mais de uma meia de lã. Com essa neve, eles deveriam ter trazido mais lenha, penso, olhando para a pequena pilha de troncos ao lado da lareira. Lembro-me de uma conversa entre meus pais sobre lenha e o corte da ajuda paroquial para o sustento do reverendo — manobra realizada por habitantes do vilarejo. Agora vejo como a vida dele é difícil.

Ele não diz o que quer, mas Tituba adivinha e põe em cima da mesa uma caneca, que ele pega em silêncio e bebe. Esperamos. Os gritos lá no sótão continuam.

O reverendo Parris ergue os olhos para o teto e depois encara a esposa.

— Betty continua igual — diz. — Mas Abigail está pior. Muito pior.

Abigail! Não tinha a mínima ideia de que ela estava mal. Havíamos nos encontrado outro dia mesmo, no Ingersoll’s Ordinary. Ela reclamou à beça da sopa aguada.

A sra. Parris solta um suspiro de desânimo e Tituba murmura:

— Pobre Betty.

— No culto, vou pedir à congregação que reze pela salvação delas — diz o reverendo, com o punho cerrado sobre a mesa. — Mas acho que chegou a hora. Você cuidou delas o melhor que pôde, assim como eu. Temos que pensar nas outras crianças, no peso que isso está representando para elas. O risco. Está decidido. Precisamos chamar um médico.

— Um médico! — exclama a sra. Parris. — Mas... — está a ponto de dizer mais alguma coisa, mas atenta para a minha presença e não continua.

— Isso mesmo. Mas... — diz o reverendo, levantando-se e caminhando até a janela. Olha para trás. — Será que ele vem se eu chamar? É uma questão. Eles acham que podem me matar de fome. Acham que vou desistir. Estão muito enganados. Já enfrentei coisas piores.

O reverendo olha rapidamente para Tituba, que lhe vira as costas sem dizer nada. Ela está com o reverendo Parris desde antes do sacerdócio. Desde antes da sra. Parris. Os dois trocam um olhar grave, daqueles típicos da ilha.

— Vou ver como estão as crianças — diz Tituba, olhando para a chaleira sobre o fogo, sem se dirigir diretamente a nenhum dos Parris.

— Não vamos ter como pagar — lembra a sra. Parris, falando baixinho, assim que Tituba sai. Percebo que não haverá cebola nem centeio de sobra nesta casa.

Os Parris são orgulhosos. Não desejam que minha mãe e meu pai saibam. Digo a eles que esqueci de pedir. Deus perdoa uma mentira dessas, com certeza.

— Não mesmo — concorda o reverendo Parris. — Mas precisamos encontrar um médico de qualquer maneira. Alguém que queira ajudar. Bill Griggs, talvez. Vou perguntar a ele diretamente.

Os gritos continuam durante toda a conversa, mas agora eles se transformaram num uivo amargo: — fora daqui, sua bruxa! Vadia! Não quero ninguém aqui!

Ouvimos o som de um objeto se estilhaçando, como se tivesse sido jogado na parede.

Em seguida, Tituba reaparece na escada do sótão, olhando para baixo. Assim que ela chega onde estamos, os gritos cessam abruptamente.

O reverendo e a sra. Parris se entreolham. O único som que se ouve na casa é o da pequena Susannah embaixo da mesa, chorando sozinha, desamparada.

— Ann — diz a sra. Parris, tocando meu braço. — Suba lá.

— Eu, sra. Parris? — pergunto, quase sem ar.

— Sim, você. Elas vão ficar felizes de te ver. Pode subir?

Não posso desobedecer à esposa do pastor. Se ela me diz para ir, eu vou.

— Sim, sra. Parris — respondo sem querer, ignorando o som de sangue correndo nos meus ouvidos.

Seguro na escada com os braços tremendo. Começo a sentir meus pés de novo, embora não completamente ainda, e me esforço para não pisar em falso nos degraus estreitos.

Quando chego ao sótão, na parca luz cinzenta que vem das janelas cobertas de neve, vejo Betty na sua cama, de olhos arregalados, todas as cobertas emboladas sob o queixo.

Na outra cama, de cabelo solto, sentada com um cobertor de lã lhe cobrindo as pernas, Abigail Williams.

Sorrindo para mim.

*DANVERS, MASSACHUSETTS**SEXTA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2012*

Todo mundo na turma do padre Molloy prendeu a respiração. Até que lentamente, inevitavelmente, começaram as risadinhas.

Eu poderia dizer que procurávamos manter o equilíbrio, que era por causa do choque, do medo, do constrangimento, mas nada disso importava. A risada vinha lá do fundo, e nada do que pudéssemos fazer impediria que a sala inteira caísse na gargalhada.

A Outra Jennifer estava careca. E não estou dizendo “de cabeça raspada”, não. *Careca mesmo*. Com a cabeça brilhando, parecendo até polida, estragada apenas por uma mancha atrás da orelha. Os cílios e as sobrancelhas ainda estavam lá, e por isso não era uma calvície como a dos pacientes de câncer. Era bizarro, horrível e, ao mesmo tempo, hilário. Também não consegui conter a gargalhada.

— Oh, meu Deus — exclamou Jennifer Crawford, levando as mãos à boca, os olhos arregalados de espanto, achando graça.

A Outra Jennifer ficou parada na nossa frente, com o lenço de seda estilo Elizabeth Taylor pendurado na mão e uma expressão de humilhação e dor estampada no rosto.

— Você acha engraçado? — gritou ela, com a voz estridente.

Estava rodeada de risadas. Algumas de nós tentamos sufocar o riso, sem sucesso. Outras nem tentaram. A Outra Jennifer era popular, mas não era tão valorizada quanto Clara e Elizabeth. A popularidade tem dessas coisas.

— Oh, meu Deus, Jennifer — exclamou Jennifer Crawford com as mãos na boca. — O que aconteceu com seu cabelo?

— Meninas — o padre Molloy começou a dizer. — Estou falando sério...

Mas não foi o padre Molloy que atraiu nossa atenção.

— Jennifer — disse Clara, virando-se no banco em direção a Jennifer Crawford.

Paramos a bagunça para ouvi-la. Sua voz era tranquila, com um tom quase coloquial. E ela não fazia “tzt tzt tzt ha”.

— Não acho legal o que você está fazendo — disse simplesmente.

Clara encarava Jennifer Crawford, que se encolheu diante do comentário da rainha.

— Mas eu só estava... — Jennifer Crawford começou a protestar.

Sem se dar ao trabalho de sair do lugar, Clara pôs a mão no braço da Outra Jennifer, que tremia, com as mãos apertadas ao lado das pernas, sem saber se saía correndo ou dava um tapa no rosto de Jennifer Crawford. Ao ser tocada por Clara, sua tensão diminuiu perceptivelmente, e ela fitou a amiga, que fez um gesto interrogativo com a cabeça.

Ninguém mais ria. Num minuto, a sala ficou em silêncio.

A Outra Jennifer se virou para Jennifer Crawford, olhando fixo para ela, enquanto ela se sentava.

— O que estou dizendo — continuou Clara, com mais tranquilidade ainda — é que eles ainda não sabem o que está acontecendo com a gente. Você poderia ter um pouquinho mais de respeito, não acha?

Jennifer Crawford se curvou no banco como um cachorrinho assustado.

— É — respondeu, de forma quase inaudível.

Clara ficou olhando para ela por mais um longo minuto e depois encarou a turma, cúmplice da desobediência de Jennifer Crawford. Baixamos o olhar. Tínhamos rido, todas, sem exceção. Éramos culpadas.

Quando percebeu que já tinha dado o recado, Clara se ajeitou no seu lugar, cruzando as mãos na mesa. Fez um sinal para o padre Molloy, como que lhe dando permissão para continuar.

O padre Molloy voltou para a frente da sala, repetindo várias vezes “muito bem, então”, até ser interrompido pelo estalo das antigas caixas de som, que voltaram a funcionar.

— Santa Maria, rainha da sabedoria, interceda por nós. Amém. Atenção, meninas. Colleen Rowley, poderia ir até a sala da enfermeira? Colleen Rowley, para a sala da enfermeira. Obrigada.

Mais um estalo nos alto-falantes.

Todos os olhos se voltaram para mim.

— Eu? — perguntei.

Olhei para Emma. Ela encolheu os ombros, absorta nos seus pensamentos.

Olhei para Deena, que movia os lábios: *vai dar tudo certo*, e para Anjali, que acenou com a cabeça e a mão para mim, desdenhosa.

— Sua vez, Colleen — disse o padre Molloy.

Levantei-me, recolhi minhas coisas, sem entender por que eu estava sendo chamada tão cedo. Quer dizer, eu sabia que eles iam conversar com todo mundo, mas, por algum motivo, achei que fossem chamar por ordem alfabética de sobrenome. Achei que Emma e Anjali fossem antes de mim.

O padre Molloy veio falar comigo.

— Olhe — disse ele, com uma mão no meu ombro —, você não deveria ter que fazer isso. Não é da conta deles.

Fiquei surpresa com essas palavras, perguntando-me se era verdade que eles realmente não sabiam a causa do que estava deixando todo mundo doente.

— Não me importo — falei.

Mas as palavras do padre me fizeram hesitar.

— Não é da conta deles — repetiu o padre Molloy, pronunciando palavra por palavra.

Demonstrei que entendia, mas abracei os livros e fui até a porta da sala, acompanhada por doze pares de olhos.

— Colleen — disse a enfermeira Hocking, erguendo o olhar para mim. — Obrigada por ter vindo conversar com a gente hoje.

Com a gente?

A enfermeira da escola andava muito elegante ultimamente, como se estivesse sendo maquiada por um profissional. Usava até salto alto. Eu sabia que ela dava uma palavrinha com os repórteres todo dia, dizendo que as meninas estavam ótimas e que ela não tinha permissão para divulgar nenhum detalhe do

diagnóstico por questões de privacidade, mas que podia garantir para a comunidade que a escola estava completamente blá-blá-blá-blá. No início, fazíamos questão de assistir a todos os noticiários, na esperança de obter mais informações, mas logo percebemos que a única informação que passariam na televisão era aquela fornecida pela enfermeira Hocking. Chegamos à conclusão de que seria melhor buscarmos informações por conta própria.

— Sente-se — disse a enfermeira, apontando para uma cadeira do outro lado da mesa onde estava sentada.

Ao lado da enfermeira, uma mulher que eu nunca tinha visto antes. Também segurava uma prancheta, fazendo o máximo para se camuflar nas cortinas.

— Olá — falei diretamente para ela.

— Por favor — repetiu a enfermeira Hocking, apontando para a cadeira de novo. — Sente-se.

— Hmm — fiz, sentando-me e olhando para a mulher. — Não sabia que teria mais alguém aqui.

— Não se preocupe — disse a enfermeira Hocking, sem dar muita importância. — Ela tem autorização para estar aqui.

Eu poderia ter feito uma dezena de perguntas naquele momento, perguntas pertinentes como *autorização de quem?* ou até *quem é ela?*, mas estava nervosa e confusa. E ainda confiava na enfermeira Hocking — quer dizer, ela era tão jovem, bonita e legal. Dava-me atestados para poder faltar ao hóquei quando eu estava com muita cólica e sempre acreditava em mim. Era um pouco estranho ter outra pessoa ali na sala, é verdade, mas não tive como me opor. Não tinha idade para discordar dos médicos.

Havia uma planta baixa da escola pendurada no mural atrás da mesa da enfermeira Hocking, com sete tachinhas vermelhas, cada uma com um Post-it embaixo e uma data. Os Post-its estavam todos ligados com diferentes cores.

— Bem — disse a enfermeira Hocking, abrindo uma pasta. — Não deve demorar muito. Peço perdão por algumas perguntas que vou lhe fazer. Algumas são bem pessoais. Mas garanto que tudo será mantido no mais absoluto sigilo.

Aquela palavra de novo, *sigilo*. A enfermeira Hocking vinha usando bastante essa palavra.

— Tudo bem — respondi, olhando incomodada para a outra mulher ali presente. — Achei que todo mundo estivesse melhorando.

— Sim — disse a enfermeira Hocking, hesitando um pouco mais que o normal na resposta. — É só por precaução.

— Precaução — a outra mulher disse com mais força.

Era a primeira vez que falava. Tinha a voz grave, como se fumasse.

— Então, Colleen.

A enfermeira usava bastante meu nome. Era estranho.

— Estou vendo aqui que você já tomou todas as vacinas. Contra difteria, coqueluche, tuberculose, catapora...

— Não acredito que existe vacina contra catapora agora! — a mulher exclamou, rindo.

— Sim — falei, olhando para uma e para a outra.

— E você já teve alguma reação a vacinas?

— Acho que não. É melhor perguntar para a minha mãe. Eu não me lembro.

— Nenhuma coceira, reação na pele, dor de cabeça, cansaço?

— Hmm — fiquei tentando me lembrar de algo que valesse a pena mencionar, mas não encontrei nada além de espernear e dar escândalo aos oito anos. — Não que eu me lembre.

— E você tomou as vacinas contra hpv? — perguntou a enfermeira Hocking, atraindo a atenção da outra mulher, que parou de olhar para a prancheta, esperando minha resposta.

— Hmm — hesitei.

— Colleen — interrompeu a enfermeira —, você é sexualmente ativa?

Ah, que ótimo.

Como alguém vai saber responder a essa pergunta? Tipo, tecnicamente a resposta era não. Mas também não era. Depende do que ela queria dizer. Cheguei perto. Na festa de calouros, um cara chamado Clark, que eu conhecia do grupo juvenil da igreja, me puxou durante uma música lenta e me deu um beijo. Os lábios dele eram quentes, o queixo, duro, e ele tinha gosto de confete. Correspondi ao beijo e, quando a língua dele entrou na minha boca, fui invadida por um desejo tão intenso que saí correndo para o banheiro e vomitei.

Houve outros caras, nada de mais, ficadas em festas e coisas do tipo. Teve Evan. Ele estudava na St. Innocent, e estávamos bastante firmes no ano passado. A maior parte do nosso relacionamento, por assim dizer, era por mensagem de texto. Uma noite, saímos para tomar café num lugar em Salem e, quando percebemos que havia uma banda se preparando, resolvemos andar ao ar livre. Nossas mãos se encontraram no escuro, nossos dedos se entrelaçaram, e o toque da sua pele na minha me fez estremecer, com uma sensação quase de náusea, como da outra vez. Fazia calor. Conseguimos entrar no cemitério que fica atrás do museu de arte, e ele me beijou. Correspondi ao beijo com vontade, agarrando seu cabelo. Ele, então, me pôs sobre um túmulo, abriu minhas pernas e me descobriu no escuro, com um dedo dentro de mim, me olhando nos olhos. As estrelas à minha volta se lançavam na escuridão.

Depois disso, eu passava o tempo todo que podia com Evan. Foi muito melhor do que eu... Bem. Foi bom. Muito, muito bom. Ele também queria. Ele tinha me pedido. Mas eu estava com medo. Todo mundo me dizia que não era nada de mais. Não acho que tenhamos parado de nos ver por causa da minha dúvida. Evan não era um cara mau. O fato é que ele conseguiu um estágio em D.C. no verão passado, e nós dois começamos a fazer outras coisas. Vi no Facebook que ele estava saindo com uma menina que conheceu no estágio e passei a noite chorando, com Emma me consolando no meu quarto. Não sei por quê. Ele nunca foi meu namorado, oficialmente. Ainda mandávamos mensagens de texto um para o outro de vez em quando. No final, não dei nenhum escândalo. Às vezes, desejava ter dado.

E agora, Spence.

Mais ou menos.

Talvez.

Será que ele já...?

Eu pensava na sua tranquilidade, a postura relaxada, as camisas de colarinho abotoado.

Com certeza já.

Fiquei vermelha, preocupada que ele não gostasse de saber que eu nunca fiz. Os caras deveriam gostar de meninas que nunca fizeram, mas acho que eles não gostam. Ficam nervosos. Agora, fico me lamentando de não ter tido coragem de tentar com Evan. Tenho certeza de que teria sido o.k. Talvez

melhor que o.k., e agora eu não estaria tão preocupada com essa história. Último semestre do último ano, e ainda agindo como uma criancinha.

— Colleen? — chamou a enfermeira.

Percebi que eu não tinha respondido.

— Não — eu disse.

— O.k.

A enfermeira Hocking anotou alguma coisa.

A outra mulher também.

Eu me mexi na cadeira.

— E suas amigas? — insistiu a enfermeira. — Alguma delas é sexualmente ativa?

Um certo embrulho no estômago me indicou que aquela pergunta era totalmente descabida.

— Não sei se deveria... — protestei.

— Não tem problema — disse a outra mulher. — Recebemos permissão.

Olhei para ela e pensei nas minhas amigas. Anjali, com certeza, sim. Ela teve vários namorados nos lugares em que morou antes de vir para Danvers, e acho que ela perdeu a virgindade quando tinha uns catorze anos, o que, pessoalmente, me parece cedo demais, mas ela me dizia que eu era muito puritana. Ela e Jason com certeza já haviam chegado a esse estágio, não que ela tivesse me contado, porque ela sabia que eu não gostava dele. Sei que ela era cuidadosa nessa área. Muito cuidadosa. Pílula e camisinha, sempre. Ela era determinada demais para deixar que um erro idiota estragasse seus planos para Yale.

Deena tinha me confessado que havia conhecido um cara no Japão durante o intercâmbio no verão passado. A relação foi bastante intensa por dois meses, e agora ela está meio que num intervalo, porque eles terminaram de maneira bem dramática, devido sobretudo à impossibilidade de um relacionamento à distância com um cara no Japão. Deena ainda não havia se recuperado. Chorava nos aeroportos e coisas desse tipo. O cara era americano e fazia intercâmbio também, mas acho que eles ainda acreditavam que era possível. Ou seja, Deena também estava na coluna “sim”.

Pensei em Emma e percebi que não fazia a mínima ideia se ela era sexualmente ativa ou não. Não é estranho? Minha amiga mais próxima, com certeza minha amiga mais antiga, e eu não tinha a mínima ideia. Ela andava com os mesmos caras que nós, aquele grupinho da St. Innocent e outras escolas, e acho que até ficou com alguns deles. Mas Emma era engraçada nesse sentido. Por mais que eu investigasse sua vida, havia sempre uma barreira que eu não conseguia transpor.

— Hmm... — Eu estava dizendo bastante *hmm* naquela entrevista. — Algumas, eu tenho certeza que sim.

— E Clara Rutherford?

— Clara? — repeti.

Clara e eu não éramos tão amigas para eu saber. Fiquei olhando para a enfermeira Hocking, pensativa. Evidentemente ela não saberia se éramos próximas ou não. Olhando de fora, devia parecer que fazíamos parte do mesmo grupo. Os adultos às vezes perdiam gradações sutis de distinção social como essa.

— Você sabe se Clara é sexualmente ativa? — a outra mulher refez a pergunta, como se eu não

tivesse entendido.

— Bem, eu não... Por que é que vocês estão conversando comigo primeiro, posso saber? — perguntei, desconfiada.

A enfermeira e a outra mulher se entreolharam.

— Você foi a primeira a nos chamar a atenção para o fato — respondeu a enfermeira Hocking. — Você é uma espécie de ponto de partida de toda essa... — Fez uma pausa, procurando o eufemismo certo, optando finalmente pelo termo “situação”, soprado pela outra mulher.

— E?

— E... — começou a dizer, prolongando a frase — estamos tentando reconstituir tudo o que aconteceu desde que Clara e as outras meninas adoeceram. Só assim teremos certeza de que a doença está controlada.

— E por que não estaria controlada? — perguntei.

— Mas está — acrescentou rapidamente a enfermeira.

— Estamos quase terminando — disse a outra mulher, como se isso fosse resolver as coisas.

— Só mais uma pergunta, Colleen — disse a enfermeira Hocking, folheando os papéis da minha pasta. — Quantas vezes você teve faringite?

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— **Sorrindo para você?** — pergunta o reverendo Green, franzindo as sobrancelhas.

— Sorrindo — afirmo. — Como um cachorro com um osso na boca.

— Mas você disse que ela estava gritando desesperadamente quando você chegou ao presbitério.

— Disse.

O reverendo se encosta na poltrona, com um dedo na têmpora.

— E que a sra. Parris tinha dito que ela estava assim havia alguns dias.

— Exato — confirmo, olhando para o reverendo sem saber se ele entende.

— Compreendo — diz, finalmente. — Continue.

Estou no sótão e escuto o reverendo Parris lá embaixo dizendo para a mulher que ele vai consultar alguém digno de confiança. Lista vários nomes. Conheço todos. São homens muito ativos no vilarejo. Entre os nomes citados, o primeiro é o do meu pai.

A sra. Parris pergunta alguma coisa que não consigo ouvir.

— Amanhã, se der — responde o reverendo Parris.

Ouçõ Tituba preparando o almoço. Susannah parou de chorar, e Thomas faz uma pergunta ao pai que eu não consigo ouvir.

Amanhã, Abby será descoberta.

— Abby, o que está acontecendo? O que você está querendo? — pergunto sussurrando, para os adultos não me ouvirem.

Ela abre o sorriso. Encolhe os ombros.

— Você ouviu o que eles disseram — digo. — Amanhã, o reverendo vai chamar alguns especialistas para te examinar. Eles vão descobrir que não está doente, e você vai passar vergonha, vai ser exposta ao ridículo.

— Não vou, não — ela diz.

— Vão jogar terra e repolhos em você, e os repolhos vão estar congelados. Imagine só, um repolho congelado batendo no seu rosto.

Ela se encosta no travesseiro e brinca com alguns fios de cabelo. Está penteada e arrumada, com as bochechas rosadas do descanso. O clima é agradável no sótão, devido ao calor da lareira lá de baixo, além do cheiro do almoço, aquele cheirinho de comida assando na brasa. Finalmente, volto a sentir os pés, depois da longa caminhada na neve. Queria eu mesma deitar nessa cama.

— Olhe, Annie — diz Abby. — Se a Betty está doente demais para ajudar, por que eu não posso estar também? Talvez ela tenha me contagiado. De qualquer maneira, sempre me canso mais que ela. Por que eu tenho que ajudar e ela não? Ela não é melhor que eu. Eu mereço um descanso.

Betty Parris está nos observando com os olhos bem abertos. Faço um sinal de confirmação. Ela balança a cabeça, mas não diz nada.

— É mentira, Abby — digo, entrelaçando as mãos sob o avental. — E mentir é pecado. Se você sente que eles estão te explorando, precisa pedir a misericórdia de Deus. Você não pode fazer tudo sozinha.

Ela faz beijo, com a cara zangada.

— Mas eu estou doente! — reclama. — O reverendo disse. Estou sendo torturada, despedaçada. Olhe!

Estica o braço fino e puxa a manga do casaco até acima do cotovelo. A pele está toda manchada, com marcas vermelhas horríveis.

— Nossa, Abby! — exclamo, aterrorizada. Parece varíola, só que pior.

Corro em sua direção, envergonhada pela minha desconfiança. Ela sorri, triunfante. Apoio-me na beirada da cama e pego o braço dela, para examiná-lo mais perto da luz.

— Está vendo? — diz ela. — Já viu uma coisa assim? Preciso repousar. Tudo o que eles fazem só piora. A sra. Parris e aquela bruxa estão desesperadas para achar uma cura.

— E o que elas fizeram? — pergunto, perplexa com as marcas.

Olhando de perto, não parecem varíola. Acho que nunca vi nada parecido. Exceto, talvez... Lembro-me de uma ocasião em que meu irmão se deparou com uma ratazana no palheiro e voltou aos prantos, com a mão toda mordida.

— Ah, quase tudo. Cataplasmas, gesso, chá quente com folhas de sálvia, purgantes e muito repouso, claro. Preciso descansar — diz Abby, de maneira recatada, fechando os olhos.

Esfrego o dedo nas marcas. Abby se encolhe. Pela vermelhidão, as marcas deveriam estar com pus, mas não estavam. Com certeza ardiam bastante.

— E não melhorou? — pergunto.

— Não. Fico aqui chorando e gritando. — Ela faz uma pausa. — E o Thomas tem que carregar os baldes para mim.

Vejo um brilho malévolo nos seus olhos. Ela tira o braço da minha mão e ajeita a manga do casaco.

— Abby — começo a dizer.

— É fácil — ela diz. — Quer que eu te mostre?

— Me mostrar? — pergunto.

Ela responde que sim com a cabeça, sorrindo de maneira esquisita.

— Arregace a manga — ordena.

Tiro minha capa e puxo a manga da jaqueta apertada até onde dá, alguns centímetros acima do pulso. Abby pega meu braço e examina suavemente minha pele com a ponta do dedos, sorrindo.

De repente, leva meu braço até a boca e enfia os dentes na minha carne.

Dou um berro, consigo me desvencilhar e fico olhando para ela, horrorizada.

Ela ri, enxugando a boca com as costas da mão.

— Abby! — grito, apoiando o braço na perna.

Vejo um semicírculo de marcas roxas na minha pele, algumas tão profundas que chega a sair sangue.

Lá embaixo, os Parris se perguntam quem de nós havia gritado. *Foi a Betty? Não parecia a Betty. E não foi o grito da Abby. Será que foi a Ann? E se tiver sido a Ann?*

Ao pé da escada, o reverendo Parris chama:

— Ann? Você está bem?

Abby, abraçada à própria cintura, sorri silenciosamente.

— Está vendo? — sussurra. — Fácil.

Eu estava de pé, olhando para ela com assombro e terror.

— Ann? Responda! Estou subindo aí.

— Não! — digo quase sem voz. — Estou bem. Obrigada, reverendo Parris.

— Quem foi que acabou de gritar?

Abby me olha, esperando para ver o que vou falar. Betty também me observa, com as cobertas puxadas até a boca.

— Ah — hesito. Poderia dizer que foi Abby. Mas aí ela veria que estou mentindo. — Fui eu, reverendo Parris. Eu que gritei. Mas estou bem.

Abby havia se ajeitado de novo nas cobertas, os braços para trás, dando apoio à cabeça.

— Você vai ver — sussurra ela, sorrindo, sonolenta. — Vale a pena se sentir mal de vez em quando.

— Ann, pode descer? As meninas precisam descansar, e temos uma mensagem para você levar para o seu pai. Desça aqui!

A escada trepida com a insistência deles.

Pego minha capa e me afasto de Abby. Desço insegura, como se a cada passo um poço se abrisse mais à minha volta.

— Estou indo — aviso, com a voz tremendo.

— Sempre temos que ir quando nos chamam — sussurra Abby. — Um monte de obrigações, obedecer a todo mundo. Você vai ver, Annie. Não merecemos um pouco de diversão?

DANVERS, MASSACHUSETTS
SEXTA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2012

A enfermeira da escola e a misteriosa mulher que a acompanhava me interrogaram por uma eternidade. Todo tipo de pergunta sobre faringite: se eu já tive, quantas vezes, se já tive escarlatina, febre reumática. Eu disse que não me lembrava, mas tudo isso não tinha que estar na minha pasta? Elas responderam que sim, mas queriam garantir que as informações estavam corretas. “Você poderia perguntar para os seus pais?” etc. etc. Fiquei o tempo todo olhando para o mapa pendurado atrás da mesa da enfermeira.

O das sete tachinhas.

No momento em que me liberaram, a aula em que eu estava já tinha acabado, e cheguei para a aula de História. Na verdade, “cheguei” é um modo de dizer, porque faltavam só dez minutos para a aula acabar. Naquele ritmo eles não iam conseguir falar com todo mundo do último ano. Ou, se conseguissem, só terminariam quando estivéssemos na faculdade.

Quando entrei na sala, a sra. Slater estava concluindo uma longa aula sobre arquitetura colonial, com um projetor e transparências de plantas baixas, cheias de setas e coisas do tipo. Ela me viu entrar e fez sinal para que eu me sentasse. Emma deve ter dito a ela onde eu estava.

— Você demorou — sussurrou Emma, tirando o casaco que guardava o lugar no banco para mim. — O que te perguntaram?

— Coisas estranhas — sussurrei de volta. — Tipo, que vacinas eu tomei, se já tive faringite e se eu transava com alguém.

Emma ficou pálida.

— Oh, meu Deus. Que horror!

— Pois é. Mas essa não foi a parte mais bizarra — falei, olhando para os dois lados para me certificar de que ninguém ouviria.

Emma se aproximou.

— Não foram cinco — sussurrei.

— Como assim, não foram cinco?

— Foram sete.

— Impossível! — exclamou, endireitando-se no banco, com os olhos arregalados de pânico. Apoiava as mãos na mesa para se obrigar a ficar sentada. — Sete? Te falaram isso?

— Não. Mas vi um mapa, uma planta igual a essa — apontei para a imagem que a sra. Slater estava mostrando. — É a planta da escola. E tinha sete tachinhas pregadas, em diferentes grupos. Reconheci dois na capela.

— Sete — repetiu Emma, olhando para o vazio.

Observei as outras meninas da turma, perguntando-me se alguém sabia. E se alguma delas fosse uma das sete? E se aquilo fosse só o começo?

O sinal tocou, e eu estava arrumando minhas coisas para ir embora quando a sra. Slater veio falar comigo.

— Colleen? Poderia esperar um segundo?

— Claro — respondi.

Esperamos todo mundo sair. Emma ficou enrolando até perceber que a sra. Slater queria falar comigo a sós. Ela foi embora, mas não sem me apertar o braço num gesto de despedida. Quando a sala ficou vazia, fui até a mesa da sra. Slater.

— O que houve? — perguntei.

— Diga-me você — respondeu a sra. Slater, entregando-me uma folha de papel.

Peguei o papel e não entendi. As marcações rabiscadas não faziam sentido. Um monte de X vermelhos e pontos de interrogação.

— Poderia me dizer o que aconteceu? — perguntou a sra. Slater, encostando-se na cadeira e brincando com uma caneta, clicando numa extremidade para fazer sair a ponta e clicando de novo para a ponta voltar.

— Eu...

Olhei com mais atenção o papel. Havia um 6,5 escrito em cima. Seis e meio? Seis e meio o quê?

Meu Deus!

Era meu teste-relâmpago.

Em pânico, sinto uma cratera se abrindo sob meus pés e me vejo afundando num poço escuro, girando e arranhando as paredes, sem conseguir evitar a queda. Minhas mãos tremem.

A sra. Slater clicou de novo na extremidade da caneta, dessa vez em câmera lenta. O clique soou como a explosão de um canhão.

— Seis e meio? — perguntei, com a voz grave.

Bum!

— Eu sei. Pelos seus comentários em aula, achei que estivesse em dia com a matéria. Principalmente porque você e a Fabiana estão...

Eu já sabia o que ela ia dizer e a cortei na hora, furiosa.

— Seis e meio? Isso é uma palhaçada! — soltei, sem conseguir segurar a língua.

Nunca tinha tirado uma nota tão baixa. Nunca. Nem uma vez na vida. Não era possível. Ela devia ter cometido algum erro.

— Colleen, sei que está chateada, mas você não pode falar assim. Essa linguagem não é apropriada — ela disse, séria.

Apropriada! Vou mostrar para ela o que é apropriado: eu não tirar 6,5, essa nota de m.. Sinto um aperto no peito. Amasso a folha de papel na mão, à medida que as paredes do poço se fecham, me prendendo ali.

— Desculpe-me — digo, com a voz embargada. — Mas não posso tirar seis e meio. Não é possível.

Minha média ia para o espaço. Fabiana ia ser a oradora da turma. Eu não conseguiria entrar numa boa universidade. Seria o fim. De tudo. Todos os anos de trabalho árduo, as noites em claro resolvendo problemas, o trabalho voluntário, os créditos, as pesquisas. Nada disso teria mais importância, porque essa mulher — quem era ela, afinal? O que lhe deu o direito de decidir? Um teste-relâmpago idiota sobre

uma coisa idiota que aconteceu há trezentos anos com um bando de pessoas para as quais ninguém ligava, que não tinham nenhuma relação com a vida real.

— Não só é possível como é provável, se você não leu o que tinha que ter lido. É assim que funciona.

A sra. Slater me observava, não de maneira antipática, mas sem ceder. Procurei uma cadeira e me sentei, desconsolada.

— Não posso... não posso...

Sinto o nariz irritando e mordo a bochecha para não chorar. Não queria que uma maldita professora substituta me visse chorando.

— O que mais me incomoda — disse a sra. Slater, deixando a caneta no mata-borrão — é que minha intenção era facilitar para vocês. Bastava dar uma olhada rápida no material para tirar dez. Imaginei: vocês estão no último ano, são muito esforçadas, o exame apas espera no final. Por que não ajudar de vez em quando? Todo mundo tirou nota boa. A sua foi a única nota ruim.

Eu estava furiosa demais para encará-la. Tinha certeza de que merecia um 8, pelo que tinha estudado. Um 8 teria sido justo. *Nota ruim*. Será que ela não via o que esse teste representaria para mim? Não era justo. Eu estava me esforçando tanto! A sra. Slater oscilava na minha frente, num denso nevoeiro vermelho.

Olhei para ela com raiva e disse:

— Bem, de qualquer maneira, isso não vai importar quando o sr. Mitchell voltar.

— Não vai?

— Não. Ele vai desconsiderar tudo o que a senhora fez com a gente, então não faz diferença.

Eu não sabia se aquilo era verdade, mas queria que fosse. O sr. Mitchell jamais julgaria todo o nosso esforço com base num teste-relâmpago idiota. Ele era inteligente demais para isso. E quem era a sra. Slater? De onde aquela mulher tinha vindo? O que ela sabia?

Minha vida se equilibrava na corda bamba entre trabalho/atenção e preparação/planejamento, como naquele número de malabarismo em que os pratos giravam sobre varetas, passando de uma à outra sem cair. Eu era ótima nessa parte. Acordava cedo, ficava até mais tarde na escola, girando pratos pelo tempo que precisasse. Estava ficando cansada. Não queria mais aquilo. Mas não sabia o que aconteceria, não sabia o que seria de mim, se um dos pratos quebrasse.

Odiava o sr. Mitchell por ter ficado doente. Odiava a sra. Slater, com sua maneira de falar e pela ideia de dar testes-relâmpago. Odiava minhas amigas por terem lido a matéria e gabaritado no teste. Odiava a mim mesma por não ter gabaritado.

A sra. Slater se levantou com um suspiro e foi até o quadro, pegou um apagador e começou a apagar o dia, pouco a pouco, de costas para mim.

— Muito bem, Colleen — disse ela. — A questão é que o sr. Mitchell não vai voltar.

— Como assim, não vai voltar? — perguntei, aturdida.

Ela pôs o apagador de volta no suporte e se virou, encostando-se no quadro. Cruzou os braços sobre o peito magro e me encarou com uma sobrancelha levantada. Ia sujar toda a bunda de giz daquela maneira, pensei. Esse pensamento, por mais errado que fosse, me fez bem.

— É isso. Ele não vai voltar, e o programa de mercado de trabalho da universidade não vai começar

até o próximo semestre, o que significa que vamos ter que nos aguentar por todo esse tempo e dar um jeito de superar isso. Sei que você está chateada, e acho que entendo muito bem por quê, mas isso não lhe dá liberdade para agir dessa maneira. Gostaria que você se desculpasse.

Ter que nos aguentar? Olhei para as mãos, ainda mordendo a bochecha. Enxuguei a lágrima que queria cair e senti meu rosto ficando vermelho de vergonha.

— Desculpe. Eu estava só... — minha voz falhou. — Estou chateada mesmo. Não queria ter falado assim com a senhora.

A expressão no rosto da sra. Slater se suavizou e ela voltou para a mesa, apoiando-se nos cotovelos.

— Assim está melhor. Obrigada. Aceito seu pedido de desculpas. — Fez uma pausa e perguntou: — Quer me contar o que está acontecendo?

Fiquei esfregando a testa. Estava exausta. Seria capaz de deitar a cabeça na mesa e dormir ali mesmo.

— Não sei — respondi. — É que... eu só...

Ela esperava. Gostei daquilo. Os professores da St. Joan adoravam terminar as frases dos outros.

— Estou me dedicando demais. E estou cansada — falei com a voz fraca.

— Sei que você se dedica — disse ela.

Ficamos um tempo em silêncio.

— Como foi a entrevista com a enfermeira? — ela perguntou. — Foi tão horrível quanto parecia que ia ser?

Ri e baixei as mãos.

— Pior — respondi, esfregando o canto dos olhos. — Deus. O que eu não entendo é: achei que eles tivessem chegado à conclusão de que o problema era por causa das vacinas. Vacinas contra hpv, sei lá. Mas quando começaram a me perguntar tudo sobre... — Fiz uma pausa, constrangida. — Outras coisas. Tipo, quantas vezes tive faringite. Faringite não é normal?

— Muito normal — concordou a sra. Slater. — Você já teve?

— Todo mundo não tem, uma ou duas vezes na vida? Não me lembro.

— Bom, eles devem ter um motivo para perguntar isso.

— Imagino que sim.

Uma expressão engraçada passou pelo rosto da sra. Slater. Ela fez menção de dizer mais alguma coisa, mas mudou de assunto.

— E como está sua relação com as universidades? Já conseguiu alguma coisa ou ainda está tentando?

A sra. Slater me olhava de uma maneira tão verdadeira e interessada que não consegui me conter e deixei escorrer uma lágrima.

— Dois diferimentos, Williams e Dartmouth. Não entendo. Quer dizer, são universidades altamente seletivas, mas mesmo assim.

Não revelei nenhum dos meus recalques, coisas do tipo *Como é que a Fabiana tinha conseguido entrar na Vassar? Sei que ela tira boas notas, mas ela é tão vazia* ou *Não sei por que a Deena não está tentando universidades maiores, mesmo ficando feliz com isso, porque, dessa forma, ela não vai concorrer comigo como a Anjali*. Ou *A Leigh Carruthers deveria ser mandada para uma escola de aperfeiçoamento e pronto. Eles não fazem isso de vez em quando?* Devemos ser positivos. Não

podemos dizer essas coisas em voz alta. Principalmente sobre nossas amigas.

— Então você ainda está tentando. Por isso que está chateada.

Concordei com a cabeça.

Ela suspirou e falou:

— Vou te dizer uma coisa.

Olhei para ela, cheia de esperança.

— Não posso anular a nota. Não seria justo com todo mundo.

Adeus, esperança.

— Mas podemos conversar sobre pontos extras, se você quiser.

— Meu Deus, jura? É possível?

— Claro — respondeu ela, sorrindo. — Mas você não pode ter preguiça. Vai dar trabalho. Você vai precisar administrar muito bem seu tempo para não ficar para trás.

— Ótimo! Eu topo. Queria que a senhora soubesse, sra. Slater, que normalmente não sou assim. Nunca deixo de me preparar. Nunca.

— Eu sei. Sua reputação é boa — ela disse, levantando uma sobrancelha de novo. — E eu, normalmente, não tenho esse tipo de conversa, porque sou bastante rígida com minha política de avaliação. Mas devido a tudo o que tem acontecido nas últimas duas semanas e ao seu envolvimento, acho que podemos abrir uma exceção, só desta vez.

Meu envolvimento? Eu estava envolvida? O que ela queria dizer com isso? Ah, mas quem se importava, se eu ia poder me recuperar daquele 6,5.

— Muito obrigada, sra. Slater. Não sei como te... — comecei a dizer depressa.

Ela me interrompeu com um sorriso e um gesto de mão.

— Tudo bem. Não precisa falar nada.

Sorri de volta.

A sra. Slater abriu a gaveta da mesa, pegou um livro e o jogou para mim. Peguei-o no ar e olhei a capa.

As bruxas de Salem. Que ela havia dito que era uma total perda de tempo. Abri a boca para dizer algo, talvez me opor.

— Eis o que vamos fazer — disse ela, cortando meus pensamentos. — Você vai escrever um texto de dez páginas sobre alguém do caso de Salem, uma pesquisa, ou sobre um personagem da história real, aqui retratado pelo sr. Miller, ou sobre um personagem fictício do livro. Quero que seja em forma de tese, com base em fontes primárias e fontes secundárias. Nem pense em consultar a Wikipédia. Você começa o trabalho e fala comigo. Podemos decidir juntas uma data que não atrapalhe o resto dos seus estudos. Combinado?

Abracei o livro e sorri para ela. As paredes do poço se abriram, deixando entrar um fino raio de sol.

— Combinado. Obrigada!

— De nada. — Ela fez uma pausa e acrescentou: — Não vá estragar tudo.

Peguei minhas coisas e enfiei o livro debaixo do braço. Ela não era tão má. Tudo bem, era um pouco esquisita como professora e não chegava aos pés do sr. Mitchell em termos de simpatia. Mas mesmo assim.

Saindo da sala, virei para trás.

— Sra. Slater?

— Hmm? — fez sem olhar para mim, concentrada nas suas anotações.

— O que aconteceu com o sr. Mitchell? Ele pediu demissão? Achei que ele estivesse doente.

Nesse momento ela olhou para mim.

— Você não sabe? — perguntou, com o rosto sombrio.

Respondi que não, balançando a cabeça.

— Bem — disse a sra. Slater —, só posso dizer que você não vai mais vê-lo e que não precisa se preocupar.

A professora substituta ficou me olhando por um bom tempo, como que enviando uma mensagem telepática. Fosse o que fosse, não consegui captar.

— Obrigada — falei e saí.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— **Ela te mordeu?** — pergunta o reverendo Green, espantado.

— Sim.

— E você acha que as marcas no braço dela eram de mordidas que ela deu em si mesma?

— Sim. Se bem que ela pode ter pedido para a Betty Parris mordê-la também. Para ficar mais autêntico. A Abby conseguia convencer as pessoas.

— Alguns indivíduos são assim — diz o reverendo. — É como se eles conseguissem entrar na nossa mente.

— Eles conseguem — concordo, olhando para ele.

— Mas você deveria ter ido direto contar para eles o que aconteceu.

Passo os dedos pelo pulso esquerdo, onde ainda se vê um semicírculo branco, uma cicatriz que sempre me lembrará do que Abby Williams fez.

— Não fui.

Encaro-o. Detesto mostrar meu estado deplorável. Mas foi por isso que eu vim. Para que alguém finalmente saiba.

Estou na mesa, alguns dias depois, por volta de 25 de fevereiro, descascando batatas com uma das minhas irmãs. Nossa única criada na época, uma menina mal-humorada chamada Mercy, está ocupada preparando o chá. Minha mãe, compenetrada no bordado que fazia, contorce a boca ao deixar escapar um ponto. Meu pai está examinando as contas. No dia anterior, minha tia nos visitou, depois de muito tempo que não nos víamos, e houve uma briga terrível que eu não entendi. Agora, meu pai está o dia inteiro com seus cadernos, rabiscando números na margem. De vez em quando, minha mãe olha para ele, preocupada. Mas não me cabe perguntar por quê.

Não voltei mais ao presbitério e não contei para ninguém o que Abby tinha feito. Eu mesma fiz os curativos nas marcas de dente na pele, mas agora o machucado começava a vazar e coçar.

Se o que diziam era verdade, vários senhores importantes passaram dias no sótão do presbitério, rezando unidos ao lado da cama de Abby e de Betty. Eles fizeram jejum, e há quem diga que ouviu o reverendo Parris afirmar que Satanás está submetendo o vilarejo de Salem a um cerco, e que devíamos fazer um exame de consciência para descobrir que pecado havíamos cometido para enfrentar tamanha miséria.

Minha mãe tem suas teorias sobre quais famílias podem ter acalentado o pecado. Meu pai também.

— Os Corey, com certeza — murmurava ela. — E os Procter. Ele é um herege. Não comparece ao culto não sei desde quando. Sua primeira esposa nunca criou a casa desse jeito. Ela era crente. Mas essa aí... — diz, desaprovando os modos de Elizabeth Procter.

Falam de Betty e Abigail somente por pena do sofrimento daquelas almas cristãs. Duas ovelhinhas

inocentes, punidas pelo pecado escondido no coração dos habitantes do vilarejo. Deveríamos todos examinar nossas almas com atenção para extirpar o mal de dentro.

Estou concentrada descascando uma batata quando o som de cascos se aproximando do pátio lá fora faz com que eu e minha irmã levantemos os olhos. Ouvimos o rangido de rodas de carroça e a voz de uma jovem dizendo:

— Obrigada, tio.

Depois, uma forte batida na porta.

— Vá atender, Mercy — diz minha mãe.

Ela sabe que não adianta esperar que Mercy saiba quais são seus deveres. Nós temos que lhe dizer tudo.

Sem cerimônia, Mercy abre a porta. Um homem grisalho, meio encurvado, entra e entrega o chapéu à criada. Tira a neve da bota e olha em volta. Atrás dele, vem uma menina mais ou menos da minha idade, com uma capa de chuva grande demais para ela. Sorri quando me vê.

— Thomas? — pergunta ele. — Bom dia, dona Putnam. Meninas. Ele está?

Minha mãe larga as agulhas de tricô e se levanta.

— Dr. Griggs — diz, indo cumprimentá-lo. — Sim. Ele está no quarto principal. Vou levá-lo até lá.

— Sente-se com as meninas, Elizabeth — o dr. Griggs diz para a menina atrás dele, apontando para nós. — Ajude no que puder.

Betty Hubbard sai correndo e me abraça. Retribuo o abraço. Ela cresceu desde a última vez que a vi. Não faz muito tempo, mas foi antes da neve, isso com certeza. Agora ela está da minha altura.

— Ann! — exclama. — Implorei para que ele me deixasse vir.

— Venha, sente aqui, Betty — digo, chamando-a para o banco.

Entrego-lhe uma batata para que pareça que nós duas estamos ocupadas enquanto conversamos. Ela vira a batata nas mãos. Ouvimos vozes abafadas de adulto na outra sala, mas não conseguimos entender o que eles estão dizendo.

— Estamos indo ao presbitério — Betty Hubbard me informa num sussurro. — O reverendo Parris pediu para chamar meu tio, e eu pedi para minha mãe me deixar ir junto. Falei que eu era amiga da Betty Parris e que ela ia ficar feliz de me ver.

— Espertinha — falei, rindo. — Desde quando você é amiga da Betty Parris?

Betty Hubbard, a Outra Betty, sorri e diz:

— Eu *seria* amiga dela se ela aceitasse. E quero o bem dela, juro que quero. Ela é tão pequena e frágil. Mas como você está, Ann? Faz séculos que não te vejo. Não está um frio desgraçado este inverno? Eu quase não saio de casa. E você também não deveria sair. Minha mãe diz que este é o pior inverno de que ela se lembra. E olhe que ela se lembra da época anterior a Moisés.

— Estou bem, acho — digo.

Ver Betty Hubbard me faz perceber como estou cansada. Por semanas, tenho estado tensa, consumida pela preocupação. Sentar perto de Betty me ajuda a relaxar um pouco, e a única coisa que desejo é descansar. Se não estivesse tão frio, eu poderia ir para o palheiro e ficar deitada de barriga para cima contando os ninhos de vespa pendurados no beiral até pegar no sono. Mas está frio, e tenho muito que fazer.

Pego outra batata.

— Eu estava indo bastante ao presbitério — conto. — Não consigo entender a Betty Parris. Ela não fala. Quando estamos só nós duas, ela é ela mesma, mas quando tem algum adulto por perto, ela parece um boneco de madeira. Mas, mesmo quando estamos sozinhas, ela não fala. Deve estar doente. Mas o que será que ela tem?

— Hmm — faz Betty. — Por que você parou de ir lá?

— Ah — digo. As marcas de dente na minha pele pulsam sob a manga da camisa, invisíveis e insidiosas. — Nada de mais. Estava muito ocupada.

— Você não estava com medo da Abby, estava? — pergunta Betty Hubbard, olhando para mim, desconfiada.

Encaro-a, receosa. O que será que ela ouviu?

— Eu estaria — diz ela, baixinho.

A porta para o quarto principal se abre e o dr. Griggs reaparece, acompanhado por meu pai e minha mãe, que voa entre os dois homens como uma mariposa em volta de uma lâmpada.

— ... chegar lá o mais rápido possível — o dr. Griggs estava dizendo. — Se sairmos agora, Thomas, garanto que chegamos lá em uma hora, não mais que duas. Você pode?

— Claro — diz meu pai, procurando o sobretudo. — Ann, não sei quanto tempo vamos demorar. Você poderia pedir para a criada separar uma fatia de bolo de milho?

Ele está falando com minha mãe, que também se chama Ann. Às vezes, de provocação, ele me chama de “Júnior”, como se eu fosse um filho mais velho. Não sou. E não tenho como ser.

— Elizabeth! — o dr. Griggs grita para a sobrinha. — Tenho certeza de que você ajudou bastante na casa durante minha ausência.

— Claro, tio — Betty confirma, pondo sobre a mesa a batata descascada que lhe entreguei quando ela chegou.

— Mas e se for contagioso? — minha mãe pergunta da mesa perto da lareira, onde está enrolando o bolo no guardanapo para dar ao meu pai. Mercy está parada ao lado, observando, como se nunca tivesse ouvido falar de bolo de milho, muito menos de como enrolá-lo.

— Tomaremos todas as precauções — garante o dr. Griggs. — Vai dar tudo certo, dona Putman.

Para a maioria das pessoas, não faz diferença se seu nome é Putnam ou Putman. Já vi meu pai assinando nosso nome das duas maneiras. Às vezes me pergunto se tem algum mais certo, se posso, secretamente, ser duas pessoas ao mesmo tempo.

— Dona Putnam — Betty eleva a voz, enrolando o cachecol no pescoço e se preparando para ir embora. — A Annie poderia vir com a gente? Vou ficar muito mais tranquila se ela estiver lá. Ela ama a Betty e a Abigail tanto quanto eu.

Estou exausta. Parte de mim quer fugir até o celeiro, por mais frio que esteja, e se esconder atrás da nossa antiga vaca, para ninguém me encontrar. Mas admito que sou curiosa. Se o dr. Griggs foi chamado, eles já devem estar no fim da reza. Quero saber se Abby será descoberta. Olho para minha mãe, tentando fazer cara de devoção filial.

— A Betty está certa. Talvez seja melhor eu ir, não?

Minha mãe nos olha, preocupada.

— Tem certeza de que não tem perigo? — pergunta ao médico. — Thomas, você cuida dela?

— Claro — responde meu pai. — Tenho certeza de que os Parris vão ficar felizes com a ajuda extra.

Annie, se arrume rápido.

Baixo os olhos e corro até a porta, pegando meu casaco com ar de submissão e obediência. De canto de olho, vejo Betty Hubbard sorrindo. Ela pisca para mim. Sorrio também.

— Aqui. — Minha mãe me entrega o bolo. — A noite pode ser longa. Obedeça ao seu pai. E à sra. Parris. Ajude no que precisarem.

Assinto com a cabeça.

— Sim, mãe.

Betty e eu vamos atrás do dr. Griggs e do meu pai, que conversam baixinho sobre o reverendo Parris e sobre o cenário que devemos encontrar.

Já na carroça, Betty pega minha mão. Quando o doutor diz ao cavalo para andar, Betty sussurra:

— Mal posso esperar para ver com meus próprios olhos. E você?

— Também — digo. Mas o brilho nos olhos de Betty Hubbard é perturbador.

Não sei quanto tempo se passa. Como na sala do presbitério não há lugar para sentar, Betty Hubbard e eu ficamos em pé, num canto, perto de um colchão de palha encostado verticalmente na parede. Os homens estão todos no sótão, e a animação das suas vozes é quase suficiente para abafar os berros ocasionais de Abby e, agora, de Betty Parris também. Ouvimos baques, sons de coisas se quebrando e passos. Um homem grita:

— Agarre-a! A janela!

A sala está cheia de mulheres, algumas fingindo ajudar, mexendo na panela ou dobrando toalhas de mesa, outras, com o pretexto de obrigação, carregam cestas. Algumas mãos costuram. Mas a maioria das mulheres ali está simplesmente sentada, olhando fixo para o teto.

— Ann! — alguém berra. — Meu Deus, Ann, eles querem que eu assine!

Todas na sala olham para mim. Betty Hubbard arregala os olhos, empolgada, e vejo que ela se esforça para não sorrir. Faz um sinal na minha direção e sussurra:

— Você precisa ir lá em cima.

— Ann Putnam? — chama uma voz masculina da escada. — Poderiam pedir para Ann Putnam subir?

— Vá chamá-la — a sra. Parris diz para Tituba, que está de pé ao lado do marido, John, um indiano atarracado usado pelos Parris como faz-tudo. Tituba e John se entreolham. Ela solta a mão dele e vem falar comigo, preocupada.

— Vem, minha querida Annie — diz Tituba, estendendo a mão para mim. Sua testa brilha de suor.

Pego a mão dela, sob o olhar atento das mulheres do vilarejo. Tituba me conduz à escada que leva ao sótão.

— Ann! Alguém a está trazendo? — pergunta a voz impaciente, que agora reconheço como a voz do reverendo Parris.

— Depressa! — diz Tituba.

Com os braços e as pernas tremendo, subo.

No sótão, vejo Betty Parris e Abigail Williams juntas na cama. Não dá para ver direito, por conta da

floresta de homens de paletó preto reunidos em volta da cama, murmurando, perplexos.

“... não pode ser meningite, porque ela não está com febre...”

“... e essas marcas? Será algum tipo de varíola?...”

“... pelos pés gelados e pela fala desordenada, só pode ser...”

— Aqui, a menina que ela estava chamando.

Um homem que não reconheço me pega pelo braço e me puxa até a cama. Vejo Betty Parris, deitada dura como uma tábua, com círculos roxos nos olhos. Ao lado dela, Abby está sentada, com os cabelos para trás, a testa suada, o dedo esticado, apontando para mim.

— Ali está ela, no ombro da Ann! Não está vendo? Ela está me entregando o livro, mas não vou assinar!

— Que livro? — pergunta o dr. Griggs, olhando com curiosidade para Abby e para mim. — O que ela quer dizer com isso?

— Não sei de livro nenhum — respondo.

As marcas de dente que ela fez no meu braço começam a coçar muito.

— Ann, conte para eles! Conte dos sabás que vimos lá fora, aqui desta janela mesmo. Elas comiam pão vermelho e bebiam sangue, como vinho sacramental! Conte que elas queriam que a gente assinasse aquele livro maligno, mas que não assinamos!

— Um livro! — exclama o reverendo Parris, levantando-se e vindo em minha direção. — Do que ela está falando? Quem está conspirando contra mim? Fale! — diz ele, sacudindo-me pelos ombros.

Sinto sua força, os dedos apertando meu braço.

— Eu... Eu... — gaguejo, em pânico, ao ver todos aqueles senhores instruídos me olhando, esperando que eu explique, que revele a verdade do que Abby está dizendo. E o mais estranho é que também quero explicar. Eles querem tanto saber que preciso obedecer. Evidentemente, sei que Abby está dissimulando, vejo o sorriso dela. Sei que está adorando a atenção recebida nas últimas semanas. Mas agora todos me olham, homens importantes de chinó, que foram à universidade e sabem ler a Palavra de Deus, que estão acostumados a ter a atenção de outros homens, mulheres e meninas como eu. Todos me encarando, e eu incapaz de encontrar as palavras que eles querem ouvir.

— Mostre para eles, Annie! — grita Abby. — Mostre o que acontece quando não assinamos o livro!

Sem dizer nada, arregaço a manga e viro o braço em direção à lâmpada. O reverendo Parris me solta e se afasta, para poder ver. O dr. Griggs examina as marcas, apertando os olhos para enxergar.

Estou a ponto de confessar que Abby me mordeu, que ela é uma mentirosa danada e que eles deveriam bater nela, mas a respiração concentrada dos homens que analisam minha carne me impede de falar. O silêncio se instaura no ambiente, e até Abby parece conter a respiração, esperando o veredicto do médico.

O dr. Griggs examina cuidadosamente as marcas, pega meu braço, virando-o de um lado para o outro, na luz. Depois se levanta, pressionando os lábios como se refletisse, e olha todos os presentes no rosto.

— E? — pergunta um homem cujo rosto não consigo ver, obscurecido pelos seis outros.

— É o que eu temia — diz o médico.

Todos murmuram, em frenesi.

— Eu diria que não há como esses sintomas terem sido causados por uma doença natural. Estamos

lidando com algo sobrenatural.

— Mas o que significa isso, doutor? — pergunta o reverendo Parris, juntando as mãos, num gesto de preocupação.

— Suponho, reverendo Parris — diz o médico —, que essas pobres meninas estão sob a influência do mal. Todas elas.

DANVERS, MASSACHUSETTS
SÁBADO, 4 DE FEVEREIRO DE 2012

Parei o carro em frente à garagem da casa de Emma, desliguei o rádio e descansei a cabeça no encosto do banco. Cheguei cedo. Pelo movimento das silhuetas atrás das cortinas da sala, dava para ver que os Blackburn estavam tirando as coisas da mesa de jantar. Conteí quantas pessoas havia, e julguei que Mark tinha vindo da Endicott passar o fim de semana. Era muito estranho ele ir a uma universidade tão perto de casa. Mas é assim que eles faziam na família de Emma. A mãe dela gostava que todos estivessem próximos. Como se pudesse acontecer alguma coisa com eles, caso se afastassem demais.

Tentei reunir forças, sem me sentir muito no clima de socializar. Mas tínhamos combinado de passar uma noite bem tranquila, vendo filme. Havia tempo que não fazíamos isso. Quando éramos mais novas, ficávamos sempre em casa, mas nos últimos anos resolvemos sair mais, em parte porque estávamos mais velhas e podíamos, em parte (sendo sincera) porque a casa de Emma era meio sinistra, uma dessas casas da década de 1950, com jirau, cerca de arame e material de baixa qualidade. Muita poeira e cheiro de gordura. Isso sem falar no carpete manchado.

Toquei a campainha e Mark atendeu.

— Ei, olá, Colleen — disse ele.

Mark era igualzinho a Emma, só que em versão masculina. Loiro, magro, quase sem sobrancelha e sempre bronzeado. Tentei me lembrar se ele ainda jogava lacrosse. Nossa, como ele estava bonito. Quantos anos devia ter? Uns vinte? Se ele não fosse irmão de Emma...

— Oi, Mark. Desculpe, cheguei um pouco cedo.

— Não tem problema. Entre.

— Emma! — grita ele em direção à cozinha.

Ouço o som de louça sendo lavada.

— Oi — disse Emma, aparecendo da cozinha, enxugando as mãos num pano de prato.

Ela estava com o semblante leve, de quem se divertia, e os pais não apareceram, o que estranhei, porque eu os havia visto pela janela.

— Oi — respondi, olhando para Emma e para Mark.

Havia um silêncio suspeito entre eles, como se eu tivesse interrompido uma discussão ou algo do tipo.

— Então, vamos sair um pouco? — perguntou Emma.

Mark desapareceu na sala.

— Hmm — hesitei.

Eu estava muito cansada, e já tínhamos combinado de ficar em casa vendo filme. Sentia falta de ficar deitada de barriga para baixo no chão do quarto de Emma, como fazíamos todo fim de semana. Queria passar uma noite como antigamente. Mas imagino que não haverá mais noites como antigamente.

— Tudo bem. Para onde você quer ir?

— Não sei. Só queria sair um pouco. Você está de carro, né?

Se Emma realmente queria sair, ela não poderia pegar o carro de Mark emprestado? Deixa pra lá. Talvez ela tivesse brigado com os pais, e por isso o clima na casa estava tão pesado.

— Estou. Você que sabe. Quer avisar seus pais?

— Não. Minha mãe está numa das suas “crises” — disse Emma, enfatizando ironicamente a última palavra. — Sente que está vindo uma dor de cabeça. É melhor a gente sair sem falar nada.

— Tudo bem.

Eu não tinha nem tirado meu casaco. Estava com as chaves do carro na mão. Emma enrolou um cachecol no pescoço e disse:

— Vamos!

— Tchau, Mark! — gritei.

Ninguém respondeu.

Já no carro, Emma começou a procurar uma estação de rádio.

— Obrigada. Muito melhor — disse ela. — Vamos para algum lugar com água?

Emma era velejadora, e eu sabia que durante o inverno ela sentia saudade do mar. Eu também gostava do mar — era uma das coisas mais legais do lugar onde morávamos. A maioria não valorizava a proximidade do oceano. Não era o meu caso, nem o de Emma, com certeza. Talvez fosse por isso que os Blackburn gostavam de ficar perto de casa.

— Claro. Algum lugar em especial?

— Não. Pensei em Beverly. Ou o Willows?

O Willows era o velho calçadão de Salem, um dos meus lugares favoritos para ir quando estou desanimada. Mas Beverly era mais perto, e havia um parque próximo do porto. Decidido. Vamos para lá.

Começou a tocar uma música do Florence and the Machine no rádio, e Emma cantou junto. Abri as janelas para deixar a noite fria de inverno invadir nosso rosto. Emma se encostou no banco, com os joelhos levantados, as botas no painel, e sorriu para mim. Mas era um sorriso triste.

Paramos no estacionamento do parque. Todos os barcos haviam sido retirados de guindaste do ancoradouro e depositados no estaleiro, uma floresta pontiaguda de mastros sob o céu estrelado. Pelas janelas abertas, ouvíamos o som das ondas quebrando nas rochas. O ar era mais puro e revigorante.

— Você quer sair? — perguntei.

— Não — ela respondeu, procurando no bolso da jaqueta um pequeno saquinho.

Fingi não ver o que ela estava fazendo, ignorando o som do isqueiro.

— Quer? — perguntou, tentando me passar um troço aceso, com um cheiro forte.

Olhei para ela, descansando a cabeça nas mãos.

— Não. Obrigada, de qualquer maneira.

— Disponha.

Ela abaixou mais o vidro e soltou uma lenta nuvem de fumaça pela janela. Não tinha nem me perguntado se tudo bem. Fiquei preocupada com a questão do cheiro, mas julguei que não teria problema ao ar livre.

Ficamos lá, sem falar nada, por um tempo. Emma suspirou. Estávamos mais relaxadas agora.

— Aquela é a casa da Clara — disse Emma, apontando com a mão livre.

— Qual delas?

— Aquela ali, com uma luz acesa no segundo andar.

Clara morava numa dessas casas de revista, azul-marinho com molduras brancas, o tipo de casa construída por um mercador vaidoso em 1880 para mostrar que tinha sido bem-sucedido.

— Será que eles estão em casa?

— Não sei.

Nós duas ficamos olhando para a casa. Havia uma sacada no terraço. A vista para o porto devia ser maravilhosa. Se aquela casa fosse minha, pensei, ficaria o tempo todo nesse terraço. Iria para lá agora, se pudesse.

— Estranho que não tenha nenhum carro de reportagem do lado de fora.

— Talvez tenha. Olha lá.

Claro. Lá estava: uma van sem identificação, escondida nas sombras produzidas pelas árvores nuas do outro lado da casa de Clara, com uma pequena antena parabólica no capô.

— Meu Deus, por que é que eles não nos deixam em paz?

Emma sorriu e disse:

— A Doença Misteriosa de 2012. Não dá para ignorar uma história dessas. Ainda mais agora, com sete casos confirmados.

— Não consigo acreditar nisso. Você sabe quem são?

Emma respondeu que não, mexendo no saquinho plástico de novo. Fiquei pensando se comentava alguma coisa. Ninguém quer uma amiga que fique te julgando. Resolvi apenas perguntar. Por que não?

— Você está bem? — falei, tentando aparentar tranquilidade.

Eu sabia que ela entrava nessa de vez em quando — conseguia com Mark, acho —, mas aquilo não tinha muito a ver com ela. Maconha era um passatempo ocasional na sua vida.

Emma acionou o isqueiro, tentando fazer a chama pegar, em meio às faíscas que vinham no seu rosto. Deu uma puxada forte, segurou a respiração, tossiu e soltou o ar pela janela. Ofereceu-me o baseado de novo, por hábito, e eu neguei de novo.

— Estou — respondeu. — Acho que estou só decepcionada.

A entrevista de Harvard. Senti uma pontada de culpa por dentro, seguida de um daqueles pensamentos secretos, importunos: *Vamos ser sinceras, Em, suas notas não são boas o suficiente para Harvard. Média 7,5?* Assim que isso me veio à mente, afastei o pensamento.

— Sinto muito, Emma. Eles são loucos de não te chamarem. De qualquer maneira, não devo passar.

— É claro que você vai passar — disse, sorrindo de lado. Deu outra tragada no baseado. — Mas, na verdade, essas entrevistas não importam muito — falou de modo casual, para ganhar força, mas também para me alfinetar.

Eu estava procurando algo encorajador para dizer ou contrabalançar aquilo, alguma frase autodepreciativa, quando senti um frio repentino no carro. A pressão atmosférica tinha mudado.

— É ele — disse Emma.

— Quem? — perguntei, seguindo o olhar dela.

— O sr. Mitchell — respondeu.

Vimos a figura esbelta do nosso professor de História caminhando a passos largos pela calçada, vindo de onde ficava a casa de Clara. Com as mãos enfiadas no bolso da jaqueta, parecia pensativo. Estava diferente, e percebi que era porque não estava de terno e gravata, como na escola. Usava uma jaqueta de motociclista e calça jeans. O cabelo, despenteado.

Emma escondeu a guimba do cigarro na mão e se encolheu no banco da caminhonete.

— Estranho — falei, vendo-o passar. Tinha me esquecido de como ele era bonito. Parecia mais novo vestido daquele jeito.

— Shh! — fez Emma, escondendo-se.

— Ele não está com cara de quem está doente — comentei.

Quando falei isso, ele parou e ficou olhando para a água, com a mão na nuca. As ondas brilhavam sob a luz das estrelas. Mesmo no escuro, dava para ver que ele estava preocupado com alguma coisa, quase como se tivesse chorado.

— Você pode ficar quieta um pouquinho? — falou Emma, fazendo com que eu me abaixasse também, para que ninguém nos visse.

— O quê? Ele não vai conseguir ver a gente. Está *de noite* — lembrei, apoiando-me no cotovelo para terminar de ver o que acontecia.

Ele ficou contemplando o mar por um bom tempo, com a brisa desarrumando o cabelo. Seguiu em frente, olhando sempre para baixo, e desapareceu na escuridão. Endireitei-me no banco, olhando fixo para o ponto em que o vi sumir.

— Por que será que ele não voltou, Em? O que você acha? — perguntei, levando o nó do dedo aos lábios, num gesto de quem está pensativo.

Emma não respondeu. Quando olhei para o banco de passageiro, vi Emma sentada com as mãos no rosto. Estava chorando.

— Tudo bem — falei. — Vamos ao Shanty.

O Lobster Shanty é mais ou menos do tamanho do meu closet, e meu closet não é exatamente grande. Fica na Artist's Row, em Salem, e tem um clima que adoro. Encontrei uma vaga na Essex Street, desci do carro e puxei Emma pelo cotovelo. Ela enxugou o rosto na manga do suéter e engoliu o muco da garganta. Não havia choro mais feio que o de Emma Blackburn. De verdade. Ela contorcia todo o rosto, parecendo uma pessoa completamente diferente.

— Oi, Leland — eu disse para o proprietário do Shanty, um sujeito recalcitrante.

Ele me cumprimentou com um grunhido. Escolhemos uma das mesinhas do fundo, perto do tanque de lagostas. Ajudei Emma a se sentar e entreguei a ela um monte de guardanapo. Deixaram dois cardápios na nossa mesa e, depois, dois conjuntos de talheres embrulhados.

— Desculpe — disse ela, assoando o nariz com o maior estardalhaço.

— Shh!

Leland voltou com um bloquinho de anotações.

— Vão querer alguma coisa?

— Vamos. Duas cervejas, por favor. Sam Winter.

— Humpf — fez Leland. — Alguma coisa para comer?

Olhei para Emma, largada na cadeira como uma planta que alguém tinha esquecido de regar.

— Batata chips. Obrigada.

Outro grunhido e Leland se retirou.

— Acho que você deveria largar esse troço — falei. — Sério. Só te deixa paranoica e deprimida.

Emma sorriu sem vontade e assoou o nariz de novo. Na televisão, por trás do som das borbulhas do tanque de lagostas, começava o jornal da noite. tj Wadsworth, de blazer roxo dessa vez, anunciava um incêndio numa casa de Peabody ocorrido na noite anterior.

— Talvez — disse ela. — Eu odeio isso. Você não odeia?

— Odeia o quê?

— Não sei. Isso. Tudo. Está tudo terminando. Eu não quero que mude. Você quer?

Os olhos de Emma estavam vermelhos em volta, e ela olhava para mim com expressão de súplica. Mas a verdade é que eu não entendia. Não sabia por que ela estava com tanto medo.

— Hmm. Na verdade, eu quero sim — respondi. — Você não?

— Não! — gritou ela. — Odeio a ideia de que todo mundo vai se separar no ano que vem, a ideia de deixar meus pais sozinhos. Queria que tudo continuasse como está. Gosto daqui. Gosto das coisas como elas são. Não quero que mudem!

Fomos interrompidas por copos dispostos à nossa frente, com uma cesta de batata chips no meio. Tomei um gole e fiz uma careta.

Cerveja sem álcool.

Leland riu e disse:

— Quer que pendure?

Olhei feio para ele, e ele saiu dando risada.

Emma tomou um gole da bebida dela e enfiou algumas batatas na boca. Ficamos mastigando em silêncio, enquanto o repórter anunciava uma frente fria, com neves de até oito centímetros na Costa Leste, para o dia seguinte. Emma enxugou a boca e o rosto com mais guardanapos de papel e olhou para a televisão com os olhos irritados.

— Estou morrendo de dor de cabeça — disse.

— Você deve estar desidratada, de tanto chorar — falei. Mas eu não estava ouvindo direito.

Na televisão, os repórteres anunciavam que a Doença Misteriosa da St. Joan, originalmente considerada um surto isolado de reações alérgicas a vacinas, com poucos casos apresentados em consultórios pediátricos locais, havia se espalhado.

Eram oito meninas afetadas agora.

Parte 3

MEADOS DE FEVEREIRO

LUPERCÁLIA

O juiz que existe dentro do seu coração é que julga.

ELIZABETH PROCTOR, AS BRUXAS DE SALEM, ATO 2

DANVERS, MASSACHUSETTS
DOMINGO, 5 DE FEVEREIRO DE 2012

— Pronto — disse minha mãe, arrancando um fio do meu casaco. — Não, espere. — Lambeu o dedo e limpou alguma coisa na minha bochecha.

— Mãe, para com isso! — reclamei, secando a saliva dela. Mas eu me sentia melhor.

— Deixe-me ver — disse ela, recuando um passo para me avaliar, ajeitando aqui e ali.

Minha mãe e eu tínhamos a mesma altura, e o cabelo dela era igual ao meu, só que em versão grisalha e desemaranhada. Nossos olhos eram verdes, iguais, mas as sardas dela eram mais escuras.

Cardigã, saia de lã, meia-calça, bota cano curto, sobretudo, cachecol novo, chapéu com flores bordadas; uma linda bolsa Coach do outlet, maquiagem discreta; cabelo com o produto certo para fazer cachos. Se Emma estivesse aqui, ela ia puxar um cacho, como se fosse uma mola.

— Está bom? — perguntei.

Minha mãe ajeitou meus cachos e sorriu, orgulhosa.

— Você está uma graça!

Eu não sabia se desejava estar uma graça. Seria melhor estar como uma aluna de universidade, aparentar inteligência.

— Talvez seja melhor ir de óculos, em vez de lente.

— Besteira. Está ótimo assim. Pegou tudo? Histórico acadêmico? Currículo? — perguntou minha mãe, apalpando os bolsos como se ela própria fosse para a entrevista. — E sua monografia?

— Ela disse que não precisava levar nada disso, que ela não precisa.

— Tem certeza?

Minha mãe estava preocupada que eu fosse conversar com a entrevistadora de Harvard sem um portfólio das minhas realizações. Mas Judith Pennepacker queria minha presença, não uma lista do que eu tinha feito.

— Melhor a gente ir, para você não perder o trem — meu pai disse quando passou pela cozinha.

Michael estava sentado na mesa da cozinha, lendo um livro e balançando a cabeça de maneira ritmada. Talvez houvesse realmente música tocando nos fones de ouvido dessa vez.

— Cadê a Wheez? — perguntei.

— Por aí — disse minha mãe, sem dar muita importância. — Tem certeza que não precisa levar nada? Talvez seja bom levar um currículo, só para garantir.

Enfiou a pasta da St. Joan na minha mão, e eu aceitei, meio sem paciência. Era mais fácil aceitar que discutir.

— O trem, Colleen! — meu pai gritou da entrada.

— Estou indo! — gritei de volta.

Olhei para Michael. Ele olhou rápido para mim e voltou ao livro. Debaixo da mesa, digitou alguma

coisa no celular novo, sem me dar atenção.

Já quase na saída, escutei uma voz vinda de dentro dos casacos pendurados.

— Boa sorte, Colleen! Gostei do seu chapéu. Me empresta?

— Claro — respondi com um sorriso. — Na volta. Tchau, Wheez.

O dia estava cinza e frio, mas mesmo na estagnação de fevereiro a Harvard Square continuava abarrotada de gente. Eu sempre me sentia bastante empolgada na Square, mas hoje era uma empolgação diferente. Pela primeira vez, me permiti visualizar meu futuro ali, como uma das alunas, correndo para a aula, ou uma das meninas glamorosas de sexta à noite, caminhando com cuidado pelo chão de pedras, de salto alto, jaqueta curta e saia mais curta ainda.

Cheguei cedo. Fiquei dando voltas, olhando a vitrine da Coop. O cartaz anunciava uma palestra com uma professora de outra universidade no mês seguinte. Devia ser doido isso, ter que falar diante daquele público. Os professores deviam estar acostumados com qualquer tipo de plateia, mas mesmo assim.

Um vento forte carregou folhas secas e pedaços de papel no chão. Senti frio nas pernas. Meus joelhos congelavam. Estava frio demais para ficar fazendo hora do lado de fora. Ainda faltavam quinze minutos para a entrevista, mas decidi ir ao Dado Tea de qualquer maneira e esperar. Ela não saberia que era eu, certo? Nada de mais.

Enfiei as mãos no bolso e fui caminhando naquele vento em direção ao café. Ventava bastante. Dentro do bolso, senti o celular vibrando. Mensagem de texto. Peguei o telefone para ver o que era. Spence e eu tínhamos combinado um encontro mais ou menos uma hora depois da entrevista. Talvez ele tivesse escrito para me desejar boa sorte.

Não era Spence. Era o número desconhecido.

A peça. Estou falando sério. Leia.

Franzi a testa.

Estou muito estressada agora, seja você quem for. Pare de me perturbar.

Fiquei olhando para o telefone, com o vento levantando meus cachos à altura da orelha. Passou um minuto pelo relógio do celular. Ninguém respondeu.

Enfiei o telefone de volta no bolso, irritada, e continuei em direção ao café.

O lugar estava lotado quando cheguei, aquecido pelo calor dos corpos, os casacos pendurados nas cadeiras. Depois de pedir meu chá no balcão, fiquei olhando o salão para ver se encontrava alguma mulher parecida com a foto do Facebook de Judith Pennepacker. No início, não vi ninguém. Na verdade, vi muitos professores, com pilhas de provas para corrigir sob canecas de café. Num determinado momento, julguei reconhecer um rosto, mas cheguei à conclusão de que não era ninguém conhecido. Olhei de novo.

Era um jovem alinhado, de blazer esporte e gravata com estampa de patos voando, sentado numa mesa com uma mulher de costas para mim. Dela, eu só conseguia ver a trança francesa castanha, amarrada com um elástico. Fiquei tentando me lembrar de onde eu conhecia o rapaz. Será que era algum dos meninos da minha turma no St. Innocent? Não. Mas com certeza... Espere...

O menino deve ter percebido que eu estava olhando para ele e resolveu me encarar. Ficou pálido ao me ver.

Jason Rothstein. O namorado de Anjali, o funkeiro de Andover, em entrevista para Harvard com Judith Pennepacker.

Abri a boca num sorriso silencioso, apontei para ele, para deixá-lo ainda mais sem graça, e virei de costas, dando um gole no chá e esperando minha vez de passar vergonha.

Estava terminando o chá quando senti alguém de pé ao meu lado.

— Oi, Jason — falei. — Gostei do blazer.

— E aí, Colleen, beleza?

— Nem invente de me cumprimentar daquele seu jeito, o.k.?

Ele bufou e pediu um chá.

— Como foi com a Judith Pennepacker? Ela é rígida como parece?

— Mais — disse ele.

— Ótimo.

— Como se você precisasse se preocupar. Dá um tempo, Colleen. Na moral.

Olhei para Jason, surpresa. Ele parecia realmente irritado.

— O que você está querendo dizer com isso?

— Nada — respondeu ele, virando o rosto. — Não estou querendo dizer nada.

Cogitei perguntar qual era o problema dele, mas não queria discutir, ainda mais com Judith Pennepacker me esperando numa mesa a poucos metros dali.

— Tudo bem. Preciso ir — falei, deixando dinheiro no balcão. — Espero que tenha dado tudo certo na sua entrevista. Mande um beijo para a Anj.

— Colleen — disse ele, fazendo um gesto para me deter.

— O quê?

— Você falou com a Anj hoje?

— Com a Anjali? Não. Desde sexta. Por quê?

— Ela não responde meus torpedos — disse ele, visivelmente confuso.

— Como assim, ela não responde seus torpedos?

Anjali podia estar com os dois braços engessados que daria um jeito de mandar mensagens para Jason de cinco em cinco minutos. Nem que escrevesse com o pé. Foi só uma divagação, mas, pensando bem, acho que Anjali era totalmente capaz de escrever com os dedos do pé. Vou perguntar se ela consegue.

Jason fez cara de preocupado; eu, perplexa. Ele devia gostar realmente dela. Eu sabia. Sabia? Talvez eu estivesse distraída demais em odiá-lo para perceber isso. Fiquei vermelha de vergonha. Não que eu gostasse mais dele agora, mas talvez ele não fosse um parasita manipulador como eu pensava. Fiquei olhando para ele, vendo pela primeira vez que Jason era um ser humano. Um menino tenso.

— Mandei torpedo o dia inteiro, como a gente costuma fazer, e ela não respondeu a nenhum. Você acha que ela está com raiva de mim? Normalmente ela me fala, quando está com raiva.

Evidentemente, por um lado, meu maior desejo era que Anjali terminasse com Jason. Mas ele parecia tão desolado, tão triste. Ainda falava com uma mistura de sotaques, de Andover e de malandro, mas realmente ele parecia aborrecido.

— Tenho certeza de que não é nada — respondi. — Você tentou ligar? Talvez os pais dela tenham

feito um plano pré-pago e ela esteja sem crédito.

Jason fez cara de alívio.

— Pô, deve ser isso. Nem pensei nessa possibilidade.

— Pois é. Existem outras formas de se comunicar com as pessoas além de torpedos, Jason. Você poderia, tipo, pegar o telefone e *ligar* mesmo para ela.

Ele sorriu e me deu um tapinha no braço.

— Colleen, *baby*.

Sacudi a cabeça.

— Pelo amor de Deus! Preciso ir.

— Tá tudo certo. Pode ir sossegada.

— Obrigada, é isso?

Ele riu e disse:

— Você vai se sair bem, vai me esculachar. Manda ver!

Sorri, peguei minha xícara de chá quase vazia e fui até a mesa de Judith Pennepacker para a entrevista mais importante da minha vida.

Então. Ela não era tão rígida assim. Eu estava tão nervosa que me sentia meio atordoada. Judith Pennepacker parecia mais nova que na foto, apesar do penteado, e me fez algumas perguntas bem difíceis, como: por que eu era apenas vice-presidente do grupo de debate e não presidente (porque o sr. Mitchell escolheu outra pessoa, obrigada por me lembrar), qual a importância dos esportes nas universidades em minha opinião, se é que havia alguma importância (hã?), e que chance eu realmente tinha de ser a oradora da turma na solenidade de formatura.

Eu odiava falar sobre aquilo. Ficava constrangida de admitir que eu queria tanto aquilo, e não gostaria de estragar. E era uma situação delicada, porque eu estava a um décimo da Fabiana, e, portanto, qualquer pontinho fazia diferença. Eu já havia decidido que não pensaria muito a respeito, ou ia pirar. Todo mundo sabia que eu não conseguia lidar com a Doença Misteriosa pensando. Já tinha coisa demais na cabeça.

Por isso, não gostei muito quando Judith Pennepacker me perguntou sobre esse assunto. Mas não deveria ser nenhuma surpresa para mim. Os entrevistadores das universidades sempre perguntam sobre atualidades e esperam que tenhamos uma opinião formada sobre o tema. De modo geral, porém, as perguntas são mais voltadas para política ou assuntos internacionais. Judith Pennepacker fez diferente.

— Soube que houve um problema de histeria na sua escola. Você se importaria de comentar a respeito?

— Como?

— Histeria. Essas coisas são mais comuns do que imaginamos, embora já tenha se passado muito tempo desde o último caso em Massachusetts. Qual sua opinião a respeito da Doença Misteriosa da St. Joan?

Fiquei perdida. Havia o que a escola tinha nos falado. Havia o que eu tinha ouvido. E havia o que tinham me perguntado na conversa com a enfermeira e a outra mulher. Será que era tudo a mesma coisa?

— Bem — eu disse —, segundo o consenso geral, todo mundo está sofrendo de uma reação alérgica a

uma vacina.

— Sim. E você acha que é coincidência que a vacina em questão seja contra uma doença sexualmente transmissível?

Dava para ver que Judith Pennepacker já tinha uma opinião formada sobre a Doença Misteriosa.

— Existe toda uma história sobre a ansiedade dos adultos em relação à sexualidade juvenil feminina — falei, parecendo uma estudiosa do assunto. — E a histeria, a meu ver, é um fenômeno psicológico do século XIX também vinculado aos medos das mulheres em relação ao próprio corpo. Mas devo dizer, pelo que vi, que o que está acontecendo na St. Joan é uma doença de verdade. Ninguém está inventando nada.

— Hmm — fez Judith Pennepacker, com os dedos na frente da boca. — E é algo externo? Não pode ser uma coisa da cabeça delas?

— Pode — respondi, pensativa. — Mas as meninas que tiveram a doença não são desse tipo.

— Que tipo? Com cabeça? — perguntou a entrevistadora, sorrindo.

Eu estava a ponto de explicar sobre Clara Rutherford — dificilmente existiria uma menina menos propensa a problemas psicológicos que ela —, mas Judith Pennepacker olhou para o relógio, indicando que estávamos com o tempo contado. Era um relógio masculino, daqueles caros e pesados. Não ficava bem no pulso fino dela.

— Estou vendo que nosso tempo está acabando. Há mais alguma pergunta sobre a graduação ou Harvard em geral?

Era a deixa. Fiquei em pé.

— Acho que você respondeu a todas as minhas dúvidas. Fiquei bastante impressionada com tudo o que você disse sobre o *house system*. Gostaria de dizer que Harvard parece um lugar maravilhoso para estudar, e por isso agradeço que você tenha dedicado seu tempo para conversar comigo.

Estendi o braço e Judith Pennepacker me cumprimentou. Seu aperto de mão era firme como o do meu pai.

— O prazer foi todo meu, Colleen. Boa sorte no resto do semestre. Se tiver qualquer outra pergunta, é só me mandar um e-mail.

E-mail! Vibrei. Era um bom sinal. Ela gostou de mim!

Enrolei o cachecol no pescoço. Tinha uma hora ainda até o horário marcado com Spence. Tudo indicava que seria um domingo perfeito. Até eu puxar minha cadeira para trás e esbarrar com o cotovelo no próximo entrevistado de Judith Pennepacker.

— Ai — exclamou Spence, procurando disfarçar a dor.

— Ah, é você! — falei, surpresa.

— Oi. Sim. Desculpe-me. Não queria assustá-la — disse ele, ajudando-me a sair da cadeira, fingindo que não tinha doído.

Judith Pennepacker se encostou para nos avaliar.

Então ele não queria me assustar me surpreendendo? Ótimo. Boa tacada, mauricinho.

Disfarcei o espanto com uma nova versão, mais formal, do meu sorriso de sempre.

— Imagine! Tenha uma ótima entrevista. Me mande um torpedo quando terminar.

— Obrigado. Mando sim. Até mais.

— Até mais. Obrigada mais uma vez, sra. Pennepacker.

Spence ocupou o lugar em frente à entrevistadora de Harvard. A cadeira ainda devia estar quente de tanto que me mexi ao longo da última hora. Pus meus acessórios de inverno e saí do café.

Então ele também tinha uma entrevista? Ainda bem que ele não era meu concorrente direto. De certa maneira, até que sim. Mas não como as meninas da St. Joan. Não disputaríamos necessariamente as mesmas vagas. Spence era concorrente de Jason — Jason! Não podia acreditar que ele tinha conseguido, não mais do que ele acreditaria em mim. Mesmo assim. Não havia tantas vagas para entrar em Harvard. Não mesmo.

Voltei à Coop, que, na verdade, não passava de uma grande livraria que também vendia moletom, ursos de pelúcia etc. e tinha um café, onde eu pretendia esperar. A neve começou a cair, fina, os flocos brancos se acumulando sobre meus cílios, meus olhos semicerrados.

Quando cheguei à livraria, fui à seção de ficção. Passei o dedo pelas lombadas dos livros na mesa de promoção, acariciando-os como uma pessoa faminta acariciaria uma maçã madura. Não que eu tivesse tempo de ler por prazer. Soltei um suspiro. Entre as provas e a luta para ser a oradora da turma, eu não teria tempo de ler algo legal até o verão. Estava torcendo para Fabiana dar uma vacilada. Só um deslize. Uma nota 9, quem sabe. Algo que a deixasse para trás por um décimo, aquela diferença crucial. De qualquer maneira, ela já tinha conseguido Vassar, sua primeira opção. Será que ela não podia facilitar as coisas e me dar o lugar?

Deparei-me com um título familiar.

As bruxas de Salem. A maldita peça me perseguia.

Tudo bem, eu já tinha lido, mas semanas atrás. E agora eu tinha que fazer aquele trabalho extra, para recuperar minha nota. Como é que eu ia encontrar tempo para fazer aquela pesquisa com todo o trabalho que eu tinha? Talvez não devesse ter aceitado. Mas eu tinha tirado 6,5.

Só de pensar no 6,5 já me dava enjoo. Tipo, vontade de vomitar no meio da livraria. É claro que eu ia aceitar o trabalho extra. Devia é estar agradecida de a sra. Slater ter me dado essa chance. Poderia muito bem comprar esse livro — estava baratíssimo — e relê-lo enquanto esperava Spence. Seria uma forma de não ficar o tempo todo preocupada que a entrevista dele fosse melhor que a minha.

Fui até o caixa, sentindo-me fria e circunspecta.

O cara atrás do balcão pegou o livro e pediu meu número da Coop.

— Não tenho — falei.

— Quer se cadastrar?

— Não, obrigada.

Estava olhando o celular para ver se Spence tinha escrito. Não. E se a entrevista dele demorasse mais que a minha? O que significaria isso?

— Boa escolha — o cara do balcão disse, enfiando a brochura numa sacola.

— Eu sei. Já li.

— Se você se interessa por esse tipo de coisa, deveria se informar sobre um evento que vamos ter daqui a duas semanas.

Ele apontou para um pôster perto do balcão, meio escondido atrás de um mostrador com ratos de brinquedo vestindo galochas de plástico. Os ratos eram fofos. Fiquei com vontade de ter um.

— Oh!

— Pois é. Ela é uma autoridade no assunto. Você deveria vir.

Era a palestra que eu tinha visto no cartaz da vitrine. Alguma professora da Northeastern University.

Constance Goodwin. *Tradição folclórica inglesa em idioma norte-americano: Uma abordagem cultural*. Nunca tinha ouvido falar dela. O livro parecia ser chatíssimo.

— Obrigada — falei, pretendendo esquecer completamente aquela conversa logo que saísse dali.

Peguei o telefone de novo e vi que Spence tinha escrito no momento em que eu estava falando com o vendedor.

Em 10 minutos estou aí. Ufa!

Minha náusea melhorou. Sorri.

Legal.

Idiota, pensei, guardando o telefone de volta no bolso. Ele deve ter mandado superbem na entrevista, e já era para mim.

Vi minha imagem refletida nos dois lados do freezer de refrigerantes do café. Meu rosto estava caído e cansado. Cheio de sardas.

Talvez ele tenha se ferrado, você não sabe, continuei minhas reflexões. Fiz uma pausa, esperando uma resposta. *É isso aí*, disse para mim mesma. *Você não sabe.*

Agora era encontrar um lugar para sentar e aparentar naturalidade enquanto esperava por ele.

Sentei numa mesa do canto, não muito longe da televisão, onde achei que a luz me favorecia. Tirei o chapéu, arrumei os cachos e me ajeitei de forma a parecer totalmente à vontade e misteriosa ao mesmo tempo. Aproveitei para retocar o gloss.

Abri o livro e comecei a folheá-lo quando ouvi uma voz.

— Oi.

Spence se sentou à minha frente.

As bochechas estavam rosadas pelo frio, e o nariz estava molhado embaixo. Quando ele tirou o chapéu, o cabelo ficou para cima, e eu dei uma risada. Ele estava usando uma jaqueta esporte debaixo da capa de chuva e uma gravata com estampas de pequenos patos também. Qual a relação dos meninos de Andover com patos?

— Tome — falei, entregando-lhe um guardanapo de papel.

Ele aceitou, meio envergonhado.

— Obrigado — disse, antes de assoar o nariz.

Depois, jogou a cabeça para trás, soltando o ar em direção ao teto. Não tinha tirado a jaqueta.

— Que droga! — exclamou.

Senti alívio e desânimo, imediatamente seguidos de culpa. Não queria que ele se desse mal. Eu gostava dele. E se nós dois éramos... Que ridícula! Eu mal o conhecia.

— O que foi?

— Não sei! Parece que ela só queria falar de coisas que eu não tinha feito, e não das minhas realizações. Tipo, por que parei de jogar lacrosse ou por que eu era apenas editor associado do jornal e não editor. Meu Deus! Ela foi assim com você?

— Mais ou menos. Sei lá. Achei que ela foi muito legal.

— Então você tem sorte — disse ele, mas sem maldade. — Pode ser que ela já tivesse tomado uma

decisão. Eu sou filho de ex-aluno, mas não tenho notas como as suas.

Não acreditei. Como é que ele sabia minhas notas? Nunca falamos disso.

— Hmm — comecei a dizer.

Ele sorriu meio de lado, percebendo a preocupação no meu rosto.

— A Anjali me contou. Ou acho que contou para o Jason, e ele me contou. Ela se sente bastante intimidada por você, sabia? No bom sentido. Ela, tipo, se vangloria de você.

— A Anj? Conta outra.

— Juro.

— Não importa — murmurei, mas fiquei vermelha com o elogio.

— Bom, pelo menos já está terminando. Tenho só mais uma entrevista na semana que vem, e aí é esperar. E você?

— Foi só hoje. Vários lugares que eu queria não fazem entrevistas.

— É. Comigo também aconteceu isso.

Ele me observou, sorrindo. Sorri de volta, e tirei o dedo que marcava o livro.

— Você está bonita hoje — disse ele.

Fiquei tão vermelha que meu rosto chegou a queimar.

— Nossa! — exclamei, pois sou péssima em receber elogios. — Estou?

— Está.

— Obrigada.

— Os mauricinhos agora são os novos punks. Pelo menos na Harvard Square — disse ele, sorrindo mais ainda, acho que se divertindo com o fato de eu estar sem graça.

Mas, nesse momento, seus olhos se dirigiram para algo atrás de mim, e ele parou de sorrir.

— Ela te perguntou sobre isso?

Virei-me na cadeira. Na televisão, uma mulher de traje roxo apresentava uma reportagem, com seu rosto em primeiro plano e uma legenda embaixo.

— Você poderia aumentar um pouco o volume, por favor? — pedi para a menina do balcão.

Ela encolheu os ombros e aumentou.

“... revelar a verdade do que realmente está acontecendo com as alunas da St. Joan. Amanhã de manhã, não perca *Danvers em Pauta*. Apresentaremos uma entrevista exclusiva com uma das mães das meninas de dezesseis anos afetadas por estranhos tiques, contorções e sintomas físicos misteriosos que os médicos, por algum motivo, se recusam a explicar.”

A imagem de tj Wadsworth foi substituída por fotos de meninas que eu conhecia, retiradas do Facebook ou do anuário da escola. Clara, Elizabeth, a Outra Jennifer e mais algumas.

O último rosto eu conhecia muito bem.

Anjali.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— **Sobrenatural!** — exclama o reverendo Green.

Confirmo com a cabeça.

— Na verdade — digo —, acho que o reverendo Parris ficou feliz com o diagnóstico. Ele nunca tinha achado que a doença delas... — faço uma pausa e me corrijo. — *A nossa* doença fosse natural. Mas ele sabia que precisava de uma opinião externa, que confirmou o que ele já suspeitava.

— Mas, Ann — diz o jovem pastor, com urgência na voz —, por que você não disse alguma coisa? Por que você não contou logo para eles que a Abby e a Betty estavam fingindo?

Eis a questão, não? Eu me fiz a mesma pergunta todos os dias dos últimos quinze anos, centenas de vezes por dia. Minha vida inteira, todas as suas atribulações e falhas, a solidão e a vergonha, tudo podia ser atribuído à minha incapacidade de responder a essa pergunta.

Levanto-me e atravesso a sala até a janela. Nunca me acostumei a estar neste mesmo presbitério. Depois que os Parris foram embora, eu evitava vir aqui. Só a visão do presbitério já me embrulhava o estômago. Estava ali só porque eu sabia que tipo de conversa me esperava se eu não tivesse vindo.

Estou olhando agora para o mesmo campo de centeio em que Abby teria presenciado, da janela do sótão, sabás indescritíveis, com mulheres que conhecíamos desde a infância uivando para a lua como animais. Agora o campo está seco e tostado pelo verão. O sol estava mais baixo, tingindo a paisagem de um vermelho-vinho: vermelho-sangue.

— Ann? — o belo reverendo me chama.

Viro-me para ele, tentando explicar.

— O senhor sabe o que é não ser escutado?

— Como assim?

Vejo, pela expressão no seu rosto, que ele está a ponto de insistir que é claro que ele sabe. E ele provavelmente acha que sabe. Mas não sabe.

Ele é homem, talvez o filho mais velho, não sei. É instruído. Tem roupas apropriadas. Uma esposa dedicada, com a filhinha e o bebê. Toda uma congregação de fiéis disposta a seguir seus conselhos. Eu mesma. Estou pedindo sua ajuda, prostrando-me, expondo meus pecados, como se ele tivesse o poder de me absolver, o que não é verdade. Ele sempre foi escutado, a vida toda. E sempre será.

— Eu era a filha mais velha — começo, procurando uma forma de fazê-lo compreender. — Éramos pessoas dignas no vilarejo. Eu não era uma serva, como a Abby. Minhas obrigações não eram tão pesadas quanto as dela. Mas, mesmo assim, ser uma menina de treze anos...

Procuro compreensão nos seus olhos, e vejo que ele se esforça nesse sentido. Silenciosamente, imploro que ele *me enxergue*.

Mas vejo no seu rosto impassível que ele não consegue.

Levo as mãos ao rosto para esconder a vergonha.

Um minuto se passa enquanto espero o reverendo Green vir me consolar, me abraçar e me dizer que está tudo bem, o que passou, passou, que Jesus estava disposto a preencher minha alma com uma luz purificadora e me receber no reino dos céus, onde eu poderia renunciar ao meu fardo e descansar.

Mas ele se limita a dizer:

— Conte-me, Ann, o que aconteceu depois.

Meu braço dói no ponto em que o médico o agarra. Os homens, reunidos, conversam entre si, e, depois que o médico me solta, diversos rostos, cada um com um tipo de barba, vêm examinar as marcas na minha carne.

— A influência do mal! — repetem, um depois do outro, formando grupos em torno do reverendo Parris.

— Eu sabia! — exclama o reverendo. — Thomas, eu não falei que havia alguma força maligna entre nós? Por que outro motivo esse infortúnio se abateria sobre minha própria família? É algo que já está se desenvolvendo há meses. Todos vocês viram.

Abby, nesse meio-tempo, desmoronou, exausta pela agitação das visões. O sr. Hale, um jovem pastor de Beverly, toca suavemente na testa dela com um pano. Betty Parris está deitada bem junto de Abby, com os olhos abertos, sem piscar, como se eles tivessem sido pintados no seu rosto.

— Vamos — diz o reverendo Parris. — As crianças precisam descansar.

— Mas... a janela? — pergunta um homem.

O reverendo fica olhando pensativo para as duas meninas deitadas.

— Elas vão ficar bem. O reverendo Hale pode ficar aqui, rezando por elas.

O jovem já ia se opor, mas percebe o olhar do reverendo Parris.

— Vamos descer — diz o reverendo, conduzindo os senhores de Salem pela escada. — Você também, Ann. Não quero mais que você as incomode.

Fico vermelha com a repreensão implícita, mas não digo nada. Quando chego ao piso térreo de novo, vejo os homens contando para as suas mulheres o veredicto do médico.

— Eu já tinha dito isso — garante uma mulher. — Criei dez crianças, e nenhuma delas teve uma coisa dessas. Não é natural.

— A influência do mal! — sussurra outra, que se afasta de mim quando passo perto dela. — Mas que influência?

— E de quem? Como descobriremos o malfeitor? — pergunta outra mulher.

Vou abrindo caminho pelas pessoas até o canto onde Betty Hubbard me espera.

— Annie — sussurra ela, com expressão de curiosidade —, o que aconteceu? O que o médico disse? Eles desmascararam a Abby?

Olhei para ela e respondi que não com a cabeça.

Betty Hubbard junta as mãos, de alegria.

— Ahá! — exclama. — Menina esperta. Má, mas esperta. Como ela conseguiu?

Fico sem graça de dizer para Betty Hubbard que fui eu que consegui.

— Ah — digo, hesitante —, o médico disse que não vê uma causa natural para a nossa doença. Disse que estamos sob a influência do mal.

— Nossa doença? — repete Betty Hubbard. — Como assim “nossa”?

Estou a ponto de arregaçar a manga para lhe mostrar a mordida quando sou interrompida por uma voz feminina anunciando:

— Sei o que deve ser feito.

Reconheço a voz. É a dona Sibley, uma senhora intrometida com rugas ao redor dos lábios. O tipo de mulher que vemos esperando na entrada de uma casa quando algo interessante está acontecendo.

— O quê? — pergunta outra voz.

— Oração — alguém responde baixinho. — A oração é nossa única salvação.

— Oração, sim, claro. Mas existe um método que podemos usar. Um purgante simples que já vi usarem muitas vezes. John? — diz ela, dirigindo-se ao marido indiano de Tituba, que aparece do canto escuro onde ele estava escondido.

A dona Sibley faz um gesto impaciente para ele se aproximar, que o escravo obedece, receoso.

— Pois bem — diz ela, e fico me perguntando como ela podia falar de purgantes assim, com tanta autoridade. Ela não é uma mulher culta, isso eu sei. Existe uma que é, mas não a conheço. Mora num lugar pobre, nos arredores do vilarejo. Dona Dane. Uma pessoa tão pobre não ia se misturar com pessoas dignas como nós (ou como nós deveríamos ser). — Precisamos de centeio. Você sabe onde seu mestre o guarda?

John não sabe, porque ele não trabalha muito dentro da casa, e sua esposa não está lá para lhe dizer. Ele olha para o reverendo Parris.

— Tudo bem, John — diz o reverendo.

— Aquele saco ali — diz a sra. Parris, apontando.

John vai até o saco e abre-o.

— Quanto? — pergunta baixinho para a dona Sibley.

— Não sei. Não muito. Uma mão cheia. Deve dar.

John Indian enche a mão de centeio e peneira o cereal numa tigela rasa que uma das donas de casa lhe passou para esse propósito.

Tituba volta do sótão com o avental cheio de pedaços de pote quebrado, que ela sacode pela porta que dá para o jardim lateral, indiferente ao que o marido está fazendo com aquela inglesa fastidiosa.

— Tituba — diz a dona Sibley, levantando a voz para dar uma ordem.

Não é fácil pronunciar o nome da escrava. Cada um o pronuncia de uma forma diferente. Desconfio que John tenha um nome indiano também, mas ninguém sabe qual é. Ao ouvir seu nome, ou algo parecido, Tituba se vira e encara a multidão de espectadores no hall do presbitério.

— Senhora — diz ela, em tom servil.

— Quero que você leve isso lá para cima e colete a urina das meninas com isso.

A dona Sibley entrega a tigela de centeio nas mãos da escrava.

— A urina das meninas? — pergunta Tituba, surpresa. — Mas por quê?

— Não discuta comigo, mulher — diz a dona Sibley, irritada. — Faça o que estou dizendo.

Tituba olha rapidamente para o reverendo Parris, pálido de tensão. Ele assente com a cabeça. Em

seguida, ela olha para a sra. Parris, que não faz a mínima ideia do que está acontecendo na sua casa.

— Pois não — diz Tituba, levemente contrariada.

Enquanto ela está lá em cima, esperamos, murmurando, querendo entender o que Mary Sibley tramava.

— Já ouvi falar disso — sussurra uma das donas de casa. — Uma mulher fazia, por dinheiro, em Lynn, a vila onde passei a infância. Ann Burt, se chamava. É para desfazer encantos.

— Você acha que vai funcionar? — pergunta Nicholas Noyes, o pomo de adão se movendo como um rato nervoso.

— Talvez — diz a mulher de Lynn, pensativa. — Já funcionou.

Lá de cima, ouvimos protestos abafados e depois, silêncio. Em seguida, Tituba reaparece na beira da escada e desce cuidadosamente, com a tigela rasa cheia de urina, chapinhando.

— Elas não gostaram — informa Tituba, sem se dirigir a ninguém em particular. Acho que ela está entre aquelas que não gostavam de fazer aquilo. — Agora você, Annie.

— Eu? — pergunto, perplexa.

— Mas claro. Você também foi atingida, disseram. Vamos.

Olho em volta, minhas axilas úmidas de medo e pelo calor do ambiente abarrotado. Evidentemente, estou acostumada a fazer aquilo com meus irmãos em volta, sem ninguém prestando atenção. Mas deve haver vinte pessoas aqui, muitas desconhecidas, e todas me olhando.

Encontro Betty Hubbard ainda de pé no canto, com as mãos na boca para abafar o riso. Olho feio para ela.

— Vamos, Ann — o reverendo Parris me encoraja.

Tituba se inclina com um grunhido e deposita a tigela aos meus pés. O cheiro é forte. O líquido gira em torno do montinho de centeio, fazendo os grãos girarem também, em redemoinho. Olho confusa para os presentes à minha volta, que me pressionam, esperando.

— Melhor fazer o que eles dizem — sussurra Tituba, piscando os olhos. Ela sabe alguma coisa que não consigo compreender, mas, percebendo isso, fico com medo de desobedecer.

Engulo o medo, levanto a saia, tirando camadas de linho e lã do caminho, e me agacho sobre a tigela, expondo minha nudez. Meu corpo mudou no último ano, fazendo as juntas doerem. Os quadris estão mais largos, e já tenho penugem nas partes mais íntimas. Todo mundo consegue ver. Fico preocupada de sentirem o cheiro, esse cheiro forte que tenho agora. Todo mundo olhando, esperando. Eu, seminu.

O xixi não vem.

Fecho os olhos e finjo que não há ninguém ali, só minha irmã, que me observa o tempo todo, pois é muito pequena para ficar sozinha. Só ela, minha mãe e Mercy. Nem meus irmãos. Eles estão do lado de fora. Está tudo bem. Não há ninguém olhando.

A estratégia funciona, e esvazio a bexiga na tigela. Algumas gotas pingam na minha bota.

— Pronto — diz a dona Sibley. — Agora pegue a tigela, Tituba, e misture tudo até formar uma pasta.

Visto-me rapidamente, evitando olhar para Betty Hubbard, que ri atrás de um dos sobretudos pendurados na entrada. Minhas orelhas queimam.

Tituba fica olhando para a dona Sibley, muda, mas resistindo.

— Vamos lá, mulher — ordena o reverendo Parris.

Tituba ergue os olhos para o seu mestre para que ele veja sua objeção. Lentamente, como melado escorrendo, ela vai até a mesa onde está a tigela, arregança as mangas e leva as mãos à altura do rosto. Assistimos, apreensivos. Estou aliviada que ninguém mais está olhando para mim, metida no meio da multidão, assistindo também. Depois de um tempo, com o semblante impassível, Tituba enfia as mãos no centeio molhado e começa a misturar.

DANVERS, MASSACHUSETTS
SEGUNDA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 2012

Quem vê televisão às seis horas da manhã? Ninguém. Fala sério.

Prefiro dormir. Mas naquela segunda, eu estava acordada às cinco e meia da manhã, enrolada no cobertor, sentada no chão da sala, minha mãe no sofá atrás de mim, de pijama, o cabelo castanho, já grisalho, desgrenhado do sono, com óculos que a faziam parecer uma toupeira cansada. Embora o dia já começasse a clarear, dentro de casa ainda estava escuro, como se fosse de noite. Meu pai acendeu uma luz na cozinha, a luz que fica em cima da pia, para poder preparar o café. Até Michael estava acordado, com uma das minhas camisas de banda. Eu não sabia direito onde estava Wheez. Talvez na cama ainda.

Eu não tinha conseguido falar com Anjali no telefone desde que a foto dela aparecera no noticiário. Tentei mensagem de texto, liguei, e caiu direto no correio de voz. Entrei no Facebook, Instagram e Twitter, mas eles permaneciam inalterados desde o último sábado. Liguei para a casa dos Gupta umas seis vezes, e ninguém atendeu. O pai dela devia estar fora da cidade ainda, e eu tinha certeza de que qualquer coisa que estivesse acontecendo com Anjali, a dra. Gupta daria um jeito de resolver. Por isso, não havia motivo para ficar preocupada, eu tentava me convencer. Mas queria ouvir sua voz.

— Aqui — disse meu pai, pondo uma caneca na mão inerte da minha mãe.

Ele se sentou ao lado dela no sofá, com o grunhido habitual de alívio.

— Eu não recebo? — reclamei.

— Você está com a perna quebrada? Desculpe, eu não sabia — falou meu pai, com ironia.

Fiz beijo.

Sem dizer nada para ninguém, Michael se levantou da poltrona e foi até a cozinha.

— Não sei, Mike — disse minha mãe, coçando debaixo do olho com a ponta do dedo. — Talvez seja melhor que ela fique em casa hoje.

— Talvez — meu pai concordou.

Olhou para mim.

— O que você acha, Colleen?

Era tentador, do ponto de vista da preguiça. A ideia de voltar para a cama, ali pertinho, era bastante sedutora. Mas eu também me sentia estúpida. Imatura. Além disso, havia aqueles terríveis dez por cento, sempre pesando na minha consciência. Se eu ficasse em casa, poderia fazer o trabalho da sra. Slater para receber o crédito extra, que eu ainda nem tinha começado. Mas aí ficaria para trás em todo o resto. Longe demais para alcançar Fabiana.

— Besteira — falei. — Não é nada de mais. Se fosse, eles teriam suspenso as aulas.

— Dezesseis, você disse?

— Foi o que eles disseram no jornal.

Michael voltou com duas canecas de café. Para minha surpresa, ele me entregou uma e voltou para o

seu lugar, apoiando sua caneca na perna. Não sabia que ele tomava café, mas tomei o meu, agradecida. Se ele quisesse muito, podia ficar com minha camiseta.

— Está começando. Aumenta aí.

Alguém aumentou, e o tema de abertura de *Danvers em Pauta* ressoou pela sala. O brilho azul e frio da tv iluminou nosso rosto sonolento.

“Bom dia, pessoal. Bem-vindos ao *Danvers em Pauta*. Eu sou tJ Wadsworth, e fico muito feliz de estar aqui com vocês de novo!”

Esse era o slogan dela. Bem cativante, não? Até parece.

— Bonita roupa — disse Michael com a caneca na boca.

Minha mãe pediu silêncio. Achei graça.

“O programa de hoje é muito especial. A Doença Misteriosa da St. Joan. Qual é a verdadeira causa? A escola está tomando as providências necessárias? E o que você precisa saber para que seus filhos fiquem a salvo? Investigações realizadas por esta emissora revelaram que nem tudo é o que parece ser na respeitada escola. Temos conosco aqui no estúdio alguns convidados exclusivos, que nos contarão mais a respeito. Em seguida, a ‘visita do cupido’. Nossa correspondente Sasha Dobson nos dará dicas incríveis de novos lugares para levar seu namorado ou namorada neste Dia dos Namorados. Não saiam daí.”

Entra o jingle de passagem, e corte para um comercial de cera de chão. A mulher da propaganda parece feliz à beça com sua cera.

— Ponha no mudo, Mikey, por favor. Minha cabeça está explodindo — minha mãe disse calmamente.

Meu irmão procurou o controle nos cantos da poltrona e obedeceu.

— É melhor você ficar em casa — disse meu pai, coçando a barba rala. — Só até termos uma ideia do que está acontecendo.

— Mas, pai... — comecei a objetar.

— Meu Deus, todo esse dinheiro. Será que não podiam evitar que esse tipo de coisa acontecesse? — comentou minha mãe.

— Linda!

— De verdade. Eu não teria problema nenhum de mandar a Colleen para a escola pública. O Mikey também. Qual o problema das escolas públicas? Eu estudei em escola pública. Você estudou em escola pública. Estamos ótimos. E, por enquanto, não vi muita diferença dessa orientadora nas opções de universidade. Não é como eles prometem.

— Já conversamos sobre isso.

— Já, e vamos conversar de novo quando for a vez da Louisa.

— Mas eu quero estudar na St. Joan — minha irmã protestou no sofá, ao lado do meu pai. Ninguém tinha visto Wheez chegar. Talvez estivesse lá o tempo todo. — Além disso, a Colleen estudou lá doze anos, e eu só vou estudar seis. Não é justo.

Ainda calado, Michael aumentou o volume da televisão de novo. tJ Wadsworth estava sentada de pernas cruzadas, numa cadeira superestofada ao lado de uma mesa cheia de canecas. Poderia ser um programa matutino de qualquer outro lugar dos Estados Unidos. Mas não era.

Era de Danvers.

Minha cidade natal.

“... no estúdio hoje com a dra. Sharon Strayed, professora de epidemiologia da Universidade de Massachusetts, Laurel Hocking, enfermeira da escola St. Joan e socorrista da Doença Misteriosa, e Kathy Carruthers, mãe de uma das meninas afetadas, que nos dará uma entrevista exclusiva. Bem-vindas e obrigada por participarem desta edição de *Danvers em Pauta*.”

— É claro que Kathy Carruthers está nessa — murmurou minha mãe.

— Eles disseram que vão conversar com a menina? — meu pai lançou a pergunta no ar.

Leigh! Meu primeiro pensamento foi *aquela exibida*.

Sério. tj Wadsworth não conseguiu nada melhor, não? Não podia conversar pelo menos com uma menina de notas boas? Cadê a Clara? Talvez a produção tenha chamado os Rutherford, e o relações-públicas deles tenha dito para eles não irem por algum motivo. Talvez a Outra Jennifer não quisesse aparecer num programa de tv sem cabelo. Mas com certeza eles teriam conseguido Elizabeth.

Eu nem sabia que Leigh tinha ficado doente. Ela estava bem quando a vi na aula semana passada. Fiquei me perguntando quantas outras alunas do último ano deveriam ter ficado doentes só no intervalo de um fim de semana.

O telefone vibrou no bolso da frente do meu casaco de moletom. Mensagem de texto. Peguei-o com o coração disparado, pensando que podia ser Anjali me escrevendo de volta finalmente.

Não era Anjali.

Era Spence.

Ele tinha sido muito legal ontem, o que fazia com que eu me sentisse ainda mais culpada por ter me incomodado com sua entrevista. Evidentemente, depois que ele disse *filho de ex-aluno* de maneira tão espontânea, eu quis quebrar minha xícara de café ao meio, o que é ainda pior. Mas quando vi que Anjali não me respondia, ele percebeu que eu estava nervosa demais para sair e me levou de metrô até a estação de trem. Ficou esperando comigo quarenta minutos, como se não fosse nada de mais. Antes de me pôr no trem, ele me abraçou sem perguntar se podia e sussurrou no meu ouvido para eu não me preocupar, que ele tinha certeza de que havia acontecido alguma confusão e que Anjali estava bem.

Tá assistindo?

Olhei para minha mãe de onde eu estava, receando que ela ficasse irritada com os torpedos àquela hora da manhã. Mas ela estava envolvida no programa.

Tô, e vc?

Respondi, enfiando o telefone de volta no bolso.

“... Hocking, é um prazer tê-la conosco. Você se tornou um nome muito conhecido nestas duas últimas semanas, com tudo o que tem feito para as meninas. Deve ser uma sensação muito boa, saber que estamos ajudando alguém dessa forma.”

“Sim, com certeza. Fico feliz que elas estejam bem.”

“Você poderia nos dizer quando chegou à conclusão de que os sintomas não estavam sendo causados pelo que a escola afirmou inicialmente?”

“Claro, tj”, começou a enfermeira, que não parecia uma enfermeira nessa entrevista, mas a própria apresentadora: maquiagem, um blazer elegante, nada de jaleco ou coisas do tipo, cabelo com laquê. Deena me disse que alguém criou uma página para ela no Facebook, e a página já tinha 127 curtidas.

— A escola afirmou? — repeti, incrédula. — Não me lembro de nenhum diagnóstico feito pela

escola. Quem fez o diagnóstico foi ela.

— Fez? — perguntou minha mãe. — Não me lembro.

— Fez — meu irmão falou, baixinho.

“Para ser sincera, comecei a suspeitar logo no início. As primeiras manifestações dos sintomas não se enquadravam no que esperamos ver no caso de uma reação alérgica a uma vacina, mesmo uma relativamente nova como a vacina contra hpv. Evidentemente, muitos pais tinham preocupações com essa vacina, por diversos motivos. O primeiro grupo de meninas afetadas havia tomado a terceira dose dela mais ou menos na mesma época, com o mesmo pediatra, e havia muitas especulações na mídia...”

— E como você explica isso? — disse minha mãe, esticando o braço no ar, com a mão apontada em direção à tv.

Ela falava com a tv. Dialogava com os filmes também.

“... mas eu continuava cética. Até que minhas suspeitas se confirmaram quando algumas alunas ficaram doentes durante uma reunião da escola. Um incidente lamentável. Recebi autorização das famílias para divulgar que o segundo grupo de meninas afetadas não tinha nenhuma relação com o primeiro grupo, inclusive quanto ao pediatra. O fato é que não havia prova suficiente para afirmar que uma vacina poderia ser responsável pelo quadro que se apresentava. Infelizmente, foi muito difícil convencer a escola de que poderia haver outro problema por trás.”

Estranho. Laurel Hocking estava criticando abertamente a administração da St. Joan. O que a reitora estará pensando ao ver isso? Temi pela permanência da enfermeira Hocking na escola.

“Fascinante. O que você decidiu fazer em seguida?”

“Ela me ligou”, respondeu a dra. Sharon Strayed, que logo reconheci como sendo a mulher misteriosa que estava presente na minha entrevista com a enfermeira.

“Dra. Strayed, a senhora é professora de epidemiologia na Universidade de Massachusetts.”

“Sim.”

“Isso significa que a senhora estuda a propagação de doenças nas populações, correto?”

“Correto, tj. A enfermeira Hocking e eu tivemos uma longa conversa por telefone, em que ela descreveu os sintomas apresentados pelas alunas. Eu soube na hora que não se tratava de uma reação alérgica à vacina contra hpv. Pedimos a autorização dos pais para entrevistar todas as meninas da turma do primeiro grupo afetado. Dessa forma, com o histórico médico delas, poderíamos começar a procurar padrões.”

— Pediram? — repetiu minha mãe. — Não me lembro de terem me pedido autorização. Você se lembra?

— Não assim — respondeu meu pai, cruzando os braços e olhando fixo para a televisão.

— Ela estava na minha entrevista, mãe. Com a enfermeira.

— Pois ela nunca me pediu autorização nenhuma — disse minha mãe, irritada, e meu pai pôs o braço sobre seu ombro.

“E quando a senhora começou a procurar esses padrões, como disse, o que encontrou?”

“Bem”, falou a dra. Strayed, “posso lhe dizer que o que encontramos nos surpreendeu bastante.”

“Precisamos fazer um intervalo, mas, na volta, saberemos mais a respeito da misteriosa doença que atingiu dezesseis meninas na St. Joan em menos de um mês. O que se esconde por trás dos estranhos

sintomas? E o que você precisa saber para que sua família fique segura? Não saiam daí.”

O jingle do programa de novo, e um comercial da Jenny Craig.

— Mikey... — começou minha mãe, mas meu irmão tirou o som da televisão antes de ela terminar a frase.

— Essa mulher é estranha — disse Wheez.

— Que mulher, querida? — perguntou meu pai.

— Essa de blazer.

Todas estavam de blazer.

— Aham — fez meu pai, dando-lhe um tapinha distraído na perna.

— O que te perguntaram, Collie? — quis saber minha mãe. — Elas te disseram o que achavam que era?

— Não — respondi. — Deixaram que eu achasse que ainda era por causa da vacina. Elas também não falaram nada de proliferação, apesar do quadro com tachinhas que eu vi na sala da enfermeira. Acho que sabiam que a doença estava se espalhando e não queriam divulgar. Mas me fizeram um monte de perguntas estranhas.

— Sobre o quê?

Fiquei sem graça, torcendo para que a mudança de cor do meu rosto fosse neutralizada pelo brilho azul da televisão.

— Hum — fiz, hesitante.

Meu irmão parecia rir na poltrona.

— Coisas aleatórias, sobre mim e minhas amigas. Na verdade, elas me perguntaram se já tive faringite. Lembro dessa pergunta porque me pareceu estranho perguntar isso. Eu já tive?

— Já — respondeu minha mãe, trocando um rápido olhar com meu pai. — Duas vezes, na verdade. Quando você era pequena.

— Com quatro anos? — perguntou meu pai. — E depois com o quê? Seis?

— Uau! — exclamei. — Duas vezes?

— Eu já tive? — perguntou Michael.

— Já. Você pegou da Colleen quando ela teve pela segunda vez. Claro, a casa toda cheia de saliva de bebê. Vocês dois tiveram.

— E eu? — perguntou Wheez no canto do sofá. — Eu já tive?

— Hum... — Meu pai coçou o rosto de novo. — Não, meu anjo, você não.

— Ahá! — exclamou Wheez, contando vantagem.

Michael olhou feio para ela.

— Você teve coqueluche — lembrou, e Wheez jogou uma almofada nele.

— Mas eu tive faringite, tipo, há doze anos — eu disse. — Por que elas queriam saber isso?

Sem falar nada, Michael pôs de volta o som da televisão. O programa já tinha recomeçado, e ninguém reparou.

“... pandas”, dizia a dra. Strayed para tj Wadsworth, que parecia compenetrada.

“Como os ursos?”, perguntou a repórter.

A enfermeira Hocking jogou o cabelo preto para trás, rindo, como se a repórter tivesse dito algo

muito engraçado.

“Não é exatamente isso”, explicou a dra. Strayed, rindo também. “pandas é o acrônimo de *Pediatric Autoimmune Neuropsychiatric Disorders Associated with Streptococcal infections*, ou seja, transtornos pediátricos neuropsiquiátricos associados a processo autoimune decorrente de infecção estreptocócica. pandas.”

“*Pediatric...*”, tj Wadsworth tentou repetir o nome, sem conseguir.

“Basicamente”, intrometeu-se a enfermeira, talvez achando que já haviam gastado tempo demais com a epidemiologista, “o que acontece é que, às vezes, as crianças, depois de pegarem uma infecção estreptocócica, ficam ‘curadas’, mas, por motivos que desconhecemos, desenvolvem, mais tarde, sintomas neurológicos incomuns, como tiques na fala, contrações espasmódicas e ansiedade. Se bem que a ansiedade pode ser atribuída ao estresse causado pelos tiques.”

“Exato, Laurel”, disse a médica, retomando seu espaço na conversa. “Em alguns casos, o paciente apresenta sintomas que podem ser confundidos com toc.”

“Transtorno obsessivo-convulsivo”, esclareceu tj.

A médica já ia concordar, mas se deteve.

“Não exatamente. toc significa transtorno obsessivo-*compulsivo*.”

“Ah! Claro. Perdão”, disse a repórter, tentando fazer graça do próprio erro.

Dava para entender por que ela se confundiu. Clara e as outras meninas não pareciam ter toc, não da maneira que eu imaginava. Devo admitir que minha ideia de toc vinha dos filmes. Eu achava que era compulsão por lavar as mãos.

— Hum. O que vocês acham disso? — perguntei.

Como é que meus pais iam saber? Eles não eram médicos. Fiquei me perguntando o que diria a dra. Gupta e onde estaria Anjali naquele momento.

— Não sei, Colliewog — disse meu pai.

“Às vezes, os jovens apresentam manifestações de falta de controle, como tiques, gagueiras e coisas do tipo, que inicialmente são diagnosticadas como toc ou Síndrome de Tourette. No entanto, um exame mais detalhado revela”, explicava a médica, “que esses sintomas, mesmo os mais sutis, que não levam o paciente a procurar ajuda médica, aparecem exatamente no momento em que o paciente se recupera da infecção estreptocócica. A boa notícia é que esse tipo de enfermidade é raro.”

“Vamos falar sobre isso, doutora. Com que frequência isso acontece? E o que as famílias podem fazer para que seus filhos não sejam contaminados?”

“O mais importante é a prevenção”, respondeu Laurel Hocking, para não ficar para trás em questão de conhecimento. “Lavar bem as mãos, cuidar da higiene, fazer check-ups regulares — basicamente, tomar as precauções necessárias contra esse tipo de faringite.”

“Compreendo. E no caso das famílias cujos filhos já tiveram faringite ou estão com faringite neste momento? O que elas devem fazer?”

“Bem, o que quero enfatizar aqui é que, independentemente do que as pessoas possam pensar sobre os casos da St. Joan, estamos falando de uma resposta autoimune muito rara. Algumas crianças que já tiveram infecções estreptocócicas, muito comuns, como os pais bem sabem, podem apresentar tiques, mas a grande maioria não apresenta nenhum desses sintomas”, garantiu a dra. Strayed.

“Temos mais duas convidadas bastante envolvidas no caso da Doença Misteriosa da St. Joan. Vamos conversar com elas logo depois dos comerciais.”

Michael tirou o som da tv antes mesmo que o jingle tocasse.

— Estou ansiosa para ouvir o que a Kathy Carruthers tem a dizer. Não sei vocês — comentou minha mãe, em tom de pergunta. — Mike, pode esquentar para mim?

Tanto meu pai quanto meu irmão se chamavam Michael. O apelido de meu pai é Mike, e meus pais chamavam meu irmão de Mikey. Ele se esforçava para que o chamassem de Michael desde o sexto ano, e eu finalmente consegui mudar este ano. A questão na Nova Inglaterra é que gostamos de simplificar as coisas. Todo mundo com o mesmo nome. Meu pai se levantou e levou a caneca da minha mãe para a cozinha. Sem falar nada, pegou a minha e a do Mikey também. Mikey! Falha nossa. Acontece.

— pandas — minha mãe refletia enquanto meu pai estava ocupado na cozinha. — Bom, pelo menos agora eles sabem o que é. Melhor do que ficar todo mundo histérico por causa de uma vacina inofensiva.

— Nome estranho esse — disse Wheez. — É como dizer: “Ai, meu Deus, peguei girafa”.

Ninguém riu.

— Impossível — falei, enrolando-me mais no cobertor. — Impossível. Se é uma doença tão rara assim, por que é que tudo isso está acontecendo na escola justo agora? Não entendo.

— Ora — disse minha mãe, coçando o olho por trás dos óculos —, talvez tenha havido uma espécie de miniepidemia de faringite na sua escola no ano passado, querida. Se várias meninas pegaram faringite na mesma época, elas poderiam estar tendo essas consequências agora, ao mesmo tempo. O importante é que eles já sabem o que é, e podemos ficar tranquilos em relação a você. Você não teve faringite no ano passado.

Fiquei tentando me lembrar se houve mais faltas por doença que o normal no ano passado. Não consegui me lembrar. Quer dizer, as pessoas sempre faltavam por doença. Gripe, resfriado. E teríamos confundido faringite séptica com resfriado, se dissessem que era resfriado.

Meu pai voltou e distribuiu as canecas.

— Precisamos começar a nos arrumar para ir — disse.

— Temos que ver as Carruthers primeiro — disse minha mãe, dando um tapinha no sofá para meu pai se sentar ao seu lado.

Agora que ela estava certa de que nada aconteceria comigo, via a situação como um espetáculo. Tenho certeza de que ela não estava pensando em Anjali.

Mas eu estava.

“Bem-vindos de volta ao *Danvers em Pauta*. Eu sou tj Wadsworth. Hoje estamos conversando com Laurel Hocking, enfermeira e socorrista da lamentável Doença Misteriosa que atingiu dezesseis alunas da St. Joan neste último mês. Contamos também com a presença da dra. Sharon Strayed, professora de epidemiologia da Universidade de Massachusetts, e de Kathy Carruthers, mãe de uma das alunas afetadas por essa tragédia. Kathy, bem-vinda.”

“Obrigada, tj.”

Kathy Carruthers estava produzida como uma dançarina de Las Vegas, ou pelo menos como eu imaginava uma dançarina de Las Vegas num programa de televisão local. Segurava um lenço. Minha mãe e eu trocamos um olhar.

“E muito bem-vinda também, Leigh”, disse tj, inclinando-se para a frente e aumentando um pouquinho a voz, do jeito que fazemos quando estamos falando com uma pessoa que julgamos meio lenta ou que não fala bem nosso idioma.

“Obrigada”, disse Leigh.

“Achamos importante que a verdade venha à tona, e é por isso que estamos aqui hoje”, falou Kathy, sem que ninguém lhe perguntasse nada.

“Exatamente”, concordou tj. “Então, Leigh. Conte para nós: como você está? De verdade.”

Close no rosto de Leigh. O lábio inferior dela tremia. No início, não consegui entender, por trás do melodrama, o que a perturbava, mas depois de um minuto eu percebi.

Leigh estava vibrando.

Não sei de que outra maneira descrever. Ela não estava se contorcendo. Não estava se debatendo. Não estava tremendo. Estava *vibrando*. A câmera não conseguia manter o foco porque, apesar de parecer que ela estava lá sentada, normalmente, ela estava... oscilando. Estava embaçada. Quando levantou o braço para ajeitar o cabelo atrás da orelha, deu para ver que sua mão vibrava.

— Como é que ela faz isso? — perguntou Michael, da poltrona.

“Confesso que é uma sensação muito estranha”, disse Leigh como se falasse na frente de um ventilador. “Parece que tem alguma coisa dentro de mim fazendo isso. Eu tento controlar, tipo, segurar, mas a coisa vai se acumulando, e eu sinto que preciso deixar sair. É melhor assim, deixar acontecer, mas depois que começa não consigo parar.”

“O pai dela e eu queríamos que todo mundo soubesse que estamos responsabilizando a escola”, disse Kathy. “Merecemos respostas. E merecemos um plano para ajudar nossas filhas a se sentirem normais de novo.”

“Bem, dá para compreender”, disse tj. “Laurel, você tem alguma resposta para esta mãe aflita?”

“Claro que sim. Kathy e Leigh, assim como todas as meninas afetadas, sabem que tudo o que queremos é que elas se sintam bem. Ajudá-las é nossa prioridade máxima. Gostaria de enfatizar que todos na escola estão focados no que é melhor para nossas alunas.”

“Só queríamos saber por que tem sido tão difícil receber uma resposta direta e objetiva. Quer dizer, como é que vamos proteger nossas filhas se ninguém está sendo sincero conosco?”, disse Kathy, sem olhar para a enfermeira.

Leigh vibrava ao olhar para a mãe, no sentido literal e figurado. Sua mão segurava a manga do suéter de Kathy.

“Bom, isso também nos leva a uma pergunta importante, tenho certeza de que a Kathy concordará comigo: qual o tratamento? Como ajudar essas meninas a terem uma vida normal de novo?”, perguntou tj, dirigindo-se à médica.

“Uma pergunta bastante natural, que muitos pais assistindo a este programa devem estar se fazendo. Mas, infelizmente, não há uma resposta única. Nos próximos dias, conversaremos com todas as alunas que suspeitem estar com pandas, e determinaremos um plano de ação especial para cada uma delas. Todo mundo é diferente, e vamos tratar aluna por aluna.”

“Kathy, é isso o que você queria ouvir?”

— Ótimo — disse minha mãe para a televisão. — Provoque-a. Ótima ideia.

“Não, não é isso o que eu queria ouvir!”, respondeu Kathy, aumentando a voz. “Se é uma doença real, tem que haver um tratamento real para ela, concorda? Olhe para a minha filha. Ela não consegue se controlar. Mal consegue falar. Na semana passada, ela era uma menina normal, feliz, e olhe agora! O que vocês vão fazer a respeito? Quero saber exatamente como vocês pretendem ajudar minha filha!”

Os olhos da médica viraram de um lado para o outro, e o sorriso dela perdeu a vitalidade.

“Bem, para ser sincera, a questão é complicada. O tratamento para pandas pode envolver certos medicamentos, e, em alguns casos, indica-se terapia cognitivo-comportamental para...”

“Terapia? Está chamando minha filha de louca? É isso?”

Kathy tinha se levantado e apontava o dedo no peito da médica.

Minha mãe riu.

— Linda, por favor — murmurou meu pai, censurando-a.

— Desculpe — disse minha mãe. Mas não parecia se sentir culpada.

“Não estou afirmando que...”, disse a dra. Strayed, gaguejando, percebendo imediatamente seu erro.

“Como você se atreve? Minha filha não está louca. Ela está doente! Olhe para ela! E ninguém está fazendo nada para ajudar! Ninguém!”

A câmera cortou bem no momento em que víamos um contrarregra fortão se aproximando de Kathy Carruthers por trás. Ouvimos som de briga, e a câmera dá um close no rosto de tj Wadsworth, cujo sorriso estampado destoa do olhar preocupado.

“A Doença Misteriosa da St. Joan agora, parece, tem mais perguntas que respostas. Kathy, Leigh, dra. Strayed, enfermeira Hocking, muito obrigada por terem participado do programa hoje. A seguir, a flecha do cupido ainda não te acertou? O Dia dos Namorados está chegando, e vamos nos preparar conversando com...”

Michael desligou a televisão.

*DANVERS, MASSACHUSETTS**SEGUNDA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 2012*

— **Você pode mudar de ideia** — disse meu pai.

Uma floresta havia crescido da noite para o dia nos degraus frontais da St. Joan, uma selva de vans, antenas, projetores, equipamento de som, câmeras, cabos, assistentes de produção, monitores, microfones em varas, repórteres de capa de chuva e cabelo laqueado. Parei de contar no onze ou doze. Muitos canais de televisão de Danvers e todos os canais de Boston. Um de Providence. Dois do Maine. Framingham. Burlington.

E um de Nova York.

Segurei mais forte a mochila.

— Estou falando sério — insistiu meu pai. — Podemos desistir e voltar para casa.

Olhei para ele e depois para os degraus da escola, totalmente ocupados por pessoas desconhecidas. As varas dos microfones sobre a multidão lembravam um monstro de várias pernas, com ferrões de metal. Não dava nem para ver as portas góticas da entrada, só as bocas escancaradas das gárgulas agachadas nos canos de drenagem, fora de alcance. Por cima de tudo, a imagem invertida do vitral de Santa Joana sendo queimada na fogueira, com as cores ofuscadas pela luz invernal. O rosto de Joana D'Arc estava tranquilo e beatífico como nunca.

— Qual o sentido? — falei. — Tenho muita coisa para fazer. Estou quase alcançando a Fabiana. E não vejo como o fato de eu ficar em casa vai fazer com que tudo volte ao normal mais rápido.

— Como você quiser — disse meu pai. — Mas, se você mudar de ideia, é só me ligar no trabalho, o.k.? Só dessa vez.

— Eu vou ficar bem, pai. — Para provar, saí do carro, bati a porta e disse pela janela, com a mochila nos ombros: — De verdade.

— Tudo bem, então. Tenha um bom dia. Aproveite seus quinze minutos de fama.

Era por isso que eu queria atravessar o corredor polonês da mídia para entrar na escola?, eu me perguntava ao me aproximar. Toda essa atenção dispensada aos outros. Leigh na televisão. Não que eu quisesse aparecer na televisão. Pelo menos, era o que eu achava. Mas nem sempre dizemos a verdade para nós mesmos.

Vi o padre Molloy estressado, à margem da multidão de gente carregando câmeras. Conduzia os alunos da calçada para a porta de entrada, como rebanho.

— Colleen. Por aqui — disse ele, erguendo as sobrelhas em cumprimento, pegando-me pelo braço.

Aí, antes que eu tivesse tempo de me preparar, começou a avalanche.

“Senhorita! Senhorita! Você não está preocupada de vir para a escola hoje? Acha que a escola está dizendo a verdade?”

“Podemos conversar com ela, padre? Qual o nome dela?”

“Ei, mocinha! Olhe para cá! Só olhe para cá!”

“Você acha que isso está relacionado só com a questão sexual? Você já tomou vacina contra hpv? Se não tomou, pretende tomar agora?”

“Senhorita, você já teve faringite? Acha que pode ser realmente pandas?”

“Você é amiga de alguma das meninas afetadas? Já falou com elas?”

O padre Molloy continuou segurando meu braço de modo carinhoso, pondo a mão entre meu rosto e as câmeras, protegendo-me dos microfones intrusos com o ombro.

— É só ignorá-los — sussurrou para mim. — Não se preocupe. Não olhe. Você não precisa falar com ninguém, o.k.?

— O.k. — respondi, olhando para o chão.

“Com licença, senhorita, com licença! Só uma pergunta!”

“Com vinte alunas doentes, você não tem medo de que isso seja apenas o início?”

“Qual a opinião dos seus pais em relação à forma como a escola tem administrado essa crise?”

— Continue andando — disse o padre Molloy, baixinho.

Assenti com a cabeça.

“Senhorita! Senhorita! Ei, você está surda?”

“Moça, só uma foto rápida!”

“Colleen!”

Gelei.

“Colleen Rowley, como você se sente sabendo que pode ser a próxima?”

Virei-me, procurando na multidão de rostos desconhecidos quem tinha dito meu nome. Com os microfones e refletores na minha cara, eu não conseguia ver quase nada.

“Só uma palavrinha, senhorita! Queremos saber sua opinião!”

— Estou só tentando ir para a aula — gritei em direção às luzes.

O padre Molloy puxava meu braço.

“Você não está com medo? Acha que pode ser alguma coisa da própria escola?”

— Eu... Todo mundo só quer que tudo volte ao normal. Desculpe.

Flashes foram disparados, e me fizeram mais perguntas, mas não consegui entender nenhuma. Ergui os ombros, caminhando sob os braços protetores do padre Molloy.

— Já chega. Abram espaço, por favor — gritava ele com a imprensa.

Foi difícil abrir caminho pela muralha de braços, pernas, blocos de anotações de repórteres e câmeras. Quando finalmente chegamos à porta de entrada da escola, o padre Molloy me empurrou para dentro, sussurrando:

— Pronto. Está tudo bem. Vá para a sala, o.k.?

Respondi que sim, com os olhos arregalados, e a porta se fechou.

Do lado de dentro, um silêncio assustador.

Virei de costas para a porta, examinando o tamanho do corredor, geralmente apinhado de meninas, todas com a mesma saia, cada uma indo para o próprio armário e depois para a sala, na dança complexa de uma manhã no ensino médio. Mas hoje eu reparei no piso de lajota, uma grande extensão de ardósia,

escurecida por um século de polimento. Pelo vidro pontilhado das portas das salas, entrava uma luz fraca, que refletia nos batentes. Em cada batente, havia gravado o lema de nossa escola: *Il est bon à savoir*. É bom saber.

Aqui e ali, grupos de meninas reunidas em frente aos armários de madeira, agarradas a seus livros. No silêncio, conseguíamos ouvir o som abafado da imprensa lá fora, comprimindo-se contra a porta. De tempos em tempos, a porta se abria, e mais uma aluna era empurrada para dentro, toda descabelada, ofegante e com o olhar assustado.

— *Colleen... I'm Colleen, and feelin' so loneleeeeeeeeeey! I'm Colleeeeeeen, Colleen and feelin' soooooo bluuuuueeee...*

Sorri, sentindo um alívio.

Deena.

Deena estava aqui em algum lugar, caçoando de mim com uma música da Patsy Cline. Agarrei-me a essa boia salva-vidas de normalidade, andando rapidamente pelo corredor vazio até nossa sala. Meus passos ecoavam na lajota.

Quando a porta se abriu, vi que a sala estava dois terços vazia.

Jennifer Crawford descansava com a cabeça deitada na mesa, no fundo da sala. No cabelo, um novo tom, recém-aplicado, de rosa-choque.

Mas nada de Anjali.

Nem de Leigh Carruthers.

Nem de Elizabeth.

Nem da Outra Jennifer.

Nem de Fabiana.

Tentei conter a alegria pelo fato de Fabiana não estar lá, mas não consegui. Hoje era o dia. Eu poderia me esforçar e me aproximar alguns centésimos. Resolvi dar início ao meu trabalho extra para a sra. Slater na sala de estudos naquela tarde.

Deena estava lá. Quando me viu, ela abriu um sorriso e acenou para mim. Eu sempre ficava feliz ao ver Deena, mas hoje eu seria capaz de correr até ela e lhe dar um abraço bem apertado. E foi o que eu fiz.

— Ei — exclamou Deena, rindo. — O que houve? Ainda é segunda-feira.

— Eu sei. Desculpe. É que eu ainda não consegui falar com a Anjali pelo celular. Você conseguiu?

Deena e eu trocamos muitas mensagens de texto no fim de semana, e nenhuma das duas tinha conseguido ter notícias de Anjali.

— Não — respondeu Deena. — Mas olhe. Se sua mãe fosse uma grande pesquisadora médica, e uma estranha “Doença Misteriosa” surgisse na sua escola, você não acha que ela te tiraria da escola por alguns dias, estando você doente ou não?

— É verdade — falei.

— Meu pai acha que grande parte das meninas que eles estão dizendo que estão doentes, na verdade, não está indo à escola só por precaução. Ele queria que eu ficasse em casa hoje também.

— Meu pai também.

— O fato, então, é que não sabemos direito quantas alunas estão doentes, concorda? Algumas alunas que informaram à escola que estão doentes podem estar apenas inventando, para ganhar tempo.

Era um raciocínio muito razoável. Senti um peso saindo dos meus ombros, um peso que eu nem sabia que estava lá.

— Você acha? — perguntei.

Acho que nem todo mundo se importava tanto em manter a média quanto eu. Talvez nem Fabiana.

— Certeza.

Percorri os olhos pela sala. O sinal já tinha tocado, mas o padre Molloy ainda estava do lado de fora, ajudando as alunas a atravessarem a barreira de repórteres.

— Mesmo assim — eu disse. — Eu me sentiria muito mais tranquila se ela me respondesse dizendo que está tudo bem. Encontrei o Jason na minha entrevista em Harvard.

— O Jason? — exclamou Deena. — Ele estava com aqueles metais no dente? Ouvi dizer que Harvard adora meninos com *grillz*.

Sorri.

— Nada de *grillz*. Ele estava de gravata, com estampa de patos, mas sem *grillz*. O fato é que a Anjali também não respondeu ao Jason.

— Hum — fez Deena, perdendo um pouco a certeza. A expressão de dúvida no seu rosto me preocupou.

— Como eu imaginava.

— Mas deve ter alguma explicação lógica para isso. Talvez ela finalmente tenha caído na real e largado o Jason.

— Só que eles não tiveram nenhuma briga.

A porta se abriu, uma menina entrou, mas Deena e eu não prestamos atenção nela até ela se sentar do nosso lado.

— Tzt tzt tzt ha... ha... ha... Oi, meninas — disse Clara.

Dei um pulo na cadeira, literalmente.

Clara Rutherford sorria para mim. A cabeça se contorcia, mas nada exagerado. O rabo de cavalo continuava perfeito como sempre. Um verdadeiro feito, já que sua cabeça não parava de se mexer.

— Oi, Clara — disse Deena. — Como vai?

— Estou... tzt tzt tzt... ha... bem, obrigada — respondeu ela, deixando os tiques transparecerem, sem constrangimento. Como é que ela conseguia? Clara era capaz de fazer com que um surto de Tourette parecesse legal.

— Estávamos falando de quanta gente faltou — comentei. — Um pouco assustador, esse silêncio todo.

Clara olhou em volta, assentindo com a cabeça como que confirmando suas suspeitas.

— Bem — disse ela. — É... tzt tzt tzt... bastante sério, sabia? Vocês viram *Danvers em Pauta* hoje de manhã?

Deena e eu respondemos que sim com a cabeça, mudas.

Clara deu um tapinha de lado no nariz. Sua cabeça fez um movimento abrupto, e ela sorriu.

Olhei para Deena e depois para ela de volta, sem entender o que ela queria dizer.

Clara se aproximou.

— Esperem... tzt tzt tzt tzt... só — disse, levantando-se da cadeira, como uma Vênus saindo da

concha, e indo para a sua mesa de sempre.

Como não havia ninguém sentado naquele canto da sala, não entendi por que ela não ficou no lugar de Fabiana, perto da gente. Deena e eu continuamos observando Clara por um tempo e depois nos olhamos.

— Ei, cadê a Emma? — perguntei.

Esqueci de contar uma coisa.

A reitora da escola havia sido despedida.

Na verdade, não me lembro quando fiquei sabendo. Não me lembro de ninguém me contando, seja por torpedo, seja pessoalmente. Não me lembro se foi um professor ou uma companheira de turma que me disse. Foi algo que ouvi falar em algum momento do dia, algo que eu não sabia quando cheguei à escola naquela segunda-feira e que, no final do dia, eu já sabia. Era um fato.

A freira reitora tinha ido embora e não voltou mais. Fim do som de microfone estourado nas reuniões do ensino médio. Fim das advertências pelas saias curtas. Adeus, reitora.

A saída da reitora gerou algumas especulações quanto ao motivo da demissão, quem a demitiu e as consequências daquilo. Era alguma coisa relacionada ao conselho de administração, uma entidade misteriosa da St. Joan, que todo mundo sabia que existia e que administrava a escola com punho de ferro, mas ninguém sabia quem eram os membros. Os pais das alunas não eram. Diziam que era formado por famílias proeminentes de Danvers, e que entrar para o conselho era mais difícil que entrar para o Essex Country Club e para o Yatch Club, se você fosse irlandês.

A expressão *não tomou partido* foi bastante usada naquele dia, mas não me parecia um verdadeiro motivo, e sim uma explicação política. Em relação a que a reitora precisava tomar partido? Ao problema? À doença? À fofoca? A reitora era uma freira ansiosa, apagada, que havia sido professora antes de se tornar diretora e que se destacou por exigir normas de uniforme e provocar o departamento de orientação das universidades quanto às notas de aceitação nas faculdades da Ivy League. Não era o tipo de pessoa que iria ao *Danvers em Pauta* contar ao mundo que as adolescentes da sua escola particular estavam se debatendo como peixes fora d'água.

Em todo caso, depois da demissão da reitora, ninguém mais sabia quem estava no comando da escola. A verdade passou a ser um monstro amorfo, descontrolado e ameaçador, andando livremente nos corredores da St. Joan. Um monstro que todos nós procurávamos, mas não encontrávamos.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— Mas não entendo. O que eles queriam com isso? — pergunta-me o reverendo Green, apertando os lábios.

— É um método muito antigo, reverendo Green. Surpreende-me que o senhor nunca tenha ouvido falar.

— Fui criado para acreditar primeiro em Deus, depois na ciência. Não acredito em superstições e contos da carochinha, que afastam as pessoas da verdade.

Fico avaliando o reverendo. É fácil para ele julgar desse jeito.

— Seja como for, Tituba assou a massa, transformando-a num biscoito, e a dona Sibley ordenou que John desse o biscoito para um dos cachorros no quintal.

— Um cachorro?

— Isso, um cachorro.

— Não faz sentido — resmunga o reverendo Green, elevando as mãos para o céu. — Mas por que deveria fazer?

— A doença tinha uma causa sobrenatural. Foi o que o médico disse! Por que não procurar uma solução sobrenatural?

— Como é que alguém pode achar que dar um biscoito de urina para um cachorro pode ser a solução? Explique-me como funcionam as mentes simples, porque sozinho jamais entenderei — o reverendo me desafia, batendo com os dedos no tampo da mesa.

— Bem, pelo que entendi, existem duas explicações, segundo a dona Sibley. Primeiro, eles achavam que a doença, ou feitiço, entrava no corpo do cachorro por meio da nossa urina, e nós éramos libertadas.

— “Libertadas”, sei — diz o reverendo, com um tom sarcástico na voz.

Dá para entender por quê, depois de tudo o que eu disse. Não havia nenhum feitiço em mim, nem em Betty Parris, nem em Abby Williams para ser desfeito.

— Ou — continuo — outra explicação é que, com a mastigação do cachorro, o feitiço voltaria para quem nos enfeitiçou, causando dor na pessoa e obrigando-a, portanto, a nos libertar.

O reverendo me observa, pensativo.

— Interessante — comenta ele. — Que uma pequena parte substitua o todo. A ignorância não é tão grande quanto imaginei. O que aconteceu depois? Deu certo, suponho.

Olho furiosa para ele.

— Ficamos todas no quintal, tremendo de frio, com neve até o tornozelo, vendo o cachorro devorar o biscoito. Quando ele acabou, o reverendo Parris me pegou pelo braço e ergueu minha manga, para ver se eu estava curada. Mas eu não estava. A ferida continuava vermelha, sangrando como sempre.

— Claro — diz o reverendo Green.

— Então ele mandou todo mundo embora. Queria rezar sozinho naquela noite. Mas o caso se espalhou pela cidade. E a palavra que todo mundo repetia era *bruxaria*.

Todos estão esperando. Observo as pessoas correndo de um lado para o outro, ocupadas com seus negócios. Para o observador inexperiente, um dia como qualquer outro. Porcos perambulando pelas ruas, o couro coberto pela geada. Um dia faz calor, e a neve derrete, caindo em blocos das árvores. Naquela noite fez tanto frio que todos acordaram no dia seguinte como se o vilarejo tivesse sido mergulhado em vidro.

Uma semana se passou, mais ou menos, desde que Mary Sibley pediu para Tituba e John fazerem a simpatia, e agora, a todo lugar que eu vou, ouço gente sussurrando. Imagino as pessoas me observando. Quando viro para trás, não vejo nada. Todo mundo de cabeça baixa, ocupado com o trabalho. Sou cumprimentada no caminho, como sempre, mas noto um medo oculto nas palavras, como se a normalidade fosse atuação.

Uma grande quantidade de pessoas — pastores, magistrados, doutores e curiosos — entra e sai do presbitério, e quem passa perto escuta vozes de homens rezando. As mulheres se reúnem na sala, inventando motivos para estar ali. No primeiro encontro depois da visita fracassada do médico, o pastor nos exorta a todos com crueldade. Ele culpa o vilarejo. Tendo sentido a força da nossa cautela, que o afastava do nosso cuidado, incluindo Betty e Abigail, ele tenta cair de volta nas nossas graças nos apresentando provas da nossa humilhação moral. Está disposto a nos perdoar, em nome de Deus, se nos arrependermos.

O reverendo Parris está com medo.

Um dia, à tarde, estou no Ingersoll's Ordinary com Betty Hubbard, que está na nossa casa enquanto o dr. Griggs atende as meninas no presbitério. Fui mandada para lá por minha mãe, para jantar com Betty e um dos meus irmãos mais novos. Estamos na mesa do canto, perto da lareira. Faz calor, e eu puxo minha touca para trás, com a testa toda suada.

— Deixe eu ver — diz Betty.

— Não — digo, prendendo o braço junto ao corpo.

Meu irmão não está ouvindo, pois, segundo ele, as meninas são venenosas. Ele também não come do meu prato, e não consigo convencê-lo do contrário. Já desisti de discutir. Àquela altura, sou até capaz de concordar com ele. Talvez as meninas sejam venenosas mesmo.

— Por favor, deixe eu ver — insiste Betty.

Olho em volta para garantir que ninguém está nos observando. A taverna está lotada: homens solteiros reunidos num canto, famílias em volta das mesas, bebês chorando. Não vejo ninguém olhando, mas tenho a sensação de que as pessoas desviam o olhar assim que me viro.

— Não tem ninguém olhando — diz Betty Hubbard, como se tivesse ouvido meus pensamentos.

Estico o braço na mesa e arregaço a manga, fazendo cara de dor. A crosta de sangue grudou na minha roupa, e quando arregaço a manga, a casca se solta. Betty se aproxima, espantada.

— Ainda está marcado — diz.

Faço que sim com a cabeça. Enfio os dedos na caneca de sidra e deixo pingar álcool no semicírculo de furos no meu braço. Arde muito. Faço uma careta e abaixo a manga rapidamente. Meu irmão olha para

mim com cara de nojo.

— Isso é idiotice, Annie — ele me informa.

— Fique quieto, senão mando você de volta para casa sem jantar — ameaço. — Em quem você acha que a mamãe vai acreditar quando você pedir comida?

Ele faz silêncio, contrariado.

— Talvez fosse bom mostrar para o meu tio — pondera Betty.

— Mas ele vai achar que estou enfeitiçada.

— E você não está? — pergunta Betty, erguendo as sobrancelhas. — Como sempre estive, quero dizer.

Solto uma interjeição de desagrado, girando a sidra na caneca.

— Ele já está cuidando da Abby e da Betty. Não sei por que a Abby não confessa logo.

— Ela está mais confortável assim, é por isso — diz Betty Hubbard.

A comida chega, leitão assado com maçã em conserva, e a devoramos. Meu irmão batuca na mesa ao som de uma tímida cantoria no Ordinary. Sorrimos, com a boca toda engordurada. Sei que minha mãe nos mandou para cá para ficar tranquila em casa enquanto meu pai trabalha nos seus livros de contabilidade, mas estou feliz. É bom estar com os outros habitantes do vilarejo, se sentir segura e ser mais uma, entre muitos. Estar aquecida, quando lá fora está frio e deserto.

A porta se abre no meio da música, e é minha amiga Mary Warren, a menina dos Procter. Até ela conseguir fechar a porta, o vento entra no salão, fazendo com que algumas pessoas reclamem na mesa perto da porta e outras fechem o casaco, visivelmente irritadas. Ela nos vê e vem correndo em nossa direção. Olhares acompanham seu movimento com curiosidade, e vejo cabeças se aproximando para sussurrar nos ouvidos.

— Mary! Você já comeu? — pergunto sorrindo, feliz pelo inusitado encontro.

— Já. Eles comem cedo — responde Mary, sentando-se no banco perto de Betty Hubbard.

— Mary, o que houve? Você parece assustadíssima — diz Betty Hubbard, preocupada. E é verdade. Mary está pálida. Sinto a comida me revirando o estômago.

— Acabei de vir de lá — conta Mary. Ela nunca gosta de mencionar o nome Procter. Ela detesta servi-los, assim como Abby detesta servir os Parris, mas Mary é mais educada que Abby, e procura não reclamar.

— A dona Procter ouviu um boato na cidade, e eu fui ao presbitério para saber se era verdade. E é.

— O quê?

Mary olha para meu irmão.

— Vá brincar com o menino da dona Pope, o John.

Meu irmão faz beijo.

— Você ouviu o que a Mary disse? — falo, enfiando a unha no braço dele. Ele berra.

— Mas ele não está aqui!

— Como é que você sabe que ele não está aqui se você nem se deu ao trabalho de procurar? — pergunta Mary.

Meu irmão se levanta, confuso.

— E não volte até encontrá-lo — ordeno.

Ele sai relutante, lançando um olhar emburrado para nós e seu prato inacabado. Quando já está fora do alcance da nossa conversa, Mary se debruça sobre a mesa, e nós fazemos o mesmo. Ouço cadeiras e bancos rangendo à nossa volta, e imagino os outros clientes da taverna se inclinando também para escutar, mas pode ser apenas minha imaginação.

— A Betty Parris vai contar — sussurra Mary.

— Contar?

— Com certeza vai. Eles não vão deixá-la em paz. Há três dias que eles estão atrás dela para ela dizer quem a está enfeitiçando. Eles vão obrigá-la a contar. Acho que a gente deve ir lá.

— Você acha que ela vai confessar que elas estão só atuando? — pergunto, em pânico.

Se ela confessar, vou comer o pão que o diabo amassou lá em casa, e Betty e Abby vão levar uma surra do reverendo Parris.

— O que mais ela pode dizer? A não ser que a Abby tenha uma ideia melhor. Acho bom a gente ir lá.

Procuro meu irmão no ambiente lotado para lhe dizer que fomos embora, mas não o encontro em lugar nenhum.

*DANVERS, MASSACHUSETTS**TERÇA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2012 (DIA DOS NAMORADOS)*

Uma semana depois, eu não conseguia parar de olhar meu celular.

A biblioteca da St. Joan era uma caverna profunda, assustadoramente estreita e alta, com paredes cheias de livros, na penumbra. A única luz que entrava vinha de um clerestório distante, feito de janelas góticas sob vigas de madeira que sustentavam o telhado e as luminárias de vidro verde penduradas sobre as mesas. Resultado: as pessoas gostavam de ir à biblioteca para dormir.

Deena estava debruçada sobre o livro de Física na mesa da biblioteca à minha frente, coçando os *minidreads* com a ponta do lápis. Organizei meus livros, inclusive meu novo exemplar de *As bruxas de Salem*, formando um muro protetor em volta da mesa. Entre nós, uma luminária de tonalidade verde emitia um zumbido de vez em quando, e a cordinha de metal do interruptor estava pendurada bem acima de onde uma aluna procrastinadora ficaria tentada a manuseá-la, e era o que eu fazia. No laptop, eu tinha aberto um novo documento de texto.

A página estava em branco.

O cursor piscando.

Peguei meu celular de novo. Nada. Franzi a testa e guardei-o de volta no bolso do casaco.

Deena olhou para mim e voltou a baixar a cabeça para o livro de Física, como se estivesse prestes a largá-lo. Suspirou, mudou de ideia e me deu um pontapé de leve debaixo da mesa.

— Colleen — disse. — Você precisa parar.

— Nem uma mensagem? — perguntei. Eu estava exagerando, eu sabia, mas mesmo assim.

— Colleen!

— Quanto tempo demora para mandar uma mensagem de texto? Tipo, dois segundos?

Deena largou o lápis e cruzou os braços.

— Com o que você está tão preocupada?

— Nada — respondi, resmungando.

Spence nem era meu namorado.

Lendo minha mente, Deena disse:

— O que você esperava? Flores? Vocês só saíram, tipo, uma vez.

— Mas a gente mandava torpedo um para o outro todos os dias — eu me peguei falando isso e logo percebi com quem estava parecendo.

Anjali.

Deena reparou.

— Acabei de me lembrar da Anjali.

— Pois é — ela disse. — Eu sei.

— Só queria que ela respondesse dizendo o que está acontecendo.

— É. Também estou preocupada.

— Você também não teve notícias, né?

— Não. Nada. Nem uma selfie no Instagram. Talvez você esteja certa.

Ficamos em silêncio. Peguei o celular de novo. Deena abriu a boca, mas não falou nada.

Oi, escrevi.

Não, não era para o Spence. Eu não estava tão desesperada assim. Era para Emma. Sabia que ela estava entediada, e eu não estava fazendo nada.

Oi. Como está na escola?

Sorri. Quando Emma parou de vir à aula na semana passada, Deena e eu tivemos um ataque de pânico momentâneo, pensando que todas as nossas amigas estavam morrendo e ninguém nos avisou. Mas logo concordei com a teoria de Deena, de que os pais estavam com medo de mandar as filhas para a escola, pelo menos os Blackburn, que são bastante reservados. Emma estava em isolamento, mandando os deveres de casa por e-mail e enlouquecendo aos poucos. Mas a boa notícia era que ela podia nos manter informadas sobre as novidades da mídia enquanto estávamos presas em sala de aula.

Tédio. Estranho. Não tem ninguém aqui. E vc?

— Diz que estou mandando um beijo — sussurrou Deena.

Bem. Consegui entrar na Endicott!!!

Fiz um “V” de vitória com a mão e mostrei o telefone para Deena.

— Ah, que surpresa! — disse Deena, rindo.

MARAVILHA!! D tá mandando um bj. Alguma notícia?

Deena me viu escrevendo, depois enfiou a cabeça no livro de Física, fazendo anotações com o lápis nas laterais.

A WBST diz que foram mais de 25. É verdade?

Franzi a testa e olhei ao redor, avaliando se a ausência de pessoas poderia confirmar o que Emma tinha acabado de dizer. Assoviei baixinho.

Difícil dizer... não tem ninguém aqui.

Outro torpedo chegou enquanto eu estava digitando. Apertei “enviar” e abri a mensagem.

A peça. Não se esqueça.

— Oh, pelo amor de Deus — falei em voz alta.

Deena me olhou sem entender.

— Algum idiota — expliquei.

Ela fez cara de impaciência e voltou ao trabalho.

ESTOU FAZENDO AGORA CALE A BOCA.

O telefone vibrou de novo.

Quer vir aqui depois? Minha mãe tá me deixando LOUCA.

Emma.

— Quer passar na casa da Emma depois da escola? — perguntei para Deena, que me dava carona para casa.

— Hum — Deena mordeu o lábio e ficou olhando para um ponto distante na parede.

Não entendi. Tinha certeza de que ela ficaria feliz em ver Emma, que não vinha à aula havia uma

semana.

— Deena?

Ela se mexeu na cadeira.

— É que tenho um monte de coisas para fazer em casa.

— Mas acabei de falar para ela que a gente estava indo.

Não era totalmente verdade. Mas eu estava chateada. Emma era nossa amiga. E ela não estava doente.

Só tinha uma mãe hipocondríaca. Qual o problema da Deena? Fiquei pensando em perguntar isso, enquanto via que ela procurava uma desculpa plausível.

O telefone vibrou de novo, com uma mensagem de texto de desconhecido.

— Caraca — murmurei, descendo para a próxima mensagem.

Não se esqueça.

— Hilário — sussurrei. — Psicopata.

Quem é você? Me deixe em paz. Estou TRABALHANDO.

Enfiei o telefone no fundo da mochila, irritada com todo mundo.

— Vamos lá, Deena — insisti. — Ela é nossa amiga. Ela não está doente. Você sabe disso. E preciso da sua carona.

— Tudo bem — ela disse, mal-humorada, virando uma página do livro de Física com determinação.

— Não sei qual é o problema. Nem vamos ficar até tarde.

— Já falei que tudo bem — disse, virando outra página.

— O que foi?

— Nada.

Fiquei olhando para ela por um bom tempo e depois, balançando a cabeça, abri a brochura da peça com força desnecessária, amassando a lombada. Folheei ruidosamente as páginas de um dos meus livros de História, ignorando Deena, se é que ela percebeu o barulho proposital que eu fazia. Comecei a ler.

Uma hora se passou. Deena entrelaçou os dedos e se espreguiçou, com a palma das mãos voltada para fora. Ouvi seus dedos estalarem. O som fez com que Jennifer Crawford, que estava cochilando na ponta da mesa com a cabeça apoiada num livro de Faulkner, se mexesse, sem acordar.

Virei uma página da peça, intrigada, e passei o dedo por uma lista de nomes no livro de História que estava ao meu lado. Depois, virei a página de volta.

— Hum, curioso — falei.

— Hã? — perguntou Deena, apoiando o queixo nas costas das mãos e sorrindo para mim. Isso é uma das coisas que gosto em Deena. A gente pode brigar, mas a situação acaba se resolvendo sozinha, seja o que for, se deixarmos a questão de lado por um tempo.

— A menina da peça. Ruth.

— Que peça?

Levantei o livro para que ela visse a capa.

Deena fez uma careta.

— E vocês ainda competem para estar nessa turma? Cálculo, até entendo. Porque matemática é *real*.

— É só pelo crédito extra — expliquei, sorrindo.

— Aaaaah — fez Deena, erguendo as sobrancelhas. — E a Fabiana sabe que você tem um crédito extra?

— Não — respondi baixinho.

— Você está realmente competindo com ela — observou Deena.

— Não estou, não — falei. Não sei por que falei isso, porque era verdade. Eu estava competindo com ela. E por que não?

— O que é que tem ela?

— Quem? A Fabiana?

— Não, a menina da peça. A Ruth.

— Ah! — voltei algumas páginas e olhei minhas anotações. — É que ela não existe.

— Como assim, não existe?

— Olhe — falei, empurrando o livro de História por cima da mesa.

Deena se inclinou para poder ver. A luz esverdeada da biblioteca fazia sombras estranhas nos olhos dela.

— Hum — fez Deena. — O que é isso?

— Então. Aí tem uma lista de nomes, certo? São as meninas que acusaram as mulheres em Salem há uns trezentos anos. E agora olhe.

Joguei a peça por cima da mesa. Jennifer Crawford bocejou, se espreguiçou e levantou um pouco a cabeça, olhando para nós com curiosidade.

— E?

— Esses são os personagens da peça, as meninas afetadas, e são as mesmas do livro de História. Certo? Abigail, Betty, Mary etc. Mas, e Ruth?

— O autor inventou um personagem. Nada de mais.

Fiquei calada, pensando.

— Por que ele faria isso? Todos os outros personagens existiram de verdade. Até diz aqui — folheei outro livro, de crítica literária — que Arthur Miller fez uma pesquisa histórica para escrever a peça. Tipo, consultou as transcrições dos julgamentos, essas coisas. Tem alguns aqui no índice. Bizarro. Tipo um episódio de *Law & Order*.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Jennifer Crawford, deitada no seu livro-travesseiro.

— De uma peça que a Colleen está lendo — respondeu Deena.

— Hã?

Levantei a capa para ela ver também.

— Ah, sim, eu tinha que ler esse livro — disse Jennifer Crawford, apoiando o queixo na mão fechada.

— Não entendo qual o problema — disse Deena, voltando para o seu livro. — Ele é um escritor. Pode escrever o que quiser. De qualquer maneira, é tudo inventado mesmo.

Olhei feio para ela.

— Isso é para a aula do sr. Mitchell? — perguntou Jennifer Crawford.

— Você quer dizer a aula da sra. Slater — corrigi. — Sim. É só um trabalho.

— De História — falou Deena, com desdém. — Quem liga para História? É uma coisa que

aconteceu. A Matemática nos leva para o espaço. A Música nos leva para a cama. Mas História? É passado.

— Mas por que ele inventaria só um personagem na trama toda? Ele poderia ter inventado todos os personagens. Ou nenhum.

Jennifer Crawford sorriu e disse:

— Talvez ele esteja escondendo alguma coisa!

— Sim, sim. Ele é maçom — provocou Deena. — É tudo código.

— Talvez — falei, com a ponta da caneta na boca. Mordi a caneta até perceber que tinha enfiado o lado errado na boca, o lado que escrevia, e percebi isso quando senti a tinta no dente.

— Droga!

Levantei, limpando o queixo e procurando uma lata de lixo para cuspir. Escorriam tinta e saliva pela minha boca, até sujar minhas mãos.

Jennifer Crawford deu uma gargalhada.

— Essa foi boa!

Fui até o banheiro bem monástico da biblioteca, um ambiente simples com azulejos velhos, duas pias antigas e uma privada daquelas com caixa de descarga e uma cordinha. Puxei o lábio inferior para baixo e examinei meus dentes, que estavam meio roxos, meio pretos, como se estivessem podres, tipo uma fantasia de zumbi.

— É o visual mais sexy que já vi na vida — murmurei, abrindo a água na torneira. — Melhor ainda no Dia dos Namorados. Podia mandar uma selfie para o Spence, para ele admirar meu encanto inebriante.

A porta do banheiro se abriu e Jennifer Crawford entrou. Sorriu e me ofereceu uma toalha de papel.

— Obrigada — falei.

Ela encolheu os ombros.

— Achei interessante, na verdade — disse Jennifer.

— O quê? — perguntei, limpando a boca e o dente com a toalha de papel que umedecia na pia. Por que ela só era legal quando não havia ninguém por perto?

— Que ele só tenha mudado o nome de um personagem. Mas você tem razão. Ele deve ter baseado essa personagem em alguém e mudado os detalhes. Você sabe quem poderia ser?

— Ainda não — respondi. — Foram muitas meninas afetadas. Mais do que imaginamos. Nunca ouvi falar de um monte delas. Algumas nem eram novas, já eram mulheres formadas. E havia um homem, sabia? John Indian. Parece um nome inventado.

— Hum..

— Pois é, muito estranho. Pena que não aprendemos nada disso na aula.

— Pena mesmo. O sr. Mitchell teria arrasado.

— É.

Observei-a pelo espelho, atrás de mim. Ela examinava as raízes do cabelo rosa e procurava o gloss na bolsa. Como se fôssemos amigas íntimas, fofocando no banheiro.

— Jennifer — falei.

— Hum?

— Você está preocupada?

— Eu? Com o quê?

— De ficar doente. Com... — Fiz um gesto circular com a mão, indicando as consequências em geral. — ... tudo isso.

Jennifer Crawford sorriu.

— Não — respondeu. — Não estou preocupada, não. Por quê? Você está?

Sacudi as mãos para secá-las e vi que meus esforços tinham sido em vão. Meu destino no futuro imediato era ficar com o dente manchado.

— Não sei — respondi. — Não sei mesmo.

Achei que os repórteres já teriam ido embora quando tivéssemos terminado o treino de Educação Física, porque eles costumavam debandar ao longo do dia à medida que aconteciam coisas interessantes em outras partes da cidade. Mas dessa vez, às cinco da tarde, havia o mesmo número de repórteres que de manhã. Deena e eu os espiávamos de uma rachadura na porta de entrada da escola.

— Vamos encarar? — perguntou ela.

— Acho que sim — respondi.

— Ou será que é melhor sair pela porta da sala de ginástica e passar pelo quintal daquela senhora até a cerca de trás do estacionamento?

— Hum — hesitei.

Não me agradava nem um pouco a ideia de ter que caminhar tudo aquilo no quintal de alguém depois de ter passado a tarde toda correndo de um lado para o outro no campo de hóquei. Além disso, na última vez que passamos por ali, a senhora estava em casa e ameaçou chamar a polícia. Seria para estragar de uma vez o dia.

— Acho melhor a gente encarar — falei.

— O.k. — sorriu Deena. — Preparar, apontar, fogo!

Cobrimos a cabeça com o casaco, como se fôssemos informantes secretas descendo os degraus do tribunal de justiça em direção à limusine, e corremos, às gargalhadas, para o carro de Deena. Flashes de câmeras dispararam em sequência e perguntas foram lançadas umas sobre as outras.

“Já são mais de vinte e cinco meninas, vocês sabiam disso?”

“Vocês não temem pela segurança de vocês?”

“Vocês acham que pode ser amianto ou alguma coisa na água?”

“Falem um pouco sobre pandas! Vocês não têm medo de pegar também? Tiveram algum sintoma estranho que queiram contar para nós?”

“Eles estão pensando em fechar a escola!”

“O que a direção está dizendo para vocês que nós não sabemos?”

“Falem conosco!”

Chegamos ao carro. Deena ainda teve que procurar a chave, mas logo entramos e batemos a porta, abafando o som da imprensa.

— Pelo menos os dias estão ficando mais longos, finalmente — disse Deena, ligando o carro.

— É — concordei, ofegante.

Virei para ela e sorri. Ela sorriu de volta.

— Para a casa da Emma? — perguntou.

— Sim! — concordei.

Ligamos o rádio e saímos. Os repórteres se agarravam à carroceria do carro, como zumbis se agarrando aos vivos.

Chegamos à casa da Emma poucos minutos depois. Uma fresta se abriu na cortina da janela panorâmica da sala. Alguém nos observava estacionar, ou observava alguma coisa.

— Vá lá e chame ela — disse Deena. — Eu vou ficar aqui no carro.

— Por quê? — perguntei, sem entender.

Deena estremeceu, com as mãos no volante.

— Quer saber de verdade? A casa da Emma me dá medo.

— Te dá medo? Por quê? É só uma casa.

— Eu sei — Deena observava, atenta, o movimento da cortina.

Esperei.

— Tem certeza?

— Será que é a mãe dela? Não sei. Prefiro esperar aqui.

— Tudo bem — falei, saindo do carro e fechando a porta.

Fez-se um longo silêncio depois que toquei a campainha. Longo o suficiente para eu me virar em direção a Deena, vê-la encolhendo os ombros dentro do carro e eu fazer o mesmo. Fiquei esperando.

Ninguém atendeu.

Já ia tocar a campainha de novo quando a porta se abriu e um olho abatido me inspecionou de dentro da casa escura. Eram quase seis horas da tarde, e eles ainda não tinham acendido a luz.

— Sim? — disse o espectro atrás da porta.

— Hum. Oi, sra. Blackburn. A Emma está em casa?

— Emma? — perguntaram de dentro, sem entender o que eu dizia.

— É — falei, com expressão evasiva. — Ela e eu conversamos mais cedo, por torpedos. Ela falou para eu vir aqui.

O olho esperava.

— De qualquer maneira, estou aqui com a Deena. Pensamos em convidá-la para tomar um café ou alguma coisa do tipo.

— Ah.

A porta se abriu mais um pouco, mas o espectro se afastou.

— Colleen. Sim. Vocês foram para a aula hoje?

— Fomos, sim, sra. Blackburn.

— E não tiveram medo de ir?

— Não, sra. Blackburn.

— Que bom.

Ela tinha ido para a sala, e eu mal conseguia ouvi-la.

— Vou chamá-la.

A casa ficou em silêncio, e eu esperei na entrada, sem saber se devia entrar ou não. Enquanto estava

ali, massagei as têmporas com a ponta dos dedos. Foi ótimo. Eu estava mais cansada do que imaginava.

Em seguida, ouvi som de passos na escada, e Emma se materializou, saindo da escuridão com o rosto radiante de alegria por sair de casa.

— E aí? — disse ela, dando-me um abraço rápido. — Ai, que bom, a Deena também veio. Oi! — gritou Emma, acenando para o carro. Deena acenou de volta, com menos entusiasmo.

— Emma — falei, meio perdida com a diferença de tom entre Emma e a mãe —, sua mãe está bem?

— Minha mãe? Sim. Por quê?

— Não sei. Ela parecia... — hesitei. Os Blackburn, como eu já disse, são muito fechados. — Não sei. Meio fora do ar.

— Besteira — disse Emma, ignorando minhas impressões e indo para o carro. — Minha mãe é assim mesmo. Oi, Deena!

Emma entrou no banco de trás, sorrindo. Estava com uma linda boina de lã e maria-chiquinha.

— Oi — respondeu Deena. Ela ainda me parecia hesitante, mas pode ser só porque eu a observava de perto. — Como estão as férias?

— Ai, meu Deus. Vocês, hein? Um tédio. Tédio total. Eu estava ficando desesperada.

Sáímos. Emma quase pulava no banco de trás, de tanta empolgação.

— Pensei em ir a um café, dar uma volta — falei, olhando para Deena, para ver se ela aprovava o plano. Afinal, o carro era dela.

— Perfeito! — exclamou Emma. — E tenho uma ótima ideia do que a gente pode fazer depois.

— Sei não — disse Deena. Quando ela estava estressada, seu sotaque do Sul a entregava. — Tenho um monte de coisa para fazer hoje à noite. Um problema de Cálculo e um dever de Japonês.

Emma se debruçou entre nós.

— Eu sei. Mas confie em mim. Não vai demorar muito. E vocês vão amar.

Deena me olhou como que dizendo que eu era a responsável por tê-la enfiado nessa, e era responsável também por tirá-la.

— Vamos ver — disse ela.

No espelho retrovisor, vi a casa de Emma se afastando na noite escura e não tive como não notar a fresta se abrindo na cortina da sala.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

O reverendo Green parece um menino ouvindo um conto de fadas na cama. O dia vai passando, e ouços de panelas e comida sendo preparada do outro lado da porta. O bebê rechonchudo, finalmente livre do soluço, conversa com o gato, na sua língua ininteligível. O gato não lhe dá a mínima.

É confortável aqui no presbitério. Mais confortável que minha própria casa. A maioria dos meus irmãos menores ainda está lá, mas há uma certa frieza no interior. Não há bebês batendo na mesa da cozinha. Nenhum marido reclamando no quarto principal.

Não terminei minha história ainda, mas posso afirmar que o reverendo Green está tão envolvido que não me deixará ir embora até terminá-la. Sua boca está aberta. Ele quer que eu continue falando. Delicioso com sua atenção, absorvo-a, preenchendo cada poro, pois sei que em breve ela será arrebatada de mim.

Mary Warren, Betty Hubbard e eu vamos embora correndo do Ingersoll's Ordinary, Betty lutando com o laço do casaco perto da gola, eu enfiando a luva às pressas. Esqueço uma e volto para buscá-la.

— Annie, rápido — Mary me apressa, e me esforço para não cair na neve.

O gelo se parte sob nossas botas, e nossa respiração cria uma nuvem de fumaça no ar gelado. Mary trouxe uma lanterna, que não ilumina direito por falta de limpeza.

Não é tão comum que eu saia à noite. Meu pai diz que não é seguro, que, embora eu esteja com Jesus, é melhor estar com ele dentro de casa. Algumas meninas que eu conheço, do Leste, sabem muito bem que tipo de forças malignas espreitam na escuridão. Homens ímpios, o corpo coberto de graxa, vestidos com peles de animais, demônios surgidos do nada, que queimam nossa casa e levam nossa alma relutante para o inferno.

Aproximo-me de Betty Hubbard, que parece despreocupada. Estou feliz que Mary esteja conosco. Ela é mais velha, mais segura de si. Três galhos rangem na brisa noturna invisível, e, ao longe, uma criatura — um cachorro, um lobo ou o próprio Diabo — solta um uivo longo e pesaroso. Quando finalmente avistamos a silhueta da igreja por sobre as árvores ao redor, percebo que eu estava prendendo a respiração.

Dentro do presbitério, um terrível estrépito ecoa no recinto, fazendo todas as cabeças se virarem em direção às pequenas janelas. Nós três nos abraçamos. Um grito de menina corta a noite, e o som assusta um pássaro, que acorda e sai voando.

— É melhor esperar? — pergunto baixinho.

— Não, Annie. Você quer que o reverendo bata nelas? — Mary me repreende. — A gente precisa impedir que a Betty diga alguma coisa. Só espero que a gente já não tenha chegado tarde demais.

— Mesmo assim — diz Betty Hubbard —, vocês não estão morrendo de curiosidade de saber por

que ela gritou assim?

Posso dizer pelo som de sua voz que Betty está sorrindo.

— Tudo bem — digo, sem força na voz. Não tenho a coragem das minhas amigas. Quem dera eu tivesse!

Vamos até a porta e a abrimos facilmente, sem bater.

Dentro do presbitério, vemos um bom número de pessoas, habitantes do vilarejo, donas de casa sentadas em grupinhos de duas ou três, várias delas em volta da sra. Parris. Lá em cima, gritos e vozes de homens berrando. Tituba Indian está de pé junto à parede, o rosto pálido. Seu marido não está. As pessoas olham para nós quando aparecemos na entrada.

— Meu Deus do céu — exclama alguém. — São as outras. Elas vieram.

— Vieram mesmo. Você estava certa.

— Elas foram chamadas? Ou estão tendo seus ataques?

— Bem no momento em que a menina ia dizer o nome de quem a atormentava, elas chegam? O que vocês me dizem disso, eu lhes pergunto?

As mulheres se encolhem, olhando fixo para nós à medida que avançamos. Era para eu estar com medo, mas não estou. Ao contrário, me sinto poderosa. De modo geral, ninguém se encolhe ao me ver. Isso, se me vê. Mas agora todos os olhos da sala estão direcionados a mim, Mary e Betty Hubbard, e esses olhos reluzem de temor e reverência. Sou invadida por uma sensação de prazer perverso e, sem querer, sorrio.

De canto de olho, vejo expressões similares no rosto de Betty Hubbard e Mary Warren. Elas devem estar sentindo o mesmo que eu.

— Vamos subir — anuncia Mary.

Ela não pede permissão à sra. Parris. Não pede licença. Nem espera ser chamada. Mary faz o que bem entende.

Vamos até a escada do sótão, e ninguém se opõe. Ninguém fala conosco. Só sussurram.

Ao subir a escada, uma atrás da outra, ouço Betty Hubbard rindo baixinho.

No sótão, nos deparamos com uma situação desconcertante. A princípio, nenhum dos homens lá em cima percebeu nossa presença, absortos que estavam no comportamento das meninas afligidas.

Vejo o reverendo agachado perto da cama, agarrando o braço fino da filha pequena. Betty Parris está berrando, com o rosto vermelho e lágrimas nos olhos. As mãos estão no colo, e um filete de suor escorre do nariz ao queixo. Ela chora, gemendo como um bebê.

Abby, enquanto isso, está de pé na janela, com o rosto colado ao vidro, os olhos arregalados, o cabelo preto desganhado. Ela se agarra ao peitoril com tanta força que dá para ver os músculos do pescoço.

— Eu voaria! — grita. — Elas fariam com que eu voasse! E eu voaria para bem longe daqui, mesmo que isso significasse ir para um dos seus terríveis sabás, contanto que elas me deixassem em paz! Eu vou voar!

O reverendo Hale se ajoelha no chão, com os braços em volta da cintura, e outro homem, cujo nome eu não sei, está atrás dele, segurando firmemente os ombros de Abby, que reluta e se debate, como um gato se afogando.

— Conte-me! — exclama o reverendo Parris, com a voz rouca de tanta reza, discurso e exortação. — Conte-me agora, Betty! Conte-me quem a está enfeitando!

Betty Parris toma ar e dá um berro. O reverendo a sacode, fazendo a cabeça dela balançar.

— Nunca vou assinar. Elas não podem me obrigar! — grita Abby. — Elas enviam suas imagens pela janela à noite e sentam no meu peito até eu ficar sem ar, dizendo que preciso me juntar a elas!

— Conte-me, por Deus! — exclama o reverendo Parris, elevando a voz.

— Fale, Betty Parris! — intromete-se Mary Warren. — Conte a eles que bruxa maligna está nos atormentando!

Olho duramente para Mary. Betty Hubbard não consegue esconder a emoção.

Betty Parris nos encara, atônita. O reverendo Parris olha por sobre o ombro, afastando o rosto do rosto da filha.

— Conte — pede, irritado.

— Eu... — Betty Parris começa a dizer, piscando os olhos vermelhos e inchados. Segurando o choro, ela diz: — Eu... Eu a vejo entrando pela janela.

— Vê? — pergunta o pai, incentivando a filha a falar.

Os outros homens estão arrebatados. Até o reverendo Hale se vira para observar a menina, que não falava havia tanto tempo.

— Eu a vejo! — grita Abby, em êxtase. — Sim, Betty, eu a vejo também!

Betty Hubbard fica tensa ao ouvir seu nome, embora Abby estivesse falando com a outra Betty, Betty Parris. Meu coração dispara, e ponho a mão na boca, com medo de vomitar.

— Quem? Quem você vê? — pergunta um dos magistrados de chinó, preocupado, olhando em volta como se o espectro da bruxa pudesse estar ao seu lado e ele não visse.

Lá embaixo, ouço passos e vozes. Alguém ordena alguma coisa para alguém.

— Ela envia seu vulto para nos atormentar! — conta Mary Warren, de olhos bem abertos.

Olho para ela horrorizada, pois Mary sabe, tanto quanto eu, que tudo aquilo é uma mentira. Mas a expressão no seu rosto mostra o contrário. Com a palma das mãos virada para cima, ela olha em direção ao céu, como que esperando uma mensagem divina.

— Sim! Ela vem me visitar também, na calada da noite, e eu morro de medo! Ela me mostra os nomes delas, escritos em sangue!

Viro-me, chocada, porque essa frase acaba de ser dita por ninguém menos que Betty Hubbard.

— Elizabeth?

O dr. Griggs se destaca do grupo de homens engravatados e vem examinar a sobrinha. Pousa a mão suavemente nos seus ombros, fitando-a, preocupado.

— Desde que viemos para a casa dos Putnam — sussurra ela, sem me olhar —, um vulto vem me atormentar à noite, e eu não sei direito onde estou ou o que estou dizendo. De manhã, acordo em outro quarto, descoberta e morrendo de frio.

— Que vulto? Por que você não me contou nada antes?

— Eu estava com medo, tio. Eu não sabia que tipo de vulto era aquele, mas às vezes ele vinha com um pássaro amarelo. Por mais que eu berrasse, ele não me deixava em paz.

Betty Hubbard estava dividindo a cama comigo e minha irmã nessas duas últimas semanas, no sótão

onde eu dormia. Embora seja verdade que uma noite ela tenha acordado aos prantos de um sonho e eu a tenha abraçado até ela se acalmar, e outra noite ela tenha despertado precisando do penico sem encontrá-lo no escuro daquele quarto estranho e eu tenha me deparado com ela num canto chorando e tremendo de frio, nunca ouvi falar de imagens entrando pela janela. Não tínhamos nenhum visitante noturno sedento de sangue além dos percevejos.

Nesse momento, todos os olhos se voltam para mim. Afinal, fui atingida também. Tenho as marcas para provar.

— É verdade, Ann?

Mary Warren pouisa a mão no meu ombro, de modo beatífico.

— Tudo bem, Annie — diz ela, gravemente. — Você pode contar. Eles só querem ajudar.

Seus olhos são dois poços de astúcia. Abby, na janela, parou de relutar e sorri.

— Ah, Annie, conte para eles como nós sofremos! — Abigail me implora.

— Eu... Eu... — gaguejo, aterrorizada. Se continuar mentindo, estou cometendo pecado aos olhos de Deus, um pecado vil, merecedor de inferno. Se falar a verdade, levarei uma surra, e todas as outras meninas também. Sinto a boca seca, a bile subindo à garganta.

— Não sei dizer como era o vulto — digo, depois de uma longa pausa.

— Ahá! — exclama um dos presentes. — Pois então ela também vê!

O reverendo Parris volta a atenção à filha, colocando-a contra a parede.

— Você vai nos dizer quem está atormentando vocês, agora! Diga o nome!

Betty Parris abre a boca, com os olhos em pânico. Ela fica muda, sem saber o que dizer, encurralada, mais aterrorizada que eu.

Alguém sobe a escada do sótão e tem dificuldade para abrir a porta do alçapão, que fechamos quando subimos.

A porta se abre com um estrondo, e todos nós pulamos. Abby solta um berro horripilante.

A cabeça coberta de Tituba aparece na abertura. Ela não olha para ninguém, mas carrega um prato de leitão assado com molho.

— Foi ela! — grita Betty Parris, libertando-se do domínio do pai com o dedo apontado. Betty tremia.

— O quê? — pergunta o reverendo Parris, olhando confuso para a escrava, que tinha acabado de aparecer no sótão, a mulher que ele conhecia desde os tempos da ilha.

— Sim, foi ela! Tituba! Ela enviou seu vulto pela janela para me atormentar! Foi ela!

— Sim! — Abby confirma. — Eu a vejo também! Com um pássaro amarelo no ombro, mesmo agora, preparado para arrancar meus olhos!

Tituba parece aturdida, tremendo com o prato de comida nas mãos.

— Mas... — diz ela. — Betty, você me conhece. Desde sempre.

O reverendo Parris se levanta, colérico, as mãos se fechando em punho. Respira com dificuldade. Vendo essa transformação, o reverendo mais novo, Hale, levanta-se também e se interpõe entre o homem mais velho e a mulher indiana.

— Espere, reverendo — diz o reverendo Hale, separando os dois.

Mary Warren e Betty Hubbard se abraçam, gemendo, e Mary estica o braço para eu me juntar a elas. Ficamos as três assim, apertadas umas contra as outras, tremendo de medo.

— Você! — o reverendo Parris berra com Tituba, cujo terror aumenta.

— Deve ser por isso que a simpatia da urina não funcionou — um homem comenta com outro. — Ela deve ter inventado tudo aquilo, para desviar a atenção e não ser descoberta!

— Você! — repete o reverendo Parris, uma oitava acima, e só não voa em cima da mulher porque o reverendo Hale o impede.

Tituba se põe de joelhos, largando o prato, que se parte em dois no chão. Leva as mãos ao rosto e começa a chorar.

— Não! Não! — diz, aos prantos, balançando-se para a frente e para trás. — Não, não pode ser, não pode ser. Não foi eu. Não foi eu.

— Você é a bruxa que está atormentando minha filha? Minha filha que você conhece desde o berço? É você? — pergunta o reverendo Parris, com a voz esganiçada de dor.

Lá embaixo, ouvimos uma agitação, e algumas pessoas se assomam ao pé da escada, olhando para cima com horror e espanto.

Tituba só chora.

— Não, não, não foi eu. Eu não sou bruxa. Eu nunca machucaria minha Betty!

O reverendo se vira, atormentado, esfregando o rosto com as mãos. Ao se virar de volta, vemos seu semblante tomado pela fúria.

— Eles estão todos contra mim, Tituba! — berra o reverendo Parris. — Todos eles! E agora você! Fazendo bruxaria na minha própria casa, com minha própria filha? Em nome de Deus, Tituba, confesse. É melhor confessar, antes que eu tenha que arrancar a verdade de você com minhas próprias mãos!

*DANVERS, MASSACHUSETTS**TERÇA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2012**(DIA DOS NAMORADOS)*

Emma batia na perna, no tempo da música que ouvíamos dentro do carro, balançando a cabeça e sorrindo pela janela. Encontramos um lugar sem muita agitação e saímos do carro ajeitando cachecóis e casacos. Eu estava feliz de estar saindo com Emma e Deena, como se fosse uma terça-feira comum. Quase a ponto de esquecer que Spence não me escreveu desejando feliz Dia dos Namorados.

Quase.

Idiota.

Emma prometeu que não ficaríamos muito tempo, porque ela queria nos mostrar um lugar supersecreto que havia descoberto. Por mais que insistíssemos, ela não nos dizia nada.

— Não. Vocês precisam esperar — falou. — Aqui tem frapê?

— Não — respondi, sorrindo.

Fumando aquelas ervas, comecei a me perguntar em que momento Emma tinha ficado mais velha que eu de repente. Mas querer um frapê quando todo mundo estava tomando café era típico de Emma.

— Tem chá, se você não quer café — sugeri.

Nós três circulamos pelo ambiente, esticando o pescoço para ler o cardápio no quadro-negro e babando com os muffins, brownies e cookies com gotas de chocolate.

— Vou pedir um desses — disse Deena, apontando para um bolo de Rice Krispies.

Quando pedi chá de camomila, Emma deu uma risada.

— Meu Deus! O que aconteceu?

— O quê?

— Seu dente! — exclamou, esticando o dedo como se fosse enfiá-lo na minha boca.

— Ah, isso? — ri, desviando do dedo dela. — Nada de mais. Estomatite.

— O que você fez?

— Não se preocupe, não é contagioso. A não ser que eu te morda — falei, indo na direção dela, como se fosse mordê-la.

Emma gritou, afastando-me com as duas mãos, e eu fiquei correndo atrás dela como um zumbi em torno de Deena, que levantou o braço para que o café não derramasse. Emma e eu nos esbarramos e começamos a rir, ela tentando enfiar o dedo na minha boca, e eu segurando seu pulso para me defender.

— Gente! — reclamou Deena, encontrando uma mesa e começando a tirar as roupas de inverno.

— vou te mordeeeeeer! — eu falava com voz de zumbi, até perceber uma coisa estranha na mão de Emma. Parei de brincar e peguei seu braço.

— Amiga, o que é isso?

Ela tinha uma espécie de protuberância na articulação do dedo. Era rosado, de aparência mole e

úmida, com a pele em volta irritada e vermelha.

— O quê? Ah, isso?

Emma puxou o braço, olhou rapidamente para o caroço e enfiou a mão no bolso.

— Não é nada. Só uma verruga.

— Das grandes — disse eu.

— Olhe quem fala, dona Estomatite.

Ela estava brincando, mas dava para ver que tinha ficado um pouco zangada.

— Vou te mordeeeeeer! — voltei a falar com voz de zumbi.

Sentamos com nossas bebidas e guloseimas.

Estávamos lá sentadas, guardando o cachecol dentro da jaqueta, quando alguma coisa do outro lado do salão chamou a atenção de Emma. Seu sorriso desapareceu do rosto como cera de vela derretendo.

— O que foi? — perguntei, pondo a mão no seu braço.

Emma continuava olhando fixo e não respondeu.

Deena e eu nos viramos, para ver o que era.

No outro lado do café, perto da porta dos fundos, havia uma pequena mesa com uma luminária baixa vermelha, onde estavam sentados um cara e uma menina. A menina era do tipo universitário, de tweed, blazer e botas até o joelho, com um laptop aberto e óculos modernos, daqueles de armação grande. O cara que a acompanhava tinha mais ou menos sua idade, uns vinte e poucos anos, magro, cabelo enrolado e camiseta preta, empalidecida pelo uso. Havia um livro aberto à sua frente, e ele estava com a cabeça apoiada na mão. Por um segundo, não consegui entender por que Emma estava tão chocada com a presença deles. Provavelmente era só um casal de alunos da Salem State estudando, saindo juntos ou algo do tipo.

— Meu Deus — exclamou Deena.

Aí eu vi.

Aquele cara bonito era o sr. Mitchell.

— Uau! — falei, com os olhos brilhando. — Que doido. Vocês querem ir lá falar com ele?

— Vá você — disse Deena. — Ele não foi meu professor, se lembra?

— Vamos lá — falei para Emma, puxando-a pela manga. — Não quer ir lá dar um oi?

Emma me olhou com seus olhos claros arregalados.

— Claro — respondeu. Mas sua voz estava estranha.

Fomos até lá, hesitantes, e eu estava sem graça como se estivesse indo falar com o James Franco. Só não ria porque Emma não ria junto.

Chegamos à mesa e ficamos lá paradas, esperando que ele notasse nossa presença.

A menina nos viu primeiro. Olhou para cima, com a luz azulada da tela do computador refletindo na lente dos óculos.

— Tad — falou ela.

O sr. Mitchell parecia isolado em si mesmo, ficando menor à medida que nos aproximávamos. Mas, ao ouvir a voz da menina, ele olhou para a frente, primeiro para ela, depois para nós.

— Oh! — exclamou.

Reparei na leve expressão de pânico no seu rosto, que ele soube disfarçar rapidamente com um

sorriso profissional.

— Oi, Colleen. Oi, Emma.

— Oi! — disse eu.

Emma não disse nada, até eu cutucá-la.

— Oi — disse ela, então, com a voz inexpressiva.

Os olhos do sr. Mitchell iam de uma para a outra, como se ele não soubesse para quem olhar.

— Então — disse ele, puxando o lóbulo da orelha de nervosismo —, como vocês estão?

— Bem — respondi. — Estamos bem.

— Que bom. Fico feliz de saber.

Os olhos dele pararam em Emma, piscando rapidamente.

Nesse momento, houve uma pausa longa e constrangedora. Eu esperava que ele apresentasse a Menina Laptop para nós, mas depois de certo tempo percebi que isso não ia acontecer e que, aliás, ele não estava tão feliz assim de nos ver.

— Como você está? — perguntei.

— Estou bem, obrigado por perguntar — disse ele, exagerando na formalidade. — Como estão as entrevistas para a faculdade?

— Tudo bem — respondi. — Tive dois diferimentos, da Dartmouth e da Williams, infelizmente, mas a Emma acabou de ser chamada para a Endicott, então pelo menos ela já sabe que está tudo certo para o próximo ano, aconteça o que acontecer.

Os olhos do sr. Mitchell brilharam.

— Endicott. Maravilha!

Nunca ouvi um cara falar de maneira tão neutra.

— Não que tenha sido uma surpresa para a gente. Você sabe como as notas dela são boas — continuei.

— Sim.

Emma continuava muda. Comecei a sentir calor na nuca.

— Hum — fiquei procurando alguma outra coisa para falar. — Você devia realmente voltar. Estamos com uma professora substituta. Ela é legal, mas um pouco estranha. Tipo, acho que ela quer dar aula na universidade e deve achar uma perda de tempo lecionar no ensino médio.

— Sei — disse ele. — É, bem... — Pausa. — Que loucura isso que está acontecendo na St. Joan, hein?

— Uma loucura mesmo — concordei.

Ficamos ali, concordando com a cabeça.

— Muito bem — disse ele, sorrindo e puxando o lóbulo da orelha com mais força. — Bom ver vocês.

Virei para Emma, que olhava fixo para ele, com aquele brilho vidrado que seus olhos tinham de vez em quando. A Menina dos Óculos Modernos se concentrava no laptop como se não estivéssemos lá.

— O.k. — falei, meio insegura. — Bom te ver.

— Bom mesmo. Boa sorte em tudo.

— Obrigada.

Puxei Emma pelo braço até a outra ponta do salão, querendo fingir que nada daquilo tinha acontecido.

— Se alguém me procurar, estou debaixo da mesa — murmurei. — Me mandem um torpedo quando ele for embora.

Deena riu com a caneca de café no rosto.

— Meu Deus, Deena, foi tão bizarro. Ele não estava estranho? — perguntei para Emma.

— Estava — respondeu ela.

— E não estava com a mínima cara de quem ficou doente. O que foi?

Emma não tinha parado de olhar para eles. O sr. Mitchell e a Menina Laptop estavam debruçados sobre a mesa, conversando, animados, aparentemente sobre nós, porque nos espiavam de vez em quando. Nós três assistíamos à cena, sem conseguir ouvir o que diziam, até percebermos que estávamos sendo indiscretas, pois a Menina dos Óculos Modernos nos encarou diretamente, e disfarçamos, baixando a cabeça para nosso muffin.

Nunca estive tão envolvida com um muffin.

Deena tentava abafar o riso, em vão.

— Eles ainda estão nos olhando? — perguntou Emma, baixinho, depois de um minuto de concentração para ignorá-los.

Espiei por trás da mão, e eles pareciam ter voltado para os seus respectivos projetos.

— Acho que não.

Suspiramos, aliviadas, e começamos a tirar o papel do muffin, em silêncio meditativo.

— Talvez ele tenha, tipo, pedido demissão — arriscou Deena depois de um tempo.

— Ele fica tão diferente sem a gravata. Não acham?

— É — concordou Emma, voltando a fitá-los.

— Por que será que ele não ficou feliz de nos ver? O que você acha, Em? Achei que ele fosse ficar feliz.

— Não sei.

— Ele não ficou feliz de ver vocês? — perguntou Deena. — Vocês até que conversaram bastante.

— Acho que ficou, um pouco.

— Do que vocês falaram?

— De faculdade, basicamente.

— Não falaram sobre a Doença Misteriosa? Imaginei que ele fosse querer falar sobre isso.

Ouvi as palavras em destaque quando Deena as mencionou. Era como eles começaram a falar nos noticiários. Nós usávamos aquele título ironicamente, mas, em algum momento da semana passada, aquilo deixou de ser engraçado.

— Na verdade, não. Não abertamente.

— pandas. Não parece nome de doença — disse Deena, tomando o café. — Parece um nome inventado.

— Você foi chamada para conversar com a enfermeira Hocking e a dra. Strayed? — perguntei.

Deena respondeu que sim com a cabeça.

— Há pouco tempo. Foi bem estranho. Elas te fizeram perguntas pessoais?

— Que tipo de pergunta pessoal? — quis saber Emma.

Fiquei surpresa, pois não parecia que ela estava prestando atenção na nossa conversa, do jeito que estava, hipnotizada com o sr. Mitchell (*Tad*) e a Menina dos Óculos Modernos.

— Ah — respondeu Deena —, a maior parte sobre sexo.

Emma desviou o olhar da mesa do sr. Mitchell e começou a olhar suas mãos, que seguravam a caneca de chá. Passou o dedo pela nova verruga.

— Você contou do menino japonês?

— Colleen! — exclamou Deena, dando-me um tapinha no braço. — Claro que não.

Emma riu.

— É — falei. — Elas me perguntaram um monte de coisas sobre isso. E não só sobre mim.

— Sobre quem mais?

— Sei lá. Pessoas.

— Que pessoas? — perguntou Emma.

— Clara. O que é estranho, porque não é algo que eu saberia, entende?

As orelhas de Emma ficaram vermelhas.

— Elas te perguntaram sobre faringite? — indagou Deena.

— Perguntaram. Pareciam ter certeza de que era pandas — respondi.

— Que nome mais idiota para uma doença! — exclamou Deena, botando um pedaço de bolo na boca.

— Mas uma coisa devo dizer: graças a isso, meu pai se sentiu mais seguro de me deixar ir à escola.

— Por quê?

— Porque eu tive faringite quando era pequena. E todo esse troço, essa história de contorções, começa, tipo, poucos meses depois que você tem faringite. E eu não tive nada no ano passado.

— Eu também não — falei.

— É — concordou Emma.

— Então por que você não está vindo às aulas, se não tem como pegar pandas?

— Ah — Emma hesitou, brincando com uma migalha de muffin. — Vocês sabem.

— A mãe dela — expliquei para Deena. Ela não tinha sido criada com a gente. Não conhecia a sra. Blackburn muito bem. Não que *eu* a conhecesse. Mas, quando o assunto era a mãe de Emma, não fazíamos muitas perguntas.

— Qual é o lance com sua mãe?

Emma encolheu os ombros.

— Não sei. Ela fica preocupada.

— Mesmo assim — disse eu. — É estranho. Eles mencionaram na televisão que é uma doença muito rara. Por que tanta gente na St. Joan está com essa doença? Não há registros de casos em outros lugares. E por que isso está acontecendo só agora?

Ficamos olhando para o centro da mesa, e quando digo *ficamos* me refiro a mim e a Deena, porque Emma ainda olhava para a mesa do sr. Mitchell.

— Talvez — ponderou Deena — tenha havido uma epidemia no ano passado. De um tipo específico de faringite. Uma mais propensa a causar pandas. Talvez tenha sido só na nossa escola. Como uma mutação. Por que ninguém está falando disso?

Deena ia dizer outra coisa quando, de repente, Emma se levantou para ir até a mesa do sr. Mitchell.

— Aonde você está indo? — perguntei, segurando-a pelo braço.

— Hum — fez Emma, me olhando como quem pensasse na resposta. — Esqueci. Ele disse que ia escrever uma carta de recomendação. Para a faculdade. Quero perguntar sobre isso.

— Carta de recomendação? — repeti, sem entender.

— É. — Emma conseguiu se livrar de mim e deu um sorriso forçado. — Não vou demorar.

Deena e eu ficamos observando. Emma atravessou o salão e parou na mesa do sr. Mitchell, desandando a falar. O sr. Mitchell tentava interrompê-la, enquanto a Menina dos Óculos Modernos a fitava. Até que o sr. Mitchell se levantou e conduziu Emma à porta de tela dos fundos do café. Eles saíram e ficaram perto da entrada, a luz do poste produzindo sombras compridas dos dois. Não dava para vê-los direito, mas Emma estava com os braços cruzados. Quando a sombra do sr. Mitchell se aproximou dela, não conseguimos mais distingui-la.

— Você sabia que o primeiro nome dele era Tad? — perguntei para Deena.

— Não. Ele não era meu professor, se lembra?

— É verdade.

Nós duas ficamos olhando para a porta de tela. A silhueta de Emma reapareceu, próxima do ouvido dele.

— Tad — repeti. — Taaaaaaaad.

O nome dele me remetia a coisas pequenas. *Ted*, como o ursinho.

— Tad é apelido de quê? Theodore? — perguntou Deena.

— Não faço a mínima ideia.

Outra pausa, longa demais, quase insuportável.

— Talvez ele não gostasse de dar aula — ponderava Deena de novo. — Talvez tenha se cansado do ensino médio.

— Não o culpo. Também estou cansada.

Deena se virou e olhou para mim, surpresa.

— Está?

— Estou. Detesto o ensino médio.

Nunca pensei que fosse confessar isso para alguém, mas era verdade. Detestava aquela obsessão com notas. Detestava ter que ficar vigiando Fabiana o tempo todo. Detestava o controle dos meus pais, como se eles não confiassem em mim, apesar de eu nunca ter feito nada muito errado. Detestava Wheez e Michael sempre roubando minhas coisas, desrespeitando meu espaço. Detestava não ter um carro, ter que ir para a escola com meu pai e voltar de carona com Deena, sem poder decidir aonde ir e quando. Detestava ter que usar uniforme. Meu Deus, que coisa mais desumana! Detestava a preocupação com as espinhas, o fato de ser alta demais e me destacar num corredor cheio de meninas apenas. Detestava minhas sardas horríveis. Detestava meu cabelo enrolado.

E detestava o fato de termos sido criadas juntas, porque, desse jeito, não tínhamos como mudar de verdade. Podíamos até tentar, mas as pessoas sempre viam nossa versão anterior. Cada uma de nós tinha seu próprio enredo, um papel que deveríamos representar na peça diária chamada “Academia St. Joan para Moças”, a melhor escola de Danvers, o campo de provas para os ricos e os inteligentes. Agora que eu pensava a respeito, estava farta dessa peça. Queria participar de algo novo.

Já ia explicar para Deena quando a porta da frente do café se abriu e uma menina entrou, de jeans preto rasgado, coturno, maquiagem gótica e cabelo rosa.

O motivo pelo qual seu cabelo era rosa é porque era Jennifer Crawford. Claro. A questão é que eu quase nunca a encontrava fora da escola, onde estava acostumada a vê-la de saia comum, como a minha. Ela estava completamente diferente. Parecia confiante. Estava perfeita, para falar a verdade.

Não procurava ninguém, mas quando nos viu abriu um sorriso.

— Oi! — exclamou, vindo sentar na quarta cadeira. — E aí?

— Tudo tranquilo.

— Cadê a Emma? — Jennifer Crawford sabia que costumávamos andar em grupo.

— Está lá fora, conversando com o sr. Mitchell, pedindo uma carta de recomendação que ele devia para ela.

— O sr. Mitchell? — perguntou, com os olhos brilhando por trás de toda a maquiagem. — Uau. Isso significa que ele não está mais doente? Será que ele volta na semana que vem? Vocês falaram com ele?

— Mais ou menos — respondi.

— A Colleen disse que ele estava estranho.

— Sei — disse Jennifer Crawford, arrastando o papel do muffin da Emma para perto de si e pegando um pedaço. — Ele disse quando voltava? Estou ficando realmente cansada daquela vaca da sra. Slater.

— Hum — olhei de volta para a porta de tela dos fundos. As sombras do sr. Mitchell e de Emma se juntaram e se separaram, fazendo com que suas mãos e braços parecessem grotescos. Senti um embrulho no estômago, de preocupação. — Não. Não disse.

Jennifer Crawford, mastigando o muffin da Emma, acompanhou meu olhar.

— Estranho — disse. — Ele disse por que foi embora?

As sombras de Emma e Tad se juntaram, formando uma sombra única. Nesse momento, pude ver com clareza por que ele tinha ido embora. Meu Deus, que idiota que eu fui! Como é que não vi logo? Segurei-me na cadeira e fiquei olhando na mesma direção, engolindo o pânico.

— Não — respondi, tentando manter a naturalidade. — Ele não disse.

— Hum — fez Jennifer Crawford. Ela tirou toda a parte de cima do muffin e comentou com Deena: — Só como a cobertura. É a melhor parte, não acha?

Deena sorriu.

— Com certeza.

— Então. Ouvi uma coisa doida — continuou Jennifer Crawford, aparentemente pondo um fim à questão do professor de História ausente, lambendo o resto de muffin do polegar.

— O quê? — perguntou Deena.

Afastei meu muffin. O que será que eles estavam fazendo lá fora? Estavam brigando? Ou estavam...? Que nojo. Pior que Jason Rothstein com a mão na nuca de Anjali. Ele era adulto! Quer dizer, não era velho como o padre Molloy, mas pelo amor de Deus. Tinha terminado a universidade. Ele era... Comecei a me sentir tonta. Não queria que Deena visse o que eu estava pensando. Enfiei as unhas na coxa, com força.

— Bem — disse Jennifer Crawford, inclinando-se para a frente como quem ia fornecer informações confidenciais. Deena se aproximou. — Ouvi de fontes confiáveis — baixou a voz — que a Clara talvez

vá ao *Good Day, USA*.

— Conta outra! — exclamou Deena, dando um tapinha no ombro da Jennifer Crawford.

— Espera! — falei, pegando minha caneca para tirar o gosto ruim da boca. — Jura? Quando?

— Não sei — respondeu Jennifer Crawford. — Na próxima semana, talvez. Mas ouvi dizer que ela e a mãe conversaram com um dos produtores.

— Quem te contou? — perguntou Deena, apoiada sobre os cotovelos.

— Boa! Como você sabe? — perguntei também.

— A Outra Jennifer me contou — respondeu Jennifer Crawford, encolhendo os ombros. — Ela estava lá quando a Clara e a mãe conversaram com o pessoal da tv por telefone.

— Impossível — falei, encostando de volta, com os braços em volta da barriga. — Impossível elas irem ao *Good Day, USA*.

— É verdade. Talvez a Outra Jennifer também vá, segundo ela.

— Por que ela te contaria isso? Vocês nem se falam!

Jennifer Crawford apertou os lábios.

— Você não sabe de tudo, Colleen. A gente se fala às vezes. Como nós duas. Falo com um monte de gente.

Fiquei vermelha, de vergonha. Era verdade. Jennifer Crawford e eu falávamos mais na aula de História que em qualquer outro lugar. Era mais provável que eu falasse com ela fora da escola que na sala de estudos. Não sei por quê, mas era verdade. Acho que eu não era a única hipócrita da St. Joan.

— Que doido — comentou Deena. — *Good Day, USA*. Minha mãe assiste, todo dia de manhã.

— Isso não pode estar acontecendo — falei, inclinando-me para a frente e descansando o rosto na mesa, de lado. Fechei os olhos. — Só quero que tudo termine.

— Pare com isso — disse Jennifer Crawford, rindo. — É incrível. Talvez eles venham filmar na escola. Vamos ficar famosas!

— Não quero ficar famosa — grunhi, com a cabeça deitada na mesa. — Quero que as coisas voltem ao normal.

— Eu também — disse Emma. — Oi, Jennifer.

— Oi — respondeu Jennifer Crawford enquanto Emma se sentava.

Não ouvi Emma voltando. Levantei a cabeça e olhei para ela. Ela estava um pouco vermelha, mas bem. Tinha o olhar vidrado. Como uma das suas bonecas. Olhava fixo para a mesa, com o carço do dedo na boca, distraída.

— Conseguiu a carta de recomendação? — perguntei, tomando cuidado com o tom.

— O quê? — disse Emma, tirando o dedo da boca, sem olhar para mim. — Ah, sim. Consegui. Ele pediu desculpas pela demora.

— Sei.

— Como assim, você não quer ficar famosa? — perguntou Jennifer Crawford, sem reparar que eu estava analisando Emma. — Todo mundo quer ficar famoso.

— Eu não quero — disse Emma, querendo olhar para a mesa do sr. Mitchell. Quando olhou, seu rosto enrubescceu ainda mais.

— Eu não me importaria — ponderou Deena, também alheia ao que tinha acontecido lá fora. — Acho

até que gostaria bastante de ser famosa.

— Você continuaria saindo com a gente, pessoas sem importância? — perguntei, sorrindo.

— Com vocês? Claro. Vocês poderiam fazer parte da minha comitiva. Poderiam carregar minhas malas.

— Ooooooh! — exclamou Emma. Suas pálpebras tremeram, e me ocorreu que talvez eles não tivessem tido uma discussão. — Não somos sortudas?

— Eu não vou carregar mala nenhuma — falei, voltando a deitar na mesa, observando o rosto de Emma naquela posição privilegiada. Havia marca de barba roçada no queixo dela. — Só faço parte da comitiva se puder levar seu peixe-dourado para onde você for. Tipo, na limusine. Você não aparece em público sem seu peixe-dourado.

— Claro — concordou Deena. — O peixe-dourado é inegociável. E ele só come ração orgânica.

— Eu, com certeza, vou ser famosa — comentou Jennifer Crawford. — Não tenho dúvida disso.

— Como?

— Não sei. Preciso descobrir. Por isso é que ia ser maravilhoso se o *Good Day, USA* viesse à St. Joan. Seria tipo um atalho. Eu seria descoberta.

— A Clara seria descoberta, você quer dizer — corrigi.

— A Clara não é tão especial — disse Jennifer Crawford, sem julgamento. — Quando tudo isso acabar, ela vai desaparecer. Vocês vão ver.

Emma pegou a boina, me deu um chute de leve embaixo da mesa e sorriu.

— Talvez — disse eu, também ajustando meus acessórios de inverno.

Deena viu que nos preparávamos para ir embora e pareceu aliviada. Talvez ela estivesse realmente preocupada com o dever de casa.

— Muito bem — disse Emma, levantando-se. — Precisamos ir. A Deena tem que ir para casa.

— O.k. — disse Jennifer Crawford, disfarçando a decepção. — Vejo vocês amanhã.

— Eu, não — lembrou Emma. — Elas, sim.

— Tchau, Jennifer — Deena e eu dissemos. Deena deu um abraço rápido nela e eu acenei com a mão.

Ela acenou de volta e passou a olhar para a forma de papel do muffin de Emma, fingindo que não se importava com nossa partida. Fingiu bem.

Entramos no carro de Deena, com botas, cachecóis e casacos amontoados. Nossa respiração formava nuvens de vapor em volta da nossa cabeça, embaçando os vidros.

— Para casa? — perguntou Deena, dando marcha a ré.

— Não — respondeu Emma. Seu rosto brilhava com um sorriso misterioso, digno de Mona Lisa. — Temos uma coisa para fazer antes.

— Emma — falou Deena, em tom de advertência.

— Vocês vão adorar. Prometo. Vire à esquerda aqui.

Emma tinha sentado no banco da frente. Eu estava atrás, quentinha dentro do meu casaco, feliz por não ter que dar indicações nem saber para onde estávamos indo. Pensava nos planos de Jennifer Crawford de ficar famosa, e em Emma e no sr. Mitchell.

Tad.

Como será que aquilo tinha começado?

Como podia ser?

*DANVERS, MASSACHUSETTS**TERÇA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2012 (DIA DOS NAMORADOS)*

Paramos num grande estacionamento perto de um prédio pelo qual eu passei quase todos os dias da minha vida — um complexo de consultórios médicos, dentistas e fisioterapeutas com o estranhíssimo nome “Centro de Cuidado Médico e Ambulatorial Nossa Senhora da Inquisição”.

Emma conferiu o celular.

— O.k. — disse. — Vamos. Não temos muito tempo.

Deena e eu trocamos um olhar no espelho retrovisor.

— O que está acontecendo, Emma? — perguntou Deena.

— É — falei também —, o que estamos fazendo aqui?

— Confiem em mim — disse Emma, abrindo aquele sorriso de Mona Lisa, com um brilho estranho nos olhos claros. — Vamos. Rápido!

Emma nos apressou para sair do carro, atravessamos o estacionamento e passamos por uma série de portas corrediças de vidro. O salão do Nossa Senhora da Inquisição tinha um cheiro terrível de desinfetante, e havia uma figueira seca no canto, toda torcida, parecendo um esqueleto deformado.

Emma não desgrudava os olhos do celular. Deena e eu havíamos nos juntado por desconforto instintivo, abraçando uma à outra como se monstros fossem surgir da escuridão e nos destroçar.

— Não estou gostando nada disso — sussurrou Deena, sem que Emma ouvisse. — Ela está muito estranha.

— Está tudo bem — sussurrei de volta. — É que você não gosta de surpresas.

— Não gosto mesmo — confirmou Deena. — Detesto.

Seguimos em frente juntas, acompanhando Emma, que aparentava saber exatamente aonde estava indo. Havia um único guarda no balcão da recepção, que nos olhou quando passamos. Ninguém esperava no salão. Percorremos um longo corredor. O único movimento ali era o de um balão de gás, meio murcho, solto no duto de ventilação perto do teto. melhoras, estava escrito no balão.

Viramos e encontramos uma mulher de jaleco branco no fundo de outro corredor, apoiada numa cadeira da sala de espera, também olhando o celular. Ao ouvir nossos passos, a doutora olhou em nossa direção e abriu um grande sorriso.

— Meninas! — exclamou a dra. Gupta, dando-nos um abraço muito maior do que eu esperava de uma mulher pequena como ela.

A dra. Gupta tinha um sotaque indiano-britânico meio cantado que eu tentava imitar quando estava sozinha em casa. Jamais consegui imitar direito.

— Não contei para elas — disse Emma, com o rabo de cavalo da dra. Gupta na cara. — Elas não fazem a mínima ideia.

A dra. Gupta deu um passo para trás, com uma mão no meu ombro e a outra no ombro de Deena.

— Perfeito — ela disse. — Vai ser uma grande surpresa para a Anjali. Ela não viu ninguém além do Jason esses dias. Venham! Vou levar vocês.

Deena e eu trocamos um dos nossos olhares instantâneos e expressivos. *Jason?* Não tivemos como seguir adiante nisso, porque a dra. Gupta nos levou para ver Anjali.

Anjali estava sentada na cama, num quarto particular, decorado com flores, ursos de pelúcia e um buquê de balões de gás. Era a mesma de sempre. Estava até com seu pijama estampado, que usou numa noite que dormimos juntas.

— Oi! — disse ela, da cama, acenando com a mão, animada.

Deena e eu fomos correndo abraçá-la. Emma deu um passo para o lado, feliz com o momento.

— Meu Deus! Anjali! — falei, mas devo ter gritado, pois a dra. Gupta pediu silêncio com o dedo na boca.

— Você está bem? — Deena falou ao mesmo tempo que eu. — Por que você não respondeu às nossas mensagens? A gente estava preocupada! Conte para ela como a gente ficou.

— É, a gente ficou muito preocupada mesmo — confirmei.

— Eu sei, eu sei. Desculpem. Não queria que vocês ficassem preocupadas. É que minha mãe pegou meu telefone — disse, olhando feio para a dra. Gupta, que riu apenas —, porque ela disse que eu precisava descansar. Só deixou que enviasse um torpedo para o Jason e nada mais.

— Cretino — murmurei.

— Colleen! — sussurrou Emma.

— Desculpe. Mas é que ele podia ter ligado para a gente. A gente estava preocupadíssima!

— Mas como a Emma soube onde você estava? — perguntou Deena.

— Encontrei o Jason ontem — explicou Emma. — No café, com algumas pessoas. Ele não é tão mau assim.

— Imagino — falei.

Tudo bem, talvez ele não fosse mau, para um pseudorapper.

— Você está bem? O que aconteceu? — perguntei, subindo na cama perto de Anjali, enquanto Deena e Emma sentaram-se na ponta.

— Vou deixar vocês botarem o papo em dia — disse a dra. Gupta. — Vólto daqui a alguns minutos. Mas Anjali...

— O quê?

— Não exagere. Você precisa descansar. As meninas podem ficar uns quinze minutos. Depois elas vão embora, para você poder dormir.

— Tudo bem.

A dra. Gupta fez aquele olhar universal de *estou falando sério* que todas as mães fazem para as filhas e saiu. A porta se fechou atrás dela.

— anjali! — gritei. — O que aconteceu?

— Meu Deus. Que loucura!

— Você está com a Doença Misteriosa? — Deena perguntou. — Ou alguma outra coisa?

— Hum... — Anjali ficou pensando. — Não sei direito. Minha mãe está fazendo alguns exames.

— Que tipo de exame? — perguntamos.

— Não sei. Exame de sangue, acho. Para detectar envenenamento sanguíneo. Não tenho certeza.

— Envenenamento? Como cianureto, essas coisas?

— Não, não. Nada disso. Ela não sabe ainda.

— Mas você não contou o que aconteceu.

— Então. Eu estava em casa — disse Anjali. — Estava tudo normal.

— Quando? — queríamos saber.

— Sei lá. Faz umas duas semanas.

— O.k.

— Estava fazendo o dever de casa de Física, quase terminando, e ia revisar o trabalho de Inglês quando comecei a sentir uma dor de cabeça estranha.

— Tipo enxaqueca? — perguntamos.

— Não. Quer dizer, não sei. Nunca tive enxaqueca, então não tenho certeza. Uma dor muito forte, como se estivesse furando o cérebro, bem no meio da testa, no terceiro olho.

— Que doido! — dissemos, perplexas.

— Então fui deitar um pouco, pensando: “Tudo bem. Devo estar muito estressada, com todo o trabalho, a espera pela resposta das faculdades e tudo o mais”.

— Claro — concordamos.

— Até começar a tosse. Virei de lado e comecei a tossir como uma condenada. Foi quando minha mãe entrou. Eu estava tossindo tão alto que minha mãe conseguiu me ouvir lá de baixo. Então, tive esse surto de tosse, até expelir um troço. Muito nojento.

— Um troço? — perguntamos. — Que troço?

— Hum — fez Anjali, enrolando uma mecha de cabelo. — Melhor não dizer. É muito nojento.

— Tipo sangue?

— Hum — Anjali franzia a testa. — Não. Nada a ver com sangue. Era estranho.

— Não dá para entender — protestamos. — Foi bile? Você vomitou?

Anjali dobrou os joelhos.

— Hum. Não era... líquido. Isso é que é o mais bizarro. Foi nesse momento que minha mãe me levou para o hospital.

— Era o quê? Uma bola de pelo, alguma coisa assim? — caçoamos.

Mas ela não riu.

— Não. Na verdade, era meio... pontudo. Parecia uma massa disforme. Tipo espinhas de peixe, mas formando uma bola. E meio metálica. Tipo espinha de peixe, mas diferente.

— Eca — dissemos, fazendo cara de nojo. — E doeu?

— Doeu — respondeu Anjali. — Doeu muito. Depois que saiu, começou a sangrar. Como se tivesse rasgado minha traqueia no caminho. Foi horrível. Fiquei apavorada. Minha mãe me vestiu e me trouxe direto para cá. Era o hospital mais perto, e ela conhece pessoas aqui, por isso viemos para cá. E estou aqui desde então. Mas acho que logo, logo vou poder voltar para casa.

— Você chegou a se contorcer, como a Clara e as outras meninas?

— Não. Só essa dor de cabeça terrível e essa tosse.

— Quer dizer que as espinhas de peixe continuam saindo? — perguntamos, horrorizadas.

— Sim — respondeu Anjali. — Tipo, uma vez por dia. Tusso, tusso, tusso, e aí sai essa bola de espinha de peixe bizarra. Na verdade, não é espinha. Vocês sabem que detesto peixe.

— Mesmo assim, ainda poderia ser a Doença Misteriosa — comentei. — Olha o caso da Outra Jennifer. Ela perdeu todo o cabelo, e isso não aconteceu com mais ninguém.

— É verdade — disse Deena. — Todo mundo que conhecemos teve sintomas diferentes. Nem parece a mesma doença.

— Pois é — disse eu. — A Clara é a única que não consegue falar, né? O problema da Elizabeth é basicamente nas pernas. A Jennifer perdeu o cabelo.

— A Leigh está *vibrando* — acrescentou Deena. — Você viu na televisão? Estranhíssimo.

— O quê? — perguntou Anjali. — Não ouvi falar nada disso. A Leigh Carruthers?

— É. Ela e a mãe apareceram na televisão. No *Danvers em Pauta*.

— Jura?

— Você tinha que ver como está a escola. Todo dia temos que enfrentar uma barreira de repórteres para entrar.

— Sério?!

— E agora a Jennifer Crawford nos diz que a Clara deve ir ao *Good Day, USA* — acrescentei.

— Que doideira.

— Vinte e sete pessoas — informou Emma de onde estava, ao pé da cama. — Foi o último número que ouvi.

— Sua mãe também acha que é pandas?

— pandas? O que é isso?

— Hum. É um acrônimo em inglês. *Pediatric... Autoimmune...*

— *Neurological Disorder And Stuff*, tipo isso — completou Deena. Rimos.

— Mas o que significa?

— Basicamente — expliquei —, algumas crianças, depois de uma faringite séptica, desenvolvem alguns tiques e sintomas estranhos. Como toc. Muito parecido com o que a Clara tem. A enfermeira Hocking e uma médica especialista em doenças infecciosas deram uma entrevista na televisão e disseram que era isso.

— Não é pandas — disse a dra. Gupta na entrada da porta.

Levamos um susto. Não tínhamos reparado que ela tinha voltado.

— Não? — perguntamos.

— Não. Com certeza. Foi muita irresponsabilidade da dra. Strayed dizer isso.

— Mas como a senhora sabe? — perguntamos para a mãe de Anjali.

Ela puxou uma cadeira, sentou-se ao lado de Anjali e fez carinho na cabeça da filha.

— Não poderia ser, tipo, uma mutação? — perguntou Deena. — Uma variação de faringite que ainda não foi estudada?

— Não, Deena. Não creio. Em primeiro lugar, pandas não é exatamente uma doença. Não como vocês falam. É mais um termo genérico para descrever uma gama de sintomas que não têm como ser explicados de outra maneira. Seria como dizer que o universo é feito de filhotes de cachorro, sorvete e todo o resto. Tecnicamente, é verdade, mas dito dessa forma, damos muita ênfase aos filhotes de cachorro e sorvete,

sem explicar muito sobre o universo.

A dra. Gupta fez uma pausa para ver se estávamos acompanhando, mas percebeu que não.

— pandas não aparece no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (dsm), o manual que todos os médicos usam para identificar doenças — explicou. — Alguns médicos nem gostam de usar esse termo, uma vez que a relação entre a infecção estreptocócica e os tiques não foi comprovada. O fato é que pandas não é uma doença, no sentido clássico do termo. É somente uma hipótese. Uma combinação bonita de palavras.

— Estranho — dissemos. — A dra. Strayed parecia tão segura.

— Bem, isso é o que acontece quando a enfermeira da escola consulta uma especialista sem falar antes com o conselho administrativo. Mas existe outro motivo para eu ter certeza de que não é pandas.

— Qual? — perguntamos.

A dra. Gupta sorriu e pegou a mão da filha.

— Minha Anjali nunca teve faringite.

— Nunca?

— Nunca.

— Mas então... o que ela tem? — uma de nós perguntou, meio sem graça.

Anjali tossiu. Olhamos para ela, assustadas. Ela deu um sorriso tranquilizante.

— Estou consultando alguns colegas para descobrir. Mas o mais importante é vocês não ficarem preocupadas.

Anjali tossiu de novo.

— Pode ser alguma coisa no ambiente? — perguntei.

— Talvez. Existe essa possibilidade, de ser alguma coisa externa. Não sabemos.

Anjali se inclinou para a frente e tossiu.

— Está tudo bem, meu anjo? Quer um pouco de água? — perguntou a dra. Gupta, dando um tapinha nas costas dela.

Anjali continuava tossindo, um som de catarro, como se os pulmões dela estivessem cheios de muco. Ela se endireitou na cama e respondeu:

— Não, obrigada. Estou bem.

— Você precisa levantar e dar uma caminhada — ponderou a mãe. Depois, continuou: — Uma coisa posso garantir: não é pandas. E não quero que vocês fiquem com medo, mas quero que vocês se cuidem. Cuidem bem da saúde. Falem com seus pais se sentirem qualquer coisa um pouquinho diferente do normal.

Anjali tossiu mais uma vez, com um gemido de agonia. Seu rosto se contorceu todo pelo esforço. Nós recuamos, apavoradas, e Emma pulou da cama, indo se encostar na parede.

— Aqui está, meu amor — disse a dra. Gupta, trazendo um pequeno balde de plástico, que pôs debaixo do queixo de Anjali. Batia nas costas da filha enquanto aquela tosse horrível continuava.

— Anjali? — chamei.

Ela balançou a cabeça em sinal negativo, fazendo aquele som de esforço e dor, lutando para respirar entre cada tosse.

— Relaxe — tranquilizava a mãe. — Deixe sair. Não lute contra.

— O que devemos fazer? Podemos fazer alguma coisa? — Eu estava em pânico, mas não sabia mais o que dizer.

— Logo, logo termina — disse a dra. Gupta.

Anjali começou a ter convulsões. Ondas de espasmos a lançavam para a frente e para trás, cada movimento para a frente acompanhado de uma tosse tão alta que parecia um latido. A tosse foi aumentando o ritmo. Anjali agarrava as grades da cama. Num determinado momento, ela se inclinou para a frente com um urro e pôs para fora um troço úmido no balde de plástico que a mãe segurava.

— Pronto, pronto. Acabou — disse a dra. Gupta, fazendo carinho no cabelo da filha.

Anjali enxugou a boca com as costas da mão e nos olhou assustada. Quando foi pegar o copo de água na mesa de cabeceira, vimos que estava tremendo.

A dra. Gupta examinou o conteúdo do balde com uma cara estranha.

— Isso parece pandas para vocês? — perguntou, mostrando o balde. — Ninguém precisa ir para Oxford para ver que não é pandas.

Olhamos, ao mesmo tempo constrangidas, preocupadas, curiosas e com medo.

Dentro do balde vimos o que parecia uma bola, de mais ou menos três centímetros de diâmetro, feita de fios metálicos, com pontas afiadas no final de cada fio. Parecia...

— Alfinetes — disse Emma, com a voz que lhe saiu.

Quando deixamos o lugar, Anjali estava deitada de lado, pálida, abraçando um ursinho de pelúcia com típicos olhos meigos. Prometemos que íamos visitá-la em casa, assim que ela saísse de lá. Sua mãe nos acompanhou até a porta.

— Procurem não se preocupar — disse a dra. Gupta. — A Anjali vai ficar bem. Quando estivermos mais preparados para falar a respeito com mais certeza, aviso. Se os pais de vocês tiverem alguma dúvida, é só me ligar.

Agradecemos e caminhamos em silêncio pelos corredores vazios do Centro de Cuidado Médico e Ambulatorial Nossa Senhora da Inquisição, nossos passos ecoando no piso de linóleo. Atravessamos as portas corrediças de vidro, que faziam um som mais alto que o normal pela ausência de outros sons.

Andamos pelo estacionamento até o carro de Deena, mudas, tiramos os sobretudos volumosos e entramos. Deena pôs a chave na ignição, mas não ligou o carro.

Ficamos as três lá sentadas, Deena e eu na frente, Emma atrás. Nossa respiração começou a embaçar o vidro, turvando o mundo lá fora, até sermos só nós três dentro do carro, sozinhas com nossos pensamentos.

— O que será que está acontecendo? — perguntou Deena, finalmente. — Porra, o que está acontecendo?

Fiquei chocada. Deena quase não fala palavrão.

— Não sei — falei, olhando fixo para a umidade escorrendo no vidro do para-brisa.

Emma não disse nada. No espelho retrovisor, pude vê-la olhando pela janela, com o nó do dedo na boca. O dedo com o carçoço.

Deena balançou a cabeça, ligou o carro e saiu do estacionamento para deixar primeiro Emma, em seguida a mim e depois voltar para casa.

No momento em que ela ligou a seta, embora fosse mais tarde do que imaginávamos e as ruas estivessem completamente desertas, senti meu telefone vibrando no bolso. Mensagem de texto. Procurei na caixa de entrada até encontrar a mensagem nova.

Feliz Dia dos Namorados! Estava no torneio de basquete. Me liga?

Spence. Foi só depois de ler o texto que comecei, silenciosamente, a chorar.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— **Depois disso** — digo — as coisas começaram a acontecer. Tudo muito rápido.

O reverendo Green fica me olhando, horrorizado.

— Ann — diz ele, passando a mão no rosto —, por que você não falou nada? Como conseguiu deixar Betty Parris culpar a escrava dessa maneira?

Levanto-me e caminho pelo gabinete do reverendo. Chego a ouvir os gritos, como se eles ainda ecoassem nas paredes do presbitério. Estranho que não tenhamos demolido o presbitério depois de tudo aquilo. O lugar mal se mantém de pé. Será que a alma de uma edificação pode se macular como a alma de uma mulher? Não é agradável pensar desse jeito, mas eu diria que sim.

— Mas não culpamos só a Tituba — digo. — Os homens presentes não acreditavam que uma escrava como ela, uma indiana, fosse se tornar bruxa por livre e espontânea vontade. Segundo eles, devia haver bruxas inglesas entre nós que a encaminharam para o mal. Naquela noite, Abby acusou Sarah Good, o que era fácil de entender. Fazia tempo que ela não vinha às reuniões. Ela era pobre, a filha andava sempre suja. Elas fediam, as Good. Não tinham onde morar. Iam de fazenda em fazenda pedindo hospedagem e comida. Pediam esmola de todo mundo, mesmo de quem passava dificuldade. As donas de casa chegavam a fechar as persianas quando as viam por perto. O reverendo Parris acreditou na hora que ela estava possuída pelo mal.

Os olhos do reverendo Green deixam transparecer tristeza.

— E pensar como Jesus teria tratado uma mulher como Sarah Good — diz. — Teria lhe dado de comer imediatamente e lavado seus pés com as próprias mãos. O verdadeiro cristão não hesita em se humilhar.

— É verdade — digo, sem me convencer. — Mas Jesus não tinha oito crianças em casa, tendo que suportar um inverno atipicamente frio.

Meu confessor não parece muito satisfeito com minha opinião, mas é fácil falar de uma posição de conforto, e nada do que ele ou Jesus digam é capaz de mudar isso.

— Quando Abby acusou Sarah Good, todos reagiram como se já soubessem. A outra acusada foi Sarah Osborne. Ela também andava desaparecida, e não tinha boa fama.

— E por que ela seria alvo de fofoca no vilarejo?

— Ué, por causa do marido dela — respondo, com um sorriso sarcástico.

— O que tem ele?

— Ele era bem mais novo e havia trabalhado para ela. Dizem que houve um acordo entre eles antes da santificação.

— Compreendo — diz o reverendo Green, com um dedo esticado na têmpora.

— Meu pai e outros homens emitiram uma ordem de prisão — continuo —, e, em três semanas, as

três bruxas foram chamadas para depor. Nós, meninas, estávamos lá, em frente à igreja. Todo mundo no vilarejo se reuniu para presenciar o espetáculo. Por onde Abby Williams, Betty Hubbard, Mary Warren, Betty Parris e eu passávamos, as pessoas se afastavam. Nunca tinha me sentido assim antes.

— Assim como, Ann?

— Como... alguém na vida.

Estou espremida num banco entre Abby e Betty Hubbard, com Betty Parris, Mary Warren e outras meninas que começaram a ter abscessos como os nossos. O barulho dentro da igreja é terrível, um som de vozes e corpos em movimento, e apesar de ser 1º- de março e ainda fazer muito frio do lado de fora, a multidão é tão densa que o ar lá dentro é pesado e rarefeito. As janelas, além de ser pequenas, estão embaçadas pela respiração das pessoas, e vemos fumaça em volta das lâmpadas. Meu cabelo está grudado na nuca. Sinto cheiro de cabelo sujo e me pergunto quando foi a última vez que Abby tomou banho.

No estrado perto do púlpito, vários homens de chinó estão empoleirados atrás de uma longa mesa, com lenços de linho destoando dos sobretudos pretos. O mais ilustre deles é o juiz Hathorne, agindo com superioridade no centro — um senhor eminente, de rosto enrugado, olhos de gavião, nariz comprido e sobancelhas peludas. Conversa com os outros, enquanto o sr. Cheever, sentado ao lado com um bloco de papel em branco à sua frente, segura uma pena com tanta oficiosidade que antipatizo com ele por motivos que não sei explicar.

Betty Hubbard segura minha mão com força, e Abby está tão nervosa que os joelhos não param quietos debaixo da saia, os pés tocando o chão como um coelho saltitante. Betty Parris olha fixo para a frente, hipnotizada. Quase não fala. Mary Warren segura a mão de Betty Parris no colo, acariciando-a.

Ouvimos uma comoção do lado de fora, e um grupo de pessoas irrompe pela porta dos fundos. Atrás de uma muralha de braços e pernas de adultos, vejo o reverendo Parris e outros homens que eu não conheço arrastando Tituba Indian pelo cotovelo. Ela está com as mãos amarradas nas costas, a corda machucando a pele, os olhos abatidos.

— Abram caminho! — uma voz de homem retumba em meio ao caos. — Para trás! Abram caminho!

Finalmente abrem caminho na multidão, só o suficiente para Tituba ser levada ao tribunal, construído às pressas lá na frente. Suas mãos são atadas ali, e ela treme perante a assembleia, olhando assustada para as pessoas. Ao encontrar Betty Parris, seus olhos assumem expressão de súplica.

— Muito bem! — grita o juiz Hathorne, batendo na mesa para chamar a atenção de todos.

A multidão se acalma, e Betty Hubbard aperta meu braço com mais força.

Tituba desvia o olhar e encara os jurados, que determinarão se as acusações contra ela merecem julgamento.

O juiz Hathorne troca algumas palavras com o homem à sua direita, cujo nome é Saltonstall, acho, e acena para o sr. Cheever, que agarra sua pena.

— Tituba — diz ele —, vamos começar. Você sabe quem eu sou, e sabe por que foi trazida aqui. Essas crianças estão sofrendo bastante, sob a influência do mal. Estamos aqui para exorcizar esse mal. Você deseja nos ajudar nessa missão sagrada?

Tituba responde, chorando:

— Sim! Vim aqui para exorcizar o mal.

— Ótimo. Muito bem. Com que espíritos malignos você tem familiaridade?

— Com nenhum — responde ela, molhando os lábios.

O juiz se inclina para a frente, apontando o dedo longo em nossa direção. Estremecemos com o olhar de toda a assembleia sobre nós.

— Então por que você machuca essas crianças?

— Eu não machuco elas, não, senhor.

— Quem as machuca, então?

— Não sei! Deve ter sido o Diabo, sr. Hathorne. Só pode ter sido ele.

— Sei. O Diabo, você diz.

Os homens empoleirados no estrado assentem. O sr. Cheever escreve num ritmo furioso, parando só para molhar a pena no tinteiro.

— E você viu o Diabo quando ele veio machucar as crianças?

— Se já vi o Diabo?

— Sim. Ele vem até a casa e machuca as crianças, você acabou de dizer. Ele já veio procurá-la também? Você vê o Diabo quando ele vem machucar as crianças?

Tituba muda de posição como se fosse fugir, mas as cordas amarradas no seu pulso a mantêm presa.

— Eu... — hesita.

— O Diabo já veio procurá-la, Tituba? — o sr. Hathorne pressiona, coagindo-a.

A mulher miserável entende o que o magistrado quer que ela responda e diz:

— Veio. O Diabo veio e me pediu para servir ele, como o senhor diz.

— Ele veio. Ótimo. Agora, conte-nos: quem você viu com o Diabo?

Tituba olha em volta com expressão insana e fala impulsivamente:

— Às vezes, vem quatro mulher com o Diabo quando ele machuca as criança.

— Que mulheres?

Tituba responde, aumentando a voz:

— A dona Osborne e a Sarah Good. As outra não sei quem são. A Sarah Good e a Sarah Osborne queria que eu machucasse as criança, mas eu não machuquei. Também tinha um homem alto de Boston que eu vi. Eles vêm tudo junto. Eu vi todo mundo com o Diabo.

— Um homem alto? Quando você os viu, Tituba?

— Vi eles na noite passada, em Boston.

— Deixe-me ver se entendi: elas pediram para você machucar as crianças. E você machucou?

— Não! — exclama Tituba. — São quatro mulher e um homem. Eles machucam as criança e põem a culpa em mim. Dizem que, se eu não machucar as crianças, eles vão me machucar.

A assembleia fica atônita com essa revelação. Ao meu lado, Abby Williams treme tanto que temo que ela caia do banco.

— Mas você as machucou também? — pergunta o sr. Hathorne, severamente.

Tituba está com cara de doida.

— Machuquei — responde, nervosa. — Machuquei, mas não vou machucar mais.

— Não se sente arrependida?

— Muito. Muito arrependida.

— Então por que concordou em machucá-las? Por que obedeceu às quatro mulheres e ao homem alto de Boston?

— Eles disseram que eu tinha que machucar as criança, senão eles iam me machucar ainda mais — Tituba responde quase sem conseguir falar, de tanto soluçar.

— Você viu um homem lhe ordenando que o servisse?

— Vi — responde Tituba, sufocada, porque serviu um homem a vida toda, desde pequena em Barbados, e o servirá até morrer.

— Que serviço ele exigia de você?

— Ele disse para eu machucar as criança, mesmo eu não querendo. Ontem à noite uma imagem me disse para matar as menina, e que, se eu não fizesse isso, eles iam fazer pior comigo.

A plateia começa a ficar revoltada.

O juiz se inclina para a frente, interessado.

— Que imagem é essa que você viu? — pergunta ele. — Descreva-a para nós. É um homem?

— Às vezes é um porco — responde Tituba —, e às vezes é um cão grande. Já vi quatro vez no total.

— E o que a imagem lhe disse?

— O cão preto disse para servir ele, mas eu disse que estava com medo. Ele disse que, se eu não servisse, ele ia fazer pior comigo.

— E o que você disse?

— Eu não queria mais machucar as criança, então eu disse: “Não vou mais te servir”. Aí, de repente, ele virou um homem e ameaçou me machucar. No formato de homem, ele tinha um pássaro amarelo. Ele me disse que tinha muito mais coisa bonita para me dar se eu servisse ele.

Os homens do júri acenaram em concordância, pois aquele era exatamente o tipo de ardil que o Diabo usaria para seduzir uma pobre mulher a vender sua alma.

— Que coisas bonitas o homem lhe prometeu?

— Não sei. Ele não me mostrou.

— O que mais você viu?

Ela fala rapidamente, sem pensar, e fico me perguntando por onde andaria sua cabeça, em que planos da realidade.

— Vi dois gato, um vermelho e um preto.

— O que esses gatos lhe disseram?

— Eles disseram para eu servir eles.

O juiz Hathorne se encosta na cadeira bordada e fica olhando para Tituba por um bom tempo, enquanto as pessoas fofocam entre si.

— Gatos! — sussurra Betty Hubbard. — E eles falaram com ela! De quem você acha que são esses espíritos?

— Da dona Good e da dona Osborne, sem dúvida — responde Abby. — Essas bruxas me atormentam o tempo todo. Vêm no meio da noite me beliscar, até eu sangrar.

O juiz bate na mesa e grita:

— Você não beliscou Elizabeth Hubbard hoje de manhã?

Betty Hubbard se comprime contra mim, falando baixinho.

— Me beliscaram. Foi a Tituba. Eu sabia!

Tituba Indian protesta, em pânico:

— O homem me obrigou a beliscar ela.

— Por que você foi à casa de Thomas Putnam ontem à noite e machucou essa criança? — pergunta o juiz, apontando para Betty Hubbard, que ainda está ficando comigo na nossa casa. E é verdade: ontem à noite ela acordou berrando. Eu ouvi. Estávamos representando tão bem que começamos a acreditar na nossa história, vítimas da nossa própria imaginação.

— Eles me empurraram e me forçaram!

— E o que ele queria que você fizesse? Que a matasse com uma faca?

Meu pai, que estava ao lado do reverendo Parris assistindo à audiência, interrompe:

— Quando a criança viu as aparições ontem à noite, realmente reclamou de uma faca. Disse que eles queriam cortar sua cabeça com uma faca.

É verdade. Betty teve um pesadelo e começou a gritar que não cortassem sua cabeça. Tinha ouvido algumas histórias de Mercy, da época em que ela vivia no Leste. Não gosto de ouvir essas histórias. Atrapalham meu sono também.

— Como você foi à casa dos Putnam tão tarde?

Para embelezar a história, Tituba inventa:

— A gente foi montada em vassoura e chegou rápido.

Agitação geral, todo mundo imaginando o espírito invisível de Tituba cruzando o céu com uma vassoura entre as pernas, acompanhada de perto pela dona Good e pela dona Osborne, as saias tremulando ao vento.

O juiz Hathorne está tão arrebatado pela ideia quanto qualquer um de nós.

— Vocês foram por entre as árvores ou por cima delas?

— Nenhuma das duas. Não vimos nada, mas chegamos logo em seguida.

— Por que você não contou para o seu senhor, o reverendo Parris, quando esse homem veio lhe oferecer essas coisas horríveis?

Tituba olha para Samuel Parris, que a encara com um olhar sanguinário.

— Fiquei com medo — responde ela, tremendo. — Eles disseram que iam cortar minha cabeça se eu falasse alguma coisa.

— Compreendo — diz o magistrado, coçando o queixo, pensativo, fitando a mulher que tremia. — Conte mais, Tituba. Quem acompanha Sarah Good quando ela está com o Diabo?

Tituba olha para o teto da igreja, como se fosse encontrar a resposta escrita lá. Quando volta a olhar para o juiz, fala com firmeza:

— Um pássaro amarelo. E ela me deu um.

Fico pensando em como deve ser agradável um pintassilgo vir pousar no nosso ombro e comer na nossa mão. Tituba também deve sonhar com essas delicadezas, nos raros dias em que tem tempo para sonhar. O Diabo lhe promete coisas lindas, e fico desejando que ela fale mais sobre isso.

— Um pássaro amarelo, você diz? E o que ela lhe dava de comer?

— O pássaro mamava nela entre os dedos.

— Mamava! — exclamou o juiz, dando um sinal para um dos jurados, que fez uma anotação pessoal.

— E que espírito acompanha Sarah Osborne?

— Quando eu vi ela ontem, ela estava com uma criatura horrível, como uma mulher com duas pernas e uma asa.

Abby grita:

— Isso mesmo! Vi a mesma criatura ontem quando saí do presbitério, e a criatura se transformou na dona Osborne!

— Muito interessante! — exclama o juiz, enquanto o sr. Cheever escreve. — Tituba, você não viu Sarah Good atacando também Elizabeth Hubbard no sábado passado?

Ao meu lado no banco, Betty Hubbard confirma.

— Sim — Betty diz, mesmo sem ninguém ter perguntado. — A Sarah Good me atacou e disse que cortaria minha cabeça se eu contasse para alguém.

Tituba, que espiava Betty Hubbard de canto de olho, responde sem pestanejar:

— Sim, vi a Sarah Good mandar um lobo para atacar ela.

— Isso mesmo! — exclamo, aproveitando o drama. — A Betty reclamou de um lobo!

Todo mundo olha para mim, os senhores de chinó, Tituba, minha amiga Betty Hubbard, meu pai, os habitantes do vilarejo, todos impressionados com minha coragem de dizer a verdade. Fico tão lisonjeada que esqueço o que fiz. Dei-lhes o que eles queriam. Sinto-me feliz. Importante.

— Tituba — fala o juiz, delicadamente —, como o homem estava vestido? Como ele é?

Tituba fita o reverendo Parris e responde lentamente:

— Roupas pretas. Um homem alto, de cabelo branco, acho.

O cabelo do reverendo Parris tem cor de neve suja desde que o conheço, e ele mede mais de um metro e oitenta. No banco ao meu lado, Betty Parris começa a berrar.

— Muito bem. E como é a mulher? Que tipo de roupa ela usa?

Ainda olhando para o seu senhor, Tituba diz:

— A mulher tem uma capa branca, e a outra usa uma capa preta, com capuz.

Ela descreveu a maneira habitual de se vestir da sra. Parris, embora grande parte das mulheres da aldeia usasse capa preta com capuz. Os berros de Betty Parris se tornam estridentes, e Abby Williams começa a se sacudir no banco, berrando com toda a força e tossindo de modo exagerado. Betty Hubbard revira os olhos e cai, inconsciente. Tomada pelo pânico, meu desejo é sair correndo e me esconder no celeiro atrás de casa, mas todo mundo está lá, olhando para mim, meu pai, e eu preciso ser forte e fazer o que eles querem. Portanto, fico onde estou, encolhendo-me no lugar, e logo as lágrimas começam a escorrer dos meus olhos também.

O juiz Hathorne pergunta:

— Você consegue ver quem está atormentando essas crianças agora?

Tituba se vira e olha por sobre o ombro, os olhos escuros testemunhando nosso tormento.

— Consigo — responde, convicta. — É a Sarah Good. Está machucando elas com sua imagem de Sarah mesmo.

Abby se levanta e começa a gritar, olhando para o nada:

— Deixe a gente em paz! Deixe a gente em paz, dona Good! A gente não quer vocês! Parem de enviar

as imagens de vocês para atormentar a gente!

— Aí vai ela — diz Tituba tranquilamente, acompanhando com o olhar uma criatura invisível que percorre a nave lateral, por onde ela mesma foi arrastada, até o lado de fora.

Berramos mais forte. Mary Warren olha para cima, Betty Hubbard deita a cabeça no meu colo, chorando, Abby tosse sem parar, mostrando as mãos abertas cheias de alfinetes, com expressão triunfante, uma gota de sangue nos lábios. Como não sei o que fazer, não faço nada.

— Mas elas ainda estão atormentadas, Tituba. Diga-nos: quem as está machucando agora?

A escrava inclina a cabeça e fecha os olhos.

— Estou cega agora — diz calmamente. — Não consigo ver. Não consigo ver o que é real.

Parte 4

MARÇO

MATRONÁLIA

Que as bruxas são capazes de realizar milagres, já está mais do que provado. No entanto, isso se deve não a uma força onipotente (conforme indevidamente proposto), mas ao pacto com Satanás, seu príncipe, um espírito poderoso, que também se manifesta no mundo material, assim como elas.

**WILLIAM PERKINSA DISCOURSE OF THE DAMNED ART OF WITCHCRAFT
THE EPISTLE DEDICATORIE, 1603**

DANVERS, MASSACHUSETTS
SEGUNDA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 2012

— **Ann Putnam Junior.** Era o nome dela — falei, jogando o livro em cima da mesa.

A sra. Slater largou a caneta vermelha e olhou para mim.

— É?

— Sim. Veja. Arthur Miller a chamou de Ruth. Mas seu nome verdadeiro era Ann, como o da sua mãe.

Empurrei o livro na mesa da sra. Slater e apontei para um longo trecho de depoimentos, com uma menininha no meio, falando sobre pássaros amarelos e um monte de loucura. A sra. Slater pôs os óculos de leitura e examinou o texto.

— Tem razão — disse. — Talvez ele simplesmente não quisesse que as pessoas confundissem mãe e filha.

— Acho pouco provável — opinei. — Todo mundo na Nova Inglaterra usa os mesmos nomes o tempo todo. Não é tão complicado. Veja o caso do meu pai e meu irmão.

A professora substituta sorriu para mim.

— É verdade. E?

— E descobri que o autor mudou um monte de outras coisas também.

Procurei nas minhas anotações. A sra. Slater se encostou na cadeira, erguendo uma das sobrancelhas.

— Por exemplo — falei, com a caneta apontada para uma anotação —, na peça, Ruth Putnam é filha única, porque todos os seus irmãos morreram. É por isso que sua mãe, Ann, está tão paranoica e triste, acusando outras mulheres de bruxaria. Mas a Ann Putnam verdadeira, a criança, tinha, tipo, sete irmãos e irmãs.

— É uma peça — disse a sra. Slater, encolhendo os ombros. — Talvez ele simplesmente não quisesse muitos atores no palco. Sabe como é caro contratar um ator profissional?

Ela estava me provocando, mas não liguei. Ignorei a provocação.

— A outra coisa é: na peça, o autor dá a entender que Ruth... Ann Junior..., Abigail Williams e as outras meninas começam as acusações porque o reverendo Parris as flagra na floresta fazendo feitiços, e elas não querem se meter em problemas. Não consigo achar nenhuma menção quanto a isso.

— Porque não aconteceu.

— Não? — perguntei, confusa.

— Não, claro que não — diz a sra. Slater, com desdém. — Toda essa história de *rituais de feitiçaria na floresta* vem de uma pequena nota de rodapé de uma das meninas, que narra o fato vinte anos depois. É algo totalmente infundado. E Abigail Williams não estava tendo um caso com John Procter, só para constar. Ela não tinha dezessete anos, e ele não tinha quarenta. Abigail tinha onze anos, e John, mais de sessenta. Não se tratava de sexo nem de magia.

Pressionei os dedos na testa. Por trás de uma das músicas de Deena entranhadas na minha cabeça, pressenti uma dor. Ela ainda não havia se manifestado, mas estava a caminho.

— Então se tratava de quê? — perguntei, deixando as mãos caírem sobre a mesa e olhando, sem resposta, para o teto.

A sra. Slater se encostou na cadeira, passando a caneta pela boca com ar meditativo, enquanto olhava para mim. Depois, largou a caneta na mesa e juntou os dedos em frente à boca.

— O que mais você descobriu até agora sobre Ann Putnam? — perguntou.

— Bem — falei, consultando minhas anotações de novo. — Na peça, Ruth é um personagem meio secundário, mas parece que na vida real ela foi uma figura central.

— Como assim? — perguntou a sra. Slater, observando-me.

— Hum — fiz, procurando uma anotação específica —, parece que ela foi — virei mais uma página — responsável pela acusação de todas as pessoas que foram realmente enforcadas. Tipo, ela acabou acusando mais gente que Abigail Williams. E o pai dela, Thomas, emitiu a maior parte das ordens de prisão. Isso é que é doido! Por que Arthur Miller não lhe deu a devida importância na peça?

A sra. Slater ficou me encarando por um tempo.

— Boa pergunta — disse, encolhendo os ombros.

Encostei-me de novo na cadeira e fiquei olhando para cima, pensativa.

— Não se tratava de magia. Nem de sexo — repeti.

— Não.

Enrolei um cacho do cabelo no dedo, puxei-o até a frente do rosto e soltei-o, com um *poing*.

— Estou começando a entender por que a senhora não queria que a gente lesse essa peça na aula de História — falei.

Ela deu um sorrisinho e disse:

— Isso é um fato?

— Então, do que se trata a história? Qual era a questão dessa Ann Putnam, de quem ninguém fala? Por que a Winona Ryder não fez o papel de Ann Putnam, em vez do de Abigail Williams? E quantos anos ela tinha quando fez o filme? Uns trinta?

A sra. Slater abafou o riso por trás de uma fachada de profissionalismo, tossindo por conta disso. Tomou um gole de café e limpou a garganta.

— Às vezes, Colleen — disse, olhando pela janela para o céu cinzento de Danvers —, é difícil precisar, na história. Existe a narrativa principal e existem partes ignoradas, talvez por não se enquadrarem com o que as pessoas no poder têm a dizer. Arthur Miller não está interessado em Ann Putnam Junior. Está interessado em sexo, conspiração e demônios ocultos dentro de pessoas boas. Está interessado, como muitos homens, em si mesmo. A pergunta é: E você? Está interessada em quê?

Fiquei olhando para ela, esperando.

Ela me encarou, parecendo que ia dizer alguma coisa, mas parou e tentou de novo.

— Para uma pesquisadora — disse ela, pronunciando cada palavra com cuidado —, pode ser útil ir além da narrativa principal. Às vezes, as pessoas no poder — ela me fitava, séria — chegam a uma explicação consensual, e, quando isso acontece, elas farão de tudo para defender essa verdade. Elas arriscaram sua reputação defendendo uma posição. Entende? Mas uma pesquisadora atenta, como você,

talvez enxergue algo que os especialistas não conseguem enxergar. Ela pode reescrever a narrativa, se fizer as perguntas certas.

— A senhora está dizendo que talvez Ann Putnam seja importante, mas ninguém fala dela porque sua versão contradiz o que os especialistas acham que realmente aconteceu?

— Talvez — respondeu a sra. Slater. — Sim, foi mais ou menos isso que eu quis dizer. Talvez os especialistas tenham seus próprios interesses também. O que é verdade para um grupo talvez não seja necessariamente verdade para outro.

— Então... — fiz uma pausa, esperando que ela explicasse. — A senhora acha que devo continuar a pesquisa como trabalho extra?

— Certamente — respondeu a sra. Slater, brincando com a caneta. — Acho que você pode descobrir muita coisa, se continuar nesse caminho.

— O.k., obrigada.

Minha cabeça estava a mil. Meninas. Narrativas principais. Sexo. Morte. Arthur Miller. Ann Putnam invisível no centro da história. Comecei a recolher os livros e cadernos, guardando-os na mochila. A sra. Slater me observava.

— Até amanhã — falei, indo em direção à porta.

— Até amanhã — respondeu ela, baixando a cabeça para o papel, de caneta em punho.

Quando cheguei à porta da sala, parei, com a mão na maçaneta.

— Sra. Slater?

— Hum?

— Hum. Sei que é uma pergunta meio estranha, mas a senhora tem me enviado mensagens de texto, tipo, nas duas últimas semanas?

Ela largou a caneta, com expressão impassível.

— Como assim?

— Nada. Quer dizer, não eram mensagens de texto estranhas, nem nada. São torpedos me incentivando a ler a peça.

— Acho um pouco inapropriado enviar mensagens de texto anônimas. Não acha que já tivemos muita demissão de professores de História Americana este semestre por comportamento inapropriado?

Ficamos nos olhando. O sr. Mitchell. *Tad*. Ela sabia sobre ele e Emma. A escola toda teria ficado sabendo se Clara Rutherford não tivesse começado a se contorcer logo em seguida. Um dia ele estava aqui, no dia seguinte já tinha ido embora. Estávamos ocupadas demais pensando em nós mesmas para nos perguntar o motivo.

— Acho — respondi. — Um já é suficiente.

Ela concordou com a cabeça.

— Um já é demais. Mas vou lhe dizer uma coisa.

— O quê?

— A pessoa que te mandou essas mensagens de texto, seja lá quem for, deve estar bastante interessada na sua pesquisa, não acha? Deve querer que você escreva sua própria versão.

Abri um sorriso, como se não sorrisse havia dias.

— A senhora acha?

— Com certeza.

Ela voltou a sorrir e depois pegou a caneta, como se não tivesse acabado de me contar a verdade sem dizer uma palavra.

— Obrigada, sra. Slater.

— Tchau. Tenho vidas a arruinar.

Sorri e saí da sala.

O piso gótico de madeira e lajotas do corredor da escola estava coberto por um forro de plástico havia duas semanas. O forro tinha um cheiro estranho, como de Band-Aid molhado, e nosso sapato produzia um rangido no caminho de uma sala à outra. Digo *nosso sapato*, mas o número de alunas havia se reduzido para cerca de um terço. Nós, as alunas restantes, éramos como bactérias numa placa de Petri, serpenteando sob as luzes, num ambiente que não conseguíamos compreender.

Desde que a reitora foi demitida, não tivemos uma única reunião na capela ou no auditório. O conselho de administração enviava uma série de e-mails “oficiais”, geralmente assinados por Laurel Hocking e pela dra. Strayed, com um tom tão informal que era difícil acreditar no que os e-mails diziam. O padre Molloy de vez em quando nos punha a par do que acontecia, mas nem ele parecia seguro das suas informações. Um dia, surgiu o forro de plástico. Ninguém sabia de onde tinha vindo. Ninguém se deu ao trabalho de explicar por que ele estava lá.

Encontrei Deena em frente ao armário aberto, com a cabeça pressionada contra a prateleira interna.

— E aí? — falei. — O que houve?

Quando ela me olhou, vi que seu rosto estava abatido de cansaço. Ela me entregou um papel para ler.

— Você recebeu isso? — perguntou Deena.

Peguei o papel de sua mão e dei uma olhada no que dizia. Era do Departamento de Saúde Pública de Massachusetts. Falava algo sobre uma reunião interescolar na sexta. Não havia assinatura.

— Departamento de Saúde.

— Estava no meu armário — explicou Deena. — Colleen, a coisa está piorando. Acho que vou ficar em casa amanhã.

Pus a mão no seu ombro e disse:

— Eu sei. Mas, se o Departamento de Saúde está envolvido, você não acha que finalmente eles estão conseguindo controlar a situação?

— Controlar a situação? — repetiu ela, fechando a porta do armário. — A situação nunca deveria ter saído do controle. Toda vez que eles nos dizem alguma coisa nova, acho que estão mentindo. Não sei o que é pior: que eles saibam o que está acontecendo, mas não queiram nos dizer, ou que não tenham a mínima ideia.

Eu não estava acostumada a ver Deena tão desesperada. De modo geral, ela era imperturbável.

— Deena — disse eu, olhando nos seus olhos para que ela soubesse que eu estava falando sério. — Nós estamos bem. Todo mundo vai ficar bem. Tudo isso vai terminar em breve. Prometo.

Mas Deena não se convencia.

— Desculpe, Colleen, mas você sabe que isso não é verdade. Olhe em volta — disse ela, mostrando o forro de plástico, que havia transformado o corredor da escola num túnel do espaço sideral. — Olhe

isso. Você acha que as coisas estão melhorando?

Eu não sabia o que dizer, porque, na verdade, as coisas pareciam estar piorando. E muito.

Deena me encarava, esperando que eu dissesse alguma coisa. Depois, virou-se e saiu andando.

Fiquei sozinha no corredor, abraçada aos livros. Faltavam trinta minutos para a última aula. Apoiei a cabeça no armário de Deena e fiquei olhando para o corredor vazio por uma eternidade. O corredor girava, me deixando tonta. Minha dor de cabeça aumentava. Tudo o que eu queria era ir para casa, deitar no sofá e ficar ouvindo a discussão entre Mikey e Wheez sobre quem ia ficar com o controle remoto. Tudo o que eu queria era não ter que lidar mais com isso.

— Colleen?

— Hã?

O padre Molloy havia posto a mão no meu ombro, e me olhava, preocupado.

— Você está se sentindo bem?

— Desculpe, o que o senhor disse? — perguntei, voltando à realidade.

— Você está bem? Quer que a enfermeira Hocking te veja?

— Não. Estou bem. Obrigada.

O padre Molloy não acreditou em mim.

— Por que você não vai ao centro estudantil fazer um intervalo?

— Tenho aula de Francês agora.

— Não tem problema. Eu falo com a madame Fletcher.

— Mas... a Fabiana... — Fechei os olhos, sem conseguir falar. As palavras pareciam pesadas na minha boca.

— Uma aula de Francês não vai fazer muita diferença. Não com dois terços de alunas ausentes. Você precisa dar uma descansada.

Abri os olhos e vi o padre me olhando com ternura. Ele apertou meu ombro, me dando força para seguir seu conselho.

— Pode ir. Está tudo bem.

— O.k.

Eu já estava indo para o centro estudantil, quando o padre Molloy me chamou.

— Diga à Anjali que ela está nas minhas preces.

Olhei para ele por sobre o ombro. Ele sorriu, resignado, e me deu as costas.

O centro estudantil da St. Joan costumava ficar vazio, e aquele dia não era exceção. Não sei por quê, mas ninguém nunca ia para lá. Na época em que a escola era um convento, a sala era usada como uma espécie de salão comunitário. Mas, como as freiras só gostam de decoração quando estão rezando, a sala era uma caixa de cimento, com janelas losangulares que não deixavam entrar nenhuma luz. Havia um crucifixo de madeira no meio da parede, daqueles com um Jesus grotesco de gesso pregado, os olhos revirados e sangue escorrendo na cara. Um tapete supostamente antigo retratando Joana D'Arc no campo de batalha de rabo de cavalo (aí estava a prova de que não era um tapete antigo) estava pendurado numa das paredes, atrás de dois sofás manchados e murchos. Algumas mesas simples de madeira, luminárias de metal e nada mais. O ambiente tinha cheiro de umidade e tristeza. Até a década de 1990, eles deixavam

as alunas fumarem aqui, com autorização dos pais. Nos dias chuvosos, a sala ainda cheirava a fumaça e mofo, assombrada pelos fantasmas das alunas do passado.

Joguei-me num dos sofás com um suspiro profundo, escorregando até minha cabeça encostar na parte de trás, com o queixo no peito. Peguei o celular.

Queria que vc estivesse aqui hj

Escrevi.

Fiquei olhando para a tela, esperando. Spence costumava ser rápido. Uma boa característica num cara. Ele não me fazia esperar. Quando isso acontecia, era sempre por um bom motivo, não só para mexer com minha cabeça.

Minha mensagem foi recebida. O celular vibrou com a resposta.

Ahhhhh. Vou estar em breve. Sexta. Td bem com vc?

Uma onda deliciosa de eletricidade me percorreu o corpo, e sorri.

Tô bem. Só cansada. O Dep. de Saúde Pública tá vindo.

Mais um minuto se passa, e chega a resposta dele.

Estranho... mas n se preocupe. N deve ser nada.

A onda veio de novo, mais calma dessa vez. Por um segundo, achei que fosse chorar. Mas depois passou.

É, vc deve estar certo. Mal posso esperar pra te ver na sexta.

Ouvi a porta se abrir delicadamente atrás de mim e levantei o rosto para ver quem entrava. Era Jennifer Crawford, de costas para mim, mexendo na mochila. Ela não tinha percebido que eu estava lá. Tirou um maço de cigarro, pegou um e acendeu. Deu uma tragada profunda e soltou a fumaça em direção ao teto, com um suspiro de alívio.

— Está explicado por que esse cheiro de cigarro — falei, guardando o celular na mochila.

Ela deu um salto.

— Meu Deus — exclamou, rindo sem graça. — Que susto!

— Desculpe — falei, sorrindo sem me levantar.

Jennifer Crawford sentou-se no sofá à minha frente.

— Quer? — perguntou, oferecendo-me o maço.

Hesitei. Eu não fumava.

— Dane-se — falei, pegando um cigarro.

Ela me passou o isqueiro e ficou me observando, rindo, porque eu não conseguia acender. Quando desisti, xingando o mundo baixinho, ela disse:

— É melhor não começar mesmo.

— É — concordei, encostando a cabeça no sofá.

— Você recebeu o comunicado do Departamento de Saúde Pública?

— Eu vi.

Não tinha recebido nada ainda.

— Parece que, no final das contas, eles não acham que seja pandas — contou Jennifer Crawford.

— Como você sabe?

— Ouvi dizer — respondeu, encolhendo os ombros.

— É. A mãe da Anjali já tinha me falado.

— Ela é, tipo, superimportante no Hospital Geral de Massachusetts, né?

— Sim.

— Ela te falou o que é?

Balancei a cabeça dizendo que não.

— Ela está tentando descobrir. Só disse para a gente não se preocupar.

— Não se preocupar — repetiu Jennifer Crawford, com outra baforada. — Eles sempre dizem isso, né?

— É — concordei. — Mentem, mentem, e dizem para a gente não se preocupar.

— Bem — disse Jennifer Crawford, apagando o cigarro na sola do sapato e guardando o maço na meia —, a gente deve descobrir na quarta.

— Achei que a reunião seria na sexta.

— E é. — Ela se levantou e enfiou a mão no bolso canguru do casaco de moletom que estava usando por cima do uniforme. A norma de vestuário havia, digamos assim, afrouxado um pouco nas últimas semanas. Cheguei a ver uma das alunas do segundo ano com a calça do pijama por baixo da saia. — Mas a Clara Rutherford e as outras meninas vão aparecer no *Good Day, USA* na quarta.

— Está brincando! Elas vão mesmo?

Foi o suficiente para me fazer sentar direito.

— Aham. Vão encarar a nação. Ouvi dizer que ela e a mãe viajaram hoje para Nova York. A produção arrumou tudo: viagem, hotel. Tem até motorista.

— Jura?

— Aham. A Leigh Carruthers também vai.

— Vão todas?

— Acho que sim. E falaram que o que elas têm a dizer vai escandalizar o país.

DANVERS, MASSACHUSETTS
QUARTA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 2012

— **Podíamos fazer pipoca** — sugeriu meu pai, enquanto nos acomodávamos em frente à tv.

Wheez acordou primeiro e pegou o melhor lugar, na poltrona reclinável, e não havia nada que Michael ou eu pudéssemos dizer ou fazer para convencê-la a sair dali.

— Cale a boca, Mike — disse minha mãe, vindo da cozinha com uma xícara de café gelado na mão.

Meu irmão e eu trocamos um olhar. Não era comum vermos nossos pais falando assim um com o outro.

— Cale a boca, ordena a donzela — disse meu pai, sem se dirigir a ninguém em especial, e foi ligar a televisão.

Sentei no chão, em frente à poltrona reclinável. Wheez balançava os pés, brincando com meus cachos.

— Pare, Wheez — falei, afastando a perna dela.

Ela me deu um chute de leve na nuca, registrando sua insatisfação.

— Louisa! — exclamou minha mãe, em tom de ameaça.

Uma manhã conturbada na casa dos Rowley.

Começa a musiquinha do *Good Day, USA*. Aparecem as chamadas, que todo mundo já sabe de cor, depois de trinta anos de programa.

“Nigel Roberts, com a previsão do tempo! E a repórter mais confiável dos Estados Unidos, Bebe Appleton, com as notícias de que você precisa para ter um ótimo dia. Está no ar, *Good Day, USA!*”

— Nunca entendi como uma pessoa pode assistir a um programa como esse logo de manhã — resmungou minha mãe, com a xícara de café no rosto. — Essa alegria toda me dá vontade de socar alguém.

Meu pai e eu nos olhamos, e ele fez um gesto para que eu me afastasse da minha mãe no sofá.

“Bom dia! Estamos muito felizes de tê-los conosco de novo. Hoje, na primeira parte do programa, conversaremos com algumas adolescentes muito especiais. Em janeiro, uma Doença Misteriosa assolou a pacata cidade de Danvers, Massachusetts, uma doença que ninguém foi capaz de explicar direito ainda. Bem, acreditamos que temos a resposta para ajudar essas meninas a melhorarem, e estamos ansiosos para compartilhar essas informações com elas. Na segunda hora do programa, celebraremos a chegada da primavera com um pouco de Vivaldi, executado pela Houston Youth Symphony. Você adora a Houston Youth Symphony, não adora, Nigel?”

— Incrível como essa mulher não envelhece — disse minha mãe, maravilhada. — Como se tivessem enfiado o rosto dela na cera, substituindo-o por um novo a cada dois anos.

Meu pai riu, com ar de deboche.

“Ha ha ha! Adoro mesmo, Bebe”, respondeu o antigo meteorologista, rindo.

“Eu também. E visitaremos a cozinha do chef Al, para aprender uma receita de risoto de nabo fresco e descobrir os melhores vinhos de Nova York que combinam com salada de agrião. Tudo isso e muito mais, porque é um *Good Day, USA!* Fique ligado!”

Todo mundo na plateia entoava em coro o nome do programa junto com Bebe.

— Como eles sabem o que ela vai dizer? — perguntei para os presentes na sala.

— Eles devem ver num teleprompter — sugeriu Michael.

— Não acredito que convidaram a Clara e as meninas para o programa — repeti, provavelmente pela vigésima vez naquela manhã.

— Não acredito que a Charlene permitiu que a Clara fosse — disse minha mãe, com indignação na voz. — Eu jamais submeteria nenhum de vocês a essa exposição. De jeito nenhum!

— Elas devem estar recebendo dinheiro — disse Michael. — Tá ligado? Uma boa grana. O dindim é que manda no pedaço.

Meu irmão tinha começado a ouvir rap.

Olhamos para ele, chocados.

— Sem dúvida — ele disse. — Eles fazem isso. Pagam pelas entrevistas. Ela deve estar enchendo o rabo de dinheiro. — Fez uma pausa. — Ninguém gosta de Wu-Tang?

— Não gosto de nada nem de ninguém a esta hora da manhã — respondeu minha mãe.

— Bem, se eles estão enchendo o rabo — brincou meu pai, e minha mãe lhe deu um tapinha na perna.

“Bem-vindos de volta”, disse Bebe, sorrindo. Ela estava sentada numa elegante poltrona de veludo. Parecia a poltrona que tj Wadsworth usava no *Danvers em Pauta*. Fiquei imaginando um fornecedor de poltronas que só vendia móveis para programas de tv matutinos.

“Nossas convidadas da primeira parte do programa são as valentes meninas da St. Joan Academy, uma escola particular de Danvers, Massachusetts. Elas estão aqui com os pais e a enfermeira da escola, que foi a primeira pessoa a identificar essa misteriosa doença. Conversaremos com elas sobre sua experiência, e depois teremos uma convidada especial, cujas informações deverão esclarecer bastante a respeito dessa terrível Doença Misteriosa de 2012. Meninas, bem-vindas.”

A câmera abriu e mostrou um longo sofá de veludo cheio de pessoas. Clara estava sentada perto de Bebe Appleton — é lógico —, acompanhada da mãe. Depois vinham Leigh Carruthers (o que é estranho, porque Leigh não fazia parte da panelinha); sua mãe, Kathy, vestida para matar; a Outra Jennifer, ainda com o turbante de Elizabeth Taylor; uma mulher qualquer, que devia ser sua mãe; e a mãe de Elizabeth, aquela mulher franzina, vestida de cardigã e suéter, ao lado da filha, que estava na cadeira de rodas.

Clara estava ótima. Era o retrato perfeito de uma menina arrumada e bem-comportada. Isso era o mais louco de Clara: ela sempre apresentava sua “Clareza” de modo nada irônico. Mas também não inconsciente. Ela sabia o que estava fazendo. Mas saber o que estava fazendo era parte do ser inefável de Clara.

Por isso que, quando Bebe Appleton disse “Meninas, bem-vindas”, foi Clara quem respondeu: “Obrigada, Bebe. Estamos muito felizes de estar aqui”. E ela disse isso como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se elas fossem apenas duas conhecidas jogando conversa fora, não uma aluna do ensino médio e a apresentadora mais famosa do país, conversando em frente a uma janela panorâmica que dava para a Times Square, em Nova York, com transmissão ao vivo para milhões de pessoas do

mundo todo.

— Como ela consegue? — perguntei. Minhas mãos estavam suadas só de pensar em ir a um programa de televisão como esse.

— Boa pergunta, Collie — disse minha mãe, levando o dedo à boca para roer a unha. — E por que ela não consegue se controlar assim tão bem na escola?

— O quê? — perguntei. Minha mãe tinha achado que eu me referia à capacidade de comunicação de Clara, não à sua serenidade.

— Talvez a tenham dopado — ponderou Michael.

É verdade. As meninas pareciam se comportar normalmente, exceto pelo turbante de Jennifer.

“Então, Clara”, disse Bebe, com as mãos cruzadas sobre o joelho, naquela postura de apresentador de programa de televisão. “Poderia nos contar como tudo começou?”

“Começou há poucas semanas”, Kathy Carruthers atropelou Clara antes que ela conseguisse falar. “Numa quarta-feira. Achamos que a escola tem sido bastante irresponsável.”

“Chegaremos a esse ponto logo, logo”, disse Bebe, para não deixar uma caipira como Kathy Carruthers comandar o show. “Gostaria de saber da Clara antes. Clara, você foi a primeira aluna a vivenciar algo fora do normal, estou certa? Você poderia contar para os nossos telespectadores um pouquinho sobre sua experiência?”

Clara concordou, piscando os olhos com charme.

“Foi numa quarta-feira, como a sra. Carruthers disse. Eu tinha acabado de chegar à escola e estava conversando com minhas amigas Jennifer e Elizabeth.” Ela indicou quem eram, e as duas ergueram o rosto para facilitar a identificação. É claro que Leigh Carruthers fez o mesmo, então não adiantou muito.

“Quando você percebeu que alguma coisa estava errada?”, perguntou Bebe.

“Comecei a me sentir estranha depois que chegamos à sala de estudos”, contou Clara.

“Sei, na sala de chamada. Estranha como?”

“Uma sensação bizarra”, disse Clara. “Assim que eu cheguei à sala, senti como se houvesse alguma outra coisa dentro de mim. Tipo um campo de força. Como se aquilo tivesse entrado e tomado conta de mim. Meu rosto começou a se transformar.”

— O quê? — exclamou minha mãe, e Michael já ia rir, mas achou melhor ficar na sua.

Bebe Appleton estava visivelmente chocada. Não esperava que aquela menina educada e elegante fosse insinuar que estava possuída quando chegou um dia na sua respeitável escola católica. Admito que fiquei um pouco impressionada. Não imaginava que aquela repórter, que já tinha entrevistado grandes presidentes e ceos, fosse se surpreender com Clara Rutherford, de Beverly, Massachusetts.

“Isso é...”, Bebe Appleton procurava uma fala que não transformasse toda a entrevista num caso de Arquivo X. “Parece algo realmente preocupante.”

“Pois é”, Clara disse, com gravidade. “O campo de força dentro de mim puxou minha boca para o lado, e aí eu comecei a tremer, e caí no chão. Todo mundo achou que eu estava tendo uma convulsão.”

“Meu Deus! Que horror. E suas amigas começaram a ter os mesmos sintomas pouco tempo depois?”

— Boa transição — comentei em voz alta. — Senão, ia parecer que a Clara está louca.

— Talvez a Clara esteja *mesmo* louca — disse meu pai.

Mas eu não diria isso.

— Vocês repararam que ela não teve nenhum problema de fala até agora? — perguntei.

— É. Eu reparei — respondeu minha mãe.

“Sim”, dizia a Outra Jennifer. “Eu estava no laboratório de Biologia, na aula seguinte, e de repente meu cabelo todo caiu.”

“Caiu tudo de uma vez?”, exclamou Bebe, perplexa. “Assim, do nada?”

“Sim”, respondeu a Outra Jennifer. “Caiu tudo de uma vez, e aí eu comecei a tremer, e caí no chão também. Eles chamaram uma ambulância. Foi assustador.”

“Sim, terrível”, concordava Bebe. “E vocês, meninas?”, perguntou para Leigh e Elizabeth.

“Comigo foi durante o treino de hóquei”, disse Elizabeth da cadeira de rodas. “Eu estava correndo pelo campo quando de repente senti como se minhas pernas tivessem virado água. Como se algum campo de força tivesse entrado no meu corpo, como a Clara disse, e tirado os ossos das minhas pernas. Eu caí e comecei a me debater, sem conseguir me levantar.”

Leigh fez menção de interromper, mas Bebe não deixou.

“Muito triste. Porque sua mãe nos disse que você é uma ótima atleta, não é, Elizabeth?”

“Era”, respondeu Elizabeth, olhando para baixo.

“Agora, a escola ofereceu diversas explicações, não? Enfermeira Hocking, poderia nos falar um pouco sobre isso?”

A enfermeira não estava tão bonita quanto na última vez em que a vi, poucos dias antes. Tinha o rosto abatido, como se não estivesse conseguindo dormir direito.

Limpou a garganta, pigarreando, e disse:

“Sim. Bem, evidentemente, o principal desafio da escola era garantir a segurança de todas as nossas alunas.”

“Pelo visto, não deu muito certo. Quantas alunas estão com a Doença Misteriosa no momento?”

“Na verdade, não tenho como dizer ao certo.”

“Segundo nossas fontes, são mais de trinta”, informou Bebe, e minha mãe suspirou, junto com a plateia presente.

“Não tenho como confirmar nem negar isso”, disse a enfermeira Hocking, que parecia não querer estar lá.

“É verdade que, no início, vocês disseram para as alunas que esses sintomas eram uma reação alérgica à terceira dose de uma série de vacinas contra o vírus do papiloma humano?”

“Era uma hipótese inicial, sim. Pesquisamos a respeito. Verificamos reações a essa vacina em algumas comunidades.”

“Algumas comunidades”, repetiu Bebe. “Não só em Danvers, certo?”

Todas as mães sentadas no sofá do programa encaravam a enfermeira Hocking com olhos acusadores.

“Certo”, confirmou a enfermeira Hocking, com a voz abafada.

“Depois, então, vocês chamaram uma suposta especialista em epidemiologia para ajudá-los na investigação do histórico médico das alunas, porque achavam que a doença poderia ser causada por... como se diz?”

“pandas”, respondeu a enfermeira Hocking.

“Você sabe que é mentira!”, gritou Kathy Carruthers, mas a mãe de Clara Rutherford a tranquilizou,

segurando-a pelo braço.

“E o que é pandas?”

“pandas é o acrônimo de *Pediatric Autoimmune Neuropsychiatric Disorders Associated with Streptococcal infections*, ou seja, transtornos pediátricos neuropsiquiátricos associados a processo autoimune decorrente de infecção estreptocócica. Tínhamos uma forte suspeita de que...”

“Que não se confirmou, certo?”

Bebe Appleton! Direto na jugular.

— Isso é melhor que assistir ao jogo dos Patriots — comentou meu pai.

— Sem dúvida, o ataque é melhor — concordou minha mãe.

“Bem, eu não diria isso. A questão de pandas é que...”

“É verdade que esse tal de pandas não chega a ser um diagnóstico de fato?”

“Eu sabia!”, gritou Kathy Carruthers. Ela continuou falando, mas seu microfone foi cortado.

“Não. Bem, tecnicamente, sim. De certa forma, mas...”

“E é verdade que a senhora e sua superespecialista chegaram a essa conclusão sem provas suficientes, mesmo sem nenhum caso de queda de cabelo por causa de pandas, como aconteceu com a coitada da Jennifer?”

“Mas...”

A enfermeira Hocking, agarrada aos braços da cadeira, parecia pronta para sair correndo do palco e sumir. Eu não a culpava. Gostava dela. Ela realmente estava querendo ajudar. E não era a única totalmente errada na história.

“Diga-me, enfermeira Hocking. Em que momento da proliferação da Doença Misteriosa a senhora foi chamada para escrever um livro sobre suas experiências?”

— O quê? — exclamaram meu pai e minha mãe.

— Toma! — disse meu irmão.

— Um livro? Laurel Hocking está escrevendo um livro? — perguntou meu pai, sem acreditar.

— Pior que está — disse minha mãe. — Olha a Kathy Carruthers. A cabeça dela está quase explodindo.

“Isso não vem ao...”, falou a enfermeira, nervosa, sendo interrompida.

“A senhora não foi chamada logo depois de confirmarem que a doença não tinha como ser causada pela vacina contra hpv?”

“De verdade, não posso...”

“E não é verdade que lhe disseram que a senhora receberia muito mais dinheiro se mais meninas adoecessem antes de a solução ser encontrada?”

“Isso é um absurdo! Uma afronta!”

“Estamos no *Good Day, USA*”, lembrou Bebe Appleton, pegando algumas fichas que alguém de trás das câmeras lhe passou.

— Que loucura — falei.

“Então”, disse a repórter mais respeitada dos Estados Unidos, com um sorriso maquiavélico para Laurel Hocking, “a senhora não foi informada neste e-mail, datado de 21 de fevereiro de 2012, que, se mais vinte meninas adoecessem antes de a senhora solucionar o mistério, o adiantamento para escrever

um livro bombástico seria multiplicado por dez?”

“Isso é ridículo!”, gritou Laurel Hocking, tentando tirar o microfone da lapela, prestes a sair, provavelmente para desaparecer na eternidade.

— Bizarro — disse Michael. — Ela deixava as pessoas adoecerem? Só para ter mais publicidade?

— Isso é loucura — falei, cruzando os braços. — Não acredito que ela tenha feito isso. Deve haver alguma coisa errada aí.

“Felizmente”, disse Bebe Appleton, radiante, “nossa próxima convidada está aqui para esclarecer, de uma vez por todas, o que realmente está acontecendo com as meninas da St. Joan. Depois dos comerciais. Não saia daí.”

Musiquinha animada do programa, enquanto todo mundo no sofá finge conversar.

— Bem, pelo visto, vocês não vão encontrá-la na reunião de sexta — disse minha mãe. — Mike?

Minha mãe entregou a xícara de café para o meu pai, que obedientemente a levou para a cozinha.

— Mas isso é uma loucura! — exclamei de novo. — Não consigo acreditar que ela tenha feito isso. Deixar as pessoas adoecerem de propósito? Não faz sentido.

— Pois é, Collie — disse minha mãe, suspirando. — Quando você for mais velha, vai entender que até as pessoas boas fazem coisas ruins às vezes.

Olhei de cara feia para minha mãe. O quê? Ela achava que eu não sabia que as pessoas podiam ser horríveis quando eu menos esperava?

— Tá ligado? — falou meu pai, voltando para a sala com um gingado, trazendo mais café para a minha mãe. — O dindim manda no pedaço mesmo, Mikey.

“Bem-vindos de volta”, interrompeu a televisão. “Para quem acabou de chegar, estamos conversando com as valentes meninas da St. Joan Academy de Danvers, Massachusetts, que estão, há oito semanas, com uma bizarra Doença Misteriosa. Uma investigação realizada por este canal revelou que a enfermeira da escola, Laurel Hocking, teria retardado a ajuda de que as alunas precisavam com o objetivo de atrair mais publicidade para si mesma. Então, o que está acontecendo com essas meninas? Para conversar conosco — vocês já a conhecem, pelo best-seller *Uma dose de veneno: minha história* e pelo filme de mesmo título, sucesso de bilheteria —, gostaria de chamar a ativista ambiental Bethany Witherspoon. Bethany, bem-vinda.”

A plateia no estúdio ficou frenética. Claro, estamos falando de Bethany Witherspoon. Todo mundo conhecia Bethany Witherspoon. Principalmente depois que saiu o filme, em que ela assume uma empresa de extração de combustível com um bebê no colo e sai triunfante.

— Não acredito! — exclamou minha mãe, sacudindo a cabeça.

— Uau. Ela continua em alta — disse meu pai.

— Não acredito que a Clara esteja sentada ao lado da Bethany Witherspoon. Bethany Witherspoon e Bebe Appleton, juntas! — exclamei, abraçando a perna, meio chocada, meio com inveja.

— Vamos esperar para ver o que elas dizem antes de ficarmos tão impressionados — disse minha mãe.

“Obrigada, Bebe. É uma alegria te ver de novo. Você está bem bronzada!”

Dava para ver que Bethany e Bebe eram amigas havia muito tempo.

Bebe riu, balançando o cabelo.

“Obrigada! Então, Bethany. Você tem uma teoria sobre o que está acontecendo em Danvers, certo?”

“Exato. E gostaria de dizer, antes de mais nada, que nenhuma enfermeira de escola ou epidemiologista teria chegado a essa conclusão. Afinal de contas, nunca ouvi falar que faringite faz cair o cabelo.”

Ela disse isso dando um tapinha na perna da Outra Jennifer. Todos concordaram.

Laurel Hocking, enquanto isso, ou tinha ido embora, ou tinha sido expulsa do programa.

“Tenho uma pergunta para todas vocês. Vocês sabiam, quando se matricularam nessa renomada escola particular, que ela foi construída num dos locais mais poluídos do país, que recebia verba do governo para ser despoluído?”

As mães no sofá ficaram pasmas.

“Um local contaminado!”, exclamou Bebe Appleton, porque nenhuma das mães parecia capaz de responder apropriadamente.

“Isso mesmo, Bebe. Em 1969, uma fábrica de tintas de Danvers explodiu, fazendo com que uma substância, supostamente trietilenoglicol, se infiltrasse nos lençóis freáticos pelos últimos quarenta e poucos anos. E essa substância está lá esse tempo todo. Eles isolaram o local e fizeram um trabalho preliminar de limpeza na década de 1980, mas o lugar continua na lista dos mais poluídos, e, até agora, ninguém fez nada para despoluí-lo definitivamente.”

“Ou seja, o que você está nos dizendo é que existe um lago de substâncias químicas bem embaixo da escola?”

“Substâncias tóxicas. Exato. Diversas meninas relataram que adoeceram logo depois de terem contato com os campos de esporte, e é possível também que a exposição seja acumulativa. Essa é nossa teoria. E ela explicaria por que o número de meninas doentes continua crescendo. É um clássico exemplo de algo que podemos chamar de ‘síndrome do edifício doente’. Estarei em Danvers com minha equipe de cientistas para fazer uma análise mais detalhada este fim de semana. Mas a exposição ao trietilenoglicol através dos lençóis freáticos, concentrações no sistema de ventilação ou até mesmo barro, como nos campos de esporte, pode produzir sérios efeitos colaterais, principalmente no caso de meninas em fase de crescimento. Olhando isoladamente, é fácil confundir esses efeitos colaterais com reações a vacinas ou doenças autoimunes, mas, na verdade, estamos lidando com uma negligência da ética corporativa no tocante ao meio ambiente e com a relutância do governo em assumir a responsabilidade por suas ações.”

“Você acha que a escola tinha condições de descobrir isso por conta própria?”, pergunta Bebe, franzindo a testa, preocupada.

“Olhe, talvez não. Mas fomos chamados por um grupo de pais preocupados...”

— Kathy Carruthers — falei. E para minha mãe: — No encontro, lembra? Ela disse que ia tomar providências.

— É verdade. Ela deve ter entrado em contato com eles — concordou minha mãe.

“... que nos disseram que haviam reparado numa luminosidade estranha saindo dos campos de esporte em determinados momentos da noite. Segundo esses pais, a escola não estava se dedicando o suficiente à questão, e, para falar a verdade, concordamos com eles.”

— Que luminosidade? — perguntei. — Não tem luminosidade nenhuma no campo de esporte. Será que eles estão tendo alucinações?

“Ainda bem. O que vocês me dizem, meninas? Estão preparadas para que Bethany Witherspoon vá a Danvers descobrir como fazer para vocês melhorarem?”, Bebe perguntou para minhas companheiras de escola.

“Com certeza”, disse Clara, nossa porta-voz.

“É o que todas nós estávamos esperando”, falou Leigh Carruthers, que, devo dizer, nem parecia vibrar mais.

“Sinceramente, Bebe, nós só queremos que nossos filhos fiquem a salvo. É pedir demais?” Kathy Carruthers, com o microfone ligado de volta, estava tendo seu momento.

“Com certeza, não”, respondeu Bebe, sorrindo e dando um tapinha na perna de Kathy.

“Digo o mesmo”, concordou Bethany Witherspoon.

“Bethany Witherspoon, em missão de resgate dessas valentes jovens, alunas da St. Joan Academy de Danvers, Massachusetts. Bethany? Mantenha-nos informados.”

“Fique tranquila, Bebe. Dou notícias”, disse Bethany Witherspoon sorrindo para a câmera, com os olhos iluminados de certeza.

— Puxa! — exclamei quando meu celular vibrou no bolso.

Era Anjali.

Eles estão errados.

Fechei a cara e respondi.

Mas quem está certo?

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— A Sarah Good e a Sarah Osborne foram interrogadas nesse dia também — conto para o reverendo Green. — Quando terminaram, as três foram levadas para a cadeia, acorrentadas. A filha da dona Good, Dorothy, jogou uma pedra no homem que levava sua mãe, ferindo-o no rosto. A Dorothy gritou comigo, dizendo que sua mãe estava sendo presa por minha culpa.

Os gritos da menininha — porque Dorothy Good era muito pequena, e ainda é, para a sua idade, e insensível como uma criança — até hoje ecoam nos meus ouvidos. “Mamãe! Mamãe!”, berrava, agarrada à saia suja da mãe, até uma mulher vir e desprendê-la.

O reverendo Green está pensando coisas horríveis de mim. Dá para ver em seu rosto. Mas fico feliz com isso. Quero que ele veja minha degradação. Quero que ele veja tudo sobre mim.

— E os interrogatórios — diz ele —, continuaram no dia seguinte?

Há um livro, escrito por um teólogo famoso, que explica tudo o que aconteceu conosco na época. Eu cheguei a ver um exemplar, mas não adiantou muito. Nunca fui alfabetizada. Para assinar meu nome, desenho um caracol, no formato do cacho de cabelo da minha irmã pequena. Não tenho como encontrar a Palavra de Deus sozinha. Preciso de um homem que a traga para mim.

— Continuaram — respondo. — Mas aconteceu uma coisa antes.

Naquela noite, 1º de março, levo Abby e Betty Parris de volta para o presbitério com meus pais e algumas outras pessoas. Passamos o dia todo na igreja. Sinto dor na coluna, por causa do banco, meus olhos estão vermelhos de chorar e minha garganta, arranhando. O reverendo Parris caminha de cabeça baixa, com sua esposa logo atrás, de capa e capuz.

— Não entendo — ele murmura sozinho. — É claro que o Diabo pode tentar pessoas como Sarah Good e Sarah Osborne. Eu já suspeitava delas. Mas por que ela não me contou? Ela vivia aqui, na minha própria casa!

Depois que Tituba foi embora, não há mais ninguém para nos oferecer uma bebida quentinha quando voltamos a não ser o marido dela, John, que está curvado num canto. Ao perceber nossa chegada, levanta-se sem dizer nada e sai. Ninguém repara nisso. A sra. Parris está ocupada conosco, enquanto minha mãe observa tudo, com ar de reprovação.

— Nunca confiei naquela mulher — comenta minha mãe, sem se dirigir a ninguém específico. — Tinha alguma coisa nela que eu não gostava. Não é de espantar. Ela jamais foi cristã de verdade.

— Mas, mãe — digo, coçando os olhos cansados. — Você disse que ela amava Jesus como todo mundo.

— Annie! Eu nunca disse isso. Uma pessoa que manda o espírito atormentar crianças inocentes no meio da noite não pode ser cristã!

O sr. Parris se senta na sua poltrona grande, apoiando a cabeça nas mãos.

— Thomas — diz ele para o meu pai —, estou perdido. Quer rezar comigo?

— Claro — responde meu pai, sentando-se perto do reverendo. Eles juntam as mãos e abaixam a cabeça.

— Betty, Abby — diz a sra. Parris —, já para a cama.

Abby abraça Betty Parris e a leva para o sótão. A outra Betty, Betty Hubbard, e eu nos sentamos no banco da parede, com minha mãe. Mary Warren voltou para a casa dos Procter, que devem estar se perguntando por que ela não fez o que tinha para fazer hoje. Quem dera Betty Hubbard e eu pudéssemos ir para a cama também. Nunca me senti tão cansada. Minhas pernas e braços parecem feitos de madeira molhada.

Os homens rezam juntos em silêncio, e o sono toma conta de mim. Encosto o rosto no ombro da minha mãe, mas ela não deixa.

— Sente direito, Annie.

Batem na porta. Alguém vai atender, e vemos um homem parado no escuro, com neve nos ombros. Ele carrega um pacote debaixo do braço, embrulhado num pano.

— Sra. Parris — diz, tirando o chapéu.

— Padre! — exclama ela, levantando-se. — Que bom que o senhor veio.

— A cidade inteira de Boston já sabe — conta o homem. — Minha congregação tem rezado por sua salvação. Satanás pode tentar derrubar a morada de Deus, mas ele fracassará. Vim ajudar. Quero que ele veja isso — diz, apontando para o reverendo Parris com a cabeça.

O reverendo termina a reza com meu pai, levanta-se e vai cumprimentar o diácono de Boston, cujo nome eu não sei.

— O Diabo usará seus ardis — fala o reverendo Parris. — Mas estaremos atentos e vigilantes. Ele não prevalecerá. Jamais renunciarei, por mais que eles me pressionem.

— Olhe isso, Samuel — diz o diácono, desembulhando o pacote.

É um livro, com uma linda capa de couro vinho. Todo mundo se aproxima para ver. Meu pai tem alguns livros e toma muito cuidado com eles. Não deixa meus irmãos lerem. Minha mãe e eu não sabemos ler, mas já desejei muito que eles tivessem alguma figura bonita para eu ver. Quando chego à conclusão de que o livro trazido não deve ter nenhuma figura, encosto de volta na parede e fecho os olhos.

— Ah! William Perkins. *A Discourse of the Damned Art of Witchcraft*. Já preguei com base nesse livro no Pai Nosso, mas não o li — diz o reverendo Parris, folheando as páginas com apreciação.

— Um presente meu para você. Há um trecho que eu gostaria muito que você visse.

Os homens procuram o trecho em questão.

— Annie — diz minha mãe —, vá lá pegar o suco de maçã.

A sra. Parris veio se sentar ao seu lado, e elas queriam conversar. Betty Hubbard despencou para o lado e adormeceu no banco, roncando com a boca aberta. De cara amarrada, levanto-me e vou até o outro canto da sala.

— Está vendo? — pergunta o diácono de Boston.

Os olhos do reverendo Parris estão brilhando.

— Uau, John. Isso pode revelar tudo. Elas serão obrigadas a confessar. Se ela disser os nomes, elas

não terão outra escolha a não ser o julgamento.

— Exatamente.

— O que é isso, Samuel? — pergunta a sra. Parris, com a voz frágil.

Minha mãe pega as mãos da sra. Parris, apertando-as no colo.

O reverendo se levanta e caminha pela sala do presbitério. Meu pai o observa, com os olhos também brilhando.

— Já sabemos, há meses, que existe um complô contra mim — explica o sr. Parris. — Um mundo secreto dentro do nosso mundo. Eles cortaram nossa lenha, me difamaram na cidade. Negaram-nos o direito de propriedade da nossa própria casa. Fizeram tudo o que puderam para acabar com a obra de Deus neste local inóspito, eu como seu agente. A maioria foi covarde demais para se opor abertamente. Elas evocaram o Diabo. Trouxeram seus ardis para a minha própria casa, utilizando-os contra crianças indefesas. Mas agora há uma forma de acabar com elas.

O diácono de Boston dá dois tapinhas no livro com o dedo indicador e sorri.

— Mas o que é? — pergunta minha mãe. — O que diz aí?

— William Perkins era um teólogo puritano inglês, um dos maiores — explica o diácono. — Nós lemos seus livros na faculdade. Entre outras coisas, ele foi um líder do julgamento de bruxas.

— O trabalho das bruxas é invisível, exceto para aqueles atormentados por elas — explica o reverendo. Ele para perto do fogo ao meu lado e acende um cachimbo para firmar as mãos.

— É difícil provar — acrescenta meu pai. — A parte da acusação é simples, mas as provas... É mais difícil que provar um assassinato.

— E mais perigoso — completa o diácono.

— Mas Perkins diz que há provas suficientes para descobrir uma bruxa. Provas inexpugnáveis no tribunal. Primeiro, ela tem a marca do Diabo no corpo.

— Sim, já ouvi isso — diz a sra. Parris —, apesar de não saber como é essa marca.

— Uma parteira pode resolver o caso. Elas sabem o que é natural nas mulheres e o que não é — insiste o diácono. — Segundo, se as testemunhas puderem provar que as maldições da bruxa resultam em acidentes ou doenças inexplicáveis.

— Acho que isso é o mais garantido — comenta minha mãe. — Que a Sarah Good só deixa depravação e maldade por onde quer que passa. Quando não lhe damos esmola, alguma coisa ruim acontece na casa.

— Depois, há o depoimento como o de hoje, das meninas, que falaram com tanta coragem da aparência das bruxas que as atormentaram. Elas realmente veem as bruxas! Só precisam ter coragem de falar. Annie? — ele me chama.

Fico paralisada onde estou, com uma concha na mão para encher a caneca da minha mãe. Acho que o reverendo Parris nunca se dirigiu diretamente a mim até hoje.

— Sim, reverendo Parris?

— Você fez o trabalho do Senhor hoje no tribunal — diz ele, olhando-me com seriedade. — Só uma alma pura se apresenta confiante em face dos tormentos do mal. Eu sei como elas te torturam. E você tem razão para sentir medo. Mas, se mantiver Jesus no coração, pode descobrir que você é uma das eleitas.

Sirvo o suco com a mão tremendo, tomando cuidado para não derramar tudo no chão.

— Obrigada, reverendo Parris — respondo, com a voz baixa e fraca. Como minha alma.

— Mas — diz o diácono — o problema das bruxas é desmascará-las. Elas escondem sua impiedade, fingindo ser pessoas de Deus, conhecidas de todos. E é nesse ponto que Perkins nos guia.

— A dona Sibley tentou um método que ela conhecia — conta a sra. Parris. — Mas não pareceu algo muito cristão para mim.

O reverendo Parris atravessa a sala e pega suas mãos.

— A forma mais garantida de desmascarar uma bruxa é pela declaração, sob juramento, de outra bruxa confessa.

A sra. Parris arregala os olhos, com o olhar perdido, pensando no que o marido acabou de dizer.

Lentamente, a mulher do reverendo se levanta.

— Tituba! — exclama.

O reverendo Parris confirma com a cabeça.

— Tituba precisa confessar — diz ela, agora com firmeza.

O reverendo concorda de novo.

— Precisamos que ela confesse amanhã. Se ela disser os nomes das bruxas, elas podem ser julgadas e condenadas, e estaremos todos livres. Você precisa ir lá na cadeia falar com ela, Samuel. Chame o sr. Putnam e o diácono, se quiser.

O reverendo Parris fica olhando para a esposa por um bom tempo, e eles parecem trocar uma mensagem que ninguém entende. Ele se encaminha para a porta e põe o sobretudo e o chapéu. Meu pai o acompanha, assim como o diácono de Boston.

— Ela confessará. E dirá o nome das suas companheiras — afirma o reverendo Parris, olhando para todos com brilho nos olhos. — Eu prometo.

DANVERS, MASSACHUSETTS
SEXTA-FEIRA, 9 DE MARÇO DE 2012

Aquela sexta-feira. Meu Deus! Como descrever aquela sexta-feira?

Primeiro, não dava para ver a escola, de tantos jornalistas do lado de fora. A direção da St. Joan tinha mandado um e-mail para todo mundo na noite anterior, avisando que haveria uma presença da mídia mais intensa que o normal. Foi assim que eles escreveram, “mais intensa que o normal”. Quase um eufemismo, eu diria. De qualquer maneira, não lemos o e-mail até aquela manhã, e quando lemos, Wheez já estava no carro, porque meu pai ia levá-la depois de me deixar.

A St. Joan Academy estava um pandemônio. E não só por todos os carros de reportagem, câmeras, cabos, microfones, fios, antenas parabólicas, repórteres, todas as redes de televisão locais, além das redes da região oeste de Massachusetts, da cnn, da msnbc, da Fox e de todas as redes de Nova York. Uma multidão de pessoas aleatórias havia se postado diante da escola, para acompanhar o que estava acontecendo. Muitas estavam lá para ver Bethany Witherspoon, porque ela é bastante famosa. Mas havia bastante gente com cartazes. Manifestantes, protestando.

Aqueles malucos, que sempre invadem os funerais dos soldados, estavam presentes, gritando que a Doença Misteriosa era um castigo de Deus, porque o governo permitia que os gays servissem o Exército. Pelo menos, foi isso o que eu entendi. Vai saber! Os cartazes deles diziam coisas como satanás está em danvers, reze pela nossa salvação, deus odeia vagabundas e putas católicas fazem pacto com o diabo.

No outro lado do estacionamento, havia um pequeno grupo de congregacionalistas, com uma van da igreja aqui da cidade. Nos cartazes deles, liam-se coisas como tolerância, razão e ouçam: deus ainda está falando. Eu sou católica, quer dizer, é claro que eu sou católica, porque sou irlandesa, mas esse grupo de protestantes é muito legal. Eu não tinha nenhuma implicância com eles. O cartaz mais intrigante deles dizia não se esqueçam das lições do passado.

— Uau — disse Wheez, com o rosto grudado na janela do carro. — Pai, a gente pode ficar aqui até a Bethany Witherspoon chegar?

Meu pai respondeu que não.

— Você precisa ir para a escola, Louisa. E não sabemos a que horas ela vai chegar.

Mas nem precisamos discutir muito, porque, enquanto Wheez tentava convencer meu pai, vimos um ônibus grande chegando, daqueles com vidro preto que as bandas de rock usam para viajar pelo país. O ônibus não tinha nenhuma identificação, mas, de alguma forma, todo mundo entendeu quem era. Os refletores deixaram de iluminar a fachada da St. Joan, e repórteres e câmeras correram naquela direção. As pessoas que observavam já estavam amontoadas em frente à porta do ônibus, imprensadas pelos dois grupos de manifestantes, que formavam uma barreira de cartazes naquela massa de gente.

— É ela! — exclamou Wheez.

Nós três, então, num acordo tácito, ficamos lá sentados, observando a chegada da estrela.

A porta do ônibus se abriu, e os flashes das câmeras dispararam, nos cegando. Quando finalmente voltei a enxergar, Bethany Witherspoon já estava se encaminhando para a porta de entrada da escola, com óculos de sol gigantes, acenando para a multidão e parando para dar autógrafos. Vários homens e mulheres a acompanhavam, de jaqueta igual, alguns carregando equipamento oficial. Para a nossa surpresa, as próximas pessoas a descer do ônibus foram Clara Rutherford, a Outra Jennifer, Elizabeth e Leigh Carruthers. Mais uma vez, os flashes dispararam como foguetes, e as quatro abriram caminho pela multidão de repórteres e curiosos, sorrindo e parando para dar abraços, tirar fotos e cumprimentar as pessoas.

— Uau — falei. — A Elizabeth está andando normalmente.

— É mesmo — disse meu pai.

Até a Outra Jennifer. Havia tirado o turbante de Elizabeth Taylor, e estava com um penteado fofo na penugem de cabelo que lhe crescia.

— Será que elas ficaram boas? — perguntou Wheez.

A multidão acompanhou minhas colegas de classe até a porta de entrada, onde o padre Molloy esperava de braços cruzados. As gárgulas de drenagem rugiam sobre os ombros do padre, com a língua para fora.

Eu estava longe demais para ouvir, mas Bethany Witherspoon parecia ter parado para dar uma entrevista improvisada à imprensa, na escada da escola, entre o padre Molloy e as quatro meninas. Os repórteres empunhavam microfones, balançando os blocos de anotação para atrair a atenção deles. Mais flashes foram disparados, e as luzes dos refletores produziam sombras inconstantes nas portas góticas. Sobre a cabeça de todos, a imagem invertida de Santa Joana no vitral, as chamas lambendo-lhe o corpo enquanto ela olhava para o céu.

Bethany Witherspoon acenou rapidamente para as pessoas e se encaminhou para a escola. O padre Molloy tentou interceptá-la, e eles discutiram. Como era de esperar, o padre Molloy perdeu. Bethany Witherspoon e sua equipe entraram na escola, acompanhadas por meia dúzia de repórteres. O padre conseguiu dispersar todo o resto, inclusive curiosos e manifestantes, que foram voltando gradualmente para o seu lugar no estacionamento.

— É — disse meu pai —, parece que vai ser uma sexta-feira e tanto.

— Quero ver o que vai acontecer! — resmungava Wheez do banco de trás. — Posso ir para a escola com a Colleen?

— Chega, Louisa — falou meu pai. E para mim: — Você está bem? Pronta para entrar?

— E importa? — perguntei, com um sorriso pouco convicto.

— Na verdade, não — concordou ele. — Boa sorte.

Quando saí do carro, juntando forças para encarar o que encontraria lá dentro, vi outra van sem identificação chegando. Na lateral, estava escrito departamento de saúde pública de massachusetts, unidade móvel. Duas pessoas desceram da van. A imprensa as ignorou.

Encontrei Deena na sala de estudos logo de cara, seguindo o som da música que ela cantarolava, “Body and Soul”. Para a minha surpresa, Emma e Anjali também estavam lá, sentadas nos seus lugares, como se fosse uma sexta-feira normal. Anjali parecia mais magra. Ainda tossia “espinhas de peixe” uma

vez por dia, pelo menos, e, por conta disso, sua garganta e a boca estavam inflamadas. Dava para ver a pele do canto dos lábios vermelha e descamando. Mas ela não ia perder Bethany Witherspoon vindo em nosso resgate. Nem Emma, que se comportava como se fosse totalmente normal que ela estivesse de volta, como se fosse totalmente normal que ela tivesse faltado às aulas apesar de nada de errado estar acontecendo com ela. Quase todo mundo estava de volta naquela manhã. O único indício de que a St. Joan tinha sido vítima da Doença Misteriosa por dois meses era o forro de plástico nos corredores e as câmeras da imprensa.

O padre Molloy estava bastante pálido, parecendo doente. Juro, se eu fosse ele, pedia demissão na hora. Esse devia ser o problema de ser um homem de Deus. Não há como pedir demissão. A menos que você seja o papa.

— Muito bem, meninas — disse ele, esfregando a mão no rosto.

O padre foi interrompido pela porta se abrindo. Clara Rutherford apareceu, envolvida numa aura de luz. Mas essa aura não vinha do céu, e sim de uma câmera de televisão portátil que um sujeito carregava atrás dela.

— Não tem problema se ele entrar comigo, né? — perguntou Clara, sem se importar muito com a resposta, porque ela já foi entrando, em direção à sua mesa. O cara da câmera filmava tudo.

A Outra Jennifer e Elizabeth, de volta na cadeira de rodas por algum motivo, vieram atrás. O cara da câmera as filmou também, supostamente para ter material de edição.

— É melhor não — disse o padre Molloy, pondo as mãos na lente da câmera. — Você vai ter que esperar lá fora. Sinto muito.

O cara da câmera olhou para Clara, pedindo um sinal do que fazer. Clara encolheu os ombros.

— Não tem problema — disse ele, talvez por ter visto que poderia fazer uma filmagem mais sombria pelo vidro pontilhado da porta.

O padre os expulsou, fechando a porta com firmeza. Imediatamente, o vidro se iluminou com a luz da câmera.

— Muito bem — disse o padre Molloy quando nos acalmamos como podíamos, o que não era muito. — Antes de mais nada, gostaria de dizer que é muito bom ver todas vocês de volta. Jennifer, Elizabeth. Clara. Anjali. Emma. Fabiana. Este lugar estava quieto demais sem vocês. Depois, queria informar que acendemos uma vela em nome de cada uma de vocês na capela. Vocês hão de concordar que o melhor a fazer no momento é deixar as coisas tomarem seu rumo, para que possamos voltar ao que interessa, que é o estudo.

Pois é. Ele disse isso. Eu também queria que tudo voltasse ao normal. Com certeza. Mas isso não ia acontecer com Bethany Witherspoon caminhando para cima e para baixo com aqueles sapatos de salto alto (tudo bem, o forro de plástico abafava o som das lajotas) e a reunião que ocorreria à tarde.

— Acho que eu sei por que vocês escolheram o dia de hoje para voltar, e não preciso nem dizer como é importante que todas participem da reunião hoje à tarde com o Departamento de Saúde Pública de Massachusetts. Eles estão aqui hoje para se certificar que nenhum dos sintomas de vocês tenha causa ambiental. Alguma pergunta?

Um monte de meninas levantou a mão.

— O senhor nos viu na tv? — perguntou uma das meninas atingidas.

— Vi, sim — respondeu o padre Molloy, com a voz grave. — Mais perguntas?

— A enfermeira Hocking volta hoje? — uma de nós perguntou, e todo mundo abafou o riso.

— Acho que não. E ouvi dizer que a dra. Strayed voltou para a Universidade de Massachusetts.

— Elas estão sendo processadas — alguém disse, cochichando.

— O senhor acha que a Bethany Witherspoon vai falar na reunião? — uma de nós quis saber.

— Espero que não — disse o padre. — Ela não é afiliada da escola e não foi convidada aqui. Então, não.

— Ela foi convidada, sim, pelos nossos pais — disse outra das meninas atingidas. — Acho que a gente deveria ter permissão para falar.

— Isso vai depender do conselho de administração — disse o padre Molloy, um pouco brusco. — Alguém tem alguma pergunta de verdade?

— O senhor acha que a Doença Misteriosa é realmente causada por poluição? — perguntei, encarando-o.

— Não — respondeu ele, encarando-me de volta.

— O senhor é cientista? — perguntou uma das meninas afetadas, em tom de deboche.

Eu não estava acostumada a ouvir as alunas falando com o padre Molloy daquele jeito. Reparei que ele ficou irritado, mas não fez nada para impedi-las.

— Não, nem Bethany Witherspoon — ele disse. — Agora, peguem o livro. Temos quinze minutos até o primeiro horário, e quero focar na leitura.

Se achei a entrada da escola cheia, estava totalmente despreparada para a cena na capela. Dois seguranças guardavam a porta contra uma invasão. Pelo menos, era o que parecia que eles estavam fazendo. Talvez estivessem preocupados com os manifestantes. E não era para menos. Emma e eu estávamos esperando no meio de uma multidão de meninas para entrar quando vimos um cara grandalhão, de uniforme de segurança, expulsar uma mulher com uma placa sanduíche que gritava: “Piranhas! Crias do Diabo! Apóstatas! Filhas de uma cadela!”.

— Caraca — sussurrou Emma. — Ela está zangada, né?

— É — sussurrei de volta. — São xingamentos de antigamente.

A capela estava tão lotada que nem adiantava procurar lugar para sentar. As meninas se amontoavam onde dava, sentando-se nos encostos dos bancos, agrupando-se no chão ou se espremendo contra a parede. As luzes dos refletores iluminavam os vitrais, fazendo com que as imagens da vida de Joana adquirissem uma opacidade branca. Não havia ninguém no púlpito. O ambiente estava tão apinhado de alunas, repórteres, curiosos e manifestantes que ninguém conseguia se mexer. Senti o suor se formando na linha do cabelo e uma dor profunda começando a querer aparecer na testa. Não conseguia achar Anjali e Deena. Anjali tinha acabado de mandar um torpedo avisando que elas haviam conseguido sair mais cedo da aula de Cálculo e estavam lá na frente, mas era impossível encontrá-las.

O padre Molloy estava na lateral, com as mãos na cintura, olhando feio para alguns manifestantes que conseguiram furar a barreira de segurança e entrar com cartazes anticatólicos. Outros professores também estavam presentes, mas ninguém parecia estar no comando. No meio daquela multidão, avistei uma sobranceira conhecida, que pertencia à sra. Slater. Ela me olhou por um segundo, tempo suficiente para

eu vê-la balançar a cabeça e ser afastada pelo mar de pessoas.

Emma e eu nos apertamos num canto, perto das velas, que alguém, muito sabiamente, apagou antes de todo mundo entrar.

— É estranho estar de volta? — perguntei a ela.

— Não muito — disse ela. — Na verdade, é legal. Eu já estava ficando entediada. As pessoas pararam de me mandar os deveres por e-mail. Fiquei bastante atrasada. O bom é que já estou dentro da universidade, então não importa muito.

— É — falei, com certo desconforto, pensando em Emma entrando na faculdade. Emma e aquela história de carta de recomendação do sr. Mitchell. *Tad*. — Emma? Eu estava esperando para conversar com você sobre uma coisa.

— É? — perguntou ela, sem me olhar, esticando o pescoço como uma ave marinha para enxergar por cima das cabeças enfeitadas das nossas companheiras de turma. — Olhe! Ela chegou.

Algumas meninas da frente começaram a gritar, empolgadas, flashes disparando, a multidão agitada, em estado de ebulição. Bethany Witherspoon apareceu no púlpito, acompanhada por pessoas de sua equipe, de uniforme, posicionadas mais como guarda-costas ou escudeiros que como cientistas. Acho que eu nunca tinha visto uma equipe de cientistas. Outro indivíduo, de jaqueta branca, ficou parado ao lado, sem parecer muito impressionado.

— Adeus às palavras do padre Molloy — cochichei, mas Emma não estava ouvindo. Seus olhos claros se arregalaram. Ela fazia parte da multidão tanto quanto todos nós.

Um dos escudeiros da equipe de cientistas passou um megafone à estrela. Bethany Witherspoon abriu um sorriso radiante e exclamou:

— Boa tarde, meninas!

Suas palavras ecoaram pelas paredes da capela, enchendo nosso ouvido de som e autoridade.

Os gritos aumentaram. As meninas se acotovelavam para tentar chegar mais perto. Os refletores iluminavam Bethany Witherspoon de diversos ângulos, produzindo-lhe sombras bizarras debaixo dos olhos.

— Passamos o dia inteiro neste lindo campus! — exclamou pelo megafone. — Coletamos amostras do subsolo, da sala de ginástica, das salas de aula, do sistema de ventilação, dos campos de esporte e de todos os lugares em que estivemos!

Mais gritaria.

— E estamos aqui para dizer que vamos direto à raiz do problema! Não seremos enganados por nenhuma enfermeira de escola ou epidemiologista badalada!

Aplausos e gritos, com as mãos em forma de quem vaia. Algumas de nós conseguiram chegar bem perto do púlpito. Os braços das meninas tentavam agarrar os tornozelos de Bethany Witherspoon, como se só ela pudesse lhes tirar do inferno.

— Vocês querem trietilenoglicol contaminando o ar e a água de vocês?

— Não! — respondemos em coro.

— Vocês acham certo eles simplesmente jogarem substâncias químicas perto de uma escola, sem contar para ninguém?

— Não! — exclamamos, em delírio.

— Responsabilizaremos o governo pelo que está acontecendo aqui! Encontraremos a resposta! E não deixaremos ninguém esconder mais nada de nós, deixaremos?

— não! — a capela inteira esbravejou.

— deixaremos?

— não!! — gritamos mais alto ainda, alguns batendo no banco com mãos e pernas.

— Vocês cruzarão os braços, aceitando que o Departamento de Saúde Pública de Massachusetts diga que vocês não estão doentes? — Bethany Witherspoon apontou para o indivíduo de jaqueta branca ao lado do púlpito.

— não!!! — gritamos com toda a nossa força.

— Estamos aqui para revelar a verdade, e não deixaremos que ninguém nos impeça! Quem está comigo?

Frenesi geral na capela. Alunas, manifestantes e repórteres acorreram ao púlpito. Bethany Witherspoon passou o megafone para as mãos de um subalterno e começou a abraçar as meninas, acenando para as câmeras.

O mais doido é que senti o mesmo. Desejei que ela assumisse a responsabilidade pelo que estava acontecendo. Eu queria me livrar da pressão, os anos e anos de ansiedade, terror e medo. Que tudo isso saísse num grito. Quando olhei para Emma ao meu lado, com olhos radiantes de desejo, vi que eu não era a única.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

Batem de leve na porta, e a dona Green aparece no gabinete do reverendo.

— Com licença — diz ela —, mas as meninas estão ficando com fome. Está na hora do jantar.

Olho para ela com um ódio súbito.

— Obrigado, querida — diz o reverendo Green, e talvez seja só impressão minha que ele se sinta um pouco culpado.

O reverendo prefere ouvir o resto da minha história. Sorrio para a sua esposa.

— Bem — ela diz para ele e depois olha para mim. Ao ver meu sorriso possessivo, ela recua, sem conseguir esconder a antipatia.

— Não vamos demorar.

— Claro — ela fala, com expressão séria. — Se você e a Ann ainda precisam conversar. Estou aqui fora.

A porta se fecha. Tenho certeza de que ela estará lá fora. Talvez até escute atrás da porta. Eu escutaria, se fosse ela.

— O que aconteceu no dia seguinte, Ann? — pergunta o reverendo, cada vez mais envolvido na minha história.

No dia 2 de março, minha mãe me acorda antes de amanhecer e diz para eu me vestir depressa.

— Por quê, mãe? O que aconteceu? — pergunto, sem entender.

Betty Hubbard dorme profundamente ao meu lado, um dos braços finos sobre meu pescoço. Não quero levantar. A cama está tão quentinha! Esfrego os olhos com a mão e vejo o rosto contrariado da minha mãe. Ela está vestindo uma capa com forro de linho, e o cordão branco da roupa lhe traz certa alvura ao rosto naquela manhã de início de primavera.

— Seu pai passou a noite toda na cadeia. Com o reverendo Parris. Vamos encontrar com eles na igreja agora de manhã.

Apoio-me sobre o cotovelo.

— Eles conversaram com a Tituba? — pergunto.

Vejo uma sombra que não compreendo no rosto da minha mãe.

— Sim, Annie. Conversaram. Eles esperam que ela entregue os inimigos do reverendo hoje. Será um grande dia para o vilarejo. Voltaremos a ser unidos.

Sinto um embrulho no estômago e engulo em seco para não vomitar no lençol. Se isso acontecesse, eu teria que ficar em casa lavando a roupa de cama, enquanto todo mundo vai à igreja acompanhar o que está ocorrendo.

— Vamos! Levante logo dessa cama. E acorde a Betty.

Ao ouvir seu nome, Betty Hubbard acorda, vira para o lado e murmura:

— Saia daqui.

— Menina insolente! — exclama minha mãe. — Melhor você se vestir logo, ou vai se arrepender.

— Betty — chamo, balançando-a pelo ombro.

— O que foi? — reclama ela. — Me deixe. Estou enfeitiçada. Fico cansada.

— Acorde agora! — digo, enfiando as unhas na sua pele e sacudindo-a como um cachorro com a presa na boca.

— O que foi? — grita Betty, abrindo os olhos e me encarando. — Quero ir para casa. Vou falar para o meu tio que é melhor ele vir me pegar.

— Faça o que você quiser, mas hoje estão esperando a gente na igreja — digo. — Levante.

— Para quê? Eles já falaram com a Tituba. E aquelas outras duas. Essa Sarah Good me dá medo. — Ela puxa as cobertas até o queixo e faz beijo.

— Meu pai passou a noite na cadeia com o reverendo. Seu tio também, aposto. Conversando com a Tituba Indian. Minha mãe disse que hoje a Tituba vai entregar as pessoas que têm perseguido o reverendo Parris, tentando derrubar seu ministério.

— Seu ministério? — Ela se senta na cama, também confusa. — Mas a Abby disse...

— Você acha que eles ligam para o que a Abby diz? Ela tem onze anos.

Sei que a maioria dos adultos da cidade apenas finge se dar bem uns com os outros. Eles sempre nos dizem que devemos nos comportar direito, que devemos ser afetuosos com as crianças que odiamos. Dizem-nos que Deus consegue ver dentro da nossa alma e conhece nossos pensamentos mais obscuros. Dizem-nos para fazer e dizer só as coisas mais puras, ou jamais alcançaremos o reino dos céus.

Mas eles são hipócritas, todos eles. Começamos a compreender que nosso jogo nos foi tirado à força das mãos, e que, de certa forma, por mais que não entendamos completamente, ele não tem nada a ver conosco.

— Levante — digo. — Já está quase acabando.

A multidão na igreja é ainda maior e mais ruidosa que no dia anterior. Minha mãe precisa abrir caminho para conseguirmos entrar. No meio das pessoas, encontro uma menina que conheço mais ou menos, Mercy Dane, sozinha. Seu olhar frio me fulmina com tanto ódio que me penetra a alma. Viro o rosto, e meus olhos se enchem de lágrimas, como se eu tivesse levado um tapa na cara.

Quando chegamos à nave lateral da igreja, Sarah Good, maltrapilha e assustada, e aquela velha libertina, Sarah Osborne, já estão encolhidas lá na frente, subjugadas, com os pulsos amarrados por cordas grossas.

Minha mãe abre caminho pela multidão, puxando a mim e Betty Hubbard pelo braço.

— Saiam da frente! Saiam da frente! — ordena ela.

Os magistrados, de toga, estão discutindo num canto. Gesticulam bastante, aparentemente preocupados com o tempo.

Na frente da igreja, um banco quase vazio, ocupado somente por Mary Warren e a dona Pope, me surpreende. Minha mãe nos puxa para o banco e nos faz sentar, de modo um tanto bruto. Depois, ajeita-se

no lugar vago bem atrás de nós, despertando certa indignação das pessoas que chegaram cedo para assistir ao desenrolar do caso.

Acabamos de sentar e ouvimos um alvoroço na parte de trás da igreja. As portas se abrem bruscamente, e vemos o reverendo Parris, com o rosto pálido de quem não dorme, acompanhado pelo meu pai, o velho médico, alguns outros homens que eu não conheço, Abigail Williams e sua filha, Betty Parris. O reverendo agarra pelo braço a escrava Tituba Indian, que mantém a cabeça erguida, sem olhar para ninguém.

Quando vejo Tituba, solto um grito, tapando a boca em seguida.

Um dos seus olhos está roxo, tão inchado que ela não consegue abri-lo. O lábio está rachado, com sangue seco. Ao avançarem, ela manca, e precisa ser sustentada pelo reverendo e pelo guarda carcerário, um de cada lado. Sua saia, já surrada pelo uso, está rasgada e esfarrapada nas pontas. Tituba não olha para nós ao passar pelo nosso banco.

— Isso é inadmissível — diz a voz de um homem atrás de mim. — Olhem como a trataram. Não falei? Não há nada de bruxaria nisso.

— Silêncio, sr. Calef — alguém diz.

Abby e Betty Parris se aproximam de mim, com o rosto sério e compenetrado.

— O que está acontecendo? — pergunto, sussurrando.

Abby me olha firme.

— Ela vai entregar todo mundo agora — cochicha.

Ao lado de Abby, Betty Parris, que foi criada por Tituba, assente com a cabeça.

— Ela vai dizer o nome de todas as bruxas. Você vai ver.

O juiz procede ao julgamento sem preâmbulos. Todos sabemos por que estamos aqui.

— Você falou de um homem ontem, Tituba. Que pacto você fez com esse homem? O que ele lhe disse? — pergunta o juiz Hathorne.

Tituba fala quase num tom só, e o inchaço dos lábios faz com que sua voz saia áspera e difícil de compreender.

— Ele me diz que é Deus, e que eu devo acreditar nele e servir ele por seis ano, que ele vai me dar muita coisa bonita.

— Há quanto tempo foi isso?

— Fazem mais ou menos seis semana. Sexta à noite, antes da Abigail ficar doente.

— Você prometeu servi-lo nessa ocasião? O que você respondeu a ele?

— Eu falei que eu não acreditava que ele era Deus. Eu disse que tinha que perguntar para o meu senhor, e eu fui perguntar para o reverendo Parris, mas os homem de preto não deixaram.

— O que você prometeu a ele?

— Na primeira vez, acreditei que ele era Deus, e ele ficou feliz. Aí, ele me disse que eu precisava me reunir com elas.

— Com as outras bruxas? Quando ele disse isso?

— Ele disse na quarta, na casa do meu senhor. Aí elas se reuniram, e eu vi elas quatro, num canto, aquela noite. O homem ficou atrás de mim, me segurando, para eu ficar quieta ali na sala.

— Onde estava seu senhor nesse momento? — pergunta o juiz, olhando rapidamente para o reverendo

Parris, que faz anotações na mesma mesa do sr. Cheever.

Tituba fita Samuel Parris. Espera um bom tempo antes de responder. Nós, meninas, começamos a tremer, muito silenciosamente.

— Ele estava no outro quarto.

— A que horas isso aconteceu?

— Um pouco antes da hora da reza.

— O que esse homem lhe disse quando a segurou?

— Ele disse para eu ir lá e machucar elas, beliscar elas. Eu entrei, e não queria machucar elas.

Fiquei sem fazer nada. Eu não queria machucar a Betty, eu amava a Betty. Mas eles me fizeram beliscar a Betty e depois a Abigail.

Abigail e Betty Parris escolhem esse momento para gritar e esfregar as mãos nas marcas do braço, o que deve doer bastante, se a consciência não dói.

— As outras bruxas também beliscaram as meninas?

— Não, mas elas olharam eu beliscando elas.

— Você entrou naquele quarto na sua forma atual? E as outras bruxas? Também? Ou elas mandaram seu espírito?

— Elas entraram na forma natural, e meu senhor não viu a gente, porque elas não deixaram ele ver.

Elas cegaram ele com feitiço.

— Quando as outras bruxas saíram do presbitério, você foi junto?

— Não, eu fiquei. E o Diabo ficou comigo.

Todo mundo na igreja fica aterrorizado: o Diabo na casa do reverendo. O próprio Diabo! Talvez tenha até se sentado à mesa. O reverendo Parris contorce o rosto, olhando fixo para o papel à sua frente.

— O que o Diabo fez com você em seguida?

— Ele me disse que meu senhor ia para a reza, e que o reverendo Parris tinha lido no livro, e que o reverendo Parris ia me perguntar o que eu me lembro da Bíblia, mas o Diabo disse para eu não lembrar nada.

— E o que aconteceu na próxima vez que você viu o Diabo?

— Ele me pediu de novo para servir ele por seis ano. Depois ele me mostrou um livro.

— Quando foi isso?

— Na sexta de dia, logo de manhã.

— Que livro ele trouxe? Um livro grande ou pequeno?

— Não sei. Ele não me mostrou. Estava com o livro no bolso.

— Ele a fez escrever seu nome no livro?

— Não, não dessa vez, porque minha dona me chamou no outro quarto.

— Quando você voltou, o que ele disse que você precisava fazer nesse livro?

— Disse que eu precisava escrever meu nome nele.

— Você fez o que ele disse? — pergunta o juiz.

Tituba faz uma pausa, consciente do horror que está a ponto de admitir. Ela limpa a garganta, pigarreando, e nos inclinamos para a frente, boquiabertos, como que preparados para tragar a mentira que sairá da sua boca manchada de sangue.

— Fiz — confessa ela, e suspiramos, horrorizados e satisfeitos. — Uma vez. Fiz uma marca no livro.

Com sangue.

O juiz Hathorne fica olhando para ela, de testa franzida.

— O Diabo tirou sangue do seu corpo?

— Ele disse que ia precisar tirar na próxima vez que viesse.

— Você viu alguma outra marca no livro?

— Vi, muitas marca. Algumas vermelha, outras amarela. — Tituba para, olhando para a multidão. —

Ele abriu o livro, e eu vi muitas marca nele. — Faz outra pausa. — Marca de muita gente.

O juiz põe os dedos sobre a boca.

— Tituba — diz ele —, o Diabo lhe disse os nomes das outras bruxas?

As pessoas que murmuravam se calam. O silêncio na igreja é tão grande que consigo ouvir a respiração de Betty Hubbard e Abby Williams ao meu lado.

A escrava sabe que estamos nas suas mãos. Ela aumenta a voz, com uma autoridade inédita.

— Disse.

Todos voltam a murmurar, e ouço vários nomes de possíveis bruxas sendo sussurrados. O Diabo andava solto em Salem, e estávamos prestes a saber quem o servia secretamente, disfarçados de bons cristãos.

— De duas — acrescenta Tituba em seguida. — Não mais. Good e Osborne. O Diabo disse que elas fizeram suas marca naquele livro, ele me mostrou.

Por trás do medo, fico admirada com Tituba Indian. Quando meu pai me bate, digo logo alguma coisa para que ele pare. Ela poderia ter dito qualquer nome, além dos nomes de que já suspeitávamos, que teríamos acreditado nela.

O juiz, contudo, está determinado a descobrir mais.

— Quantas marcas você acha que havia no livro do Diabo?

Tituba olha rapidamente para o reverendo Parris, que assente com a cabeça.

— Nove — responde ela. — Conte nove.

— Todas escreveram o nome no livro também?

— Elas fizeram uma marca. A dona Good me contou que fez sua marca, mas a dona Osborne não falou nada. Ela não gosta de mim.

A dona Osborne, aquela velha meretriz, como minha mãe dizia, cospe no chão entre os pés e não diz nada.

— Quando a dona Good lhe contou que escreveu no livro? — o juiz Hathorne quer saber.

— No mesmo dia que eu vim aqui para a prisão — responde Tituba.

As três foram presas juntas, Tituba e as duas Sarahs. Fico imaginando o que elas terão dito uma para a outra na cela durante a noite.

— Compreendo. Você viu o Diabo hoje de manhã na prisão?

— Vi, logo cedo. Ele me disse que os magistrado estavam vindo me examinar. Disse para eu não falar nada. Que, se eu falasse, ele ia cortar minha cabeça.

— Conte-nos quantas mulheres costumavam vir quando vocês, bruxas, andavam de vassoura.

— Quatro. Essas duas — ela aponta para Sarah Good, perplexa, de olhar perdido, e Sarah Osborne,

tão furiosa que seria capaz de queimar a igreja com o olhar — e duas desconhecida.

O juiz, todos percebem, acha que está a ponto de chegar ao cerne da questão.

— Você disse que eram nove bruxas no total. Ele lhe disse quem eram as bruxas?

Todos ficam extasiados com a pergunta, incentivando-a a revelar os nomes das bruxas. Alguns chegam a dar palpites.

A voz de Tituba vacila.

— Não — responde ela, em pânico. — Ele não me deixou ver. Ele disse que vou ver elas na próxima vez, no nosso sabá.

— Mas ele não lhe falou os nomes das outras bruxas? — pergunta o juiz, pressionando os lábios, frustrado. Samuel Parris parece possuído por um ódio mortal.

— Não, senhor — diz Tituba.

— Pelo menos ele lhe disse onde as nove bruxas moravam? — pergunta o juiz de modo agressivo para a escrava assustada, que já está sucumbindo, sem conseguir sustentar seu peso. Lágrimas começam a escorrer dos seus olhos escurecidos. — Fale, mulher! Você viu o rosto delas! Você viu as marcas no livro do Diabo! Você sabe que elas eram nove no coven! É melhor você nos dizer onde elas moram, ou sofrerá as consequências!

A escrava solta um grito desesperado de angústia e medo. Nos abraçamos, tremendo. Betty Parris chora. Alguém lamenta, em desesperança.

— Sim! — berra Tituba. — Sim! O Diabo me contou onde as bruxa moram! Algumas moram em Boston e vêm para cá de noite, montadas na vassoura! E outras estão bem aqui nesta cidade, entre nós, mas ele não me disse quem elas eram. O Diabo é um mentiroso. Ele não ia me dizer quem elas eram!

Ela cai de joelhos, despencando para um lado, a cabeça jogada para trás, as mãos ainda amarradas ao banco dos réus, a corda afundando na pele. Todos os adultos à minha volta estão gritando: “Aqui? Elas estão aqui? Quem são elas? Como as encontramos?”.

Um gemido profundo e desesperado me ensurdece, penetrando o cérebro, e eu grito para ele parar. Pare! Pare! Pare de gemer, que eu não consigo ouvir mais nada! Pare! Não consigo!

Até perceber que o gemido está vindo de mim.

DANVERS, MASSACHUSETTS
SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2012

Eu estava na sala de estudos. Não consigo acreditar que eu continuava indo para a aula e fazendo meu dever de casa normalmente, como se nada tivesse acontecido. Depois da reunião de sexta, o pouco que restava de protocolo na St. Joan Academy desapareceu por completo. A norma de vestuário era seguida arbitrariamente, quando muito. Os professores passaram a sair das aulas mais cedo, ou nos deixavam em sala, lendo em voz alta.

As meninas pararam de ir à escola.

Algumas nem voltaram mais.

Quando Clara e as outras andavam pelos corredores, todo mundo cochichava e recuava, apontando para elas. Até os professores. Elas tinham ficado doentes, e, quando a escola se recusou a ajudá-las, elas trouxeram Bethany Witherspoon para encontrar a solução. Elas irradiavam uma força que eu achava ao mesmo tempo desconcertante e irresistível. Eu também recuava quando elas passavam perto de mim. Até as meninas afetadas do segundo escalão, como Leigh e Anjali, tinham essa espécie de aura ao redor delas. Um brilho de quem era especial, que iluminava tudo. Sentia isso quando ficava perto de Anjali. Ela não agia diferente, exceto pela tosse e pelos alfinetes, mas a diferença estava lá. Ela tinha uma importância que jamais havia tido antes. Falava de modo mais assertivo. As pessoas ouviam.

Emma não tinha vindo, e não soube dela a manhã inteira. Fiquei me perguntando se ela também estava doente, porque, segundo informações não oficiais, o número de meninas doentes havia passado de quarenta. Como se a reunião tivesse, de alguma forma, piorado o quadro. Ninguém sabia ao certo quem estava com a Doença Misteriosa e quem não. Não dava para acompanhar. Mas os tiques verbais de Clara haviam voltado, e a calvície de Jennifer estava, mais uma vez, escondida embaixo de um turbante de seda.

Como eu não sabia o que fazer, decidi fingir que estava tudo bem. Por isso é que eu estava na biblioteca, sozinha, desconsiderando Jennifer Crawford, que dormia, enquanto todo mundo estava — onde? Onde estava todo mundo? Eu não sabia. Deena também não veio à aula nesse dia.

De vez em quando, a luz dos refletores entrava na sala pelas janelas medievais da biblioteca, fazendo-me apertar os olhos e Jennifer Crawford bufar no seu sono. A luz vinha da equipe de Bethany Witherspoon, fazendo Deus sabe o quê. A relação entre refletores e testagem do solo em busca de substâncias químicas me era desconhecida. Mas eles continuavam fuçando o terreno com equipamentos estranhos, parando a cada duas horas para dar notícias atualizadas à imprensa nos degraus da frente da escola.

A van do Departamento de Saúde Pública ainda estava lá parada, não sei para quê. A única coisa que eles fizeram, aparentemente, foi enrolar o forro de plástico dos corredores. Só os vimos naquele dia de manhã.

Como eu ia dizendo, eu estava na biblioteca, sozinha, fazendo meu trabalho extra, lendo mais sobre o caso de Salem no índice do meu livro de história, quando caiu a ficha.

— Oh, meu Deus! — exclamei em voz alta.

Não havia ninguém por perto para me ouvir, e Jennifer Crawford não acordou. Recolhi todos os meus livros e cadernos, joguei tudo dentro da mochila e saí correndo da biblioteca, tirando o telefone do bolso.

Eu ficava impressionada quando Spence realmente atendia, porque ele odiava falar no telefone. Ele achava estranho não poder ver o rosto da outra pessoa.

— O que houve? — perguntou ele.

— Spence! — gritei, parando de repente no limiar da porta de entrada antes de mergulhar na multidão de repórteres que esperavam do lado de fora da escola. Droga. Não dava para sair por ali.

Fui correndo até o centro estudantil para poder ficar sozinha.

— Colleen? Você está bem? — perguntou Spence. Ao fundo, ouvi o som de uma porta se fechando e depois silêncio, o que me fez entender que ele tinha se fechado no closet, que era o lugar aonde ele ia quando não desejava que seu companheiro de quarto nos interrompesse.

— Descobri tudo — falei baixinho, olhando por sobre o ombro para ver se alguém tinha me visto.

— Descobriu o quê? Por que você está ofegante?

— Descobri por que Ann Putnam Junior não entrou no livro *As bruxas de Salem*.

— Você me ligou para me falar sobre seu trabalho extra? É isso mesmo? — perguntou ele, incrédulo e decepcionado.

— Spence, me escute! É porque ela estava fingindo! Em 1706, ela se levanta na frente de todo mundo e, basicamente, diz que elas estavam fingindo! Ela estava no meio de um julgamento, e foi a única que se desculpou. Alguns anos mais tarde, é verdade, mas ela pediu perdão. Disse que sentia muito, que elas estavam erradas e estavam enganando todo mundo.

Uma longa pausa no outro lado do telefone. Depois, ouço Spence respirando fundo, compreendendo o que eu dizia.

— Elas estão fingindo — disse ele.

— Estão.

— Meu Deus!

— Pois é!

— Caramba, Colleen. Que loucura! Por que elas fariam uma coisa dessas?

— Não sei. Querem atenção?

— Mas quarenta meninas? Não parece muito provável. Como é que elas se organizam?

— Não precisam se organizar. A Clara deve ter convencido a Elizabeth e a Outra Jennifer a entrar no jogo, e todo o resto fez igual, porque toda menina quer ser como elas.

— Hum — fez Spence, pensativo. — Sabe o que pensei? Ser uma das meninas com a Doença Misteriosa de Danvers aumenta bastante as chances de entrar numa universidade. Ninguém tinha a mínima ideia de quem elas eram até o caso aparecer na televisão. Concorda?

— Talvez — sentei no chão, com os livros entre os pés, e encostei a cabeça na porta. — Talvez.

— O que você vai fazer?

— Não sei. Preciso contar para alguém. Para quem eu posso contar?

Spence fez uma pausa, ponderando.

— Há alguém na escola?

— Não sei. Não sei. A enfermeira foi embora.

— E seus pais?

— É — falei, mas fui interrompida por um pensamento. — Mas isso não vai prejudicar todo mundo?

— Claro que vai. Com tudo o que aconteceu? As pessoas perderam o trabalho por causa disso,

Colleen. E imagine como elas vão ser tratadas na imprensa, se a verdade vier à tona. Bebe Appleton. Imagine! Ela vai acabar com elas em rede nacional. Vai estragar tanto a vida delas que elas jamais vão voltar para a escola. E aí: adeus, faculdade. Escândalo de plágio massivo multiplicado por um milhão. Nenhuma escola sensata ia querer essas alunas. Principalmente se tiver um código de honra.

— Meu Deus!

— Pois é.

Fizemos uma pausa, respirando em silêncio, enquanto eu procurava pela coisa certa a fazer. Sabia que a resposta estava lá, em algum lugar, mas não conseguia encontrá-la.

— Spence — falei, fechando os olhos e encostando a cabeça na porta do centro estudantil.

— Colleen — ele disse. Dava para sentir que ele sorria.

— Deus.

Abri os olhos e fiquei olhando para o Jesus de gesso crucificado na parede do outro lado da sala. Com as pernas levantadas, os joelhos dobrados, como se estivesse me exibindo indecentemente para Jesus, o que parecia meio errado. Mas os olhos dele contemplavam as luzes fluorescentes no teto, sem nenhum constrangimento.

— Então, o que você vai fazer?

— Não sei — confessei. — Não sei mesmo. Preciso pensar.

— Pense com calma. Amanhã você decide — sugeriu ele. — Um dia não vai fazer muita diferença, concorda?

— Acho que não — respondi.

A luz dos refletores atravessou as janelas opacas do centro estudantil, iluminando de passagem o tapete supostamente antigo de Santa Joana de rabo de cavalo e dando um brilho de vida aos olhos do Jesus de gesso. Baixei as pernas.

— Quer que eu veja se consigo ir no fim de semana? — perguntou Spence, soando viril na sua proposta de me oferecer proteção. Aquilo me excitou, para ser sincera.

— Quero — respondi. — Gostaria muito. Você acha que pode?

— Eles sempre ficam felizes de me ter em Belmont — disse Spence, e eu ri, porque ele estava imitando o jeito altivo da sua mãe de expressar afeto pelo filho no internato.

— Ia ser incrível — confessei. — Quer dizer, já que você ia estar em casa de qualquer maneira.

Ele riu da minha tentativa de parecer casual.

— Você poderia vir e assistir a um filme ou alguma coisa do tipo. Sei lá, descansar a cabeça.

Fiquei com um sorriso pateta no rosto, torcendo para que ele não percebesse isso pela minha voz.

— Jura? Você acha que estou pronta para a grande apresentação?

— Boba. Eles sempre ficam felizes de receber a visita dos meus amigos em Belmont — ele falou com a voz descompromissada da mãe de novo, e nós dois caímos na gargalhada.

Quando desliguei o telefone, já tinha decidido o que fazer.

Precisava falar com Anjali.

Mas primeiro queria falar com Emma.

Tive que voltar caminhando, porque Deena não tinha ido à escola aquele dia, e meu pai não podia me pegar antes das seis. Podia ter pedido carona para alguém, mas estava começando a esquentar. Os primeiros crocus já despontavam na neve, frágeis, com a ponta roxa se destacando em meio a todo aquele branco. De qualquer maneira, a casa de Emma ficava a uns vinte minutos a pé da escola. Eu ainda tinha duas aulas. Hesitei um pouco, mas acabei decidindo ir. “Dane-se”, falei em voz alta no corredor vazio e saí.

O estacionamento ainda estava cheio de manifestantes, e os lunáticos do grupo contra “as prostitutas do Satanás” gritaram comigo quando passei, me chamando de vadia católica, mas a maioria da mídia estava no campo de futebol filmando Bethany Witherspoon fazendo uma experiência química junto com sua equipe. Ela ia ficar bastante irritada quando descobrisse que não havia nada de errado com os lençóis freáticos. E se ela descobrisse que foi enganada de propósito? Adeus tj Wadsworth e sua carreira de jornalista local. Bethany acabaria com eles. Faria pior do que Bebe Appleton. Vi a van do Departamento de Saúde Pública de Massachusetts estacionada no lugar de sempre, mas não vi ninguém lá dentro.

Uma questão específica me intrigava: por que Anjali fingia estar doente? Ela já estava praticamente dentro de Yale. Não precisava de publicidade. Não fazia sentido. Claro, ela gostava de atenção. Era só ver como ela esperava ansiosamente as mensagens do Jason. Não era um mistério para mim que Anjali quisesse mais atenção. O mistério era como ela conseguiu enganar a mãe.

Cheguei à casa de Emma, contornando uma poça de neve derretida na entrada. Toquei a campainha e esperei.

A casa parecia vazia, mas vi o carro da mãe de Emma na garagem. A mãe dela nunca saía. Tinha que ter alguém em casa.

— Emma? — gritei. — Oi?

Bati na porta, e a moldura estalou.

— Sra. Blackburn? A senhora está em casa?

Pus as mãos em concha em volta dos olhos e encostei o rosto na janela panorâmica perto da porta de entrada. Não havia nenhuma luz acesa, mas vi um movimento na penumbra da sala.

— Olá — gritei de novo.

A porta se abriu, e a sra. Blackburn apareceu por trás da tela.

— Colleen? — disse ela com a voz fraca.

Eu conhecia a sra. Blackburn desde pequena, mas ela sempre fazia essa cara de que não me reconhecia direito ao me ver. Eu sentia sempre que precisava me reapresentar.

— Sim — respondi. — Sou eu, sra. Blackburn. Colleen. A Emma está em casa?

— Emma? — perguntou ela. Às vezes ela precisava se esforçar para lembrar o nome da filha

também.

— É. Preciso muito falar com ela. Posso entrar?

— Hum. — A sra. Blackburn ainda estava de roupão, e seu cabelo loiro perdeu o brilho ao longo dos anos, dando a ela um aspecto fantasmagórico que me assustava. Não sair, evidentemente, não ajudava em nada. — Agora não é um bom momento.

— Por favor — insisti, subindo os degraus da entrada e pondo as mãos na porta de tela. — É realmente importante. Não vou ficar muito tempo.

A sra. Blackburn ficou me encarando com um olhar vago.

— Melhor não — ela disse simplesmente.

— Eu preciso — falei, empurrando a porta de tela e passando pela mãe de Emma. — Desculpa, mas eu preciso. Emma? — chamei.

— Você que sabe — disse a sra. Blackburn, desaparecendo na escuridão da sala.

O quarto de Emma ficava perto do patamar do segundo piso. Estava tudo escuro. Havia só uma luzinha debaixo da porta do quarto, mas eu conhecia o caminho tão bem quanto em casa. Subi as escadas no escuro mesmo e parei com a mão na maçaneta.

Do lado de dentro, ouvi sons de choro abafado.

— Emma? — chamei baixinho, abrindo a porta devagar.

Ela estava de barriga para baixo na cama, com a cabeça enfiada num travesseiro que eu lembrava da época em que eu dormia na sua casa, quando éramos pequenas — com fronha surrada das Meninas Superpoderosas e penas saindo na ponta. Abraçava sua boneca “American Girl”, aquela com uma touca puritana engraçada. O cabelo da boneca estava torto, e ela sorria com olhos vidrados para o teto. O corpo de Emma tremia todo, sacudido pela força do seu choro.

— Emma — falei de novo, entrando na ponta dos pés. Dezenas de bonecas nos observavam das prateleiras espalhadas por todo o quarto, que era bem pequeno.

Abaixei-me na beira da cama e fiquei com a mão perto das suas costas.

— Ele... ele... ele... ele não me... ama... ama mais! — disse ela, soluçando.

— Ô, Emma — sussurrei. Tive vontade de fazer carinho no seu cabelo claro, mas aquele sofrimento todo me assustou.

— Por... por... por que ele... por que ele não me ama mais? — perguntou ela, respirando com dificuldade no travesseiro. — A gente sa... sa... saiu meses. Eu a... a... a... achei que eu era es... es... es... especial!

— O que ele disse? — perguntei da maneira mais delicada que consegui.

O que eu queria dizer, na verdade, era: *Ele é um adulto, você é uma criança, isso é nojento, eu o odeio e realmente teria sido melhor não saber que isso aconteceu.* Mas não podia dizer isso.

— Ele di... di... di... disse para a gente se en... en... encontrar no Salem Wi... Salem Wi... Salem Willows para conversar hoje à noi... à noite, mas que seria a úl... a úl... a última vez.

Pus minha mão nas costas de Emma, tentando acalmá-la. Ela estremeceu com o toque, apoiou-se nos cotovelos e ficou me olhando.

O rosto da minha amiga estava inchado e vermelho de tanto chorar. Suas sobrancelhas e cílios claros, quase invisíveis, davam-lhe um aspecto frágil e vulnerável mesmo quando tudo estava bem, e agora, que

tudo havia desmoronado, ela estava desesperada, sensível como um caracol desprovido da sua concha. Seus olhos estavam tão injetados que pareciam de outra cor: vermelho-sangue.

Eu ia dizer alguma coisa, mas quando ela me encarou com todo aquele desespero, minha enxaqueca, que já vinha dando sinais de que ia aparecer, apareceu. Aquela dorzinha na testa que tinha me incomodado o dia inteiro agora me perfurava o cérebro, dividindo o crânio ao meio, entre as sobrancelhas. Fiquei assustada com a repentinidade da dor, que se irradiava, chegando ao fundo dos olhos, à língua e até mesmo à raiz do meu cabelo.

Os olhos de Emma ficaram mais vermelhos ainda, e perdi a consciência de onde eu estava, as bonecas empoeiradas com olhos de vidro se distanciando, a cama de solteiro com o travesseiro das Meninas Superpoderosas se perdendo na névoa avermelhada da dor. Tudo o que eu sabia era que Emma estava chorando, irritada, as chamas da dor consumindo minha cabeça. Não sei quanto tempo durou. Pareceu uma eternidade. Revirei os olhos, e, com um grito de desespero, Emma voltou a se deitar de bruços na cama, balançando com os soluços.

Devo ter desmaiado, só por um segundo, porque a próxima coisa de que me lembro é de bater com o rosto no chão. Abri os olhos com um gemido e vi o bordado do lençol da cama de Emma e o pé dela pisando ao lado da minha cabeça. Depois, percebi a presença de alguém chorando (Emma), e ouvi outro som, o som de um gemido, sem saber de onde vinha. Quando fechei a boca, o gemido mudou de timbre, e me dei conta de que o gemido vinha de mim. Sentei-me, devagar, pressionando o polegar entre os olhos, com a respiração irregular por causa da dor.

Emma soluçava. Ela nem percebeu que eu estava lá.

— Emma — falei, com a voz carregada. Engatinhei, primeiro uma mão, depois a outra, os joelhos deslizando no carpete, até subir à cama. Ela não olhou para mim.

— Emma — repeti, encostando nela.

Ela engoliu, procurando ar, soluçando, com o rosto plantado no travesseiro.

— Horas. — A palavra não saía. Era como tentar amarrar um barbante com a língua. Além disso, não era a palavra que eu queria dizer primeiro. — Você... a que... horas? — eu tentava falar, confusa, com as palavras emaranhadas na boca.

Emma me espiou por cima do braço, assustada.

Franzi a testa e tentei de novo.

— Ele... encontrar — consegui dizer. Quase.

— O que você disse? — Emma perguntou de dentro do travesseiro, me observando com aqueles olhos claros amedrontadores.

— Tad — fiz força para dizer. — Hoje à noite? — Eu fazia um esforço danado para pôr as palavras em ordem na cabeça. Depois, perguntei rápido: — Willows Salem no ele com encontrar vai você horas que a?

Algo estava muito errado. Eu falava como uma fita de trás para a frente.

Emma levantou a cabeça do travesseiro e ficou me olhando.

— Como você sabia que era o Tad? — perguntou ela com a voz frágil, sem perceber que algo estava errado. Comigo. Algo estava muito errado. Emma estava tão envolvida com sua dor que ela irradiava, enchendo o quarto, tomando conta de tudo, tomando conta de mim, entrando à força no meu corpo e

reorganizando meu cérebro. Como uma...

Quando olhei para ela, boquiaberta, tive certeza.

Ninguém estava fingindo.

Era Emma.

Tinha sido Emma o tempo todo.

MEADOS DE MARÇO

QUINQUÁTRIAS

Aristóteles disse para Alexandre que uma mente bem guarnecida é mais bonita que um corpo bem arreado. Nada pode ser mais odioso ao homem e ofensivo a Deus que a ignorância.

REGINALD SCOTT

A DISCOVERIE OF WITCHCRAFT, 1654

*DANVERS, MASSACHUSETTS**SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2012*

— **Como assim foi a Emma** o tempo todo? — a mulher do Departamento de Saúde Pública de Massachusetts me perguntou, largando a caneta.

— Não entende? — comecei a ficar nervosa. — É claro que foi ela!

— Colleen — disse a mulher, com um tom de “vamos ser sensatas” —, o que você está dizendo não faz sentido.

— Não me importa que não faça sentido. Esse não é meu trabalho! Estou te dizendo que é ela. É a Emma que está causando tudo isso — insisti.

— Tudo bem. Vamos pensar juntas. Como você acha que ela... sei lá o que você acha que ela está fazendo.

— Como assim? — perguntei com as mãos inquietas na perna, enfiando as unhas na coxa.

— Qual o mecanismo? Como funciona? A causalidade, Colleen. O vetor da doença. Qual é? — A mulher me olhava atentamente, esperando.

Não achei que ela estivesse brincando comigo, porque seu rosto estava bastante sério e calmo, mas, sinceramente, não era ela a especialista? Tipo, ela não era especializada em doenças bizarras?

— Como é que eu vou saber qual é o vetor? Tudo o que sei é que é ela. Só pode ser ela. Basta olhar para o que aconteceu.

— Mas você me disse no início que as meninas estavam fingindo. Você ia até desmascarar a Anjali. Ia contar para os seus pais. Não foi isso o que aconteceu?

A mulher, uma das duas pessoas de jaqueta branca que estavam ali à toa enquanto Bethany Witherspoon fazia sua campanha publicitária na escola, não pegou a caneta. Ela pareceu realmente interessada quando bati na porta da van uma hora antes. E ficou mais interessada ainda quando algumas palavras saíram da minha boca fora de ordem a princípio. Acabei conseguindo controlar a fala, e não estava tão ruim. Minha cabeça ainda doía, mas eu já conseguia falar normalmente.

Foi por isso que tive certeza.

Levantei, tonta, como se tivesse bebido, e saí do quarto de Emma. Ela não tentou me impedir. Apenas disse “Colleen?”, confusa, como que acordando de um transe. Quase como se não entendesse por que eu estava lá, perdida na sua própria dor. Desci as escadas aos tropeções, segurando firme no corrimão para não cair. A dor diminuía à medida que eu me distanciava de Emma. Sua mãe havia desaparecido.

— Colleen? — Emma gritou para baixo, com a voz beirando o pânico. — O que houve?

Eu não podia dizer nada. Estava com medo de falar.

— Depois! — gritei de volta. — Desculpe!

Se dissesse apenas uma palavra, não tinha como sair fora da ordem.

Fui correndo como pude para a escola. Peguei o telefone e escrevi para Spence. Fiquei aliviada de

ver que conseguia escrever na ordem certa.

Coisas estranhas acontecendo... Pode vir? St. J.

Um minuto depois, meu telefone vibrou. Eu o segurava na mão, esperando. Minhas palmas estavam encharcadas de suor.

Indo.

Essa única palavra foi suficiente. Quando cheguei de volta ao campus, fui direto à van da Unidade Móvel do Departamento de Saúde Pública e bati na porta até alguém abrir.

Mas a conversa não foi bem como imaginei.

— Sim, era o que eu achava que tinha acontecido. Eu estava fazendo minha pesquisa sobre *As bruxas de Salem* e descobri que Ann Putnam confessou que todas as meninas estavam fingindo. Pareceu tão óbvio quando vi assim, por escrito. Não entendi por que ninguém tinha descoberto antes. Mas fiquei com medo de prejudicar todo mundo, então... Mas elas não estão fingindo! *Eu não estou fingindo!* Eu estava olhando para a Emma, e é como se alguma coisa tivesse saído dela e entrado em mim, me fazendo falar de trás para a frente!

Eu estava gritando, histérica, e ela parou de ouvir. Nunca fique histérica, minha mãe me diz. As pessoas param de ouvir as mulheres quando elas ficam histéricas. Respirei fundo, procurando me acalmar. Eu precisava que ela entendesse.

A mulher do Departamento de Saúde Pública me olhou com o que ela devia julgar ser uma expressão gentil.

— Colleen — disse ela, sem se alterar —, eu não acho que você está fingindo. E entendo que isso está te incomodando muito. Você já ouviu falar de um princípio lógico chamado “Navalha de Occam”?

— O quê? — perguntei.

Tudo bem, ainda histérica. Calma, Rowley. Você não vai ganhar nada dando um soco na cara da agente de saúde pública.

— Não. Nunca ouvi falar — respondi, fingindo que estava tranquila. — O que é isso?

— Segundo o princípio da Navalha de Occam — explicou ela, em tom professoral —, a explicação mais simples para um problema é a que tem maior probabilidade de ser verdadeira.

— O.k. — disse eu. — E daí?

— Você acha que a ideia de que sua amiga Emma Blackburn de alguma forma seja responsável pela incidência de graves sintomas em cinquenta e cinco meninas, usando um poder inexplicável, improvável e não documentado, é a explicação mais simples para a Doença Misteriosa?

— Hmm.

— Acha? — pressionou ela.

— Não — respondi, fechando a cara.

Tudo bem. Ela estava certa. Dito assim dessa maneira, parecia loucura mesmo. Mas só porque parecia loucura não significava que eu não estava certa, concorda?

— Muito bem — disse a mulher do Departamento de Saúde. — Agora, o que seria uma explicação mais simples?

— Talvez o que eu achava antes, que todo mundo está fingindo — falei. — Só que isso não pode ser verdade, porque aconteceu comigo, e *eu não estou fingindo.*

Ela me olhou com expressão de que me entendia e apertou meu braço. Como se tivesse aprendido técnicas “para tranquilizar adolescentes histéricas” num seminário de fim de semana e estivesse só esperando uma oportunidade de usá-las.

— Sei que não — disse ela, séria. — Então, se essa não é a solução mais simples, vamos pensar em outras, mais simples.

— Contaminação por trietilenoglicol — sugeri. — Você acha que a Bethany Witherspoon poderia estar certa?

— Bem, vamos analisar essa possibilidade. Os pais estão bastante convencidos, e não podemos culpá-los, porque se houvesse apenas uma causa, a solução seria fácil. E seria bom ter uma solução fácil para esse caso. Há mais de quarenta anos, uma substância química com efeitos colaterais desconhecidos vaza a alguns quilômetros da escola, e os sintomas aparecem somente num grupo de meninas. O que você acha que Occam diria sobre isso?

— Parece absurdo — respondi.

— Pois é.

— E daí? Por que não pode ser a Emma? Estou te dizendo, eu sei o que aconteceu comigo. *Aconteceu mesmo, exatamente como eu disse* — falei, batendo no apoio de braço do banco da van.

A mulher do Departamento de Saúde ficou me olhando.

— Colleen, em que ano você está?

— Que diferença faz isso? Estou no último ano.

Isso, Rowley. Histeria.

— E o primeiro grupo de meninas a ficarem doentes era de que ano? Do último também, não?

— Todo mundo sabe disso! E daí? — gritei, agarrando a saia.

— A St. Joan é uma escola muito competitiva, não é?

— Claro que é! — berrei.

Não conseguia acreditar que ela estava desperdiçando meu tempo com perguntas retóricas, quando Emma obviamente precisava de ajuda. Eu não sabia que tipo de ajuda, mas não era esse o trabalho da mulher do Departamento de Saúde Pública? Como ela podia ignorar o que estava na sua cara?

— E as primeiras meninas a ficarem doentes. Você diria que elas eram populares? Canhestras? Nerds? Atléticas?

Canhestras? Que vocabulário era esse?

— Elas eram populares. Todo mundo gostava delas. Queria ser como elas. Você já sabe disso também.

— Muito bem. Então. Um grupo de meninas no ano de maior estresse — ela ia enumerando nos dedos —, numa escola supercompetitiva, numa posição social de grande pressão. Certo? O que você acha que Occam diria da situação delas? Da *sua* situação?

— O que me importa o que Occam diria? — protestei.

Olhando para o rosto dela, eu sabia, com uma certeza incontestável, o que ela estava insinuando. Ela só não queria ir direto ao ponto.

— Você acha que a gente está louca — falei baixinho, procurando confirmação nos seus olhos.

— Não, não. Loucura não é uma categoria útil neste caso. — Ela desviou o olhar, e eu soube que

estava certa.

— O que é que você está querendo dizer com tudo isso? Admita logo. Você acha que a gente está completamente maluca.

— Existe uma condição — disse ela, mantendo a calma, provavelmente como tinha aprendido no seminário. — É uma doença real, o.k.? Ninguém acha que você e suas amigas estão fingindo. Todo mundo acredita que vocês estão realmente sofrendo esses sintomas, o.k.?

— Que condição? — perguntei, esperando ouvir alguma enrolação.

Fiquei olhando para ela, desconfiada. Porque eu sabia que não estava louca. E tinha certeza de que Clara também não. Algumas outras, não sei. Anjali, com certeza, andava bastante tensa.

Mas eu não estava louca.

— Isso se chama transtorno de conversão — explicou a mulher do Departamento de Saúde Pública.

— Transtorno de conversão? Como assim? Conversão religiosa? — Franzi tanto as sobrancelhas que chegou a doer.

Pelas janelas escuras da van vi dois grupos de manifestantes ainda acampados no estacionamento da escola. O grupo contra “as prostitutas de Satanás” gritava com os congregacionalistas, tentando provocá-los. Os congregacionalistas sorriam tranquilos, apontando para os cartazes que diziam respeito, tolerância e não se esqueçam das lições do passado. Um deles começou a tocar “He’s Got the Whole World in His Hands” no violão para todos cantarem. No grande confronto espiritual do estacionamento da St. Joan, dava para ver claramente quem estava ganhando.

Será que a mulher do Departamento de Saúde Pública estava querendo dizer que eu apresentava sintomas de obsessão religiosa? Meus pais ficariam bastante surpresos, porque relutei muito em fazer a crisma há milhões de anos.

— Parece isso — disse ela —, mas é uma coisa totalmente diferente.

— É o quê, então?

— O transtorno de conversão acontece — explicou ela — quando a pessoa está passando por um período de muito estresse na vida. O corpo, sem saber como lidar com tanto estresse, o “converte” — ela fez as aspas com os dedos — em sintomas físicos.

Fiquei olhando para ela com cara de desconfiada. Parecia uma forma educada de dizer que eles não sabiam o que estava acontecendo.

— Não acredito nisso — anunciei, e percebi, pela maneira como ela piscou os olhos rapidamente, que ela não estava preparada para tanta hostilidade. — Parece a mesma explicação de pandas, que nem existe, na verdade. Uma forma disfarçada de dizer que a gente está louca, e vocês não entendem por quê. A gente parece patética, mas não dá para evitar.

— Entendo que você se sinta julgada com um diagnóstico desses — disse a mulher do Departamento de Saúde Pública, inclinando-se para me dar um tapinha na perna. — Mas sei que é real. Os sintomas do estresse convertido variam muito e podem ser extremamente debilitantes. Tiques verbais, queda de cabelo, fraqueza muscular, fadiga. É um transtorno de verdade, capaz de derrubar pessoas bastante saudáveis.

— Isso não faz nenhum sentido — insisti. — Eu não estou tão estressada assim. E mesmo que estivesse, como é que isso poderia me fazer falar de trás para a frente? Fazer minha amiga vomitar

alfinetes?

— Ah, é? Você não está estressada? — perguntou ela, delicadamente. — Um ambiente de grande pressão na escola. Perspectivas de admissão em universidades. Formação, um monte de mudança na vida. Sexualidade, namoro. Suas amigas adoecendo ao seu redor. A invasão da mídia. E você não está competindo para ser a oradora da turma, a ponto de perder a posição? Eu diria que você está numa situação de bastante estresse, não?

— Quem te contou isso? — gritei, ficando em pé, quase batendo a cabeça no teto da van. — Quem te disse que eu estava atrás por um décimo?

— Não importa — disse a mulher do Departamento de Saúde Pública, com sensatez. — A questão é que você está sendo severa demais consigo mesma, Colleen. Não há por que se envergonhar do transtorno de conversão. E é algo relativamente fácil de tratar.

— Ah, é? Se é tão fácil, por que é que ninguém está tratado? — perguntei, de pé, com a cabeça inclinada, as mãos no teto da van.

— Só chegamos a um consenso quanto ao diagnóstico hoje à tarde. Queríamos fazer alguns testes primeiro para descartar a possibilidade de contaminação por trietilenoglicol e ganhar a confiança dos pais. As pessoas ainda não nos deram ouvidos. Mas estamos trabalhando para mandar Bethany Witherspoon e sua “equipe” — de novo, as aspas com os dedos — de volta para o lugar deles. Aí, vamos poder começar a fazer um verdadeiro progresso. Já tive uma reunião com o conselho de administração da escola. Estamos confiantes de que esse é o diagnóstico correto. E a solução é uma espécie de terapia da fala e, em alguns casos, antidepressivos. Terapia cognitivo-comportamental. Que é apenas uma forma sofisticada de dizer “aprender a observar e modificar nosso próprio comportamento”. É fácil, e a pessoa nem precisa se deitar no divã. Você vai ver, Colleen. Em poucos meses, tudo isso vai ter acabado.

Minha certeza vacilou. Ela parecia muito segura do que dizia. Se o transtorno de conversão era verdade, então não era nossa culpa. E se estivéssemos loucas e não soubéssemos? Talvez estar louco fosse isso: não saber que estávamos loucas.

Mas, lá no fundo, no lugar onde eu guardava todas as verdades secretas que eu não gostava de admitir nem para mim mesma — a competição com minhas amigas, as decepções com meu corpo, o que eu desejava fazer com Spence, o que eu sonhava em dizer para os meus pais quando estava irritada com eles, a chave de braço que tinha vontade de dar em Michael e Wheez às vezes —, quando olhei dentro dessa caixa secreta tentando me convencer de que a mulher do Departamento de Saúde Pública estava certa, que eu tinha perdido a compostura mental junto com todas as minhas amigas, quando abri a tampa e olhei dentro dessa caixa, vi os olhos vermelhos de Emma me encarando.

Peguei minha mochila, com expressão séria.

— Você está se esquecendo de uma coisa — falei para ela.

— Ah é? O quê? — ela quis saber.

— Olhe onde a gente está — respondi.

— Como assim? — perguntou ela. — Na St. Joan? Um ex-convento.

— Não — falei. — A cidade.

— Danvers? — A mulher do Departamento de Saúde Pública parecia desconcertada, como se eu estivesse mais pirada do que ela imaginava.

— Exatamente — disse eu, abrindo a porta da van e saindo para a umidade daquela tarde primaveril.

— O que é que tem Danvers? — perguntou ela, espichando a cabeça para fora da van.

Virei-me, com um olhar fulminante.

— Você não sabe?

— Não — ela disse.

— Danvers — informei — mudou de nome em 1752. Antes, era “Vilarejo de Salem”.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— Você acha que o sr. Parris obrigou Tituba a confessar? — pergunta o reverendo Green, duvidando de mim.

Encolho os ombros, de cabeça baixa, olhando para as mãos.

— Eu sei que ele estava muito perturbado, precisando de dinheiro. Dizia que havia um complô contra ele na vila. E era verdade.

O reverendo Green passa a mão pelo cabelo, que cai graciosamente sobre seus olhos. Ele sabia do aspecto contencioso da comunidade que havia assumido. Pelo menos, acho que sabia. Mas a prova é cabal.

O cheiro de comida invade o ambiente, e fico com água na boca. O fogo em casa deve estar frio, a não ser que minha irmã o tenha mantido. Eu mesma juntei as cinzas antes de sair. Nosso jantar será carne fria, alguns grãos e talvez pão de milho, que fiz ontem. A comida tem andado escassa desde que meus pais morreram.

— Se ela, uma bruxa confessa, entregasse as outras, ele poderia julgá-las. Teria provas — insisto.

O reverendo Green me olha atentamente, percebendo que os adultos haviam dominado nosso jogo. Mas ele percebe também que não fizemos nada para recuperá-lo.

Uma semana e alguns dias se passam, e todo o vilarejo só fala das bruxas, de quem deveriam ser as outras seis. Os visitantes invadem a cidade, alguns ex-moradores, como nosso antigo ministro, o sr. Lawson, e alguns curiosos de povoados vizinhos, na esperança de conseguirem nos ver. Por onde quer que eu passe agora, sinto olhos me seguindo. A atenção me deixa sem graça, mas me cativa também. Abby floresce sob tantos olhares. Betty Parris fica cada vez menor e mais pálida, mas Betty Hubbard fica mais bonita.

Tituba confirmou nossas acusações de Sarah Good e Sarah Osborne, e elas foram mandadas para a prisão de Boston. Algumas de nós achamos que, com a prisão das bruxas, nossos tormentos diminuiriam. Mas Abby, Betty Parris, Betty Hubbard e eu continuávamos sendo acoissadas por vultos espectrais durante a noite. Até Mercy Lewis, que trabalhava para os meus pais, começou a gritar um dia de manhã, perto do fogo. Na verdade, com a prisão das bruxas, nossos tormentos aumentaram.

— O Diabo sabe que o descobrimos — pondera meu pai, à noite. Devia ser dia 19 de março. Minha mãe está em pé, andando de um lado para o outro. — Ele vai precisar avançar se quiser tomar conta do vilarejo. Espero que o sr. Parris esteja preparado.

— Oh — exclama minha mãe, entrelaçando as mãos. — Eu não aguento mais, Thomas. Não aguento. Duas de Boston, a Tituba disse. Tudo bem. E as três que conhecemos. Mas sobram quatro. Quatro, aqui

entre nós! Não consigo nem pensar. Mal consigo olhar na cara das pessoas, com medo de ver o Diabo.

— Isso explica a inveja, não? — reflete meu pai.

Ele tem dinheiro. As roupas da minha mãe são novas e elegantes. É pecado ter orgulho, ela vive repetindo, mas, quando a sra. Parris pergunta sobre sua capa com capuz, vejo minha mãe corar de prazer. Uma vez, ela contou, em tom de cobiça, que conheceu uma mulher em Boston que usava pérolas na orelha. Essa imagem ainda me persegue. Penso nos furos da orelha de Tituba e fico imaginando se todo mundo de Barbados usa brincos de pérolas também.

— Sim. Deus nos abençoou, e é como se tivéssemos que sentir vergonha por isso. Tento sentir pena delas, de verdade, mas é difícil.

— O que não falta aqui é orgulho — murmura meu pai. — Você tem razão. Annie?

Ele me entrega a caneca para eu encher.

— Peça para a Mercy — reclamo, com a cabeça inclinada sobre a comida.

— Pedi para você — diz ele, com frieza. — A Mercy já está ocupada.

Resmungando, levanto-me e pego a caneca. Mercy me mostra a língua e me dá um pontapé na perna quando passo.

— Oh, mas você está certo — diz minha mãe. Ela estava brincando com minha irmã no joelho e agora a põe no chão para aprender a andar. — Aquela sra. Martha, por exemplo.

— O quê? A esposa do sr. Corey?

— Essa mesma.

— Aquele bruto. Sabia que há alguns anos...

— Thomas, as crianças.

— É bom elas saberem. Mercy, você sabia que o sr. Corey já espancou uma das suas criadas até a morte?

Nossa criada Mercy Lewis não olha para o meu pai enquanto retira seu prato.

— Sabia, sim, senhor — ela responde, em voz baixa.

— Ele foi multado. Por uso indevido da força. Mas mesmo assim. E sua esposa? Bem.

— Ela não foi grossa com a Annie na reunião do ano passado? Foi, não foi? — minha mãe me pergunta quando reapareço com a cerveja do meu pai.

— Foi, mãe — respondo. — Eu a interrompi, e ela me deu um soco na orelha. Me chamou de capeta.

Mercy Lewis ri pelo nariz, mas um olhar da minha mãe a silencia.

— E ela está sempre lendo livros estranhos — continua minha mãe. — Não suporto mulheres que leem.

— Pode te levar para o mau caminho, com certeza — diz meu pai, com a caneca no rosto.

Minha mãe rói as unhas, pensativa.

— Por quê, Thomas? — diz ela, referindo-se a uma lembrança, repousando a mão no braço do meu pai. — Não sei por que eu não vi.

— O quê? — pergunta meu pai, baixando a caneca.

— No ano passado. Os furúnculos das crianças. Lembra?

— Furúnculo?

É verdade. Em algum momento do ano passado nasceu um terrível furúnculo no meu pescoço. O

médico teve que tirá-lo, e ficamos com medo que infeccionasse. Meus irmãos também tiveram. Mercy disse que era por falta de banho, que seus familiares do Leste tinham o tempo todo. Na época, foi o que minha mãe também achou.

— Ann. Tem certeza? — meu pai pergunta à minha mãe.

— Quase absoluta.

— Devemos perguntar ao médico se ele se lembra. Annie, vá chamar Betty Hubbard lá no sótão.

Preciso falar com o tio dela.

Uma hora depois, minha mãe, meu pai, Betty Hubbard e eu chegamos ao Ingersoll's Ordinary no final da rua, onde o médico está hospedado, perto do presbitério. A taverna está sempre cheia, e aquele final de tarde não era exceção. Entramos num salão lotado de pessoas em volta das mesas ou em bancos encostados na parede. Muitos rostos desconhecidos, todos ali para observar e fofocar. Encontramos o dr. Griggs jantando. Ele limpa a boca e oferece lugar para os meus pais. Eles se sentam juntos, enquanto Betty Hubbard e eu vamos para perto do fogo.

— Ali está o sr. Lawson — sussurra Betty Hubbard, apontando para o nosso ex-ministro.

— Ouvi dizer que ele vai pregar no domingo — sussurro de volta. — Que o reverendo Parris está distraído demais com a Betty e o resto.

— Não é de espantar — diz Betty Hubbard. — Se Satanás estivesse tentando derrubar meu ministério, eu também estaria assim.

Betty Hubbard parece ter se esquecido de como começou nosso mal-estar. Quando ela fala, vejo convicção nas suas palavras. Sei que ela acredita nos adultos. Acredita tanto que quase me convence.

A porta se abre e aparece outra menina mais ou menos da nossa idade, de rosto pálido e cansado.

— Quem é essa? — Betty me cutuca.

— Ah! É a Mary Walcott — respondo.

Betty franze a testa, confusa.

— Você conhece a Mary Walcott. O pai dela é capitão — digo.

Betty olha com curiosidade para Mary, esforçando-se para lembrar, mas antes de chegar a entrar, Mary solta um berro. Betty e eu pulamos de susto e nos agarramos. O lugar fica em silêncio. Todos param para olhar.

— Meu pulso! — grita ela. — Meu pulso! Está queimando!

Algumas mulheres correm para acudi-la, em alvoroço. Uma delas vem com uma vela. As mulheres levantam a manga da camisa e veem marcas de dentes, formando um semicírculo perfeito. As marcas chegam a sangrar. Uma gota cor de vinho cai no chão da taverna.

— Meu Deus do céu: ela também! — exclama alguém, e o reverendo Lawson se levanta rapidamente, indo em socorro de Mary Walcott.

— Você viu quem fez? — Betty Hubbard me pergunta, enfiando a mão no meu braço.

— O quê? — pergunto, nervosa.

A confusão é geral, todos querendo ver a ferida de Mary.

— Ué, é igualzinha à sua, Annie! — grita Betty Hubbard, e, antes de eu poder dizer qualquer coisa, meus pais e o dr. Griggs reaparecem e pegam meu braço.

— Eu tinha razão — minha mãe sussurra para mim. — Esses furúnculos vieram logo depois que a dona Corey te deu uma bofetada na orelha. E agora o vulto dela decide morder a coitada da Mary Walcott, como ela fez com você!

— Mas, mãe — começo a protestar.

— Vamos ao presbitério — meu pai nos informa. — Precisamos contar para o reverendo Parris que a Martha Corey é uma das nove.

Meia dúzia de pessoas sai à rua conosco, todos falando sobre Martha Corey, sua altivez, o marido idoso, mas violento, seus livros. O reverendo Lawson nos acompanha, levando junto Mary Walcott, que segura o braço, aos prantos. Em questão de minutos, estamos batendo na porta do presbitério, e a sra. Parris vem atender, já pálida de tensão. Ouvimos berros.

Entramos todos e, quando nos damos conta do que acontecia lá dentro, recuamos, aterrorizados.

Vemos Abigail Williams, iluminada sinistramente pelas chamas da lareira, contorcendo-se em convulsões, correndo de um lado para o outro, como um animal aprisionado. O tenente Ingersoll dá um passo à frente e tenta agarrá-la, mas Abby estica os braços e consegue escapar.

— *Uish! Uish! Uish!* — berra ela, com toda a força, balançando os braços como um pássaro, ricocheteando nas paredes com os cabelos esvoaçantes. De repente, ela para. — Oh, não — diz, horrorizada, olhando fixo para um espaço vazio no chão.

— Quem é? — um de nós pergunta. — É a dona Corey?

— A dona Nurse! — grita Abby, apontando a mão trêmula em direção a nada.

— Onde? — indaga outra pessoa.

— Vocês não conseguem ver? Está bem ali! — Abby treme.

Ficamos chocados. Rebecca Nurse tinha uma ótima reputação. Nunca ouvi falarem nada mau a seu respeito, e eu ouvia falar de quase todo mundo.

Abby balança a cabeça em pânico, levantando as mãos como se estivesse se protegendo.

— Não! — berra ela. — Eu não vou pegar! Não vou!

— Pegar o quê, menina? — pergunta o reverendo Lawson, atônito. — O que a dona Nurse está te oferecendo?

— Um livro, um livro.

Abby fecha os olhos e faz que não com a cabeça.

— Que livro? — quer saber o reverendo Lawson.

— Não sei, não sei que livro é esse. Tenho certeza de que não é um livro de Deus. Deve ser o livro do Diabo!

Abby se livra de mãos invisíveis, correndo em círculos como se fosse sair pela chaminé. Em seguida, com os olhos febris, ela cai de joelhos em frente à lareira, enfia a mão no fogo e pega pedaços de lenha acesa, gemendo, rodeada por uma chuva de faíscas.

*DANVERS, MASSACHUSETTS**SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2012*

Os repórteres ocupavam novamente a entrada da escola, embora metade deles estivesse seguindo Bethany Witherspoon pelo campo de hóquei, atrás do tão noticiado resíduo tóxico. Cheguei à muralha externa de repórteres e comecei a abrir caminho.

— Com licença — falei, afastando uma pessoa de terninho mal ajustado.

Uma luz foi ligada na minha cara.

— Jovem! — um sujeito gritou perto do meu ouvido. — O que você acha de Bethany Witherspoon? Está feliz com a presença dela aqui?

— Feliz? Não — respondi.

Microfones apareceram na minha frente.

— Você não acha que ela finalmente conseguirá a atenção mundial que a Doença Misteriosa merece? — outra pessoa perguntou.

— Não acho que essa doença merece mais nenhuma atenção. Com licença — falei, baixando a cabeça.

— Senhorita! Senhorita! Você é amiga de alguma das meninas atingidas? — berrou outra voz.

— Você acha que a Igreja deveria tentar o exorcismo? Essa doença pode ser de natureza espiritual? — perguntou outro.

— Vocês poderiam ir embora? Meu Deus!

Pus as mãos na lente da câmera do cara da cmn, empurrando-a. Quando fui ver, já estava dentro da escola, segura, no corredor deserto. Parei, percebendo que estava prendendo a respiração.

A dor de cabeça cedia. Não tinha desaparecido totalmente, mas era como se o saca-rolhas que me perfurava o cérebro já estivesse metade fora. E quando gritei com o repórter, minhas palavras saíram na ordem.

Adotei um ar de determinação e fui correndo para a sala da sra. Slater.

Ainda faltavam cinco minutos para a quinta aula, e eu tinha que esperar que ela terminasse com as calouras. Espiei pelo vidro pontilhado da porta e vi o contorno borrado da minha professora substituta de História apontando para alguma coisa escrita no quadro-negro. Havia um pouco menos da metade das alunas.

Lembrei-me do sr. Mitchell.

Tad.

Tad e Emma. Como é que isso podia ter acontecido? Eu não conseguia entender. Quem terá começado? Terá sido apenas uma questão de troca de olhares durante algum teste? Será que um dia a mão de um roçou sem querer a mão de outro?

Ela realmente o amava?

E ele? Será que ele a amava?

Imaginei o sr. Mitchell levantando o rosto de Emma pelo queixo e aproximando sua boca da dela. Lembrei das sombras unidas naquele dia, no fundo do café. Talvez eu fosse ingênua. Quer dizer, eu sabia que era. Será que os pais de Emma sabiam do caso deles? Terá sido por isso que eles a mantiveram em casa?

O sinal tocou, e as calouras saíram da sala de História em fila, cochichando umas com as outras. Algumas me olharam rapidamente e desviaram o olhar. Meu Deus, havia somente oito alunas.

— Colleen? — chamou a sra. Slater, vendo que eu esperava do lado de fora. — Você está esperando para falar comigo? Está tudo bem?

Olhei por sobre o ombro, nervosa, e entrei rápido, fechando a porta atrás de mim.

— Não — respondi. — Não está. Preciso conversar com a senhora.

Levei apenas alguns minutos para contar a ela o que tinha acontecido com Emma. Fiquei observando seu rosto enquanto falava. A sra. Slater era uma pessoa de fora, e era esperta. Tinha aquele jeito acadêmico que, por algum motivo, inspirava confiança. Ela entenderia. Talvez até já desconfiasse, mas não tinha provas.

Ela se sentou na mesa abandonada do sr. Mitchell.

— Hum — fez, levando a mão à testa.

— É a Emma, não é? — perguntei, apoiando minha mão na mesa. — Tem que ser. Talvez ela nem saiba que está fazendo isso. Mas é ela, não é?

— Olhe... — a sra. Slater começou a dizer, mas parou. Piscou os olhos duas vezes. Depois, me encarou. — Não era o que eu esperava que você me dissesse. Não mesmo.

— Mas a senhora deve ter pensado alguma coisa assim. Senão, por que me incentivou a fazer um trabalho extra sobre Ann Putnam? — perguntei, com a voz frágil.

— De verdade? Porque achava que você precisava desse ponto extra — ela respondeu, coçando a testa e me olhando, desconfiada.

— Ah, qual é!

Peguei um pedaço de giz na mesa e o arremessei.

— O que você quer que eu diga, Colleen?

A sra. Slater se levantou e foi até o púlpito na frente da sala. Agarrou-o firmemente e abaixou a cabeça entre os braços.

— Mas, sra. Slater... — esbocei um protesto.

— Por Deus, Colleen. Imaginei que você fosse descobrir que elas estavam fingindo. O.k.? Foi o que achei que estivesse acontecendo. — Ela aumentou a voz. — Imaginei que você fosse perceber também. Você leria a respeito da desculpa de Ann Putnam e perceberia que todas as meninas estavam fazendo aquilo para chamar a atenção e se livrar do trabalho, exatamente como elas fizeram em 1692, nesta mesma cidade maldita. Para falar a verdade, achei que você fosse inteligente, popular e veterana o suficiente aqui na escola para fazer com que a direção a escutasse. Achei que a única forma de controlar a situação fosse por meio de uma objeção de uma pessoa de dentro, como você. Aí, essa epidemia ridícula acabaria sem ninguém ser demitido, processado, nada dessa baboseira. Foi o que pensei, o.k.? Foi por isso que pedi para você investigar o caso de Ann Putnam. Foi por isso que insisti tanto e te

mandei mensagens de texto, para te lembrar. O.k.? — disse ela, quase gritando, batendo com o punho no púlpito.

— Mas eu sou só uma criança! — protestei, aumentando a voz também. — Ninguém vai me dar ouvidos! A senhora é professora! Se a senhora achava que elas estavam fingindo desde o início, por que não disse logo? Por que não foi falar com o conselho de administração ou com a imprensa?

— Ah, sim, com certeza — disse ela, com uma amargura desconcertante. — “Oi, pessoal da direção desta escola privada para ricos e poderosos, sou uma professora assistente desempregada, com uma dívida de trinta mil dólares no cartão de crédito e milhares de empréstimos estudantis, que aceitou o trabalho de professora substituta no ensino médio porque está desesperada. E querem saber? Acho que suas filhas estão fingindo.” Sim. Teria funcionado com certeza.

— Mas... — Eu não sabia o que dizer. Jamais havia me ocorrido que eles pudessem não respeitá-la.

— “Oi, eu sou a professora substituta sem experiência que vocês contrataram no último minuto porque o antigo professor de História daqui era, basicamente, um estuproador profissional. E digo mais: não concordo com seu jeito de administrar esta instituição” — disse ela, jogando as mãos para o alto, num gesto de raiva e desesperança.

— Se é assim, por que elas melhoraram quando apareceram na televisão em Nova York? — perguntei. — A senhora viu. A Clara não estava nem gaguejando. Tipo, quanto mais longe da Emma, melhores elas ficavam. Como eu hoje.

— Sei lá! — exclamou ela. — Talvez tenha a ver com o lugar. Talvez isso aconteça só aqui, neste contexto, entre suas companheiras de turma, parentes etc. Como vou saber? Mas isso não prova que a Emma é a responsável. Só que o problema acontece apenas quando elas estão aqui.

— Mas, sra. Slater — falei, temendo que as palavras saíssem hesitantes pela insegurança —, eu não estou fingindo. Aconteceu mesmo. Aconteceu comigo também.

Ela ergueu a cabeça, fitando-me com os olhos cansados. Percebi que a sra. Slater não era tão mais velha que eu. Eu tinha me enganado por conta dos óculos, da roupa formal e do salto. Mas ali na minha frente eu via uma menina sobrecarregada, com tanto medo quanto eu.

— Eu sei, Colleen. Acredito em você. E sinto muito, de verdade. Mas já falei com o pessoal do Departamento de Saúde Pública.

— Falou? — perguntei, perdendo a certeza.

Ela não ia acreditar em mim.

— Sim. Você ouviu a opinião deles?

Ela me olhava atentamente, como se temesse que eu fosse dar um escândalo.

— Ouvi, sim — respondi baixinho.

Sentei-me numa das mesas da frente da sala.

— Acontece às vezes. Esse negócio de transtorno de conversão. Fui verificar — ela falou num tom delicado, não de julgamento, como o da mulher do Departamento de Saúde Pública.

— Parece uma invenção — comentei, sem conseguir encará-la.

— Mas não é. Acontece com frequência, no mundo inteiro. Mais com meninas adolescentes. Meninas que se encontram sob intensa pressão e estresse.

De novo aquela palavra: *estresse*.

— Mas por que aconteceria com tantas meninas aqui? Se é só estresse e pressão que o corpo não aguenta, por que se parece tanto com doença?

— Sinceramente? As doenças mentais às vezes se espalham assim mesmo. É estranho, mas acontece. *Folie à deux* é um dos termos. Mas existe outro que não usamos mais com tanta frequência.

Fiquei olhando para ela, horrorizada.

— A senhora acha que sou histérica. A senhora realmente acha que tenho histeria. De que ano é isso? 1896?

— Não, Colleen — disse a sra. Slater, apoiando um cotovelo no púlpito e o rosto na mão. — Acho que vocês estão só muito estressadas. Só isso. Acho que assim que conseguirmos nos livrar desses repórteres e dessa tal de Bethany Witherspoon, assim que todo mundo estiver bem encaminhado nas escolhas de universidade e vocês perceberem que a escola já é coisa do passado, tudo isso que está acontecendo será apenas uma lembrança remota. Um dia, essa lembrança será uma história engraçada, até vocês sentirem como se nada disso tivesse acontecido com vocês, mas com alguém que vocês conheciam.

Descansei a cabeça nas mãos. Eu confiava nela. Confiava na sra. Slater mais que na mulher do Departamento de Saúde Pública. Talvez elas soubessem o que estavam dizendo. Fiquei dividida entre o que elas me diziam e o que eu dizia a mim mesma.

Levantei-me e ajeitei a mochila no ombro.

— Muito bem — falei, fazendo o máximo para parecer resignada.

A sra. Slater me observava, para ver se eu estava convencida.

— Desculpe-me — ela disse. — Eu devia ter confiado mais em você, ter te chamado num canto logo no início e te contado minhas dúvidas a respeito da Clara. Mas eles não pensam duas vezes na hora de demitir as pessoas aqui, como você deve ter percebido. E eu sou totalmente nova. Preciso pagar o aluguel, como todo mundo.

Percebi que estava decepcionada com a sra. Slater. Esperava mais dela.

— Tudo bem. Eu entendo — falei. — Eu teria feito o mesmo. Mas tem uma coisa que eu realmente gostaria que alguém me explicasse.

— O quê? — quis saber a sra. Slater.

— Como é que a histeria pode fazer com que a Anjali vomite alfinetes de verdade? — perguntei, seriíssima.

A sra. Slater abriu a boca para responder, mas ficou sem palavras. Eu não esperava que ela respondesse mesmo. Enquanto eu falava, meu telefone vibrou com uma nova mensagem de texto. Spence estava esperando.

— Sabe, é muito estranho ir a um internato que fica a apenas quarenta minutos de carro da casa dos seus pais — comentei, aproximando-me.

— Colleen! — exclamou ele, puxando-me para perto, com os dedos nos meus cachos. Bati no volante. — Eu estava preocupado.

— Own — murmurei com o rosto no seu peito.

— O que está acontecendo? Você está bem? O que foi? — Spence se afastou a uma distância suficiente para olhar nos meus olhos. Tirou um cacho de cabelo da minha testa, tocando no meu rosto com

a ponta dos dedos para assegurar que eu estava lá mesmo, e bem.

— Estou bem — falei baixinho.

Ele passou a mão pelo meu rosto, demorando mais no canto da boca, e seus olhos se fixaram nos meus por um longo minuto. Engoli em seco.

— Colleen — ele começou a dizer, mas, antes que ele dissesse qualquer outra coisa, peguei seu rosto entre as mãos e puxei sua boca em direção à minha.

Ele resistiu por um segundo — surpreso, imagino —, mas depois relaxou e me beijou com muita vontade. Pôs uma mão na parte de baixo das minhas costas e a outra no meu cabelo, inclinando-se sobre mim e me puxando contra seu corpo. Meu joelho bateu no câmbio de marcha, e minhas mãos percorreram sua cintura, buscando embaixo da camisa até encontrar pele.

Seu beijo era perfeito.

Salgado, doce, viril. Perfeito.

Tive que fazer muito esforço para me lembrar que estávamos num carro parado ilegalmente no estacionamento da minha escola, o mesmo estacionamento que havia sido ocupado por manifestantes revoltosos e uma boa porcentagem da mídia nacional. Ouvimos os gritos de um manifestante nos degraus da escola e vimos um sujeito passar pelo carro com uma câmera no ombro, seguido por um repórter de sobretudo. Afastei-me de Spence, sorrindo. Enxuguei os lábios com as costas da mão.

— Obrigada por ter vindo me pegar — falei.

Spence estava ofegante, e seus olhos piscavam rapidamente.

— Tive que faltar ao basquete. O que está acontecendo?

— Te conto no caminho.

— Combinado.

Ele se atrapalhou todo para ligar o carro, recobrando-se.

— Para onde vamos? — perguntou.

— Para a casa da Anjali.

— Para a casa da Anjali — repetiu. — Só queria lembrar que estou ausente sem permissão. Se eu não voltar até as dez, levo anotação por escrito.

— Tudo bem — falei.

— Sério. Mais duas anotações, e sou suspenso.

— Tudo bem!

Anjali morava numa mansão estranha em Prides Crossing, um pouco deslocada na Nova Inglaterra, porque era feita de estuque e tinha aquelas telhas espanholas no telhado, além de uma garagem para uns cinco carros. Sempre me esquecia de como chegar lá. Precisava usar o gps do celular. Ficamos quinze minutos perdidos no centro de Beverly até eu me achar e indicar a direção certa.

Enquanto isso acontecia, Spence procurava uma forma delicada de me dizer que eu estava enlouquecendo.

— Não é que eu não acredite em você — insistiu, virando pela segunda vez numa rua transversal que dava num cemitério cheio de lápides caídas. Olhei para o outro lado. Às vezes sou supersticiosa.

— Você não acredita — falei. — Dá para ver.

— Colleen, escute. Eu acredito em você, sim. O.k.? É que... Não sei. Deixando de lado a questão de

se é possível ou não, por que a Emma faria isso? Achei que ela se desse bem com todo mundo.

— Talvez ela não consiga evitar — disse eu, olhando o gps. — Vira à esquerda.

— Aqui? Espere, aqui?

— Não. Já foi.

Spence revirou os olhos e fez um contorno ilegal.

— Olhe — disse ele —, não existe como uma pessoa fazer esse tipo de mal aos outros. É impossível.

E, além disso, ela não tem motivo nenhum. Sendo assim, o que a mulher do Departamento de Saúde Pública disse não faz mais sentido?

Larguei o telefone na perna e olhei irritada para ele.

— Você acha que estou louca?

— Não foi o que eu...

— Acha? Diga!

— Mas...

— Porque, se você não acredita em mim, é melhor eu descer aqui e você voltar para não ser suspenso. O.k.? Por mim, tudo bem — ameacei, já com a mão na maçaneta, para mostrar que eu estava falando sério.

Spence me olhou, preocupado.

— Pare com isso, Colleen. Não foi isso o que eu quis dizer.

— Foi o quê, então?

— É que eu não entendo. Você sabe como funciona?

— O quê? O que a Emma faz?

— Sim.

Olhei pela janela para o modesto centro de Beverly aos poucos se transformando em residências suntuosas, a maioria escondida atrás de cercas, com portões eletrônicos, interfonos e códigos. Haras nos fundos. Lindos campos, cobertos de geada. Luzes que acendiam antes de escurecer. Prides Crossing não se parecia muito com Danvers, isso é certo.

Vi minha imagem refletida no espelho retrovisor e fiquei chocada de constatar como eu parecia mais velha. Minhas bochechas tinham perdido a robustez e meu rosto estava chupado. Virei a cara para me esconder de mim mesma.

— Também não sei. Não te culpo por achar que parece loucura. Mas uma coisa eu garanto: histeria é uma coisa da nossa cabeça. E histeria não explica a Anjali pondo para fora alfinetes de verdade. Explica?

Fiquei olhando para ele no escuro, procurando em seu perfil um sinal de que ele concordava comigo. Mas ele permaneceu impassível. Mexeu no cabelo, tirando-o do rosto, olhou rapidamente para mim e voltou a prestar atenção na estrada. Em vez de responder, ele perguntou, dando seta:

— Qual o número mesmo? 1645?

Entramos no terreno da casa de Anjali, seguindo pelo acesso de cascalho que levava à garagem, a uns quinhentos metros da entrada. Uma vez, ela me contou que seu pai tinha que pagar alguém para varrer o cascalho.

Todas as janelas da casa tinham um brilho laranja, parecendo uma abóbora iluminada. Reconheci o

Mercedes da mãe de Anjali estacionado do lado de fora.

Minha respiração saiu como fumaça quando desci do carro de Spence.

— Espero aqui? — perguntou ele. — Só a vi, tipo, umas duas vezes.

A luz da casa fazia com que metade do rosto de Spence ficasse na sombra.

— Você é amigo do Jason. Ela deve saber mais sobre você que eu.

Ele sorriu, marcando ainda mais a covinha do rosto. Já na porta de entrada, enquanto esperávamos que alguém atendesse à campainha, ele sussurrou:

— Francamente, acho que não.

Ouvimos risos e passos lá dentro, até que a mãe de Anjali veio abrir a porta.

— Colleen! — exclamou ela com seu lindo sotaque britânico, me dando um abraço apertado. — Meu Deus! Entre, entre. Se eu soubesse que você vinha, teria preparado mais *poori*. Quem é esse? — perguntou, inspecionando Spence de cima a baixo com um sorriso educado.

— Oi, dra. Gupta, eu sou o Spencer — disse Spence, esticando o braço como devia fazer desde os quatro anos de idade, vestido com uma jaqueta esporte azul-marinho em miniatura, com botões de metal. — Vou à escola com o Jason.

— Ah! Spencer, claro. A Anjali comentou sobre você — falou a dra. Gupta, cumprimentando-o e me olhando de relance. — Está todo mundo na cozinha. Venham.

Acompanhamos a dra. Gupta por um longo corredor de mármore até a cozinha, quente e iluminada por conta da comida que se preparava. Ao nos ouvir chegar, um sujeito sentado no balcão de granito se vira e sorri. Falando no Diabo, ele aparece: Jason Rothstein, se empanturrando com os *pani poori*.

— Cara! — disse ele, levantando-se e dando um abraço de *brother* em Spence. — E aí? Beleza?

— Colleen! — exclamou Anjali, me abraçando por trás sem que eu visse.

— Oi, Anj — falei. Todo mundo parecia supernormal. Não fosse pela voz áspera de Anjali e as cascas de ferida no canto de sua boca, eu jamais diria que havia algo errado.

— Vocês podem ficar para jantar? Tem comida para todo mundo, não tem, mãe?

— Vou verificar — respondeu a dra. Gupta, não tão convicta.

— Hum — hesitei. — Seria ótimo. Mas, Anj, escute. Preciso conversar com você.

Ela viu pela minha cara que algo estava errado.

— Claro — disse, franzindo a testa, preocupada. — Vem cá.

Os meninos se acomodaram no balcão de granito, sacaneando um ao outro sobre a ausência sem permissão e avaliando quem ia se ferrar mais no domingo, enquanto Anjali me conduziu pela mão à sala de família. As luzes estavam apagadas lá. Anjali tinha uma dessas casas em que alguns cômodos não eram usados por várias semanas seguidas numa determinada época. A sala de família parecia um lugar assim. Cheia de poltronas de chita onde ninguém sentava.

— Anj — falei, sussurrando.

— O que foi, Colleen? Meu Deus, você parece exausta! Você tem dormido, Colleen?

Eu ouvia a voz de Anjali na penumbra da sala, observando seus movimentos no escuro.

— Olha, você vai achar que estou louca de perguntar, mas a primeira vez que aconteceu aquilo, com os alfinetes. Você estava com a Emma?

— A Emma? — perguntou ela, e dava para ver, pela silhueta, que ela franzia a testa. — Hum. Talvez.

Na verdade, estava. Agora que você falou, lembro que tinha acabado de tomar café com ela. Cheguei em casa, e aconteceu, tipo, dez minutos depois. Por quê?

Enfiei os dedos no estofado de chita.

— Estive na casa dela hoje — contei. — Ela estava muito mal.

— Por causa do Tad — disse Anjali, assentindo com a cabeça. Ela estava perto da estante, do outro lado da sala, andando de um lado para o outro. Lentamente, mas em movimento. — Eu sei.

— Você *sabia*?

— Claro, Colleen. Achei que todo mundo soubesse.

— Eu não sabia! — exclamei, perplexa e chateada de Emma não ter me falado algo tão importante.

Afinal de contas, éramos melhores amigas uma da outra. Teoricamente. Dava para entender por que Emma preferiria falar de meninos com Anjali, em vez de comigo. Para começar, Anjali tinha namorado. Ele estava lá na cozinha, de papo com sua mãe. Mas agora eu também tinha. Não? O meu namorado também estava na cozinha.

— Bem... — respondeu, encolhendo os ombros sem olhar para mim.

— O que isso quer dizer?

— Nada. Você tem se esforçado muito. A gente entende.

Ela disse essas palavras com tanta facilidade que dava para ver que ela estava dizendo o que devia dizer, não a verdade. No lugar onde ela estava eu já não conseguia enxergá-la. Ouvi sua voz vindo do nada. Curvei-me, com as mãos no joelho. Suas palavras me tiravam o ar, como um soco no estômago.

— Mas eu não sabia... não sei...

Minha melhor amiga não pôde confiar em mim num dos momentos mais difíceis da sua vida. Eu estava envolvida demais com minhas coisas para conseguir ver sua dor.

— Uma situação muito difícil — observou Anjali, dando um passo para a frente. Consegui ver o contorno do seu cabelo contra a luz da cozinha. — Eles tiveram o caso deles, essa história toda, que já é bem complicada, porque, como você sabe, a Emma nunca teve um namorado antes, muito menos um professor. Até que a mãe dela descobriu, ele pediu demissão sem ela saber, e agora ele não quer mais nada com ela. Ela está arrasada.

— Meu Deus. Coitada da Emma! — Eu me senti mal.

— E depois tem a questão dos pedidos de matrícula nas universidades. Ele ia escrever cartas de recomendação para ela, e Emma diz que agora ele não vai escrever mais, que não seria *certo*. — Anjali bufou ao dizer esta última palavra, em tom de escárnio. — Você sabe que deve ter sido por causa dele que ela não conseguiu uma entrevista em Harvard, não sabe? O Tad frequentava a faculdade e tudo.

— Que cretino!

Fui tomada por uma sede de vingança. Queria sair correndo para proteger Emma. Mas, de uma hora para a outra, esse desejo de proteção se transformou em vergonha. Eu não estive presente para ela. Onde eu estava?

— Pois é — concordou Anjali, cruzando os braços.

Ficamos nos olhando por um bom tempo, no escuro, separadas pela luz da cozinha. Na cozinha havia calor, comida, meninos e tudo de bom que existe na vida. O que estávamos fazendo aqui, na escuridão?

— Anj — falei. — Quando estive com ela hoje, aconteceu uma coisa muito estranha.

— Como assim, estranha?

— Ela estava chorando. Aos prantos. Como se tivesse acabado o mundo. Nunca vi a Emma tão mal.

— Sei.

— E quando ela me olhou... — Fiquei procurando uma forma de explicar a sensação que tive quando Emma olhou para mim, aquela dor lancinante, os olhos dela ficando vermelhos.

— Fala!

— Foi como... uma pontada na testa. Tipo, imagina a pior dor que você já sentiu, só que triplicada. Era quase como se estivesse vindo de fora, uma estaca me apunhalando o cérebro. A dor foi tão forte que acho que desmaiei, e quando acordei estava falando de trás para a frente.

— Você está falando sério? — Anjali se aproximou de mim, baixando a voz a um sussurro quase inaudível. — De trás para a frente?

— Sim. De trás para a frente.

— Você acha que pegou a Doença Misteriosa?

Olhei de um lado para o outro, preocupada que alguém me ouvisse e achasse que estou louca.

— Acho — respondi, sussurrando. — E digo mais: acho que a Emma, de alguma forma, é a responsável.

— Ah, qual é! — Anjali aumentou a voz, e eu pedi para ela se calar.

— Não sei como explicar de outra forma — falei, num tom contrariado. — Todo mundo que ficou doente adoeceu logo depois de estar com ela. Certo? A Clara, na sala de estudos. A Outra Jennifer, no laboratório de Biologia. Elizabeth, no campo de hóquei. Aquelas meninas na reunião. Você.

— É coincidência. Do que você está falando? Isso nem é possível.

Anjali aproximou o rosto do meu, olhando-me como se tentasse ler minha mente.

— Anjali, eu senti acontecendo — falei, pegando seu braço, desesperada para ela acreditar em mim. — Ela estava tão mal que quase nem percebeu que eu estava lá. Era como se aquele sentimento estivesse saindo dela e entrando em mim. Não dava para evitar. A única saída que encontrei foi fugir. Depois que saí de lá, comecei a me sentir melhor. Tipo, imediatamente.

— Você fugiu? — ela perguntou, consternada. — Ela estava lá, supermal, num dos piores momentos da sua vida, e você simplesmente foge? O que está acontecendo com você, Colleen? Você nunca foi assim.

Tirei a mão do seu braço e encarei Anjali, chocada.

— O que você quer dizer com isso?

— Olha, sei que você está superempolgada com a possibilidade de ser a oradora da turma na formatura e tudo mais, e acho que a gente tem sido muito compreensiva em relação a isso. Mas você precisa reavaliar suas prioridades urgentemente, Colleen. A Emma é sua amiga. Ela está muito mal. O Tad mexeu muito com a cabeça dela, e talvez tenha até estragado sua vida. E agora você quer pôr toda a culpa da doença nela? De verdade, Colleen, o que está acontecendo com você?

— Não foi o que eu... — Dei um passo para trás, sem perceber, atordoada com o que Anjali estava dizendo.

— E, de qualquer maneira, minha mãe falou com o Departamento de Saúde Pública, tipo, há dois dias. Eles já sabem o que é.

— Eu também falei com eles — comentei, com crescente urgência. — Eles chamam de “transtorno de conversão”, alguma coisa assim. Mas, Anj, isso é tipo uma reação ao estresse. Não explica por que você vomita alfinetes!

— Não — disse a dra. Gupta, aparecendo na porta. Levei um susto. Não sabia há quanto tempo ela estava ali e o que ouviu. Ela veio para a sala e abraçou a filha. — Não explica. Mas isso porque a Anjali não tem transtorno de conversão. Ela não está com a Doença Misteriosa.

— Como assim? — perguntei, desconcertada.

A dra. Gupta olhava com carinho para Anjali, que a espiou com olhos de preocupação.

— Você quer contar para ela? — perguntou a dra. Gupta. — Não precisa, se não quiser.

Anjali engoliu em seco.

— Eu tenho alotriofagia — disse ela, encarando-me.

— Alotriofagia? — repeti, olhando para as duas. — Não sei o que é isso.

— Alotriofagia — explicou a dra. Gupta — é uma afecção rara entre seres humanos, de apetite por coisas ou substâncias não alimentares, como terra ou, às vezes, alfinetes.

Dei outro passo para trás, vacilante, procurando algum ponto de apoio. Sentia-me levitar no ar da noite, sem nada para me ancorar ao chão.

— Você tem isso? — perguntei.

Anjali respondeu que sim com a cabeça.

— Às vezes — disse ela —, o transtorno é causado por uma deficiência nutricional. Como falta de ferro. Tipo, seu corpo acaba desejando coisas estranhas porque estão faltando nutrientes importantes. Mas seu estômago nem sempre aguenta, e aí você vomita.

— Você come os alfinetes *de propósito*? — perguntei, contorcendo o rosto só de imaginar. — Desde quando?

— Hum — Anjali olhou para a mãe, procurando confirmação. — Não sei. Não me lembro de comer alfinetes. Mas minha mãe disse que isso é comum, de as pessoas com alotriofagia não lembrarem do que comeram. Tipo, é criado um bloqueio.

— O importante — continuou a dra. Gupta — é que sabemos qual é o problema. E sabemos como tratá-lo. A Anjali vai ficar bem. Assim como todas as outras meninas. Assim como você, Colleen.

— Vou — repeti. Não sei se estava afirmando ou perguntando. Queria encontrar o Spence. Dava para ouvi-lo na cozinha, permitindo que Jason o chamasse de babaca.

— Vai, sim — confirmou a dra. Gupta, apoiando as mãos nos meus ombros. Meus músculos estavam tão tensos que parecia que meus ombros tocavam a orelha. — Olhe só para você. Uma menina tão bonita, que se esforça tanto. Não precisa. Acho que a melhor coisa a fazer agora é ir para casa e ter uma boa conversa com seus pais. Eles podem marcar uma consulta para você no pediatra. Não há nada do que se envergonhar. O transtorno de conversão não é comum, mas acontece, mais do que imaginamos, principalmente com moças como você. Seus pais te amam muito e só querem que você seja feliz.

Hesitei. A dra. Gupta era famosa. Era amiga da minha mãe. Ela se importava comigo. E estava dizendo que eu sofria de transtorno de conversão.

Todo mundo achava que eu tinha transtorno de conversão, menos eu.

— O.k. — disse eu. Estava tonta.

— Venha. — A dra. Gupta me deu o braço e me conduziu de volta para a segurança da cozinha. — A Anjali estava certa. A comida vai dar para todo mundo. Querem ficar para jantar?

Olhei para Spence. Ele fez um sinal para a porta e articulou a palavra *suspense*, sem emitir som.

— Hum, obrigada — falei. — Mas acho que a senhora tem razão. É melhor o Spence me levar para casa. Meus pais devem estar se perguntando por que eu não voltei ainda.

— Tudo bem — disse a dra. Gupta, tranquilizando-me com a mão nas minhas costas. — Fica para a próxima.

Ela voltou pelo corredor de mármore, e Spence e eu fomos atrás dela.

Anjali nos acompanhou até a porta de entrada, tentando disfarçar a decepção comigo, sem conseguir.

— Olha, está tudo bem — disse ela, de modo categórico. — A Emma sabe que você a ama.

— Estou preocupada que ela não saiba — falei em voz baixa.

— Converse com ela a respeito — sugeriu Anjali. — Ela vai entender. Ela só está passando por um momento difícil.

Senti lágrimas se formando dentro dos olhos, ameaçando cair. Anjali sabia que eu estava a ponto de chorar, então, em vez de dizer mais alguma coisa, ela me deu um longo abraço. Entrou cabelo dela na minha boca, mas eu não liguei. Abracei-a de volta.

— Vamos fazer algo legal neste fim de semana — sussurrou ela no meu ouvido. — E chega dessa história maluca de Emma e doença, o.k.?

— O.k.

Spence já estava do lado de fora, abrindo o carro.

— Tchau, Spencer — gritou Anjali.

— Tchau, Anjali — respondeu Spence. — Não deixa o Rothstein abusar.

— Ele só vai abusar se eu quiser — disse ela, rindo.

Sentei no banco de passageiro, olhando fixo para a frente.

— E aí? — perguntou Spence, sentando atrás do volante. — Está convencida?

Todo mundo tinha razão. Eu estava doente da cabeça. Só podia ser. Concorde? A Navalha de Occam. A resposta mais simples é a que tem maior probabilidade de ser verdadeira. E a resposta mais simples era que eu tinha pifado com o estresse da minha vida na St. Joan. Perdi o controle. Despedaçada pela vida.

Mas eu não sentia que tinha perdido o controle. Sentia-me igual a sempre.

— Não — falei para Spence, com uma nova determinação. — Você pode me levar para o Salem Willows? Preciso falar com a Emma.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— O dia seguinte era um domingo — digo. — Dia 20 de março. Dia de culto.

O reverendo Green está torcendo o punho da manga.

— Então, nesse momento, mais duas bruxas foram entregues — diz ele.

— Martha Corey — confirmo — e Rebecca Nurse.

— Sim. — O reverendo Green faz cara de pena. — Ouvi falar da dona Nurse. Das irmãs dela também.

— Sim — falo, de cabeça baixa, olhando para as mãos. — Minha mãe reclamou da dona Corey durante anos. O sr. Corey brigava muito com meu pai. E a dona Corey, sua terceira esposa, era bem-nascida. Minha mãe ficou muito magoada.

— Como é que a Mary Walcott conseguiu a marca no pulso? — pergunta o reverendo.

— Não sei — respondo. — Talvez ela tenha ouvido falar da minha. Talvez tenha feito ela mesma a marca. Viu como as pessoas estavam nos tratando e resolveu fazer aquilo. Ou talvez o Diabo tenha enviado o vulto de alguém.

O rosto do reverendo Green se anuvia.

— Você acha isso? — ele me pergunta.

— Não sei — admito. — Não sei mesmo.

Entramos na igreja no domingo, numa procissão para lá de solene. Marchamos em fila pela nave lateral, Abby Williams, Betty Parris, Betty Hubbard, Mercy Lewis, Mary Walcott e eu, junto com minha mãe e a dona Pope, e tomamos nossos assentos cerimoniais lá na frente. Não consigo ouvir meus próprios pensamentos com os sussurros. A dona Corey está presente com o marido, sentada num dos bancos laterais, e existe um estranho espaço vazio em torno deles, como se ninguém quisesse sentar tão perto. A dona Nurse não está, o que já é estranho por si só. Ela nunca perdia uma reunião dominical.

O reverendo Parris está sentado com a esposa, os olhos marcados por olheiras, conferindo cada congregante que passa pela porta da igreja. Existem mais três bruxas, ainda desconhecidas, e elas devem estar ali, entre as pessoas. Senhoras de idade, jovens casadas, homens importantes, trabalhadores, adolescentes, crianças, todos reunidos para ouvir a palavra de Deus, sorrindo, cochichando, alguns ali para receber os sacramentos, e três bruxas presentes.

O hino é anunciado e nos levantamos para cantar, elevando nossa voz aos céus. Fecho os olhos, deixando a música me preencher. Penso em Tituba, presa na cadeia de Boston com Sarah Good e seu bebê de colo, e Sarah Osborne. Fico me perguntando se elas estão rezando para Deus, se o Diabo está lá neste exato momento ordenando que elas fiquem caladas, senão ele corta a cabeça delas.

Talvez o Diabo esteja aqui. Esse pensamento me faz estremecer e abro o olho, analisando o rosto das

peças que cantam ao meu redor, os olhos voltados para o céu, algumas concentradas nas palavras do hino. Tenho a impressão de ver uma sombra se ocultando atrás de uma pessoa, e solto uma exclamação de susto, agarrando o braço de Betty Hubbard.

— Shh, Annie — faz ela, mas começo a tremer. Quero fugir, sair correndo dali e ir para o celeiro, onde posso me esconder no palheiro. Lá ninguém me encontra.

Betty Hubbard aperta minha mão e me puxa com força quando o reverendo Lawson, no púlpito, abre a grande Bíblia para ler a Palavra de Deus. Ele recita Salmos, mas não escuto nada. Para todo lado que olho, vejo pessoas me encarando. Assim que as flagro, elas desviam o olhar. De canto de olho, continuo vendo figuras indistintas se movendo, como ratos correndo nas sombras. Aperto mais forte a mão de Betty.

Abby Williams está inquieta também, sem querer estar ali, como eu. Não por oito horas, quando a primavera já começa a dar sinal de sua presença lá fora. Ela fica fungando e se mexendo no banco, cutucando Betty Parris, passando a mão na roupa e arrumando a saia. Mary Walcott lhe dá uma cotovelada na costela para ela ficar quieta. De repente, Abby solta o suspiro mais alto e bruto que já ouvi. Levanta-se e bate o pé no chão.

— Diga o nome do texto! — grita ela para o reverendo Lawson, que fica tão chocado que mal consegue falar.

A congregação, estarecida, faz silêncio. Ninguém jamais tinha desafiado um ministro dessa maneira. Ninguém. Muito menos uma serva insignificante daquela idade. Impossível. Mas acabou de acontecer.

— Perdão? — diz o ministro visitante, olhando incrédulo para ela da beira do púlpito.

— Diga o nome do texto! — grita ela de novo.

Ele diz, mas não consigo ouvir, com toda a congregação cochichando.

— Já viram tamanha insolência? Isso é certamente obra do Diabo. Ela está tendo um ataque.

Abby ouve essas palavras e faz cara de drama e desespero.

— Argh! — exclama. — O texto é imenso!

— Sente-se! — grita o reverendo Parris do seu lugar, ao lado da esposa, e Mary Walcott puxa Abby de volta para o banco. — Você vai ouvir a doutrina do reverendo.

— Não sei que doutrina! Se ele disse o nome, esqueci — resmunga Abby, cruzando os braços e esperneando.

Os moradores do vilarejo reunidos na igreja não conseguem conter a perplexidade e o interesse, e começam a conversar. O reverendo Lawson, percebendo a dispersão, limpa a garganta e dá início a uma longa digressão sobre o trecho da Bíblia que escolheu para elucidar. Não consigo entender as palavras, tamanho o barulho das conversas à minha volta. Só reconheço meu nome, o de Abby e o das outras meninas. O reverendo fala das nossas marcas, os nomes escritos no livro do Diabo, as mulheres que foram citadas e as que não foram.

Do outro lado da igreja, a dona Corey nos encara, do alto da sua arrogância, repousando a mão no braço do marido idoso, que aproxima o ouvido. Vejo que ela fala alguma coisa para ele, olhando fixo para nós, mas não consigo ouvir o que ela diz. Minha cabeça fica leve. Estou inquieta. Movo-me de um lado para o outro no lugar, e Betty Hubbard tem que me segurar pela cintura para eu sentar direito. Abby, percebendo meu pânico, acompanha meu olhar e vê a dona Corey falando de nós com o marido, séria.

— Olhe! — grita Abby, interrompendo o sermão interminável.

Ela aponta para o ar.

“O quê?”, “Onde?”, as pessoas perguntam, as vozes se sobrepondo.

— Olhe onde a dona Corey está sentada, alimentando seu pássaro amarelo entre os dedos!

A dona Corey solta um berro e leva a mão à boca, enquanto a congregação desanda a especular, irritada. “Onde? Ali? Ela enviou seu espírito, que está sentado nas vigas!”

Quem está sentado perto dos Corey se afasta o mais rápido possível, e a mulher ativa olha à sua volta, com uma sensação crescente de desespero e indignação.

— O quê? Não. Eu estou aqui! — exclama, apontando com o dedo para o peito.

Minha visão fica turva com todo aquele movimento de estranhas figuras se aglomerando. Sinto o coração disparado no peito, o suor escorrendo pela testa e debaixo dos braços.

— Eu... — estou gaguejando. Não consigo respirar.

Betty Hubbard me olha com severidade e diz:

— Annie? Annie, o que foi?

Algo se parte dentro de mim. Fecho os olhos, abro a boca, e um grito pungente me rasga a garganta. O grito alivia a pressão na cabeça, e aquilo me faz tão bem que grito de novo.

— Está ali! — exclamo, inclinando para o lado. — Estou vendo. Ali! O pássaro amarelo da dona Corey está pousado no chapéu do reverendo Lawson! Estou vendo nitidamente, o pássaro amarelo do Diabo pousado no chapéu do reverendo Lawson!

Mãos são dispostas sobre minha boca e em volta da minha cintura tentando me segurar enquanto me debato, mas não vou deixar que me segurem. Falo inconsequentemente.

— É a dona Corey, com certeza — dizem os presentes ao meu redor. — A dona Corey é uma das nove. A Ann Putnam disse. Ela está vendo. A dona Corey enfeitiçou a Ann Putnam!

SALEM WILLOWS, SALEM, MASSACHUSETTS
SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2012

Quase sete. Eu não me lembrava do horário que Emma tinha marcado com Tad no Willows, mas sabia que a encontraria lá.

O Salem Willows era um parque. Tipo. Era uma galeria de jogos nesta península que se projetava na água entre Salem e Beverly Harbors. Esteve lá desde sempre, pelo menos desde o início do século XIX, e era o tipo de lugar aonde as pessoas iam quando queriam se divertir. Os rapazes pescavam no píer. Havia skeeball, doces e máquinas fantasmagóricas que diziam, por dez centavos, com que tipo de homem nos casaríamos; um carrossel com esses cavalos de dentes arreganhados e olhos revirados na cabeça, tocando música de órgão, com anéis de metal para segurarmos enquanto girávamos. O objetivo era acertá-los na boca de um palhaço. Quando conseguíamos, as luzes se acendiam e todo mundo ganhava uma volta extra. O carrossel era da década de 1860, e já estava gasto pelas consecutivas gerações de crianças que subiam e desciam dos cavalos.

O Salem Willows recebeu esse nome por causa dos salgueiros do parque, com seus galhos pendurados como cortinas em torno dos gazebos. Tinham duzentos anos. O vento soprava no porto, produzindo ondas brancas no mar e atravessando os ramos dos salgueiros, num sussurro que evocava as antigas bandas de ragtime e risos de crianças, a pena de Nathaniel Hawthorne.

Emma e eu adorávamos ir para lá quando estávamos nos sentindo deprimidas. Lembrávamos de quando éramos crianças. Gostávamos de nos enrolar nas folhas dos salgueiros e nos pendurar nos galhos. Minha mãe nos deixava lá, com cinco dólares cada uma, e voltava duas horas depois. Encontrava-nos sempre sujas e exaustas, com a blusa manchada de sorvete e um monte de tickets de fliperama que queríamos trocar por Dip n’Lik e anéis de plástico em formato de aranha. Como a mãe de Emma não dirigia muito, era minha mãe que nos levava e nos pegava de carro, aquela caminhonete que agora estava toda enferrujada na garagem.

Spence e eu passamos pelo portão, procurando vaga. O céu noturno tinha um tom pálido sobre a água, e as luzes dos jogos haviam acendido, fortes lâmpadas brilhando no lado de fora, o interior iluminado por luzes fluorescentes mais fracas. Acho que devia ser ainda mais bonito no século XIX.

— Ela vai se encontrar com ele aqui? — perguntou Spence. — Tem certeza?

— Tenho — respondi. — Por quê?

— Não sei — disse Spence, desconfiado. — Parece meio... decadente.

Fiquei olhando pela janela, sem falar nada.

Descemos do carro, e uma brisa vinda do mar me fez sentir frio. Spence me abraçou, enquanto o vento levantava meu cabelo, emaranhando os cachos.

— Não acredito que fugi — sussurrei no seu peito. — Você acha que ela vai me perdoar algum dia?

— Vamos lá — disse ele. — Vamos atrás dela.

A galeria de jogos ficava no meio do parque, com portas corrediças abertas para a área externa, formando um pavilhão. Procuramos nas diversas salas, cheias de gente jogando. Emma não estava lá. Fui no antigo “dança dos macacos”, um jogo que não era bem um jogo. Você punha a ficha, e os macacos sorridentes começavam a bater castanholas ao som de dixieland por alguns minutos. Na infância, quando nos perdíamos, eu sempre a encontrava nesse lugar. Mas ela também não estava lá.

— No gazebo? — perguntou Spence de uma posição segura perto da porta. Ele estava com as mãos no bolso, como se tivesse medo de pegar tétano caso tocasse em alguma coisa. Olhei para ele, irritada. Não queria que ele fosse um menino sempre preocupado com a aparência. Gostaria que ele fosse uma pessoa normal de vez em quando, não um garoto de Andover, com o colarinho abotoado.

O som das castanholas era ensurdecedor e, para todo lado que eu virava, luzes vinham na minha cara, deixando manchas azuis e avermelhadas na retina. A iluminação fluorescente cobria tudo com uma bruma esverdeada. Levei a mão à testa, pressionando o polegar entre as sobrancelhas, numa tentativa de afastar a dor que começava a dar sinal de vida ali. Ouvi um grito e meu coração disparou, mas era só uma criança correndo com um balão nas mãos. Encostei num fliperama para recobrar o equilíbrio.

— Colleen? — disse uma voz no meu ouvido.

— O quê? — perguntei, confusa.

Era Spence. Deus, minha cabeça estava me matando.

— Você está bem?

— Hum... — fiz. — Ela não...

Spence me pegou pelo braço.

— Ela não está aqui. Vamos. Vamos lá para fora.

Ele me conduziu pelas paredes de fliperamas, contornando um cara grandalhão, com camiseta sem manga de uma banda de heavy metal, que tomava cerveja e não parecia muito disposto a nos deixar passar.

— Ei — disse o Cara da Garrafa de Cerveja, cruzando os braços para ficar maior ainda —, olha aí!

— Cara — disse Spence, passando os dedos pelo topete —, ela é minha namorada. Está passando mal, o.k.?

O Cara da Garrafa de Cerveja deu um passo para a frente, e por um instante achei que fosse ter briga.

— Emma — falei, sem força. — Aqui. Ela não...

O Cara da Garrafa de Cerveja me olhou de cima a baixo e, sem dizer uma palavra, abriu espaço para a gente passar. Eu devia estar muito mal. Até que apareceu uma menininha com os braços esticados para o Cara da Garrafa de Cerveja, disse “papai”, e ele a pegou no colo, dando as costas para a gente, de mau humor.

— Vamos — disse Spence, tenso.

Ele me levou até o gazebo, longe do cheiro enjoativo de algodão-doce, sorvete e amendoim caramelizado. O vento estava mais forte lá, e os galhos dos salgueiros balançavam à nossa volta, fazendo-me encolher de frio.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ele, olhando-me no rosto e ajeitando um cacho rebelde na minha testa.

As pontadas de dor tinham voltado. Respondi que não com a cabeça.

— Tem certeza de que ela ia se encontrar com ele aqui? — perguntou Spence. — Acho que a gente deve ir embora. Você pode falar com ela amanhã.

— Aqui — falei. — Certeza.

Estiquei o pescoço, analisando o rosto das pessoas que passavam pelas salas de jogos, entravam e saíam do carrossel, paravam para verificar os tickets, avaliando se era suficiente para trocar por um passeio de trenzinho. Eu olhava rosto por rosto, medindo, buscando. Eu reconheceria Emma imediatamente. Seu cabelo era tão claro que quase brilhava à noite. Mas o sr. Mitchell não estaria como sempre. Nada de gravata e camisa abotoada até em cima. No Salem Willows, para encontrar sua ex-aluna e caso, ele viria como Tad. E eu só tinha visto Tad duas vezes.

— Colleen — disse Spence, procurando minha mão. Senti muita segurança quando ele a encontrou. — Vamos. Você está exausta. E eu preciso voltar. Por favor, deixe eu te levar para casa.

— Espere — falei.

Vi um jovem alto e magro no meio da multidão de crianças, a silhueta marcada por um letreiro luminoso que dizia rolinhos de lagosta fresca sob encomenda. Eu conhecia aquela postura relaxada, o cabelo desarrumado. Ele ficou ali por um segundo, a sombra deslizando pelo muro, e logo foi embora.

— Ali. Tad — falei. Puxei Spence pela mão, sussurrando: — Rápido!

Ele já ia reclamar, mas não deixei, correndo com ele pelo meio das pessoas, abrindo caminho na confusão de sons e luzes. Vi de relance a nuca de Tad, até ele desaparecer atrás de um grupo de garotos de vinte e poucos anos. Um deles me viu e assoviou baixinho.

— Nossa senhora! — exclamou ele quando passamos.

Ignorei-o. Foi tão rápido que Spence não ouviu; não que ele fosse fazer alguma coisa.

Havia menos pessoas no fim da galeria, e, claro, ele estava lá. Tad caminhava de cabeça baixa, ombros levantados, mãos no bolso. Camiseta preta de banda. Sem jaqueta. O dia parecia mais quente do que realmente estava, e ele devia estar congelando. A Nova Inglaterra às vezes nos engana.

Toquei no ombro de Spence para ele parar.

— Mas... — Spence ia protestar. Pedi silêncio e indiquei que deveríamos observar aonde Tad estava indo. Eu não tinha visto Emma ainda. Mas a dor de cabeça aumentava, fazendo com que as luzes incomodassem minha visão.

Eu sabia que ela tinha que estar lá.

Tad parou, iluminado pelo estande de funnel-cake, tirou um celular do bolso e olhou para ele por um segundo. Escreveu alguma coisa e enfiou o aparelho de volta no bolso. Olhou em volta, encontrou o que procurava e seguiu em frente, dirigindo-se para uma parte escura do parque, longe das luzes e da música.

Calculando que ele já estava bem na nossa frente, puxei Spence pela mão e fomos atrás dele. As luzes diminuía à medida que avançávamos, um frio de rachar perto da água. Aconcheguei-me nos braços de Spence, que disse com a voz baixa:

— Mesmo que seja ele, acho que a gente deve ir embora.

— Não — falei. — Logo. Prometo.

Em seguida, percebi que estávamos nos dirigindo para o píer mais antigo dos dois que havia, o que ficava sobre águas mais agitadas. Não era um píer tão bom para pescar, e por isso quase ninguém ia lá, só adolescentes como nós, procurando um lugar privado para escapar dos olhares curiosos dos adultos.

Mas a brisa do mar estava congelante nessa noite, e havia apenas uma pessoa parada na extremidade do píer, de costas para nós, cabelo muito loiro, quase iluminado no escuro.

Emma.

Já ia chamá-la, mas a dor de cabeça me dificultava o foco, e percebi, pela maneira de caminhar, que Spence estava praticamente me carregando.

— Emma — gritou Tad. O vento trouxe sua voz para onde Spence e eu estávamos escondidos, na escuridão.

— Espere — Spence sussurrou, puxando-me para os ramos de salgueiro perto da água. Um bom esconderijo.

A dor era tão forte que só consegui dizer “o.k.”.

De dentro do salgueiro, vi Emma se virar, com o rosto contorcido de angústia e dor. O vento levantava seu cabelo, formando uma auréola quase branca sobre um anjo da morte.

— Tad — disse ela, com a voz embargada, levando as mãos às laterais do rosto. Emma estava chorando. Ela correu em direção a ele, mas ele não tirou as mãos do bolso, e ela estancou, dando em si mesma o abraço que queria receber dele.

— Emma, escute... — começou ele, aproximando-se lentamente, com a mão estendida.

— Por quê? — berrou ela, com a voz de uma alma despedaçada, e a dor na minha testa se aprofundou. Apoiei-me em Spence, ofegante. Os ramos do salgueiro me sopravam o rosto.

— Por que você vai me abandonar por ela?

Com um grito gutural, Emma atirou-se contra Tad, um demônio de ódio e desespero. Ele tentou afastá-la, levantando as mãos para proteger o rosto, encolhendo-se, recuando no píer.

— Emma — exclamou ele. — Você não entende!

— Ela tem tudo — Emma continuava berrando, batendo nele. — Por quê? Por que ela?

Tad engoliu o próprio choro, o rosto belo transformado pela dor. Ele tentou segurar as mãos dela, que lhe batia na cabeça agora, mas a brisa úmida do mar as fazia escorregar, e ele não conseguiu. As duas sombras se debatiam sob as estrelas, Emma gemendo de desespero, Tad bufando pelo esforço de contê-la. Ele recuou mais um passo em direção à extremidade do píer.

— Clara — falei, triste. — Ah, não...

— Ela acha que ele a trocou pela Clara Rutherford? — perguntou Spence.

Respondi que sim, arrasada, com as mãos no rosto molhado de lágrimas, e me ajoelhei na terra.

— Eu te amava! — gritou Emma. — Eu teria feito qualquer coisa por você! Entende isso? Qualquer coisa! Por que você me abandonou por ela? Por quê? Não entendo.

— Emma! — exclamou ele. — Emma, por favor!

Pelas lágrimas dela, os ramos do salgueiro e o vento entre nós, eu consegui sentir os olhos de Emma ficando vermelhos. Ela empurrou Tad com as duas mãos, e ele deu mais um passo para trás.

E mais um.

— Eu... Eu não... — Tad gaguejava, sem conseguir segurar as mãos de Emma.

O vento soprou mais forte, fazendo com que a água das ondas mais altas os molhasse, e ele recuou mais um passo, encolhendo-se e se distanciando da menina furiosa à sua frente.

Ele deu mais um passo para trás, mas não havia mais píer, e ele cambaleou, escorregando na borda.

Por um momento agonizante, o corpo de Tad se desequilibrou no espaço, uma das mãos segurando o pulso de Emma, a outra girando no ar, na escuridão da noite estrelada do porto. Abaixo do píer, ondas de crista espumosa quebravam contra as rochas.

— Ele vai cair! — exclamou Spence.

— emma! — gritei. — não!

Emma se virou para ver quem estava gritando e, nesse movimento, puxou Tad junto, que se agarrou na sua cintura, com o peso jogado para a frente. Eles caíram longe da borda, e Tad conseguiu segurar Emma, que se debatia, cuspiu, berrava, arrastando-a para o gramado em frente ao salgueiro.

— É isso o que você acha? — gritou Tad, com lágrimas no rosto, imobilizando Emma no chão como um peixe desesperado. Ela movia a cabeça para a frente e para trás, batendo as pernas na terra. — Você realmente acha que é por causa de outra pessoa?

Emma soluçava.

— Eu te amava, eu te amava, nunca amei ninguém além de você.

Tad se inclinou sobre ela, segurando seu rosto e obrigando-a a olhar nos seus olhos.

— Emma — disse ele, com a voz frágil. — Escute. Eu te amo. *Eu te amo*. Não tem mais ninguém. Só tem você. Sempre foi só você.

Agarrei Spence, que me abraçava. Senti a dor me penetrando a cabeça, como se estivesse viva. Uma névoa escura começou a avançar sobre minha visão, pelo canto dos olhos.

— Mas... — soluçava Emma. — A Clara! Você me largou pela Clara!

— Do que você está falando? — gritou Tad. — Eu terminei com você porque sou seu *professor*. Tenho vinte e três anos, Emma! Entende? Vinte e três! Não tenho permissão para te amar do jeito que eu quero. Dá para entender?

Ela arfava, com o rosto vermelho de tanto chorar.

— Mas... eu vi! Você estava na casa dela! Eu vi quando você saiu! A Colleen estava lá. A gente viu você com ela!

Tad olhou de relance para mim e Spence escondidos no salgueiro e gritou:

— Não viu, não. Meu apartamento é em Beverly, Emma. A casa dela fica entre meu apartamento e o parque. Lembra?

— Mas...

— Pelo amor de Deus, você já foi lá! Por que você acha que a gente teve que pegar esse caminho? Você acha que eu queria passar pela casa da minha aluna? Com você no carro?

Emma soltou um suspiro e começou a chorar. O corpo balançava, a boca retorcida de dor, as lágrimas escorrendo dos olhos, molhando o cabelo.

— Emma — murmurou Tad, tirando o cabelo do seu rosto, com um carinho. Deu um beijinho na sua sobranceira clara. — Emma.

Algo arrebentou dentro de mim. Não sei explicar. Num momento eu estava lá, vendo o namorado da minha amiga se inclinar para a frente e beijá-la, beijando-lhe também os olhos fechados, com o rosto dela entre as mãos, acariciando-lhe o cabelo ao enxugar as lágrimas, e no momento seguinte eu só via vermelho, com fogos de artifício explodindo na minha cabeça. Eu estava rodeada de faíscas que caíam do céu, como se todas as estrelas estivessem despencando à nossa volta, queimando o salgueiro, que

incendiava soltando centelhas por todo lado, num intenso brilho vermelho, e depois nada.

— Colleen?

Virei para o lado, gemendo. Havia grama na minha boca.

— Oi — alguém disse. Um rapaz. Ele pôs a mão no meu rosto.

Pisquei os olhos e virei a cabeça na direção da voz.

Um rosto entrou em foco. Tinha um topete engraçado no alto, costeletas e um sorriso bonito. O rapaz me olhava com expressão preocupada, o rosto iluminado por luzes de parque de diversões. Ouvi algazarra de criança e a música do carrossel. Abri um sorriso.

— Spence — suspirei.

— Consegue sentar?

— Hã? — Tateei ao redor, sentindo a terra úmida. Pressionei as mãos no chão, vendo se conseguia levantar. Não dava, mas consegui me sentar mais ou menos, tomando cuidado para não balançar as peças soltas na minha cabeça.

— Você está bem? — perguntou ele, tirando folhas de salgueiro dos meus cachos e terra dos meus ombros. Parecia preocupado.

— Estou... — Olhei em volta, como se a resposta tivesse caído do bolso. Então me lembrei e arregalei os olhos. — Emma!

— Shh — fez Spence, pondo o dedo na minha boca. Ele olhou por sobre o ombro, e eu acompanhei seu olhar.

Minha amiga estava sentada no chão, de pernas cruzadas e braços dados com meu professor de História, desgraçado. Ele lhe acariciava o cabelo e lhe beijava a testa, murmurando:

— Me desculpe, Emma. Me desculpe.

Ela chorava, baixinho, mas parecia tranquila, de olhos fechados, escutando-o, as mãos na camiseta dele.

Olhei de volta para Spence, que disse, sem som: *A gente precisa ir.*

Concordei, sem falar nada, e ele me ajudou a levantar. Senti as pernas fracas. Spence me abraçou pela cintura e saímos na ponta dos pés, deixando Emma e o sr. Mitchell — Tad — a sós, juntos na escuridão, sem ninguém observando, o único lugar permitido para eles.

INTERLÚDIO

VILAREJO DE SALEM, MASSACHUSETTS

30 DE MAIO DE 1706

— **Você começou a acreditar?** — pergunta o reverendo Green. Ele se aproximou de mim ao longo do relato. Seu belo rosto está a poucos centímetros do meu. Sinto o cheiro do seu hálito, uma mistura de maçã e tinta.

Examino seu rosto. O dente e o lábio inferior ainda estão manchados de lamber a ponta da pena. Os pelos da barba cresceram, depois de um dia todo me escutando. Já está quase escuro, e em breve terei que ir para casa. Mas nós dois sabemos como termina essa história. Nós dois sabemos a raiz de minha infâmia. Por que terminá-la?

Sem tomar uma decisão consciente sobre o que farei, pego o rosto do reverendo entre as mãos e o puxo em direção a mim. Sua pele por baixo da barba áspera parece feita de cetim, e tenho tempo apenas para sentir o calor dos seus lábios macios nos meus. Ponho a língua para fora, desejando tocá-lo, prová-lo, tê-lo dentro da boca. Nosso beijo dura só um instante, até ele segurar meus pulsos e tentar me afastar, horrorizado.

— Ann! — exclama ele, olhando em pânico para a porta.

Nos debatemos, ele agarrando minhas mãos e me obrigando a manter distância.

Eu rio, conseguindo me soltar e enxugando a boca com a parte de trás da mão. Será que minha própria boca está manchada de tinta agora? O olhar de tensão no seu rosto indica que sim, está.

— Não se preocupe, reverendo. Está quase acabando — digo baixinho.

No dia seguinte, uma segunda-feira, o vilarejo se reúne na igreja para testemunhar o interrogatório de Martha Corey. Nós, meninas, estamos lá, e a multidão é ainda mais densa que no dia anterior, com pessoas do lado de fora também, esticando o pescoço para ouvir as informações transmitidas por quem conseguiu ficar na porta. Martha Corey entra, a altivez abalada pelos pulsos atados, sendo levada diretamente para a frente, onde o sr. Noyes começa com uma reza. A dona Corey parece consternada de ter que ouvir a reza com as mãos amarradas na cintura.

— Dona Corey. A senhora está aqui para responder às acusações feitas contra a senhora — grita o juiz Hathorne para que todo mundo possa ouvir.

A mulher que me bateu na orelha porque pisei no seu pé ergue o queixo e diz, sem se alterar:

— Eu gostaria de rezar.

— Muito bem.

Todos esperamos, obedientes à ordem do juiz, enquanto ela fecha os olhos, em silêncio.

Finalmente, sem conseguir mais fazer as pessoas esperarem, o juiz Hathorne interrompe o silêncio dela e pergunta, apontando para nós:

— Por que a senhora atormenta essas crianças, dona Corey?

No momento certo, nós, meninas, começamos a tremer e a nos sacudir.

— Atormentar? Eu não atormento — diz ela, com um meneio de cabeça.

— Quem atormenta, então? — pergunta o juiz Hathorne.

— Não sei. Como vou saber?

Nosso grupo aumentou. Além de mim, as duas Bettys, Abby, Mary Walcott e Mercy Lewis, está minha mãe sentada conosco, assim como a dona Pope, a dona Vibber e a dona Goodall. Ao verem a dona Corey, as mulheres à minha volta soltam um berro. Minha mãe leva as mãos ao pescoço, como se estivesse sufocando. Algumas de nós reclamam de surras e beliscões.

— Estou vendo a imagem dela vindo! — diz uma das meninas. — Ela está trazendo um livro! Quer que a gente assine!

Os presentes gritam palavras de encorajamento, dizendo para olharmos para o outro lado, para não assinarmos.

A dona Corey nos olha sem entender e ergue as mãos amarradas.

— Não tenho nenhum livro.

— Ela está com um pássaro amarelo! — exclamo, meio descontrolada, sem saber de onde estão vindo as palavras. — Ele costumava mamar entre os dedos dela!

— A senhora tem algum espírito conhecido que a serve? — o juiz Hathorne pergunta à ré no banco.

— Não tenho nenhuma familiaridade com esse tipo de coisa. Sou uma mulher evangélica — insiste a dona Corey.

— Ah! Ela é uma bruxa evangélica! — grito.

O juiz volta a atenção para mim.

— Diga-nos, mocinha. Você tem prova disso?

— Tenho — respondo, muito pouco consciente do que estou dizendo ou de que parte da minha mente transtornada está inventando tudo. — Um dia, quando o tenente Fuller estava rezando na casa do meu pai, eu vi a imagem da dona Corey e de mais alguém, acho que era a dona Nurse, rezando ao mesmo tempo para o Diabo. Tenho certeza de que era a imagem da dona Corey.

A dona Corey me olha com uma mistura de pena e aversão. A expressão do seu rosto diz que ela sempre achou que eu não prestava, e que agora ela confirmava a suspeita.

— São crianças pobres, perturbadas — diz ela, mantendo o equilíbrio e a calma na voz. — Seria bom o senhor não dar importância ao que elas dizem.

— Pelo contrário — diz o juiz Hathorne, com voz tranquila e tom esclarecedor. — Todos os presentes concordam que essas crianças estão enfeitiçadas. Só a senhora, dona Corey, diz que elas estão perturbadas.

A incerteza transforma o rosto da dona Corey. Pela primeira vez ela se dá conta do perigo. Enquanto pensa em como responder a essa acusação, como enfrentar os homens poderosos na sua frente, ela morde o lábio.

Abby grita, e todas nós gritamos também, produzindo um terrível eco na igreja, e é tão gostoso gritar, pôr para fora todo o medo, recriminações e frustrações que carregamos no dia a dia.

— Olhe! — exclama Abby, mostrando meu braço com a mordida infeccionada. — Olhe o que a dona Corey faz com a gente!

Mary Walcott exhibe o braço mordido também.

Ao meu lado, vejo Betty Hubbard enfiando a unha no braço, com tanta força que chega a sair sangue.

— Eu também — diz ela, levantando o braço. — A dona Corey manda o vulto dela me morder e me atormentar!

Todas as meninas gritam à minha volta, inclusive eu, mostrando as marcas de mordida no braço e no pulso. Os magistrados e espectadores esticam o pescoço como galos para ver melhor nossa pele dilacerada, o sangue na carne, a prova do feitiço.

O rosto da dona Corey fica pálido e ela desliza no banco, como se não aguentasse. Inclina-se para a frente, pressionando o peito na barra, e mais berros saem da nossa boca. Gritamos com a mão no peito, como se estivessem tirando nosso ar. Ponho as mãos no peito também e sinto: o ar se esvai de mim, mesmo sem eu querer.

— Sua cretina! — berra a dona Pope, curvando-se com a mão na barriga. — Você está arrancando meu intestino!

A dona Corey vira um pouco o rosto. A dona Pope está tão furiosa que joga seu regalo na cabeça dela. O arremesso acaba saindo errado, e o agasalho cai em seu ombro. A dona Corey faz expressão de dor, como se tivesse levado um tapa na cara, mais de surpresa que de dor mesmo. Com um grito gutural, a dona Pope tira o sapato e lança-o no rosto orgulhoso e ultrajado da dona Corey. Dessa vez ela acerta o alvo, e a dona Corey solta um berro, levando a mão à bochecha, de onde começa a escorrer sangue.

A dona Corey arrasta os pés, como se lutasse contra o desejo de fugir, e sinto meus próprios pés se moverem, até que todas as meninas à minha volta começam a bater com os pés no chão, produzindo um barulho ensurdecedor, como que movido por algo totalmente diabólico.

O olhar do juiz Hathorne oscila entre nós e a pobre mulher no banco dos réus, cujos olhos se enchem de lágrimas. O sangue escorre no seu rosto, entre os dedos, manchando a gola da blusa de linho. Ao ver o sangue, Abby se levanta, mostrando os dentes como um lobo prestes a rasgar a garganta de um bezerro ferido.

— Por que você não está na companhia das bruxas reunidas em frente à igreja? — grita ela, apontando o dedo para a altiva dona Corey, que se acovardava. — Você não ouviu os tambores? Você tem intimidade com o Diabo! O Diabo é um homem negro que sussurra no seu ouvido. O pássaro amarelo está mamando entre seus dedos.

— Que pássaro amarelo? — pergunta o juiz Hathorne. — Você, vá verificar as mãos dela.

Um funcionário se aproxima de Martha Corey e diz:

— Abra as mãos como o juiz ordenou.

Tremendo tanto que mal consegue obedecer, a dona Corey estende os braços atados para inspeção. O funcionário examina cada dedo, segurando sua mão com cuidado. Abby me encara, tentando me dizer, com o olhar, o que ela quer que eu faça. Estou tremendo também.

— Vai! — diz ela baixinho, me cutucando na costela.

— Tarde demais! — grito para todos ouvirem. — Tarde demais! Ela escondeu a teta. Vocês não vão encontrar. Ela tirou com um alfinete e pôs na cabeça!

O que eu disse não tem o mínimo sentido, mas o juiz faz um sinal para que o funcionário verifique.

A dona Corey usa o cabelo como minha mãe, todo penteado para trás e com uma trança enrolada na

nuca, debaixo da touca. A trança é presa com grampos.

O funcionário assente com a cabeça, contrariando a dona Corey.

Põe a mão na parte de trás da cabeça dela, obrigando-a a abaixá-la, e, com a mão livre, procede a uma busca dentro do cabelo. Seus olhos se iluminam ao encontrar um grampo, que exhibe para todos os presentes.

A assembleia fica atônita.

Abby, aproveitando o momento, aponta o dedo para a mulher que chora na nossa frente, com alguns fios de cabelo grisalho arrancados sobre seu ombro.

— Ela tem um pacto com o Diabo há dez anos! Ela me disse! Seis já foram, mas ainda tem mais quatro!

O juiz Hathorne e os outros magistrados se entreolham, com alguma ideia em mente.

— Muito bem. Deixe-me fazer uma pergunta, dona Corey. Quantas pessoas existem na figura de Deus?

É uma pergunta de catecismo, que qualquer pessoa responderia sem pensar. Mas a dona Corey só chora, escorando-se na barra, desamparada, balançando a cabeça e dizendo:

— Não pode ser, não pode ser. Eu? Como eu poderia? Eu nunca fiz isso. Jamais teria feito. Sou uma mulher de Deus. Eu amo Jesus.

Seu discurso acaba se transformando num mero sussurro. O sangue continua escorrendo.

— Ela está respondendo, mas de maneira estranha — cochicha um dos magistrados com o juiz Hathorne, que franze as sobrancelhas grossas e assente com a cabeça.

— Dona Corey — brada o juiz Hathorne, e ela olha para ele como um animal amedrontado. — A senhora nega as acusações feitas contra a senhora? A senhora está dizendo que não é uma bruxa?

— Não! Eu não sou bruxa! Nunca fui! — responde ela, soluçando, sem conseguir falar direito.

As pessoas reunidas na igreja vociferam contra ela.

Os magistrados se reúnem em círculo, enquanto a assembleia murmura entre si. Espio Abby de rabo de olho e vejo que ela está sorrindo, contente. A dona Pope está rindo, com brilho nos olhos. Sinto o que elas estão sentindo, o prazer inebriante de ver aquela desgraçada, que nos desprezava, à nossa mercê, aqueles homens de toga e rosto sério do nosso lado, agindo conforme nosso arbítrio. Olho para a figura arrasada da dona Corey, uma mulher que achava que podia mandar em mim, me bater quando quisesse. Quando ela começa a chorar, ajeito-me na cadeira, esticando a coluna, e sorrio, satisfeita.

Depois daquele dia, não sinto mais pena de ninguém. Dezenove pessoas subiram os degraus da forca. Dezenove pessoas ouviram uma prece final, aos prantos, enquanto uma multidão de conhecidos e vizinhos vociferava impropérios, amaldiçoando-as e jogando verduras podres na sua cara. Dezenove pessoas sentiram o tamborete ser arrancado dos seus pés, chutando o ar sem salvação. Dezenove pessoas sentiram a corda afundar no pescoço, arroxando-lhes a boca, os vasos sanguíneos arrebetando nos olhos enquanto as chamas do inferno lhes lambiam o calcanhar. E fui eu que condenei todas elas.

Fui eu que condenei todas elas.

*DANVERS, MASSACHUSETTS**SEGUNDA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 2012*

Depois de voltarmos do médico com minha receita, passei os três primeiros dias da primavera dormindo. Só levantava para ir ao banheiro ou até a cozinha comer alguma coisa. Uma vez, Wheez entrou no meu quarto, pulou em cima da minha cama e começou a cantar “*Get up get up get up Colleen get up get up get up*” para eu levantar. Empurrei-a, irritada, e ela foi correndo chamar minha mãe, mas não aconteceu nada.

Michael estava de férias naquela época, mas eu não o via muito. A gente se encontrava na mesa do café da manhã; ele, com fone de ouvido, me cumprimentava rápido, e só. Meu irmão ainda estava lendo, mesmo sem muita vontade, *As bruxas de Salem*. Na St. Innocent, eles liam esse livro no oitavo ano, então ele roubou meu antigo exemplar para ler. Pensei em pedir para ele fazer meu trabalho extra, mas desisti.

Tomava os remédios que eles me deram. Não via televisão. Não entrava na internet. Prometi a mim mesma que não ia mexer no celular, mas não consegui. Spence tinha saído de férias para esquiar com alguns alunos da sua escola, e era uma excursão mista. Tentei fingir que estava totalmente tranquila com aquilo e não sentir ciúme. Não deixava transparecer. Confesso que gostava das mensagens de texto que ele mandava, a maioria sobre snowboards de Sugarloaf e atualizações sobre quem estava ficando com quem. Ele me garantia que não estava ficando com ninguém.

Quando finalmente saí do casulo, meus pais agiram como se fosse totalmente normal que sua filha estivesse usando o mesmo pijama havia dias.

— Quer café? — perguntou minha mãe, toda alegre.

— Claro — respondi, sem tanta alegria, sentando no meu lugar de sempre.

— Linda, são quatro e meia — informou meu pai, vindo da sala até a copa.

— É mesmo — disse minha mãe, servindo-me uma xícara de café e acrescentando leite e açúcar, como eu gostava. — Não tinha nem percebido.

Aceitei e dei um gole no café, agradecida. Eu começava a sentir as mãos de novo e, talvez, a mente.

— A Anjali ligou — disse minha mãe. — Falou que você não estava atendendo seu celular. Avisei que você estava dormindo.

Cocei o cabelo, que mais parecia um ninho de pássaros, de tanto dormir, e bocejei.

— E a Deena passou aqui ontem de manhã. Eu ia dizer para ela subir, mas ela disse que não precisava, que sabia que você estava cansada.

Pisquei os olhos, surpresa. É como se eu não visse Deena havia semanas.

— Ela disse que elas vão se encontrar hoje à tarde no Front Street, e espera muito que você dê uma passada lá.

Fui invadida por uma onda de prazer. Quem diria que a ideia de ver minhas amigas no nosso café de sempre ia me deixar tão empolgada?

— Talvez — falei, bocejando. Mas ela sabia que eu iria. Sabia que eu estava de volta, sabe-se lá de onde.

Um pouco mais tarde, fui caminhando para o Front Street Café, mesmo querendo ficar na cama, por um lado. Era uma boa caminhada até lá, mas eu estava feliz de estar em movimento, fora de casa, respirando ar puro. Para todo lugar que eu olhava, via mensagens secretas que a primavera tinha plantado para encontrarmos. Folhas verdes ceráceas, narcisos pensando em florescer. O ar tinha aquele cheiro gostoso de quando a neve começa a derreter e o solo renasce.

Empurrei a porta de tela do café e encontrei Deena, Anjali e Jennifer Crawford, que já estavam lá, debruçadas sobre xícaras de chá fumegantes. Elas ficaram felizes de me ver, e uma delas me chamou de a “Bela Adormecida”!

— Até parece — falei, parando no balcão para pedir um chá também e muffin antes de me juntar a elas.

Deena pôs um jornal na minha frente.

— Tem razão — disse Jennifer Crawford, sorrindo e cutucando Anjali com o cotovelo. — Ela está com marca de travesseiro na cara.

— Te falei — Anjali riu.

— Cala a boca — exclamei, sorrindo também e dando um gole no chá.

— Olhe — disse Deena.

A manchete era: “O Departamento de Saúde Pública de Massachusetts Limpa Escola Doente”. Puxei o jornal para perto para ver melhor.

Embaixo da manchete havia uma foto colorida do vitral da capela, o de Santa Joana serena, sendo queimada na fogueira. O artigo não era muito longo. Dizia que enquanto eu estava sedada, de cama, Bethany Witherspoon apresentou um relatório preliminar afirmando que não havia um nível significativo de trietilenoglicol no terreno da St. Joan Academy e que, apesar de esses testes iniciais serem motivo de otimismo, ela e sua equipe não descansariam enquanto não descobrissem a verdadeira causa e os responsáveis pela Doença Misteriosa.

Olhei para as meninas.

— Ela foi embora? — perguntei.

Todas responderam que sim.

— Que rápido!

— Ela apareceu no *Good Day, USA* hoje de manhã — contou Jennifer Crawford. — Falou de aumentar os subsídios governamentais voltados à limpeza ambiental para que nenhuma outra menina como nós tenha que sofrer. Bebe Appleton deu início a uma campanha com o objetivo de arrecadar fundos para nossas despesas médicas. Já é um começo. Foi a maior comoção. A Clara mandou uma mensagem por Skype agradecendo em nome de todas. Lógico.

— Hum — fiz.

— Você acha que sempre vou parecer a Emma Stone quando falo ou vou voltar ao normal? — Anjali perguntou enquanto eu continuava lendo. Ela tocou a garganta. As cascas de ferida em volta da boca tinham começado a desaparecer.

— Tenho certeza de que você vai voltar ao normal — disse Deena.

— Droga — exclamou Anjali, tomando o chá.

O artigo dizia também que o Departamento de Saúde Pública de Massachusetts havia consultado especialistas de Harvard, Tufts e o Hospital Geral de Massachusetts, e o parecer oficial era que a Doença Misteriosa não tinha nenhuma causa ambiental ou infecciosa, e que era, na verdade, um caso raro de transtorno de conversão epidêmico. Todos deveríamos refletir sobre a grande carga de estresse que era lançada às nossas adolescentes nos Estados Unidos atualmente e que blá-blá-blá, alguma coisa, blá.

Eu estava distraída com todo mundo fofocando na mesa.

— Não! Ela já está andando? — perguntou uma das minhas amigas.

— Com uma bengala, mas está. Foi o que ouvi. E que ela precisa, basicamente, recuperar o tônus muscular. O músculo está, tipo, atrofiado.

— Caraca! Coitada da Elizabeth.

— Na verdade, gosto mais do cabelo dela agora — outra menina disse, sem prestar atenção na primeira conversa.

— É mesmo. Você viu na tv? Tipo, o cabelo já está crescendo.

— Está bonitinho curto. Ela deveria deixar assim.

O artigo não definia o que era exatamente transtorno de conversão. O Departamento de Saúde Pública estava deixando um responsável na St. Joan para coordenar nossa recuperação, que deveria ser total. O novo reitor da escola, o padre Molloy, não tinha dado nenhuma declaração à imprensa, mas o jornal revelava com exclusividade que o grupo original de meninas afetadas já mostrava sinais de melhora.

— E a Clara?

— Ouvi que a mãe dela está em negociação para vender os direitos.

— Até parece.

— Juro. Para um filme de tv.

— Até parece!

— Quem vocês acham que deveria fazer meu papel? — perguntou Anjali.

— Meu Deus, a Leigh Carruthers deve estar doida. Ela sabe?

— Provavelmente.

O jornal dizia que o número final de alunas afetadas pela Doença Misteriosa foi de sessenta e dois, quase um quarto do corpo discente da St. Joan Academy. “‘Só esperamos ansiosamente que tudo volte ao normal’, palavras de Kathy Carruthers, uma mãe preocupada. Sua filha sofreu bastante com tudo o que aconteceu. Quem quiser ajudar, basta entrar no site...”, blá-blá-blá. Virei o jornal para baixo.

Tomei um gole de chá.

— E aí — disse Deena, me olhando.

— E aí o quê?

— É verdade?

— É verdade o quê?

Deena se aproximou e sussurrou:

— Você também pegou?

Fiquei vermelha e olhei para a xícara.

— Sim — respondi, baixinho.

Minhas amigas pegaram meu braço, falando todas ao mesmo tempo, com exclamações exageradas. Eu não conseguia olhar nos olhos delas ainda.

— Você está bem? — perguntou uma delas.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eles me deram uns remédios que me fizeram dormir muito no início. Mas estou me adaptando bem. Minha pediatra acha que não é nada de mais. Disse que como eu peguei mais para o final, não deve ser difícil de tratar.

Eu tinha marcado para começar terapia cognitivo-comportamental em maio, o mais cedo que minha mãe conseguiu. Mas eu não queria contar isso para as minhas amigas. Ainda não me sentia louca. A parte de não me sentir louca é a que mais me assustava.

— Pô! — exclamou Anjali, dando um tapa no braço de Deena. — Não era isso que você tinha que perguntar.

— O que eu tinha que perguntar? — quis saber Deena, fingindo inocência.

— Cara! Você tinha que perguntar se está tudo certo com o Spence para o baile de primavera.

Todo mundo riu, e eu fiquei vermelha.

— Talvez — confessei.

Passamos a próxima hora fofocando sobre o baile de primavera, definindo estratégias para impedir que Jason Rothstein aparecesse com uma camiseta com estampa de smoking ou aquela fantasia de cafetão, as duas opções discutíveis, segundo Anjali, e se Deena poderia ou não chamar um dos meninos conhecidos da St. Innocent para ir com ela mesmo ainda falando com o Menino do Japão por Skype.

O Menino do Japão, ficamos sabendo, tinha se candidatado à Tufts também. Eu estava começando a achar que Deena estava bastante envolvida com ele, mais do que nos contava. Quando falava do garoto, sorria feito boba. Já tínhamos começado a falar sobre o que íamos vestir — a mãe de Anjali dizia que ela ficava bonita de sári, mas, como Anjali não ia usar aquilo nem a pau, eu estava pensando em pedir emprestado — quando perguntei:

— Espera aí, gente. A Emma vai?

Todas se olharam na mesa, fixando o olhar em Jennifer Crawford, já que ela parecia saber das coisas antes de todo mundo.

— Hum. Ela não está gripada? — disse, franzindo a testa à espera de confirmação. Nenhuma de nós sabia. — Pelo menos, foi o que ouvi.

— Que droga — disse Anjali, brincando com a xícara e olhando para mim de rabo de olho.

— É — falei, sem corresponder ao olhar inquisidor de Anjali.

Ficamos lá mais um tempo, fofocando sobre os boatos da Doença Misteriosa e os esquemas para o baile de primavera, até chegarem uns caras com cases de guitarra e cabos de longa extensão que tiravam do carro lá fora.

— Acho que é nossa deixa — murmurou Deena.

— Com certeza — disse Anjali, enrolando o cachecol no pescoço.

— Não sei — refletiu Jennifer Crawford. — O baixista é bonitinho.

Já na rua, naquela noite úmida de primavera, Deena me perguntou se eu precisava de carona.

— Não precisa. Vou andando. Obrigada — falei, evitando olhar para ela.

— Tudo bem — disse ela, me dando um abraço rápido. — A gente se vê na escola.

Assenti com a cabeça, vendo as duas, ela e Anjali, caminhando sob a luz dos postes em direção ao estacionamento. Enfiei as mãos no bolso da jaqueta e comecei a andar.

Levei uma hora para chegar à casa de Emma, e já havia escurecido quando cheguei. Troquei mensagens de texto com Spence ao longo do caminho — ele estava voltando de Sugarloaf no dia seguinte e, lamentava me dizer, mas tinha dado de cara num galho de árvore e provavelmente iria ao baile de primavera com uma mancha roxa no rosto. Sugeri que ele alugasse um smoking da mesma cor. Ele me mandou uma foto, com o olho todo inchado, quase fechado, fazendo careta com a língua. Não deu para não rir. Quando ele disse que precisava encerrar a conversa, usei meu celular como lanterna para desviar das partes irregulares da calçada.

A luz da varanda da casa de Emma estava acesa, e quando apertei a campainha, seu irmão, Mark, abriu a porta. Esses Blackburn, sério. Com aquele cabelo claro, quase branco, e olhos cinza. Não poderia haver gene mais recessivo.

— Oh. Oi, Colleen. E aí?

— Oi, Mark. Desculpe aparecer assim, do nada — falei, limpando os pés na entrada.

— Não tem problema. Entre.

Pensei numa maneira de puxar conversa. Nunca sabia o que dizer para o irmão de Emma.

— Então — arrisquei —, como está na Endicott?

— Incrível. Vai ser maravilhoso ter a Em lá no ano que vem. Você precisa vir. Eles têm uma praia própria, sabia?

— Jura? Que maravilha.

Ele deu uma risada.

— É. Ela está lá em cima. Você já sabe o caminho.

Sabia mesmo. Subi as escadas, pisando naquele carpete antigo, tão confortável e familiar. Ouvi vozes na cozinha. Preparavam o jantar. Havia vida na casa de Emma.

— Em? — sussurrei, empurrando a porta do quarto aberta com o nó dos dedos.

Ela estava na escrivaninha, fazendo alguma coisa no laptop. Quando me viu, seus olhos brilharam.

— Colleen! — exclamou, levantando-se e vindo correndo me abraçar. Tentei ver o que ela fazia no computador, mas ela já tinha fechado a tela. — Estou tão feliz de te ver! Você veio de carro?

— Não. Vim andando. Estava no Front Street, com a Deena e as meninas.

— Legal — disse ela, voltando para a cama e me dando espaço na ponta. Puxou sua antiga boneca “American Girl” e ficou brincando com sua touca puritana. A boneca sorria para mim, com aqueles olhos vidrados, e eu a acomodei no travesseiro.

— Fiquei tão cansada nesse intervalo. Muito doido. Dormi por vários dias — disse ela, me espiando por sobre a cabeça da boneca.

— Eu também — suspirei. — Eles me disseram que é por causa dos remédios, mas acho que é porque eu estava muito estressada mesmo.

Ficamos nos olhando, ensaiando sorrisos, vendo quem ia tocar no assunto do Salem Willows

primeiro.

— Então — comecei.

Ela olhou para baixo.

— Desculpe não ter te contado — disse ela, baixinho. — Sobre o Tad.

— Não, eu é que peço desculpas — falei imediatamente. — Foi culpa minha. Eu estava tão... sei lá.

Envolvida com as coisas. Eu deveria...

— Não — Emma me interrompeu, os olhos claros brilhando na luz acolhedora do quarto. — A culpa é minha. Eu queria te contar, de verdade. Mas sei lá. Fiquei sem graça. Conte para a Anjali, porque sabia que ela não ia me julgar. Mas fiquei com medo do que você ia pensar.

Estiquei o braço sobre o edredom e peguei na sua mão. Ela se retraiu.

— Tudo bem — falei. — Me senti uma idiota. Minha melhor amiga estava apaixonada. E eu não sabia.

Ela sorriu e pressionou os lábios na cabeça da boneca.

— Pois é — disse, com os olhos iluminados.

— Você está bem? — perguntei.

Ela encolheu os ombros.

— Hum. Talvez. Sei que não faz sentido, mas ele acabou de...

— Eu sei.

Ela se apoiou no cotovelo, levando a boneca junto.

— Eu estava com dezesseis anos — sussurrou ela. — Não era, tipo, ilegal. Mas ele acha que a gente deve esperar. Até eu fazer dezoito.

Fiz que entendia com a cabeça.

— E o que você acha?

Ela virou de costas.

— Acho chato — disse ela, rindo. — Mas vou fazer dezoito este verão.

Ri também.

— Ele vai se formar no próximo ano — contou Emma. — Em Providence.

— Ah, é? Não é tão longe.

— Não — disse ela, sorrindo com esperança. — Não é longe.

Deitei do lado dela e peguei um urso de pelúcia.

— Você acha mesmo que foi pela Clara?

— Não sei — disse ela, puxando a boneca para o queixo, amassando a touca puritana. — Já tinham se passado, tipo, uns três meses, e a gente estava se vendo esse tempo todo. O tempo todo mesmo. Aí, de repente, ele fica distante. Não responde mais minhas mensagens de texto. Fica adiando para me ver, me evita na escola. Nunca mais me olhou na aula, não depois das férias de inverno. Você percebeu?

Respondi que não com a cabeça.

— Eu não entendia o que estava acontecendo. E ele não me dizia nada. Até que um dia, de tarde, vi o Tad conversando com a Clara no corredor. Aí pensei... É isso! — Ela sorriu, com tristeza. — É a Clara. Entende? O que você pensaria?

— Entendo — concordei.

Emma levou as mãos ao rosto, sentida pela lembrança.

— Eu só... Aquilo me deixou louca. *Louca* mesmo, Colleen. Eu não conseguia imaginar ele saindo com outra.

A emoção embargou sua voz. Emma enxugou as lágrimas abaixo dos olhos com um sorriso valente.

— Foi por isso que ele foi embora da St. Joan? — perguntei. — Por sua causa?

Ela respondeu que sim.

— Bem — disse ela, revirando os olhos. — Meu Deus. Minha mãe viu textos dele, no meu celular.

Foi assim que ela descobriu.

— Emma do céu!

— Pois é. Ela ficou irada. *Irada* mesmo.

A boneca continuava sorrindo como se nada estivesse acontecendo.

— Ela disse que ia ligar para a escola. E que eu ia ficar de castigo. Casa, escola, escola, casa, e só, até eu me formar. Acho que meu irmão falou com ela. Conseguiu convencer minha mãe de que a culpa era do Tad.

— Ela ligou para a escola?

— Nunca descobri. No dia seguinte, cheguei lá, e ele tinha ido embora. Não sabia o que tinha acontecido. Se ele estava doente, se tinha sido demitido ou sei lá o quê. Até que começou a história toda, com a Clara e todas as meninas, e ninguém deu mais atenção ao fato. Como se a gente estivesse distraída demais para perceber.

— Você teve notícias dele depois que ele foi embora?

— Hum. Tive — disse ela, corando.

— O que significa isso?

— Eu segui os passos dele.

— Claro. Dã — provoquei, dando um tapinha de leve no tornozelo dela. — Me fazendo de cúmplice de tudo.

Ela sorriu.

— Desculpe.

Fizemos uma pausa, em silêncio, ouvindo o som distante dos Blackburn preparando o jantar lá embaixo. Eu conseguia ouvir as risadas do Mark.

— Eu estava chateada — sussurrou Emma. — Colleen, não sei explicar. Eu achava que ia enlouquecer se ele não me amasse mais. Como se fosse deixar de ser eu mesma, deixar de existir, se ele não me amasse da mesma forma que eu o amava.

Fiquei olhando para ela, pensativa.

— Emma?

— O quê?

— Você acha... — No início, não consegui falar. Era uma coisa muito estranha para dizer em voz alta. Tentei de novo: — Você acha que foi coincidência?

— Se eu acho que foi coincidência?

— O outro dia, quando vim aqui — falei, hesitante. — Senti uma espécie de...

Emma me observava, com os olhos brilhando.

— O quê?

— É que... — Eu não sabia explicar. — Comecei a falar de trás para a frente! E, tipo... isso não é normal. Mesmo com transtorno de conversão.

— Você não estava falando de trás para a frente — garantiu Emma.

— Estava sim! No Willows também. Minha cabeça estava explodindo, e eu estava falando tudo trocado... — Parei.

Emma esperava, com as sobrancelhas quase transparentes levantadas.

— Não estou dizendo que foi de propósito...

Emma sorriu, esticando-se para pegar meu tornozelo.

— Colleen — disse ela, em voz baixa —, você vai ficar bem. Tá? Eles já medicaram todo mundo, e todo mundo está melhorando. Foi assustador, mas já passou! E imagine que história incrível você vai ter para contar quando entrar na faculdade no próximo semestre. Você é uma das vítimas da Doença Misteriosa. Isso é incrível. Tipo, você vai ser famosa.

— Mas... — eu ia protestar.

— Emma! — a mãe dela chamou. — O jantar está na mesa!

Nos sentamos, e Emma deixou a boneca de lado com determinação.

— Já vamos! — gritou. Depois disse para mim: — Só vou terminar este e-mail para ele.

— Você está escrevendo para o sr. Mitchell?

— Tad. — Seu rosto se iluminou quando ela pronunciou o nome dele. — O verão está chegando. Vou fazer dezoito anos. Falta pouco.

— O.k. — falei. Pelo menos minhas amigas ainda me amavam, mesmo eu estando louca.

Emma me deu um abraço longo e apertado.

— Você é o máximo — sussurrou ela enquanto me abraçava.

— Você é que é — sussurrei de volta. Alguns fios de cabelo loiro- -claro entraram na minha boca.

Quando fechei a porta atrás de mim, Emma estava ligando o laptop, e sua felicidade inundava o quarto, com uma luz rosa.

Eu tinha descido e estava quase chegando à porta quando senti alguém me puxando pelo pulso. Parei. Era a mãe de Emma.

— Sra. Blackburn — exclamei. Ela estava escondida na sombra produzida pela escada, e eu mal conseguia vê-la.

— Shhhhh — fez ela, com um som que me deu arrepio.

— Eu estava... — comecei a me explicar, sem saber direito o que eu tinha feito de errado que precisava de explicação.

— Shh — a sra. Blackburn fez de novo, me puxando para perto.

Engoli em seco, e me deixei ser puxada para baixo da escada.

— Minha filha é como eu, sabe? — disse a sra. Blackburn, tão baixo que era quase como se sua voz estivesse falando somente dentro da minha cabeça.

Hesitei.

— É?

— Sim.

Fiquei esperando, sem saber o que devia dizer.

— É melhor ela ficar aqui. Em relação à escola — continuou a sra. Blackburn, com sua voz inexistente.

— Talvez — falei. A sra. Blackburn apertou meu braço com mais força.

— Ela é delicada — continuou a mãe de Emma, com a voz quase inaudível em meio às risadas da sua família na cozinha.

— É? — perguntei. A Emma, que velejava e jogava hóquei?

— Ela é... — a sra. Blackburn escolhia as palavras com cuidado — *propensa a feitiços*. Mas isso dá para administrar. Se ela ficar perto da família, ajuda. Só estou te contando para você não ficar preocupada.

Minha boca ficou seca.

— Mas como a senhora... — parei de falar, porque tive a impressão de que os olhos dela estavam ficando ligeiramente vermelhos.

— Bom, de qualquer maneira — a sra. Blackburn disse, sorrindo, os dentes brilhando na escuridão —, eles disseram a causa no noticiário, não disseram?

— Di-disseram — respondi, gaguejando.

— Ótimo. Então não tem problema.

Ela soltou meu pulso.

— É sempre bom te ver, Colleen. Dê lembranças a seus pais.

A sra. Blackburn desapareceu na escuridão da escada, e, depois que ela já não estava mais ali, fiquei me perguntando se aquela conversa tinha realmente acontecido.

EPÍLOGO

DANVERS, MASSACHUSETTS

QUINTA-FEIRA, DIA DE SÃO VITO, 28 DE JUNHO DE 2012

— **Colleen!** Quinze minutos!

— Droga! — Eu estava com dois suéteres praticamente idênticos na mão e fiz uma escolha impulsiva, enfiando um na mochila e jogando o outro no chão do closet. Lá embaixo, ouvi meu pai chamando: — Está pronta?

— Quase! — gritei.

Wheez, que estava sentada na minha cama havia não sei quanto tempo, falou, meio cantando:

— Você vai perder o avião, Colleen.

— Não vou, não. — Eu mexia numa pilha de livros em cima da mesa, tentando escolher quais levar para a Inglaterra. — Argh — murmurei. Não conseguia escolher. Queria levar o suficiente para não ficar sem livro para ler, mas não queria que a mala ficasse pesada.

Deena ia me encontrar no aeroporto. Íamos fazer uma excursão pela Ânglia Oriental em julho. Era o presente de formatura dos meus pais. Muito legal. Pensei que eles tivessem ficado decepcionados com a vitória de Fabiana por um décimo. Porque a culpa foi minha. A sra. Slater ficou em cima de mim por várias semanas, até que ela desistiu. Eu nunca terminei o trabalho sobre Ann Putnam. Fabiana merecia o primeiro lugar. Sempre estive na frente. A prova disso é que não fiquei nem em segundo lugar. Foi Anjali! Ela não era a única aluna escondendo o jogo naquele semestre.

Jason Rothstein veio de smoking, como uma pessoa normal, ao baile de primavera, assim como Spence. O olho dele nem estava tão inchado. Não sei por que ele ficou tão preocupado. Eu ainda tinha a foto no meu celular. Ele e Jason fingiam que não se importavam de não terem entrado em Harvard. Sei lá, talvez eles não se importassem mesmo. Quer dizer, como Spence era filho de ex-alunos, aquilo deve ter sido difícil de aceitar. Não que Spence tenha motivo para reclamar — ele estudará em Yale com Anjali. Um bom pretexto para eu visitá-los.

Deena entrou na Tufts, e ela me contou ontem que o Menino do Japão também entrou. Ou seja, ia ser um encontro muito interessante. Eles se falaram por Skype o ano todo, mas não se viam pessoalmente desde o verão em que ela viajou para fora. Ia ser estranho. Mas também podia ser maravilhoso. Vai saber!

Ouvi falar que o padre Molloy continuará sendo o reitor da St. Joan Academy. Não sei se a sra. Slater vai voltar no próximo ano ou não, mas todo mundo foi muito bem na prova de História, então acho que eles deviam realmente considerar a possibilidade de mantê-la. De vez em quando, ainda saía alguma coisa nos jornais sobre testes realizados na escola ou especialistas falando sobre o transtorno de conversão, um distúrbio muito comum, segundo eles, mais um sintoma do excesso de pressão sobre as adolescentes de hoje em dia. Os especialistas também diziam que, atualmente, a infância está terminando muito cedo, e que deveríamos nos basear na história e aprender a deixar as crianças serem crianças por

mais tempo, porque antigamente tudo era melhor. Sei lá. Para ser sincera, a St. Joan já parece fazer parte do passado para mim. Há tanto futuro pela frente!

Clara frequentará a Universidade de Boston, como já prevíamos. Não sei o que aconteceu com o filme de tv anunciado por Jennifer Crawford, mas, provavelmente, nada. Clara está falando totalmente normal agora, como se nada tivesse acontecido. A Outra Jennifer manteve o cabelo curto, e está linda. Acho que ela vai para Pine Manor no ano que vem. Leigh Carruthers e Elizabeth estão estudando na Universidade de Massachusetts, e Elizabeth me contou, há pouco tempo, que talvez seja escalada para o time de hóquei sobre grama do próximo ano, como caloura. Bem hard-core.

Estamos todas tomando versões diferentes do mesmo antidepressivo. Clara e eu tivemos um momento confessional a respeito no banheiro da biblioteca um pouco antes da formatura. No início, os remédios lhe deram bastante sono também. Mas agora aquele era nosso segredo. E funcionava. Todas voltaram a seu “eu” normal.

— Colleen! Seu pai está no carro!

— Já estou indo, mãe! — gritei. — Caraca.

Meu telefone vibrou. Sorri.

Vou sentir saudade.

Sorri mais ainda.

Eu tb. Te ligo do aeroporto. Tenho novidade!

O telefone vibrou com uma resposta imediata.

Novidade?!

Ri, satisfeita, e digitei de volta.

Paciência, meu jovem padawan. Te ligo em 30 min.

— Que novidade? — Wheez perguntou, espiando o telefone por cima do ombro.

— Wheez! — exclamei, afastando-a. — Meu Deus!

Mas eu estava sorrindo demais para ficar realmente irritada com ela.

A novidade, que meus pais não sabiam, nem Spence, nem Deena, nem Anjali, nem Emma, era que, naquela manhã, eu tinha recebido um e-mail de Judith Pennepacker.

Sobre minha posição na lista de espera de Harvard.

Eu sei! Eles não poderiam ter me feito esperar um pouco mais? Até agora, todo mundo achava que eu iria para a faculdade que tinha escolhido como garantia, como plano B. Dartmouth foi um fiasco total, assim como Williams. Uma droga. Todos diziam que era um ano muito competitivo, e que não havia nada de errado em ir para uma universidade pouco concorrida; que até alunos com médias altas como as minhas decidiam ir para a sua última opção, que eu não devia me importar nem ficar chateada. Não que eu fosse ficar triste de ir para a minha última opção, mas, pô!

De qualquer maneira, estou bastante empolgada de estar na mesma cidade que Emma, ou pelo menos perto. Beverly não é tão longe.

— Oi — disse Michael na porta do meu quarto, tirando os fones de ouvido.

— Oi, Mikey — respondi, escolhendo os últimos livros, que enfiei no bolso da frente da mochila.

Meu pai tocou a buzina.

— Colleen! — gritou minha mãe, batendo no corrimão da escada, o sinal que ela fazia para eu me

apressar.

— Michael — ele me corrigiu.

— O.k., Michael! — Ri, indo dar um abraço no meu irmão.

— Olhe, está tudo bem — disse ele, com o nariz no meu ombro. — Eu não vim aqui fazer drama.

— Ah é? Veio para quê, então? — Soltei-o, pondo a mochila nas costas. Caraca. Acho que levei livro demais.

— Só queria ver se você precisava disso de volta. Eu tinha pegado.

Ele estava com meu exemplar original de *As bruxas de Salem*, cheio de dobras nos cantos das páginas, uma grande rachadura na lombada e uma mancha de café.

— Hum.

Pus a outra alça da mochila no ombro e senti o peso sendo distribuído de modo mais uniforme nas costas. Assim estava melhor. Assim dava para carregar.

— Colleen, juro por Deus que vamos para o aeroporto sem você se você não descer agora!

Uma ameaça absurda, porque qual seria o sentido de ir para o aeroporto sem mim? Só para provar alguma coisa? Bom, de qualquer maneira, estava na hora mesmo.

Michael tentou pôr o livro nas minhas mãos.

— Deveria ter te pedido antes de pegar — murmurou. — Mas aqui está, se você quiser levar.

— Tudo bem, Michael — falei sorrindo, segurando as alças da mochila. — Acho que não vou precisar.

Michael encolheu os ombros.

— Você que sabe — disse, virando-se.

— Posso ficar com ele, Mikey? — perguntou Wheez, seguindo-o pelo corredor. Sorri vendo minha irmã se afastando, mas ela não me viu.

— Muito bem — falei para mim mesma, olhando em volta para ver se tinha esquecido alguma coisa. Mochila, o.k. Bota para caminhada, o.k. Chapéu, enrolado na rede externa da mochila. Passaporte, no bolso. Eu estava pronta.

Saí do quarto gritando “Estou indo!”. Já estava na metade da escada quando me dei conta de que tinha esquecido o celular. Do lado de fora, ouvi meu pai ligando o carro.

Droga!

Dei meia-volta, subi correndo as escadas, entrei no meu quarto de infância, agarrei o celular que quase tinha esquecido em cima da mesa e voltei, dessa vez pronta mesmo.

Reparei num movimento do lado de fora.

Na árvore bem em frente à minha janela, quase invisível na sombra produzida pelas folhas estivais, vi pousado um pequeno pássaro amarelo.

POSLÚDIO

VILAREJO DE SALEM 25 DE AGOSTO DE 1706

— Está pronta, Annie? — minha irmã pequena pergunta.

Estou matando tempo debaixo de um olmo, atrás de sombra para fugir do calor causticante do dia, as ruas branqueadas pelo sol de verão.

Ela estende a mão. Pego o papel dobrado no bolso, dou uma olhada e o enfio de volta no seu esconderijo.

— Não — respondo simplesmente.

— Bom, está na hora de ir — anuncia ela. Jane sempre foi racional assim. Nunca foi propensa a fantasias. Ela é melhor que eu em muitos sentidos.

Meus irmãos também estão lá, mas só porque Jane pediu para que eles viessem. Eles também se mantiveram longe da igreja, Edward, Thomas e os outros. Nós, Putnam, não aceitamos bem a humilhação.

O sino dobra no novo campanário, o som de uma manhã feliz de domingo, convocando os aldeões ao culto. As mulheres aparentam frescor, sob chapéus de palha, grande parte desconhecida para mim. Vivi neste vilarejo a vida toda, e o lugar quase dobrou de tamanho nesse tempo. Mas minha vergonha me mantém cabisbaixa e arredia. Ainda caminho com os ombros erguidos, evitando os olhares que recebo, tenho certeza, embora Jane garanta que ninguém me olha mais.

Jane e eu nos aproximamos da porta da igreja, misturando-nos com os fiéis, que fofocavam, como costumávamos fazer. Na entrada, o reverendo Green cumprimenta todo mundo, vestindo o manto da sua profissão. Está acompanhado pela esposa, robusta e sorridente. Ao me ver, seu rosto se ensombreia, assim como o da mulher.

— Ann — diz ele, apenas.

— Bom dia, reverendo Green — digo eu.

Jane me segura forte pelo braço, olhando para a multidão que passa por nós, de modo a garantir que não aconteça nada de errado.

— Você trouxe? — pergunta ele.

Respondo que sim. O reverendo Green estica o braço e pega o papel.

Aproximando-se do meu ouvido, ele diz:

— Vou ler para você depois do hino e da reza. Quando terminar, vou lhe pedir para confessar. Em seguida, vamos rezar juntos, e acabou.

Concordo com a cabeça, enquanto Jane diz:

— Obrigada, reverendo Green. Isso significa muito para Ann e para mim.

Minha irmã e meus irmãos me conduzem a um banco perto da primeira fileira, e, dessa vez, posso garantir que me olham. Quando espio por sobre o ombro, vejo que estou certa. A dona Green está me encarando. Tento sorrir, mas não consigo.

Alguns habitantes do vilarejo que nos conhecem param para nos saudar, exibindo surpresa com minha presença. Percebo que o Vilarejo de Salem seguiu em frente sem o envolvimento da família Putnam. O orgulho da minha mãe teria sido duramente ferido. Eles estavam mais que felizes de dividir nossa terra em lotes, acenar com a cabeça no mercado e só.

O hino de abertura e a reza passam enquanto olho para todos os rostos. Todo mundo contente de esquecer. Ninguém fala a respeito. Bem, isso não é verdade. Pessoas que perderam o pai e a mãe, o cônjuge, os irmãos, falam bastante. Exigem reparação. Vejo Dorothy Good faz tempo, vagando pelas ruas, de olhos arregalados, falando sozinha. Depois de nascer na prisão e ver a mãe ser enforcada diante de todos, Dorothy Good, sempre selvagem, abandonou definitivamente nosso mundo, deixando para trás um corpo desvairado. Seu pai faz de tudo para cuidar dela, mas não há dinheiro que pague tamanho desamparo.

Jane me belisca, e volto à realidade. O reverendo Green está falando sobre mim.

— Hoje, uma pessoa entre nós deseja se confessar. Imploro que todos os presentes a escutem. Ofereçam-lhe o perdão que Cristo ofereceria, que ele lhe oferecerá quando encontrá-la na próxima vida. Ann Putnam?

Levanto-me, tremendo. A congregação inteira cochicha. Sinto-me fulminada por olhares.

O reverendo Green desdobra o papel com a confissão que meu irmão escreveu para mim, segundo orientações do reverendo. Ele limpa a garganta e começa a ler.

— “Desejo prostrar-me perante Deus por aquela triste e humilhante providência que se abateu sobre a família do meu pai no ano de 1692. Venho aqui confessar que eu, na época uma criança, por conta de tal providência divina, fui instrumento de acusação de diversas pessoas, imputando-lhes a culpa de um crime grave, resultando na morte, conforme posso atestar agora, de pessoas inocentes. Confesso que fui ludibriada por Satanás nesse momento tão doloroso, e temo ter sido responsável, junto com outras, embora por ignorância e de forma não intencional, pelo derramamento de sangue em vão sobre esta terra. Apesar dos meus atos e palavras contra qualquer pessoa, posso afirmar, perante Deus e os homens, que não fiz nada movida por ódio, maldade ou hostilidade em relação a ninguém, porque não tenho nada disso em mim. Mas o que fiz foi feito por ignorância, por ter caído nas tramas ardilosas de Satanás. E, particularmente, por ter sido a principal responsável pela acusação da dona Nurse e suas duas irmãs, desejo jazer no pó e ser humilhada por isso, por ter sido a causadora, junto com outras, de tão triste calamidade para elas e sua família. Por tudo isso, desejo jazer no pó e venho, com sofreguidão, implorar o perdão divino e de todos aqueles a quem eu possa ter causado algum dano ou ofensa, cujos parentes tenham sido levados ou acusados.”

Um silêncio solene tomou conta da igreja. Ouvi o estalo de um banco, pelo movimento de uma pessoa.

— Ann Putnam, você reconhece esta confissão como sua?

O sol de verão entra pelas janelas, e abro minha boca para falar.

Fecho os olhos e me lembro de algo que Tituba Indian disse há muitos anos, nos primeiros dias da nossa ilusão.

— Estou cega. Não consigo ver — sussurro. — Não consigo ver o que é real.

NOTA DA AUTORA

Histeria começou na sala de espera de uma oficina mecânica, no outono de 2012, enquanto eu aguardava minha lanterna traseira ser consertada. A televisão estava ligada, mas eu não estava prestando muita atenção, até o apresentador do noticiário anunciar, de passagem, que eles haviam descoberto o que tinha realmente acontecido com as meninas de Le Roy, Nova York. Segundo o jornal, a Doença Misteriosa de Le Roy de 2012 foi, na verdade, apenas um surto de transtorno de conversão.

“O quê?”, exclamei para a televisão, atraindo olhares das pessoas que também esperavam o carro.

Na primavera de 2012, um grupo de dezesseis meninas do ensino médio de Le Roy, Nova York, a mais ou menos uma hora de distância de onde eu moro, começou a apresentar sintomas físicos bizarros que ninguém conseguia explicar — contorções e distúrbios de fala. Algumas perderam a capacidade de andar. Pensou-se, a princípio, que elas estavam tendo uma reação alérgica à vacina contra hpv. Depois, chegaram à conclusão de que era pandas, ou Síndrome de Tourette. As meninas e os pais delas apareceram na televisão local, em rede nacional, e por fim, na imprensa internacional. A poluição ambiental foi responsabilizada. E enquanto essas meninas vivenciavam essa experiência bastante absurda (e bastante pública), eu trabalhava a peça *As bruxas de Salem* com um grupo de alunos do segundo ano da faculdade no seminário de ficção histórica.

Quando a história de Le Roy virou notícia, cheguei à aula louca para discutir os paralelos entre as “meninas afetadas” de Salem e aquelas adolescentes que viviam tão perto de nós. Para a minha surpresa, meus alunos não viam um paralelo. Afinal de contas, as meninas do passado estavam loucas mesmo. No caso das meninas de Le Roy, havia *realmente* alguma coisa de errado acontecendo com elas. No desenrolar da história, porém, fiquei bastante intrigada com a discrepância entre o que as meninas de Le Roy pensavam a respeito da sua própria experiência e o que os diversos “especialistas” convidados tinham a dizer sobre sua situação. Refleti muito sobre as meninas de Salem, especificamente sobre Ann Putnam, figura central das acusações no pânico de Salem. Ann acabou apresentando um pedido de desculpas (reproduzido textualmente neste livro) e, curiosamente, não entrou no relato ficcional mais popular a respeito daquela época, *As bruxas de Salem*. Especialistas do passado e do presente se limitaram a uma única versão dessa experiência assustadora, ao passo que as meninas teriam uma versão bem diferente, pessoal, que só elas poderiam compreender totalmente.

Tomei liberdade tanto em relação à história de Le Roy quanto em relação às meninas de Salem, embora grande parte dos detalhes seja verdade. A progressão que descrevo no caso da fictícia Doença Misteriosa de Danvers é bastante fiel à progressão de hipóteses em torno da de Le Roy. Da mesma forma, as datas, personagens e grande parte dos diálogos na história de Ann Putnam foram adaptados de registros históricos, incluindo depoimentos em tribunal e relatos escritos pelo reverendo Deodat Lawson e pelo reverendo John Hale. O episódio em que um diácono mostra a Samuel Parris um exemplar do manual para caçar bruxas de William Perkins, na noite entre as duas confissões de Tituba, provém de uma hipótese explorada pelo historiador Larry Gragg na biografia que escreveu sobre Samuel Parris, com base numa nota de rodapé do livro *Proceedings of the Massachusetts Historical Society*. O episódio não

foi comprovado, mas é bastante evocativo, e explicaria as diferenças entre as duas confissões verdadeiras de Tituba, reproduzidas neste livro. Além disso, em 1701, o cético Robert Calef escreveu que Tituba talvez tenha apanhado para confessar. De novo, uma ideia não comprovada, mas evocativa.

Embora *Histeria* seja, em todos os sentidos, uma ficção, meu objetivo foi traçar um paralelo entre a dificuldade da vida das meninas no passado e as pressões que as adolescentes vivem hoje em dia. Acho que nenhum de nós gostaria de voltar a uma época em que a escravidão era permitida por lei, crianças de onze anos trabalhavam como criadas, pessoas morriam acusadas de bruxaria com base apenas em reputação e boatos e em que a hierarquia social era definida ambigualmente em termos de raça, sexo e condições econômicas. No entanto, vale a pena considerar por que adolescentes, em pleno século xxi, com todos os avanços tecnológicos, médicos e sociais deste período, ainda vivem num estado de estresse tão grande que seu corpo, literalmente, não aguenta. Olhamos para as meninas afetadas durante o pânico de Salem e queremos uma explicação racional para o seu comportamento. Será que elas estavam fingindo? Será que havia fatores ambientais em jogo? Elas estavam loucas? Eram loucas? Parte do nosso desejo de identificar a explicação “verdadeira” do julgamento das bruxas de Salem se deve ao fato de que transpomos a explicação da histeria. Se conseguirmos deixar o episódio de Salem no passado, um pânico bizarro, inexplicável e potencialmente mortal como esse jamais poderá acontecer de novo.

Mas aconteceu.

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos a Jennifer Besser, Shauna Rossano, Marisa Russell e minha equipe na Penguin Young Readers Group por seu incrível apoio a este romance. Minha fantástica agente Suzanne Gluck, que apoiou esta ideia desde que ela era apenas um brilho nos meus olhos, e Laura Bonner, Ashley Fox, Eve Atterman e todos os meus amigos da William Morris Endeavor, que me lembram de como tenho sorte de trabalhar com pessoas incríveis todos os dias.

Gostaria de agradecer às meninas de Le Roy, Nova York, pela coragem diante de uma experiência que nenhuma adolescente jamais teria que vivenciar. Embora elas tenham servido de inspiração, gostaria de dizer que este livro é de ficção. A experiência delas só a elas pertence.

Muitos amigos contribuíram com sua expertise para este livro, seja fazendo comentários, lendo rascunhos, participando de sessões intermináveis de brainstorming ou me dando força quando eu precisava. Meu amor e agradecimento a Caroline Arden, Owen Arden, Theo Black, Elisha Cohn, Julia Glass, Connie Goodwin, Bradley Hague, Will Heinrich, Eleanor Henderson, Eric Idsvoog, Emily Kennedy, Kelley Kreitz, Ellen Leventry, Patricia Meinhardt, Jane Mendle, Kenneth Miller, Ginger Myhaver, Mary Beth Norton, Matthew Pearl, Brian Pellinen, Andrew Semans, Weston Smith, George Spisak, os habitantes de End Times Island e todos os membros do Third Sarah Battle Whist Club of Boston (capítulo Ithaca).

O primeiro esboço deste romance saiu na maratona Writing Lent™, uma bagunça de palavras. Meu agradecimento ao Stella's Café em Ithaca, por me alimentar e me receber em grande parte desse período, e a Bob Proehl e todo o pessoal da Buffalo Street Books, por me deixarem ler trechos deste livro num evento em que eles achavam que eu ia falar de um livro completamente diferente.

Richard Trask é o diretor do Danvers Archival Center da Peabody Institute Library. Agradeço a ele pelo trabalho vital que realiza na preservação do legado sobre bruxaria no Vilarejo de Salem. Obrigada também a Ben Ray e à Universidade de Virgínia, que disponibiliza os arquivos on-line para qualquer pessoa interessada. E obrigada a Jean Marie Precious e todo mundo do Salem Athenaeum, por darem continuidade ao célebre patrimônio documental de Salem, Massachusetts, além de oferecerem um ótimo lugar de trabalho para escritoras como eu.

Obrigada às adolescentes que me deixaram entrar no seu mundo, tanto direta quanto indiretamente, tanto no presente quanto no passado, com menção especial às Snits, aos meus alunos de romance histórico na Cornell e ao meu consultor local de precisão adolescente, Eli Hyman. Se eu fosse uma pessoa cruel, diria qual é seu Twitter aqui.

Tenho sorte de ter pais que sempre me apoiaram nos meus interesses e paixões quando eu estava na idade de Colleen, mesmo que isso significasse ficar lendo Sartre em vez de fazer o dever de casa de Francês. Obrigada a George e Katherine S. Howe, por me ajudarem a ser a pessoa que eu sou, e à Kinkaid School, por me educar a despeito dos meus maiores esforços.

E, finalmente, meu agradecimento, como sempre, a Louis Hyman. Ele sabe por quê.

[1] A Skull and Bones é uma sociedade secreta estudantil dos Estados Unidos, fundada em 1832. Foi introduzida na Universidade Yale por William Huntington Russell e Alphonso Taft em 1833. (N. T.)

[2] O *Advanced Placement* (ap) é um curso especialmente criado pelo College Board, nos Estados Unidos, para ajudar estudantes do ensino médio a se preparar para os exames e as seleções das universidades americanas. (N. T.)

[3] Jogo de palavras com Golliwog, um emblemático boneco negro de pano que se popularizou nos Estados Unidos na década de 1960. (N. T.)